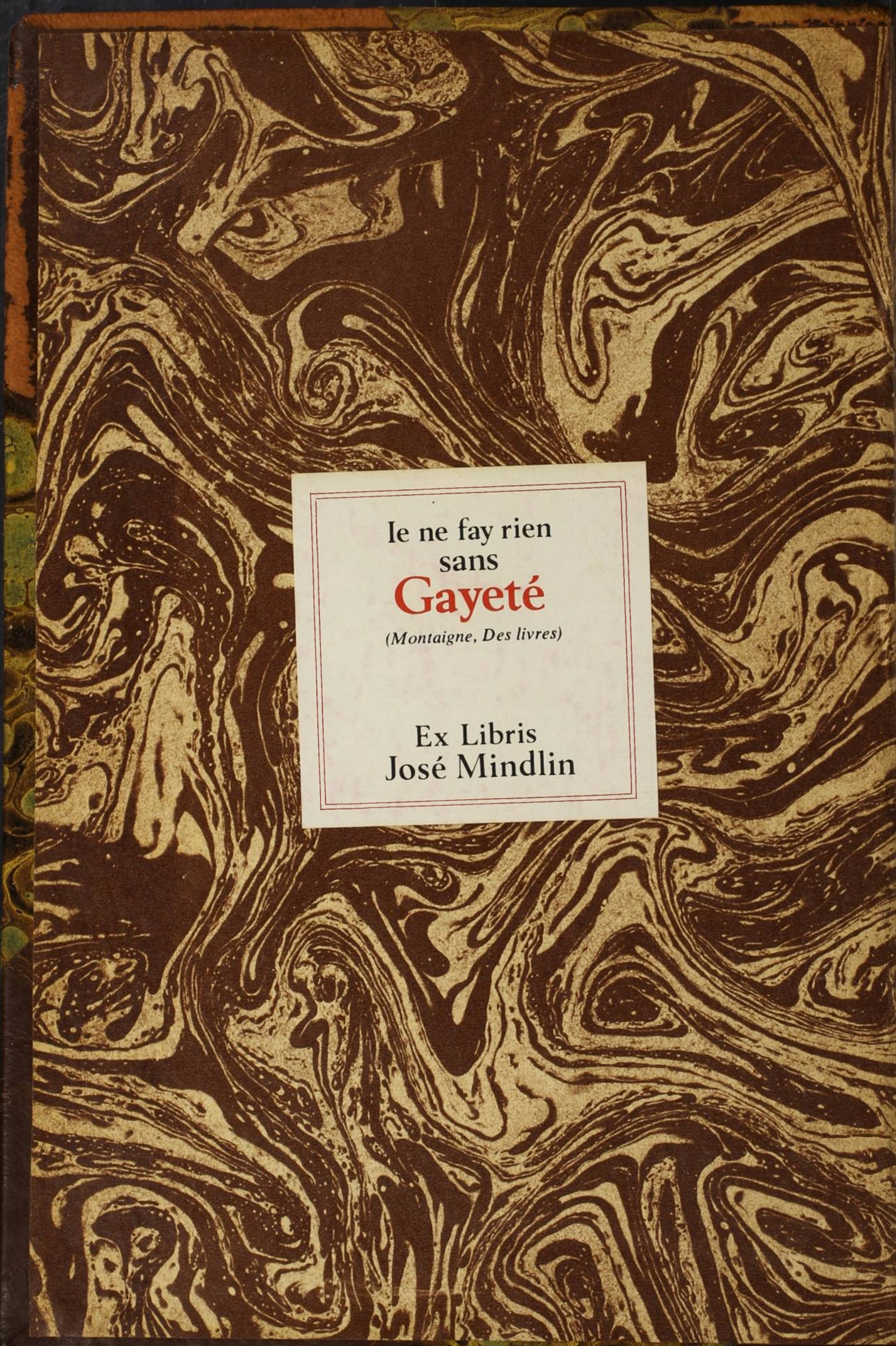
Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

Sluit
4.500.
2vols.

VIAGEM

DE

FRANCISCO PYRARD,

AS INDIAS ORIENTAES.

(1601 a 1611).

VERTIDA DO FRANCEZ EM PORTUGUEZ

POR

JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA.

TOMO I.

1858.

NOVA-GOA.

NA IMPRENSA NACIONAL.

VIAGEM

DE

FRANCISCO PYRARD,

DE LAVAL,

CONTENDO A NOTICIA DE SUA NAVEGAÇÃO ÁS INDIAS ORIENTAES, ILHAS DE MALDIVA, MALUCO, E AO BRAZIL, E OS DIFFERENTES CASOS, QUE LHE ACONTECERAM NA MESMA VIAGEM NOS DEZ ANNOS QUE ANDOU NESTES PAIZES:

(1601 a 1611)

com a descripção exacta dos costumes, leis, usos, policia, e governo; do trato e commercio, que nelles ha; dos animaes, arvores, fructas, e outras singularidades, que alli se encontram:

VERTIDA DO FRANCEZ EM PORTUGUEZ

SOBRE A EDIÇÃO DE 1679,

Correcta, e accrescentada com algumas notas,

POR

JOAQUIM HELIODORO DA CUNHA RIVARA.

TOMO I.

1858.

NOVA-GOA.

NA IMPRENSA NACIONAL.

O TRADUCTOR

AO LEITOR PORTUGUEZ.

As Relações de viagens, quando escriptas por homens sinceros, e de claro entendimento, não só servem de recreio ao espirito, mas offerecem preciosos materiaes á historia dos povos, e dos paizes.

Deste numero é o livro, que o Francez *Francisco Pyrard* escreveo de suas longas peregrinações pela Africa, America, e Paizes Orientaes nos primeiros annos do seculo XVII. Delle nos diz o editor da nova edição de Paris, em 1679, o seguinte :=Até ao presente poucas « Relações mais exactas, e mais agradaveis a lêr, tem apparecido. Ha « nella aventuras tão extraordinarias, que passariam por contos de ro- « mance, se não estiveramos persuadidos da sinceridade do auctor, « que não sendo homem sabio, teve a cautella de communicar os seus « borrões, e tomar os conselhos dos homens mais sabios do seu tempo.= E no nosso entender o livro de Pyrard não desmerece de ser posto a pár do de Fernão Mendes Pinto.

Lembrou-nos pois emprehender a traducção deste livro, ignorado em Portugal, e já esquecido em França, attendendo ainda a que a maior parte da obra se occupa das cousas da India, e de outras possessões Portuguezas.

Accresce que a epocha, a que se refere, é justamente aquella, em que o nosso poder nas regiões orientaes, depois de haver chegado ao seu maior auge, começava a manifestar symptomas de decadencia; e todavia sem embargo de lavrar já nas entranhas do gigantesco Imperio Ultramarino Portuguez toda a peçonha, que devia corroer-lhe a fevera, e desconjuntar-lhe os membros, mostrava ainda apparencia de saude, e os golpes, que despedia, eram de braço robusto.

A cabeça deste grande corpo brilhava então em todo o esplendor de sua magnificencia. Goa, a Babylonia Indiana (que hoje choramos totalmente desapparecida da face da terra, mais por culpa dos homens, do que pelo malefico influxo dos elementos) era ainda o emporio de todo o rico trato oriental, e verdadeiro centro da conquista, navegação, e commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India.

Estas circunstancias especialissimas accrescentam a curiosidade da obra, e desafiam sobre ella as meditações das pessoas curiosas, e dos homens politicos, mórmente de Portugal.

Em algumas notas corrigimos, ou illustrámos o texto, e neste reduzimos á sua verdadeira lição os nomes portuguezes, atrozmente desfigurados pelo auctor segundo o costume, quasi inviolavel, dos estrangeiros.

A obra contem tres Partes. Na 1.ª descreve o auctor as suas peregrinações desde a sua saida de França (18 de maio de 1601) até chegar a Goa. Na 2.ª dá uma ampla descripção da Cidade de Goa, e relata o mais que lhe aconteceo até voltar a França, sua patria (16 de fevereiro de 1611). Na 3.ª descreve os animaes, arvores, e fructas das Indias Orientaes, observados por elle.

E n'um Additamento, que tem a edição, de que nos servimos (Paris, 1679), ha mais — 1.º um Discurso sobre as viagens aos paizes remotos, e preparativos necessarios para as emprehender com proveito, e formar as Relações exactas dellas, por M. N. N.—2.º a descripção exacta da costa d'Africa; e observações geographicas sobre a viagem de Pyrard, por P. *du Val*, geographo d'El-Rei de França, que contem entre outras cousas o estado presente das Indias (1666), noticia do que os Europeos nellas possuem, as diversas derrotas, que seguem para lá; e outras materias.

A obra forma 2 tomos em 8.º

Forcejámos porque a versão fosse fiel, e escripta em verdadeira linguagem portugueza. Ao publico illustrado cumpre julgar se conseguimos uma e outra cousa.

Nova-Goa, 23 de Junho de 1858.

J. H. da Cunha Rivara.

ADVERTENCIA AO LEITOR,

NA EDIÇÃO FRANCEZA DE PARIS

DE 1679.

Eis aqui uma nova edição da *Viagem* de Francisco Pyrard, mais correcta e accrescentada que as precedentes. Ha nella novamente alguns discursos mui curiosos, e entre outros certas *Observações*, onde se podem ver as mudanças, que tem occorrido nas Indias depois que Pyrard nos deu a sua Relação, e são obra do Senhor *du Val*, geographo ordinario delRei, cuja capacidade nestas materias he sobejamente conhecida, e que ordenou uma Carta, ou Roteiro da dita viagem para ornamento do livro, e satisfação dos curiosos. Alem disso até ao presente poucas Relações mais exactas, e mais agradaveis a ler, tem apparecido. Ha nella aventuras tão extraordinarias, que passariam por contos de romance, se não estiveramos persuadidos da sinceridade do auctor, que não sendo homem sabio, teve a cautella de communicar os seus borrões, e tomar os conselhos dos homens mais sabios do seu tempo, e entre outros de Monsieur *Jeronimo Bignon*, advogado geral, hoje fallecido, que foi um dos primeiros homens do seu seculo, e que teve a bondade de corrigir a obra do nosso viajante nas cousas, que ultrapassavam os seus conhecimentos.—*Vale.*

VIAGEM

DE

FRANCISCO PYRARD.

PRIMEIRA PARTE.

Preambulo.

A abundancia de toda a sorte de bens, que a França produz, e tantos dons, que a bondade divina tem tão liberalmente derramado sobre sua terra, podem ter sido a causa porque os Francezes por tão longo tempo despresaram a marinha. E isto não só lhes aconteceo a elles, mas á maior parte dos povos, a quem coube ainda uma pequena parte desta felicidade. Por quanto tendo assaz de occupação na terra, e produsindo-lhe ella fielmente bens em abastança, não cogitavam de ir buscar outros entre os riscos e infidelidade do mar. Pelo contrario se vê que as nações, cujo territorio era fraco, esteril, ou mui estreito, tem procurado haver compensação na navegação, por meio de qual não somente tem supprido aquelle defeito, mas tambem tem feito suas cidades ricas e opulentas em tudo. E assim são estes povos os que se podem apontar por mais excellentes na arte da marinha. Todavia fallando a verdade, a França despresando este trato, priva-se de uma riqueza, que a natureza lhe offerece, tendo-a, além de tantos outros bens, banhado de dous ricos mares, dotado de muitos bons portos e enseadas, por onde ella pode ter communicação, tratar, e negociar

com muitos povos remotos de um e outro lado, como se estivera proxima e visinha do Levante e do Ponente, e de todas as regiões mais longinquas. Deve-se além disso confessar que he a mais nobre e mais excellente sorte de negociação a que se faz por mar, e que por meio de tantos riscos vai buscar as riquezas, e o que ha de mais singular ás outras terras para enriquecer a sua, e levar aquillo que nesta abunda áquellas onde disso ha necessidade. Despresar pois a navegação he o mesmo que um homem privar-se do uso de um de seus membros, e como cortar um braço. Agora o conhecemos melhor que nunca, e lhe sentimos os damnos. E porque os Francezes tem despresado infinitas bellas occasiões (que os Portuguezes e Hespanhoes, á falta delles, não somente tem aproveitado, mas até avidamente procurado), são ora na obrigação de receber destes por miudo o ouro, as especiarias, e os brincos do oriente, em vez de irem elles mesmos buscal-os, como podiam, e distribuil-os aos outros. Ao mesmo tempo que de presente os Hespanhoes e Portuguezes tentam avassallar por si sós os elementos, que são communs a todos, vedar os mares, e expellir por toda a sorte de máos tratamentos os Francezes e as outras nações, que queiram viajar e commerciar nas regiões, que elles dominam.

Isto moveo principalmente uma companhia de mercadores de S. Maló, Laval, e Vitré no anno de 1601 a sondar o váo, buscar o caminho das Indias, mostral-o aos Francezes; em somma beber na propria fonte. Esquiparam pois para este effeito dous navios, um de quatrocentas tonelladas, chamado *o Crescente (le Croissant)*, e outro de dusentas, chamado *o Corvo (le Corbin)*, de que foram por capitães, o Senhor de la Bardeliere, cidadão de S. Maló, e Francisco Grout, senhor de Clos-neuf, condestable da mesma cidade de S. Maló, o qual era capitão do navio *Corvo*, e hia debaixo da obediencia do outro capitão. Eu, não menos desejoso de ver e de aprender, do que de adquirir cabedal, embarquei-me no *Corvo*; o qual tendo corrido peior fortuna que o outro

navio, a ponto de se perder, escapei em fim milagrosamente depois de muitas miserias. E porque aprouve a Deos de, contra minha esperança, me restituir são e salvo a minha terra, depois de ter padecido tantos males, corrido infinidade de perigos, tendo não somente transitado a mór parte das regiões maritimas e ilhas das Indias, dado quasi volta ao mundo, em somma visto as quatro partes da terra; mas tambem tendo vivido por espaço de dez annos entre muitas diversidades de povos, e conhecido por minha longa assistencia os seus costumes, leis, e usos, talvez mais particularmente (o que posso dizer sem vaidade) que algum, não só Francez, mas ainda Portuguez, ou Hollandez; julguei ser de minha obrigação pôr em escritura o que observei de raro em tão longa peregrinação, para disso dar noticia á minha patria. Poderá pois esta relação servir de advertencia e instrucção aos que quizerem fazer esta viagem para evitarem os inconvenientes, que eu mesmo encontrei, ou que vi acontecer a outros; e para que, conhecendo os defeitos de nossa navegação, e as causas de nossa perdição, possam para o futuro emprehendel-a com mais circunspecção.

CAPITULO I.

Narração da viagem desde o embarque em S. Maló até ao Cabo da Boa-Esperança.

Partimos de S. Maló com bom vento de nordeste para dar principio a nossa viagem a 18 de Maio de 1601. E tendo-nos feito só nove ou dez legoas ao mar, o mastro de mezena do nosso navio estalou e abrio-se ao meio; o que foi um principio de má ventura; e atirámos um tiro de bombarda para dar aviso disso a nosso capitão-mór, que hia a bordo do *Crescente*, e saber delle se deviamos arribar para haver outro mastro. Mas tendo elle resoluto que continuassemos nossa derrota sem embargo deste accidente, enviou-nos os carpinteiros do seu navio, os quaes com os do nosso concertaram o mastro o melhor que ser pôde. E esta resolução foi procedida do receio de perder a viagem, porque a mór parte dos marinheiros e passageiros, que hiam nos navios, tinham tomado este revez, posto que leve, a tão ruim agouro, que diziam em altas vozes que se arribassemos a qualquer porto de França, ir-se-hiam embora, e largariam tudo.

Eu por mim desde o embarque nunca julguei bem de nossa viagem, não pela quebra fortuita do mastro, mas pela má ordem e pouca policia, que havia nos navios; porque não havia ahi nem piedade nem devoção, mas muito praguejar e blasphemar; não havia obediencia aos capitães, mas rebeldia; havia muita leviandade, e todos os dias bulhas, pancadas, ladroeiras, e outros vicios semelhantes.

A 21 do dito mez avistámos nove grandes navios hollandezes, a que chamam Urcas, que se prepararam para nos salvar, e cortejar os navios francezes. Por isso passaram a sottavento, que he o maior signal de acatamento que se pode fazer no mar, e atirou cada um delles sua bombardada;

mas o bombardeiro da sua vice-almiranta atirou um tiro de pelouro, que bateo no nosso navio, passando, e rompendo as velas. O que visto por nós, e temendo que elles quizessem começar em som de guerra, arvorámos o nosso pendão no mastro da mezena, para dar aviso a nosso capitão-mór do que era passado; o que o fez logo suspender a marcha; e todos começámos tambem logo a empavezar os navios ao redor (estes pavezes eram de escarlate, e em cima as armas da França bordadas de amarello côr de ouro), a aparelhar as bombardas, carregal-as todas de pelouros, armar-nos, e pôr-nos em defensão cada um em seu posto; o capitão na pôpa, o tenente na prôa, e os quatro bombardeiros com seus homens nos quatro cantos do navio. Isto feito atirámos duas bombardadas com pelouro atravez das velas do navio, que nos havia accomettido, para saber o que elles queriam, antes que se chegasse de todo a romper batalha; mas elles não deram signal algum de se pôr em defensão. A nossa capitania, que era excellente de vela e leme, foi direita a sotavento e com todas as velas á almiranta dos Hollandezes, e com um tiro de pelouro lhe mandou amainar; o que ella logo executou, mui espantada, por não saber nada do que era passado. Mas logo que o soube, fez o almirante chamar o seu vice-almirante para se informar da verdade, e este lhe disse que um dos bombardeiros estando embriagado havia por descuido commettido aquelle erro. E sendo mandado buscar esse bombardeiro, o almirante o apresentou ao nosso capitão-mór, pedindo desculpa do que era succedido, e offerecendo entregar-lhe o malfeitor, para lhe dar tal castigo como lhe aprouvesse, até o mandar logo enforcar nas vergas do mastro. Mas o nosso capitão-mór, dando-se por satisfeito, pedio ao almirante que perdoasse ao pobre bombardeiro. E eu ainda assim não duvido que logo apoz isto elle fosse punido, porque os Flamengos e Hollandezes não deixam nunca impunes as culpas em seus navios, e guardam nelles mais justiça e policia do que nós guardamos nos nossos; o que he causa de que suas navegações são mais bem succedidas que as nossas. Em fim apartámo-nos com muitos

cumprimentos de parte a parte ; e elles disseram que iam ás ilhas de Cabo Verde buscar sal á ilha de Mayo.

A 3 de junho seguinte avistámos as ilhas Canarias, que estam em altura de 28, 29, e 30 gráos de elevação do polo arctico, e passámos por ellas.

A 12 e 13 do mesmo mez de junho vimos as ilhas de Cabo Verde, que são dez: a saber; a 1.ª da parte de cá se chama de *Santo Antão*, a 2.ª de *S. Vicente*, a 3.ª de *Santa Luzia*, a 4.ª de *S. Nicoláo*, a 5.ª do *Sal*, a 6.ª da *Boa-Vista*, a 7.ª de *Mayo*, a 8.ª de *Santiago*, a 9.ª do *Fogo*, a 10.ª a *Brava*. Começam em altura de 20 gráos da banda do norte, e seguem até 4 da banda do sul. Os Portuguezes habitam e cultivam parte dellas; as outras não tem mais habitadores que animaes, taes como cabras, de que ahi ha grande copia, e tambem ha abundancia de fructas e mantimentos. A principal é a de S. Nicoláo, de que todas as outras dependem, e é a séde do bispo e da justiça. (a)

A terra firme do Cabo Verde, que somente dista destas ilhas cincoenta ou sessenta legoas, e onde os Portuguezes tratam todos os dias em grande copia de escravos negros, faz com que estas ilhas sejam mui frequentadas por causa desta mercadoria, que dalli se leva ás Indias occidentaes, e ao Brasil, e mesmo a Portugal. N'uma dellas, chamada a ilha de *Mayo*, se acha tão grande quantidade de sal de rocha, que se pode carregar quanto se quizer sem custar nada, por quanto a ilha é deserta, e a carregação e transporte é mui facil. Vê-se n'outra ilha uma montanha, cujo cume lança chamas, que se vem de noite, e de dia fumo, e se chama por isso a ilha do *Fogo*.

A 29 do mesmo mez nos achámos em 5 gráos de altura, e notámos a estrella do norte muito baixa; e ao mesmo tempo avistámos a estrella do sul, ou polo antarctico, por outro nome o *Cruzeiro*, por ser formada de quatro estrellas em forma de cruz, ainda que seja desviada da outra

(a) O auctor equivocou-se, por quanto a capital era, e é ainda hoje a ilha de Santiago.

27 gráos. E todavia é a mais proxima, e sobre ella se regulam os pilotos, e tomam a altura. No mesmo lugar, e na mesma altura se vê uma quantidade espantosa de peixes, do tamanho pouco mais ou menos dos que chamamos barbos, que tem azas semelhantes ás dos morcegos, por meio das quaes, quando se sentem perseguidos pelo peixe mais grosso, se lançam fora d'agua, e vôam até que as azas seccam, e perdem toda a humidade. Mas por outra parte quando elles vão no ar, as aves marinas, de que tambem alli ha tal quantidade que se não pode dizer, os caçam, e apanham, se não se tornam logo a metter no mar. Cahiam muitos dentro dos navios; e quando pousam sobre alguma cousa dura, e onde não ha agua, não podem mais levantar-se. Isto nos servia de refresco (e tinhamos grande gosto de ver esta caça) porque este peixe é delicado, e bom para comer. E é cousa maravilhosa ver em tal altura de mar um tão grande numero destes peixes, que a bem dizer cobriam todo o mar, e ferviam em grosso cachão, ainda que fizesse calma; e chegam a ser tamanhos como bonitos e albacoras, e outras muitas qualidades, de que tomavamos bastante para provimento do navio com linhas , e golfinhos com fisgas de ferro em cabos de páo, que depois puxavamos á força de braço. Vi destes peixes voadores em todas as visinhanças da linha , tanto de cá como de lá do cabo da Boa-Esperança d'uma e outra banda, assim do norte como do sul.

A 14 de julho avistámos a costa de Guiné, na terra de Serra Leôa. Pensavamos estar afastados della mais de cem legoas, mas com as calmas, as correntes nos haviam lançado alli contra nossa vontade. Vimos ahi dous navios á vela, um dos quaes nos veio reconhecer de longe. Esta costa é muito doentia, e intemperada.

A 24 de agosto passámos a linha equinocial para a banda do pólo antarctico ; por quanto, tendo nesse dia tomado a altura do sol á hora costumada, que é ao meio dia em ponto, o que os navegantes chamam a *observação*, achou-se não haver altura alguma, por onde se reconheceo que esta-

vamos debaixo da linha. A altura toma-se com o astrolabio ao sol, ou ás estrellas por meio do instrumento chamado *bordão de Jacob*, a que os marcantes dão o nome de *balestilha*. (a)

Desde os sete ou oito gráos mais proximos da linha da banda do norte, e outro tanto da banda do sul, causa muito incommodo a inconstancia do tempo, e as injurias do ar. O calor é tão forte, e tão abafadiço, que não se pode encarecer; o que corrompe a maior parte dos mantimentos, a agua faz-se fedorenta, e enche-se de grandes bichos, todas as qualidades de carne e de peixe se corrompem, ainda as mais bem salgadas ; a manteiga, que levavamos toda se derretia em oleo, as velas de sebo igualmente se desfaziam; os navios abriam nos lugares que iam fóra d'agua; o pez e alcatrão derretiam-se por toda a parte; e era quasi tão inpossivel parar na coberta do navio como n'um forno.

Nada ha tão inconstante como o ar; mas alli sobe de ponto a inconstancia, e a incerteza. Tão depressa ha uma bonança admiravel, como dahi a meia hora se vêm, e ouvem de toda a parte só relampagos, trovões, e raios os mais espantosos, que se podem imaginar, principalmente quando o sol está proximo do equinoxio, pois são então mais vehementes e mais impetuosos. Dahi a um instante renasce a bonança, depois recomeça a borrasca; e assim continuadamente. Levanta-se ás vezes de repente um vento tão impetuoso, que não ha mais que fazer senão amainar e ferrar com diligencia todas as velas, e parece que os mastros e vergas se vão partir, e o navio perder-se. È frequente

---

(a) *Balestilha*, diminutivo de *balhesta*, antiquado, por *bésta*.—Instrumento nautico, com que antigamente se tomava a altura do sol, e dos astros. Compunha-se de duas peças chamadas *flécha*, e *martello*, por meio das quaes se determinava o angulo formado por dous raios, que partindo do olho terminavam, um no horisonte, e outro no astro, cuja altura se pretendia conhecer.—Foi substituido no principio do seculo XVII pelo *quadrante inglez*, e successivamente por outros instramentos mais aperfeiçoados.—A *balestilha* teve muitos nomes, taes como, *radiometro*, *raio astronomico*, *bordão de Jacob*, *vara de ouro*, e talvez outros.

ver vir de longe grossos redomoinhos, a que os maritimos chamam *dragões*, e que se passassem por cima dos navios, os despedaçariam e metteriam no fundo. Quando os marinheiros os vêm, pegam em espadas, e batem com umas nas outras em cruz na prôa, ou da banda donde vêm este temporal, e crem que isto o estorva de passar por cima do navio, e o desvia para o lado. Alem disso neste clima as chuvas são mui damnosas, e se uma pessoa se molha, e não muda promptamente de vestido, fica logo depois toda coberta de borbulhas e pustulas pelo corpo, e cria bichos na roupa; de forma que dá muito trabalho a quem tem roupa para mudar, e faz muito mal a quem a não tem. Era necessario cobrir os navios de panno encerado, e servir-nos de toldos para nos livrar assim da chuva como do sol; e nem por isso deixámos de padecer muito. Ser-me-hia impossivel contar por menor todos os trances, trabalhos, incommodos, e fadigas, que padecemos por espaço de tres mezes por razão destes *travados* (que assim se chamam taes borrascas); são peiores que um grande vento, e mesmo que uma tormenta, e os navios se estragam com elles brevemente. O navio caminha em balanços, ora para uma banda ora para a outra; mas quando lhe dá o vento em pôpa, as velas seguram o navio direito, e se dá de bolina, só pende para um dos lados. Estes tempos alquebram muito os navios, principalmente os que são grandes e carregados; e de ordinario os fazem abrir tanto, que se sobrevem tormenta, não podem resistir muito tempo.

A 29 de agosto o nosso piloto, que era Inglez, tendo subido á gavea, avistou terra na distancia de dez legoas, o que nos alegrou infinitamente, porque tinhamos necessidade de fazer aguada, e não sabiamos aonde acharíamos terra, pois não julgavamos ter descido tanto para a costa de Guiné, e nos faziamos a mais de cem legoas distante della; mas as calmas e as correntes nos haviam arrojado outra vez alli. Apenas sabida esta boa nova, o nosso capitão fez arvorar a bandeira no mastro de mezena, por quanto só compete ao

capitão-mór arvoral-a no mastro grande, e mandou atirar um tiro de bombarda para advertir ao nosso capitão-mór, com o qual nos certificámos que a terra era a ilha de *Anno-bom;* mas por ser já tarde não seguimos mais ávante, antes virámos de prôa, e fomos recuando, afim de chegar só no outro dia a surgir nesta ilha. Chamam a isto os mareantes *bordejar*, e é quando pretendem conservar-se á vista de terra, ou em qualquer paragem do mar, caminhar ora de uma banda, ora de outra, virando o navio de bordo.

No outro dia 30, tendo desembarcado tratámos amigavelmente com os Portuguezes, que são os senhores da ilha, e confiando nelles, porque haviam acceitado de nós alguns presentes, e nos tinham tambem mandado fructas da terra, o nosso capitão-mór fez enfeitar a sua galeota, ou batel grande, e metteo nelle muita quantidade de vasilhas para receber agua, fructas, e outros refrescos, enviando para este effeito certo numero de marinheiros e de soldados, e com elles seis pessoas principaes dos dous navios quizeram ir refrescar-se a terra contra a vontade do capitão-mór, que com tudo os não quiz estorvar. Em desembarcando os seis principaes foram mui bem recebidos e agasalhados dos Portuguezes, e confiando inteiramente nelles, foram indo para onde os levaram, e mandaram os outros marinheiros com o batel para o outro lado da ilha, para ahi fazerem aguada, com se lhes havia aconselhado. Estes foram guiados por alguns negros dos moradores da terra, que não quizeram entrar no batel, o que fez desconfiar que não andavam de boa fé, e se contentaram de ir rodeando a ilha por terra em quanto nós iamos por mar. Logo depois aquelles nossos seis companheiros foram assaltados por grande numero de Portuguezes e escravos negros armados, que estavam de emboscada. Um dos seis, que era o tenente do Corbin, chamado Thomaz Pepin, de S. Maló, pôz-se em defensão, e ainda feric alguns, mas carregado pela multidão recebeo uma ferida mortal, e cahio por terra; os outros

cinco ficaram prisioneiros. Logo depois os Portuguezes mandaram o ferido a bordo n'uma pequena jangada de páos travados entre si, e com elle deixaram ir um negro, que servia o nosso capitão-mór, e que havia acompanhado os seis; mas apenas o ferido chegou a bordo, expirou. O capitão-mór mandou atirar dous tiros de bombarda para avisar os outros marinheiros, que estavam da outra banda, a que voltassem com o batel, se podessem, e não passassem mais ávante; e elles entendendo o signal, voltaram promptamente. No seguinte dia os Portuguezes mandaram a bordo n'outra jangada (porque não tem alli outras embarcações) um dos cinco prisioneiros, o qual disse que eram muito mal tratados, e estavam presos, e encarcerados nas montanhas, separados uns dos outros. Estas montanhas são muito altas, e todas cobertas de arvoredo. Disse mais que os obrigavam a tratar de resgate; o qual foi concertado por 1.500 crusados, vinho, biscoutos. polvora,mosquetes, e outros effeitos; e por este meio foram postos em liberdade uns apôz outros, á proporção que se ia fazendo o pagamento. Então mandaram os Portuguezes um porco, arroz, algumas fructas, e outros refrescos, e disseram que podiamos livremente e com toda segurança ir á sua ilha; com tudo não nos quisemos mais fiar delles, com quanto ainda tivessemos necessidade de fazer aguada. Para isso iamos de noute bem armados em nossos bateis; mas recolhiamos pouca agua, porque a corrente della é no fundo de um valle perto do mar; e como os da ilha não consentiam que a levassemos, estavam de guarda no alto das montanhas. dahi nos atiravam tiros de arcabuz, com que passaram a espadoa de um pagem do nosso navio, e feriram outros com pedras que arrojavam sobre nós, o que fazia o caso mui arriscado. Mas assim continuámos por seis ou sete semanas que estivemos no porto.

Entretanto em lugar do tenente do Corbin, que era morto, foi posto outro, não eleito alli, mas que vinha nomeado de S. Maló pela companhia, que tinha provido para todos

os cargos dos officiaes dos navios em caso de morte, para não deixar isto á discrição dos navegantes, o que poderia causar alguma desordem. E nisto cumpre notar que aquelle que sobe posto, e muda de cargo, não augmenta em soldo, e conserva o que de antes tinha; e o soldo do morto vai correndo até á volta, e é pago á viuva, filhos, ou herdeiros, como se vivo fora.

Esta ilha de *Anno-bom* pertence a um fidalgo Portuguez, a quem El-Rei de Hespanha a deu (a). Os outros Portuguezes, que alli moram, são seus feitores e creados. Todo o povo da ilha é seu escravo; de que faz grande trato assim em Hespanha, como nas Indias occidentaes; e extrahe todos os annos certo numero conforme a sua multiplicação.

Todos são negros, andam nús, homens e mulheres, cobrindo de panno de algodão apenas as partes vergonhosas. As mulheres levam os filhinhos ás costas, e lhe dão de mamar por cima do hombro; tem os peitos tão cumpridos que os filhos os podem segurar e mamar pelas costas. Esta ilha é situada em altura de gráo e meio da banda do meiodia; tem de circuito umas 5 ou 6 legoas; é alta, montanhosa, coberta de arvoredo, e sempre verde. Todo o tempo que ahi nos demorámos não passou um só dia que não chovesse pouco ou muito. O porto é a noroeste, e muito perigoso por causa dos baixos e rochedos. Dão-se alli muitas fructas, como laranjas, bananas, que servem de pão, côcos, de que fazem vinho (b), canna de assucar, ananazes, outra fructa a que chamam *panana* (c); e bem assim arroz, e milho. Colhe-se porção de algodão, que é o unico genero, que alli dá rendimento. Ha muita pesca, e de bom peixe, o que nos offereceo grande refresco.

(a) E' escusado advertir que naquelle tempo o Rei de Hespanha o era tambem de Portugal. Agora pertence a ilha verdadeiramente a Hespanha, a quem foi cedida pelo Art. 13 do Tratado de 11 de Março de 1778, juntamente com a de *Fernando Pó*.

(b) E' sabido que o vinho, ou antes aguardente, não se extrahe do côco; mas do succo do coqueiro destillado.

(c) Aqui ha evidentemente duplicação com a *banana*.

A lẽgoa e meia de ilha de *Anno-bom* ha um ilheo, todo arido, escalvado, e sem verdura alguma; mas tão coberto de aves, que se não pode pôr pé que se não pize alguma, ou seus ovos. Chamam a estas aves *Penguim*, e são um pouco maiores que os nossos pombos, e quasi da mesma plumagem, muito saborosas e boas para comer, ainda que tem a carne muito negra. Comiamos grande quantidade dellas, e iamos todos os dias a este ilheo a passear, e apanhal-as. O nosso companheiro, que ficára em lugar do tenente do Corbin fallecido, correndo apôz estas aves cahio entre os rochedos, e quebrou uma perna, custando além disso muito a tiral-o de lá.

No tempo que estivemos neste porto succedeo-nos toda a sorte de infortunio. Porque além do que fica referido, ainda nos succederam outros, particularmente no nosso navio, onde houve grande desavença entre o nosso capitão e o primeiro feitor ou commissario, que estiveram quasi á pancada, e pouco faltou para se não levantar um alvoroço e motim geral, de sorte que foi mister que o nosso capitão-mór acudisse bem acompanhado para apasiguar a desordem. Não obstante isso a desavença durou toda a viagem, sem se fallar um ao outro. Deixo agora ao leitor pensar se as cousas poderiam ir bem, quando as cabeças, que deviam dar bom exemplo aos outros, eram as que faziam a desordem.

Ainda houve outro desastre, e foi que como era preciso embarcar no batel em som de guerra para ir buscar agua; pegou uma vez o fogo na polvora em um de nossos bateis, onde estava o nosso capitão, e houve muitos queimados, e escalavrados. Mas a ultima desaventura foi, que querendo levantar ferro, trabalhámos toda a manhã para levantar uma dos ancoras, e apesar de nos virem ajudar os do Crescente, nada pudemos conseguir; e foi mister cortar a amarra, que era da grossura da coxa de um homem, e nova; perdendo-se a ancora, o que é caso grave em taes occasiões.

Tendo-nos pois demorado no porto desta ilha por espaço de seis semanas; a 16 de outubro o nosso capitão-mór mandou levantar ferro, largar as velas ao vento, e tomar a derrota de Santa Helena, além de outras rasões, porque não tinhamos podido refrescar commodamente, e começava a haver enfermos de escorbuto. Os que navegam para a India não vão ordinariamente demandar esta ilha, por quanto os ventos não são proprios para isso, e é grande acaso poder encontral-a; e até o nosso piloto dizia que elle não promettia com certeza levar-nos lá. Com tudo a 17 de novembro felizmente avistámos ao romper da aurora a ilha de Santa Helena, situada aos 16 gráos da banda do polo antarctico a seiscentas legoas do cabo da Boa-Esperança. Achámos alli no altar da Capella muitos bilhetes, que davam noticia de terem passado Hollandezes. Julgavamos achar alli madeira para renovar o nosso mastro de mezena, mas não a ha lá propria para este effeito. A demora que tivemos nesta ilha foi de nove dias; o que servio de grande beneficio a nossos enfermos; e como as aguas, as carnes, e as fructas ahi são mui saudaveis, e o ar mui puro e são, por isso tomámos toda a agua de que haviamos precisão. Não me demorarei a descrever neste lugar a belleza, bondade, fertilidade, e commodidade desta excellente ilha; deixo isso, para o fazer mais particularmente na volta, com tanta mais rasão, que pela longa demora, que então ahi tivemos, pude conhecel-a melhor.

A 16 de novembro de 1601, depois de nossos enfermos haverem recobrado a saude, levantámos ancoras, e fizemo-nos á vela seguindo nossa derrota para o cabo da Boa-Esperança.

Tres dias depois passámos os *Abrólhos*. São bancos, e rochedos para a parte da costa do Brazil, aos 18 gráos de altura da linha equinocial, e extendem-se por quasi setenta legoas de comprido. Os Portuguezes lhe chamam *Abrólhos*, como quem diz *abre olhos*, porque estes ro-

chedos são mui perigosos, e é muito necessario attentar bem para elles, e ter toda a vigilancia (a); porque quem não poder passal-os, e se for emmaranhar entre elles, com difficuldade sairá dalli; e ainda que sáia, terá perdido a viagem, e ver-se-ha obrigado a arribar ao ponto donde partio. Por esta causa os navios que vão á India, para se desviarem delles, descáem tanto para o outro lado da costa de Guiné, onde o ar é doentio, e ha tantas calmas e tantas correntes, que as mais das vezes os navios se perdem, ou muita gente adoece, e morre de graves doenças. Por isso a habilidade dos bons pilotos é de se não chegar muito á costa de Guiné, e ao mesmo tempo não se ir metter nos bancos dos Abrólhos da banda do Brazil, mas de medir bem as distancias, para o que tem assaz de espaço, pois entre a costa d'Africa e a do Brazil se contam quasi mil legoas.

Depois de passarmos estes rochedos, fizemos grandes folguedos; elegendo uma especie de rei para governar em quanto a festa durasse, que foi todo um dia, e distribuindo a cada pessoa mais meia canada de vinho além da ração ordinaria. Fizemos isto á imitação dos Portuguezes, que assim o costumam, porque sempre se imitam mais os máos costumes, que os bons e louvaveis. Eu cá não approvo de

---

(a) A primitiva significação da palavra *Abrolho*, plural *Abrólhos*, é *certa especie de cardo espinhoso*.

No sentido metaphorico designa a *marca ou signal em forma de ponta de lança, com que se indica alguma passagem de livro*.

No plural significa além disso as *puas ou bicos, de que se erriçavam as armas brancas antigamente*. Tambem *estrepes, cavallos de friza, e outros semelhantes inventos de defensão militar*.

No sentido figurado, os *cachopos, e penedos ponteagudos, que se elevam dos baixos no mar, ou na embocadura dos portos, barras, &c.*

Tambem no sentido moral, *tudo o que punge o animo*.

Alguns eruditos, attendendo á semelhança da palavra *abrolhos* com *abre olhos*, supposeram que dahi trasia a sua origem; e a estes segue o auctor. Com tudo outros derivam o termo do latim *TRIBULUS, cardo espinhoso*.

Os leitores, que gostarem destas especulações ethymologicas, escolham o que quizerem.

forma alguma taes festas e banquetes no mar, que só servem para consumir o vinho e mantimentos do navio, e embriagar os marinheiros, que deixam por isso de fazer sua obrigação, além das contendas e bulhas que daqui nascem.

CAPITULO II.

Do cabo da Boa-Esperança, e do cabo das Agulhas. Formenta furiosa na costa da terra de Natal.

Entretanto nossos navios continuavam sua derrota para o cabo da Boa-Esperança, e passados alguns dias vimos signaes por onde se conheceo estar proximo aquelle cabo. Porque na distancia de cincoenta ou sessenta legoas fluctuam em grande quantidade moutas de arbustos cada uma de nove ou dez hastes pouco mais ou menos, pegadas todas pelo pé, e chamam-lhe *Trombas*. Igualmente se vê grande multidão de passaros brancos com pintas pretas, a que os Portuguezes chamam *Mangas de velludo*. (a)

A 17 de dezembro de 1601 por hora da meia noute, fazendo grande vento e chuva, e sendo a noute muita escura, achámo-nos mui perto de terra; e se não fôra um marinheiro, que por fortuna o percebeo, ter-nos-hiamos perdido, porque o mar alli estava grosso, e tormentoso, e ha grandes penedos que entram por elle. Mas logo que o marinheiro brádou, fizemo-nos na volta do mar, e atirá-

(a) Segundo nos informa pessoa, que tem transitado muito por estes mares, este passaro chamado *Manga de velludo* é todo branco, com as asas pretas; e não apparece em muita copia.

Ha porém outro passaro tambem branco, e com pintas pretas, de que ha grande multidão, e ao qual talvez mais propriamente cabe a descripção do auctor; mas a este passaro chamam os navegantes portuguezes *Feijão frade*.

mos um tiro de bombarda para advertir o nosso capitão-mór. Ao romper do dia vio-se que tinhamos dobrado o cabo da Boa-Esperança, e que o que nós viamos era o das Agulhas. Este cabo das Agulhas entra pelo mar mais avante que o da Boa-Esperança quinze legoas, e está situado em altura de 35 gráos da banda do sul. Chamam-lhe cabo das Agulhas, porque na altura delle as de marear ficam fixas, e apontam directamente para o norte, sem declinar para leste nem para oeste; e depois de se dobrar o mesmo cabo começam as agulhas a noroestear.

Neste dia avistámos dous navios hollandezes e um patacho, que saíam de uma bahia que ha no cabo das Agulhas, e se chama *Bahia das Sardinhas*, onde haviam refrescado. Foi-nos por tanto impossivel chegar á falla em todo o dia por causa do vento, e porque o mar era tão encapellado e furioso que não se pode explicar; com tudo o navio mediano delles pôde a muito custo chegar a *barlavento*, e nos disse de longe quem eram. Mas no seguinte dia nos abordámos, e nos dous immediatos visitámo-nos, e festejámo-nos uns aos outros com grandes amisades. Eram navios de Camfer em Zelandia, todos de mui pequeno porte; e seu capitão-mór chamava-se Sphilbert. Disseram-nos que eram os mesmos, que nós avistáramos na costa de Guiné, e que se o nosso capitão-mór os houvera querido esperar, quando elles mandaram o seu patacho a encontrar-nos, nos não teria succedido o desastre que nos succedeu na ilha de *Anno-bom*. Disseram-nos outrosim que tambem elles haviam alli desembarcado, mas que se não fiaram como nós na gente da ilha, e fizeram sua aguada em abastança perdendo dous homens além de seis feridos. Disseram mais que se nós estiveramos todos reunidos, teriamos gente bastante para ficar a pouco custo senhores da ilha, vista a pouca resistencia, que ella offerecia, e assim teriamos podido tomar refresco á nossa vontade, e prover-nos de agua; de sorte que o nosso capitão-mór fôra em parte a causa de todo o mal que nos acon-

teceo, pelos não ter esperado, como devia. Demos-lhe uma vela grande de que tinham necessidade, e elles em troca nos deram dous pedeiros, ou pequenas bombardas de ferro. Elles iam tambem ás Indias, e nós desejámos muito poder fazer a viagem em sua conserva, mas não poude ser, por que elles haviam de ir passar entre a terra firme e a ilha de S. Lourenço (a), em busca dos companheiros que os esperavam na *Bahia formosa*, que é situada na costa de Melinde. Nossa tenção era pelo contrario passar por fóra daquella ilha ; e por isso nos apartámos, e nos despedimos uns dos outros com muitas bombardadas. Feito isto tomámos nossa derrota por fóra da ilha de S. Lourenço.

A 6 de janeiro de 1602, dia de Reis, festejando nós o dia na forma do costume, levantou-se uma furiosa tormenta, que nos fez ferrar as velas, e um de nossos marinheiros, natural de S. Maló, cahio no mar, e foi-nos impossivel salva-lo. Um seu companheiro quiz-se lançar apoz elle, mas segurámol-o ; e creio que mais era movido do vinho do que da affeição, pois os marujos não tem grande amisade uns aos outros. Ao longo desta costa viamos toda a noute quantidade de fogos no alto das montanhas.

Continuando pois nossa viagem, passámos sem tormenta alguma a terra de Natal, que é na costa de Ethiopia, o que quasi nunca acontece, porque ha ahi continuamente violentas tempestades desde os 33 até aos 28 gráos.

A 30 de janeiro estando em altura de 26 gráos, o nosso capitão-mór perguntou ao seu piloto em qual das costas da ilha de S. Lourenço nos achavamos, e elle respondeo que estavamos da banda de fóra, e com tudo não era assim, estavamos entre a costa d'Africa e a ilha, contra nossa tenção. A ignorancia do piloto foi a causa disto, e tambem porque folgámos de mais com os navios hollandezes, e como tivemos bonança deixámos ir os navios á vontade com a maior parte das velas ferradas ; mas elles,

(a) E' a que hoje vulgarmente se chama *Madagascar*.

que eram mais expertos que nós, levavam sempre a sua derrota, approximando-se da costa d'Africa; e nós seguiamol-os insensivelmente. Nosso capitão-mór desconfiado do caso, quiz ver a terra da ilha para se certificar, e depois de ter navegado dous dias e duas noites sem a ver, mandou virar a prôa á outra banda, e assim marchámos até 4 de fevereiro, em que começámos a ver a ilha de S. Lourenço pela parte de dentro, do que o nosso capitão-mór ficou muito enfadado contra o piloto. Mándou logo que saisse de dentro, e désse volta para a costa da banda de fóra, porque temia não poder passar por causa dos ventos contrarios, que alli sopram ordinariamente na estação, em que então estavamos.

A 7 de fevereiro de 1602 tornámos a passar a costa da terra de Natal para ir por fóra da ilha de S. Lourenço. E onde dantes haviamos passado felizmente sem contratempo, levantou-se agora uma furiosa tormenta de vento de sudoeste, que nos apanhou de subito e descuidados, ao contrario dos Portuguezes, que quando passam nesta altura, se aparelham para as aguentar, e se acautellam a tempo. Nós porém tinhamos deitado fóra o batel para mandar a bordo do Crescente pessoa que praticasse sobre certos pontos, que o nosso capitão-mór e capitão tinham a concertar a respeito da viagem; e na mesma hora havia eu recolhido de visitar alli alguns amigos meus, que estavam mui enfermos, e entre outros um mancebo da nossa cidade de Laval muito da minha estimação. Os nossos, que estavam a bordo do Crescente, vendo empollar o mar, meteram-se no batel, e voltaram para o nosso navio. Mas não foi com tanta pressa que quando chegaram já não tivessem outro remedio para subir senão pegar-se a um cabo, que lhe lançámos, e foi toda a sua salvação. Foi por tanto já impossivel suspender o batel, e assim o amarrámos o melhor que ser pôde com um cabo grosso, que immediatamente se partio, e o batel mettendo-se logo debaixo de agua se submergio sem haver meio de o salvar, o que

foi para nós grande perda. E persuado-me que não será facil a quem o não tem experimentado fazer idéa do horror e furia desta tempestade, pois as que nós de antes haviamos conhecido eram um brinco á vista desta. Fazia tanto escuro á hora do meio dia que se não enxergava o ceo, nem nos viamos uns aos outros; os dous navios se afastaram a larga distancia, e n'um instante as nossas velas se despedaçaram e reduziram a pequenos farrapos; a chuva e o vento eram tão fortes que batendo no rosto o açoutavam e moiam como a golpes de varas, e os coleirinhos das camisas rasgando-se nos magoavam as faces, de maneira que era necessario arranca-los promptamente. As ondas eram tão espantosamente grossas, que dirieis que o nosso navio tão depressa se elevava aos ceos, como cahia nos abismos, e todavia era de tal forma agitado para uma e outra banda que era mui difficultoso ter-se alguem em pé, e mui perigoso estar na tolda, pois vinham tão grandes rolos de mar que ás vezes de um só jacto entravam mais de vinte pipas de agua, que passando por cima do navio, saíam em parte pela outra banda, e levavam comsigo tudo quanto encontravam, pelo que era mister estar-se bem seguro na tolda. Valeo-nos ser o navio tão bom e tão reforçado, que não abrio com a impetuosidade da tormenta, e não fez mais agua que a do costume. Toda a agua que fazia vinha de cima dos rolos do mar que disse, e das ondas que passavam de banda a banda, e molhavam não somente a gente, que estava na tolda, e debaixo da coberta, mas tambem todos os provimentos e objectos do navio. Não chegava a gente para dar á bomba, e o nosso capitão era o primeiro que dava o exemplo deste trabalho. Tudo no navio estava repassado d'agua, e avariado, o que era para nós de grande incommodo, porque em quatro dias e quatro noutes que durou a tempestade, estivemos de continúo molhados de agua salgada, e não havia roupa enchuta para mudar. Comiamos só algum biscoito com um pouco de vinho, e não

havia meio de cosinhar. Dormir e repousar era cousa em que se não fallava. Os que tinham algum siso pensavam só na sua consciencia; mas os marinheiros é nessa hora que elles juram e blasphemam mais. Na maior força da tormenta á hora da meia noute tratou-se de cortar o mastaréo, que está sobre a gavea do mastro grande. A maneira de o cortar é decepar os ouvens e cabos de sottavento; depois cortar o mastro pelo meio, e finalmente cortar os cabos da banda do vento; então cáe por si mesmo sem offender ninguem. Era pois uma perigosa tarefa, vista a difficuldade de a gente se segurar por causa da grande agitação do navio. Fez este serviço o nosso mestre carpinteiro, que era Hollandez, um dos melhores carpinteiros de mar que se podiam achar; e por isso vencia soldada e ração de vinho dobradas; mas em verdade elle trabalhava por tres. Cortou pois com muito custo o mastaréo, mas não se poude segurar tão bem que não caisse de envolta com o mastaréo para fora do navio; com tudo encontrou por milagre a verga grande, que estando apeada e amarrada de travez, passava para fóra do navio nove ou dez pés, e tinha ainda alguns cabos; aos quaes este pobre homem se pegou, e agarrou tão bem, que teve meio de se salvar, ainda que com muita difficuldade. Esteve tambem para nos acontecer outro grande desastre, e foi que havendo quatro ou cinco grandes bombardas de ferro desmontadas, que estavam ligadas e prezas em baixo sobre a primeira coberta, pela força do tempo se soltaram, mas permittio Deos que houvesse muita gente em baixo, que deu por isso, e correram logo a lançar pelo pavimento colchões, saccos, e outros objectos molles, com o que poderam deter-lhe o movimento, e segural-as de novo, aliás a menor pancada, que ellas dessem rodando contra a amurada do navio, a teria arrombado. Durante esta tormenta a caixa do nosso leme partio-se, o que foi grande inconveniente, porque nos impedia o uso necessario do leme. Os nossos pilotos e marinheiros, ainda os mais antigos, diziam que nunca tinham

soffrido uma tormenta mais forte, o que lhe fazia perder todo o discurso e resolução. Mas é que elles nunca tinham experimentado a violencia do mar destas paragens, que é ordinariamente muito mais grosso e tempestuoso do que em outras quaesquer. Quanto a mim passei na torna viagem por outras peiores, na mesma altura, mas não na mesma paragem.

CAPITULO III.

Chegada á Bahia de S. Agostinho na ilha de S. Lourenço; desembarque, e longa demora que ahi houve. Descripção da ilha, e dos costumes, e modo de vida dos habitantes.

A tormenta durou quasi até aos 11 do dito mez de fevereiro; e quando ella cessou, tivemos grande pena de haver perdido de vista o Crescente, nossa capitania. Mas o que mais nos affligio foi descobrirmos um grande mastro fluctuando sobre o mar, porque julgámos que era o do Crescente, que se houvesse perdido. Accrescia que a maior parte dos nossos, fatigados do mar, estavam enfermos, e meio-mortos. Além disso o capitão poz em consulta saber aonde se devia ir tomar terra, e assentou-se que á que ficava mais perto, que era a ilha de S. Lourenço. Assim dirigimos para alli nossa derrota, posto que com receio, pois não tinhamos no navio piloto algum, nem marinheiro, que tivesse passado ás Indias, salvo um bombardeiro flamengo, homem muito ignorante.

Na distancia de trinta ou quarenta legoas da ilha começámos a ver o mar mudado, de côr amarella, mui cheio de escuma, coberto de castanhas do mar, cannas, arbustos, e ervas fluctuantes, e assim continúa até á dita ilha. Em fim a 18 de fevereiro avistámos terra.

A 19 de fevereiro pela manhãa lançámos ferro n'uma bahia, que se chama de Santo Agostinho, situada em altura de 23 gráos e meio da banda do sul, debaixo do tropico de capricornio, que é mui grande, e mui commoda, pois tem bom fundo, todo de vasa e areia. Ao meio dia avistámos muito ao longe no mar um grande navio. A principio julgámos que fosse navio portuguez, pelo que pegámos em armas, e começámos a apparelhar-nos, e a arvorar nossos pavezes pondo-nos em defensão; mas quando o navio se approximou mais reconhecemos que era o Crescente, de que andámos separados por espaço de doze dias, e que veio surgir junto a nós. Causou-nos isto grande alegria e allivio, apezar de o vermos mais maltratado que nós, destroçado no apparelho, com muita agua aberta, e a gente quasi toda doente. Pela tarde avistámos outro navio sem mastros e sem velas, e apenas com um páo arvorado no meio, e nelle uma pequena vela. Fundeou a quatro ou cinco legoas de nós, porque não ousava approximar-se. Enviaram delle um batel com tres ou quatro pessoas para nos reconhecer de longe, mas depois de nos reconhecerem, approximaram-se, e vieram a bordo do nosso navio, onde foram bem recebidos depois de nos declararem que era um dos dous navios hollandezes, que haviamos encontrado no cabo das Agulhas, o qual tinha sido muito maltratado da tormenta. Voltou logo o batel a dar aviso ao seu capitão, que veio sem demora fundear junto a nós. Era elle um certo le Fort, nascido em Hollanda, filho de um francez natural de Vitré. Já havia estado na India, e nesta mesma viagem morreo no Achem. Dizem que o rei do Achem era seu amigo, e tinha por elle grande estimação.

Estando pois juntos todos os tres navios, o nosso capitão-mór, o capitão do nosso navio, e o capitão hollandez com os principaes dos tres navios poseram em conselho o que cumpria fazer para accommodar a gente, e segundo se assentou entre elles, foi escolher-se em terra o logar mais adequado que ser pôde para alojar todos os nossos doen-

tes de escorbuto, de que tinhamos grande copia nos nossos navios, mas os Hollandezes nenhum. Sendo escolhido e assignado o logar ao pé de uma alta montanha, á borda do rio, que desemboca nesta bahia, circumdou-se de uma tranqueira de traves grossas, pregadas, e unidas umas ás outras, e travadas com ramos grossos, com baluartes da mesma materia, coberto tudo com as velas do navio, e para defensão desta fortaleza poseram-se-lhe algumas bombardas pequenas. Não podiamos al fazer, pois se não acha naquelle sitio pedra, de que nos podessemos servir. Fossos e trincheira não havia meio de se fazerem, porque tudo era areia movediça. Desembarcámos os nossos doentes de escorbuto, que eram muitos, e para sua segurança mandaram-se homens sãos com arcabuses, mosquetes, e outras armas, afim de os guardar dia e noite.

Os Hollandezes, como não tinham um só doente, não se quizeram alojar em terra; e somente armaram uma tenda a cem passos da nossa fortaleza, com duas pequenas bombardas montadas para sua defensão, e dalli enviavam a sua gente a calafetar e espalmar o navio, o que fizeram com toda a diligencia; e de dia andavam em terra, e conviviam commosco.

Depois de estarmos todos agasalhados na fortaleza, por segurança dos doentes, e mesmo dos sãos, mandámos dous arcabuseiros pela terra dentro a reconhecel-a, os quaes tendo entrado um pouco pelo interior da ilha, avistaram gente da terra que com medo fugia delles; com tudo áfim de os não espantar, não quizeram seguil-os mais avante, e se recolheram na forma da ordem do nosso capitão-mór. Os naturaes tendo assim sabido que eram chegados navios ao porto, e que havia na terra gente estrangeira, vieram em numero de quinze a vinte, armados e enfeitados a seu modo, trazendo somente uma vacca e um carneiro. Sua tenção era reconhecer-nos, e palpar se trataríamos com elles livremente e com franqueza, para depois tomarem resolução sobre se viriam commerciar

comnosco, ou não. Tendo-se pois approximado de nós, estiveram por algum tempo a fazer-nos signaes, porque nem nós entendiamos a sua lingua, nem elles a nossa ; e depois retiraram-se com os dous animaes sem querer trocal-os, com quanto nós lhe houvessemos mostrado muitas cousas, de que elles pareciam gostar. Mas (tendo, como é de presumir, reconhecido que nós eramos gente de boa fé, e que não usavamos de violencia, pois não lhe haviamos feito offensa , nem os haviamos perseguido) volveram pouco depois , e nos deram a sua vacca e carneiro , e nós demos-lhes tambem pequenas facas , tisouras, e cousas semelhantes , de que elles faziam estimação. Dest'arte travámos amisade uns com os outros , de tal sorte que em quanto alli nos detivémos , de quatro em quatro dias sem falta elles vinham com muitas cabeças de gado, aves, leite, mel, fructas, e entre outras, *patecas*, que são do tamanho de aboboras, mui saborosas, e refrescantes (a). Tudo isto davam a troco de pequenos instrumentos de ferro, e bagatellas de Flandres, e França de tão pouco valor que é admiração ; de sorte que por dous tentos, ou por uma colher de cobre ou estanho tinhamos uma vacca, ou um touro, ou tres ovelhas, ou carneiros inteiros, porque elles não tem nem bois, nem carneiros castrados.

Um dia porem aconteceo que o piloto do navio hollandez, que tinha o seu apito de prata ao pescoço, entrou por meio destes naturaes quando se mercadejava com elles. Attentaram tanto para o apito, e enlevaram-se tanto nelle, que sem se importarem com nossas mercadorias, nem que ficassemos descontentes, não quizeram dar mais cabeça alguma de gado a não ser em troca do apito: e assim não houve remedio senão compral-o a seu dono, e entregar-lho a elles, distribuindo tambem em pedaços as cadeias, de que elle estava pendente; e apoz

(a) São *Melancias*.

este foi mister vender todos os outros apitos de nossos navios. Isto nos augmentou o preço dos mantimentos, de maneira que uma vacca ou touro, que de antes nos não podia custar mais que um ou dous soldos, começou a custar o valor de oito ou nove.

Algum tempo depois veio ter comnosco um homem da terra, que antes não era vindo, e nos mostrou um brinco das orelhas feito das cadeias dos apitos, com um bocado de páo cortado em forma redonda; por onde entendemos que elle pedia reales de quarenta soldos (a), porque o pedaço de páo era da mesma forma, diametro, e grossura; mas não lhos quizemos mostrar. Elle conhecia muito bem o dinheiro; o que nos fazia julgar que mais no interior da ilha ha povos mais sabedores e entendidos uns que outros. Note-se que era defeso entre nós a todas as pessoas comprar ou trocar em particular com elles, assim a Hollandezes como a Francezes, afim de que todos os mantimentos e refrescos fossem em commum. O navio hollandez tomava a quarta parte, e pagava nessa proporção; e quanto aos nossos dous navios o ratcio vinha ordenado de S. Maló, a saber, que de tudo quanto se comprasse tivesse o Corbin duas quintas partes, e o Crescente as tres, porque tinha maior numero de gente.

Pensavamos ter arribado a esta ilha para nos refrescar nella commodamente, e curar nossos doentes de escorbuto, e depois calafetar nossos navios, que bem careciam desse remedio. Mas foi pelo contrario, porque os doentes morriam quasi todos, e ninguem cobrava saude; os proprios sãos cahiam enfermos de uma febre ardente com frenesí, de que morriam em dous ou tres dias. Era mal contagioso, de forma que uma boa parte das pessoas principaes d'entre nós, e das que eram de melhores familias, morreram. O numero dos mortos chegou a qua-

(a) Os *reales* era moeda hespanhola de prata, commum em Portugal, e a que ordinariamente servia para o commercio do oriente naquella epocha. O auctor avalia os *reales* na sua moeda franceza de *soldos*.

renta e um nos dous navios, assim de escorbuto, como da febre, e muitos iscados ahi do mal morreram logo depois na viagem. Ahi adoeceo o nosso capitão, e foi morrer ás ilhas de Maldiva, como abaixo diremos. Os doentes da febre, porque se entendia ser doença procedida alli da terra, eram conduzidos aos navios, mesmo porque ahi fazia mais fresco que em terra; e os do escorbuto, molestia que procede do mar, e das fadigas, que ahi se soffrem, eram desembarcados para terra. Enterrámos, ou, para melhor dizer, mettemos debaixo da areia (pois alli não ha *terra*) os nossos mortos em um sitio, a que chamámos o Cemiterio dos Francezes. (a) Era mui difficultoso abrir as covas, e lançar nellas os defunctos, porque tudo é areia movediça que esborôa logo; e por isso lançavamos os corpos nas covas de longe, levando-os suspensos por cordas em páos cumpridos, e estes conduzidos ás costas pelas duas pontas.

Em quanto a mim, em quatorze mezes que durou a viagem de ida, e doze de volta, não enfermei, graças a Deos; mas na India fui bem apalpado de doenças. Aquelle logar he na verdade mui doentio, por ser situado directamente debaixo do tropico de capricornio, d'onde o sol anda mui proximo, e bate quasi a prumo, ao pé de uma alta montanha, coberta de infinito numero de lagartos, que todavia não faziam mal, e ninguem foi por elles offendido. Teriamos ainda sido mais apertados do calor, se não estiveramos proximos de uma grande matta copada á margem do rio, onde os que logravam saude iam passear de dia, e tomar fresco. Alem disso tinhamos a commodidade do mar e do rio para tomar banhos. Era esta matta tão povoada de bugios pequenos, que mais não podia ser. E' mui divertido ver estes animaesinhos folgar, e saltar de arvore em arvore, como cá

(a) O original diz= *Nous enterrasmes, ou pour mieux dire, nous enseblasmes (n'y ayant point de terre là) nos morts &c.* =bonita phrase, que não se pode verter em portuguez com a mesma graça.

fazem os esquilos. Ha tambem um numero maravilhoso de passaros de todas as qualidades, mas os principaes são papagaios, dos quaes ha cinco ou seis diversidades; e é muito aprasivel ouvir as diversas musicas de seus gorgeios. Acham-se tambem aqui fructas desconhecidas, umas boas para comer, e outras não. Não havia alli, e em todos os arredores até longa distancia, senão areia movediça; a agua dos rios é nociva á saude e salgada, porque o mar entra nelles; mas á falta d'outra eramos constrangidos a usar della. O calor era tão forte que muitos dos nossos, com quanto tivessem meias e çapatos, tinham comtudo os pés crestados, o que causava ulceras mui custosas de curar, e lhe impedia o andar. Alem disso uma grande parte não sabendo reger-se, depois de ter jejuado no mar, fartavam-se excessivamente de carnes frescas, e o grande e forte calor fazia a digestão mais difficil. Soffriamos ainda grande incommodo por via das moscas, que de dia nos perseguiam extremamente; e de noute os mosquitos, que picam na carne a verter sangue, e a fazem inchar como cá as abelhas. Ao sol perdem a força, e recolhem-se á sombra dos bosques, ás casas, e logares cobertos, mas de noute espalham-se por toda a parte; e são em tão grande copia, e picam tão vivamente, que é impossivel aguentar sem cobrir as mãos e o rosto, a ponto que para repousar nos era preciso fazer fogo e muito fumo, e deitarmo-nos bem ao pé. Muitos dos nossos doentes mettiam-se em saccos fechados, deixando apenas um pequeno buraco para respirar. Nas ilhas de Maldiva, de que tratarei mais abaixo, onde elles tambem perseguem muito, usam cortinas feitas de proposito, tão bem cosidas, que estes pequenos insectos não podem entrar. Este mal é commum em toda a zona torrida.

A ilha de S. Lourenço é mui grande, porque contem mais de setecentas legoas de circuito, o que posso asseverar pela ter costeado de uma e outra banda, tanto na ida, como na volta. Um dos extremos, ao sul, começa

na altura de 26 gráos; e o outro, ao norte, está debaixo dos 14. E' mui abundante de gado; as ovelhas parem de cada vez tres ou quatro crias, o que conheci por experiencia, porque matámos algumas, que estavam prenhes, e que tinham no ventre aquelle numero. A cauda dos carneiros e ovelhas é grossa e pesada excessivamente, e pesámos uma que tinha vinte e oito arrateis. Os touros, as vaccas, carneiros, e ovelhas são em tanta copia por toda a ilha, que não tem dono, e são de quem primeiro os apanha. Esta grande quantidade procede de que a gente da terra come mui pouco destes animaes, á semelhança de todos os outros povos da India, que não comem carne, e fazem mais uso do peixe, fructas, e lacticinios. Vêm-se alli rebanhos destes animaes até trezentas e quatrocentas cabeças. E uma cousa admiravel vimos destes touros e destas vaccas, e é que sendo aquelle rio tão largo e fundo como o nosso Sena, quando estes animaes queriam passar de um lado a outro, os maiores touros se punham diante, e as vaccas os seguiam, pondo cada uma a cabeça sobre as ancas de um touro, e os vitellos poem a sua sobre as ancas da mãi; e se ha mais vaccas que touros, poem a cabeça sobre as ancas umas das outras, e assim passam o rio. Estes touros e vaccas tem sobre o cachaço uma grande massa de gordura, boa e delicada, e do mesmo gosto que a da cauda dos carneiros. E com tudo estas carnes não são tão saborosas, nem tão saudaveis como as deste paiz. Ha grande numero de macacos e papagaios, de que nós comiamos em tanta fartura, que metiamos ás vezes cincoenta e sessenta juntos a coser n'uma caldeira, e a carne delles é tão boa como a dos pombos grandes (a). Ha tambem quantidade de volateis, como galinhas, perdizes, faisões, e outras especies de aves. Vêm-se ahi grande numero de cameleões,

(a) O auctor visivelmente se refere nesta comparação só aos papagaios, e não os macacos. Se ha com tudo equivoco na phrase, é delle, e não do traductor.

e lagartos grandes, dos quaes ha alguns mais grossos que a coxa de um homem, e morcegos maiores que corvos. No rio, á borda do qual estavamos alojados, ha grande porção de peixe, de que nós pescavamos em muita quantidade. Mas ha tambem muitos crocodilos, e matámos bastantes. E nisso observámos uma cousa admiravel, e foi, que tendo matado um crocodilo ou muitos, e tendo-os aberto, as entranhas cheiravam muito bem, e perfumavam o ar com aroma muito agradavel. Era de noute que nós nos punhamos á espera delles para os apanhar, e de dia tinhamos lançado muitas entranhas de vacca, de ovelha, ou outros animaes á borda do rio sobre a areia, e quando era noute fechada não faltavam a buscar a carniça, e então lhe atiravamos. Quando iam só feridos, e se escapavam, nem por isso deixavamos de sentir toda a noute aquelle mesmo cheiro, como de almiscar. A gente da terra é de côr baça atirando para acobreada, alta, direita, bem disposta, experta, e avisada. Os homens andam nús, e apenas usam um pedaço de panno de algodão para cobrir as partes pudendas; tem os cabellos compridos, e os arranjam em tranças e torcidos. Por armas usam só dardos e frechas, a que chamam *azagayas*, que elles atiram mui destramente. Tem muito medo dos arcabuses, e ao estrondo de um tiro botam a fugir. As mulheres tem um panno, que as cobre desde de cima dos peitos até á cinta, depois outro desde a cinta até ao joelho; a cabeça núa e rapada, sem cabello algum. As suas louçainhas e ornamentos são manilhas de cobre, de estanho, ou de ferro, de que fazem grande estimação. Diz-se que esta ilha foi em outro tempo povoada pelos chinezes por occasião de se perder aqui um de seus navios, e assim ficaram na terra. E na verdade parecem-se muito na cara com os chinezes, salvo na côr, porque os chinezes são brancos, e esta gente baça; mas estam na zona torrida, e andam sempre nús. A ilha é hoje muito povoada, e ha nella muitos reis, que fazem guerra uns aos outros,

Entre os habitantes ha alguns que seguem a religião mahometana, e são circumcisos; outros são pagãos e gentios.

Em quanto estivemos nesta ilha, seis homens nossos, que eram carpinteiros, bombardeiros, e de outros mesteres necessarios aos navios, foram alliciados por um d'entre elles, que era Flamengo, e se achava queixoso contra o mestre do Corbin; e os persuadio a largar os navios, onde só havia trabalho e miseria, e passarem ao interior da terra, onde sem duvida seriam bem acceitos e agasalhados dos reis della; e tanto mais de boamente o acreditaram, quanto elle já havia estado na India. Nesta resolução sairam uma noite dos navios encobertamente, levando comsigo biscouto, a sua roupa, e cada um seu arcabuz provido de munições, na tenção de não tornarem mais. Sendo conhecido pela manhãa este successo, nos deu enfado pela falta que tinhamos de homens, receando tambem que elles espantassem a gente da terra, e fossem azo para nos não trazerem mais mantimentos; e com effeito por esta causa cessaram de vir algum tempo. Mas em fim os fugitivos, obrigados da necessidade voltaram; e o nosso capitão-mór os recebeo, e lhes perdoou pela grande necessidade que delles tinhamos; aliás teriam sido punidos. Disseram-nos elles que andaram sete dias sem achar agua, padecendo fortissima sede, e muito trabalhados do excessivo calor, de sorte que se viram obrigados a beber a sua propria ourina. Quanto ao comer não sentiram falta, por quanto levavam biscouto, e encontravam caça a cada passo, e ás vezes fructas. Avistavam ás vezes ranchos da gente da terra com quantidade de cabeças de gado, mas fugiam delles, e não podiam chegar-lhe ao pé. Diziam elles tambem que haviam encontrado porção de choupanas fabricadas de cannas e matto, nas quaes com tudo só havia redes de pescar feitas de algodão com páo em logar de cortiça, e em vez de chumbo conchas grossas, e busios, e muitas espinhas de peixe. Ás vezes achavam troncos de

arvores grossas cortados, e excavados, onde havia uma pouca de agua da chuva.

Mas, tornando ao fio de minha viagem, padecemos muitas miserias nesta ilha durante tres mezes, que ahi nos demorámos. Nossos navios estavam em piedoso estado; o Crescente todo aberto, e o nosso da mesma sorte da parte da prôa. Aqui fizemos um pé ao nosso mastro de mezena. Os Hollandezes fizeram mastros de muitas peças, e no fim de seis semanas de demora partiram sem haver perdido um só homem. Da nossa parte davamos muita pressa a tudo, mas de momento em momento a nossa gente cahia enferma, e de dia em dia morriam uns apôz outros, o que foi causa de maior detença. Porem depois de termos calafetado nossos navios, foi mister tratar da partida. Para este effeito fez-se provimento de carnes para os dous navios, as quaes não eram boas, nem capazes de se guardarem, mas foi necessario recebel-as. Cortava-se esta carne ainda fresca em fatias mui pequenas e delgadas, e immediatamente se salgava, e se punha a seccar ao sol sobre cordas para isso estendidas por toda a parte; mas a talhada que era mais grossa não seccava, e criava bicho. Todas as carnes destas terras não tomam tão bem o sal como as nossas de cá; e por mais que faziamos sempre se arruinavam, e em todo o caso não são de tão bom gosto. Estando nossos navios de todo prestes, calafetados, de verga d'alto, e depois de termos mettido lenha e agua, embarcado o resto de nossos doentes, e tudo o que havia em terra, foi necessario tratar de fazer de vela. Mas como haviamos perdido a terça parte da nossa gente, e a viagem estava tão atrazada, foi resoluto tomar gente da ilha para nos ajudar, porque estavamos mui debilitados, e os homens eram poucos em comparação da grandeza do Crescente.

Para este effeito o nosso capitão-mór mandou que de manhã cedo se fossem esconder espingardas, pistolas, e espadas em certo logar, entre aquelle por onde esta pobre

gente vinha para nós, e o logar onde elles paravam a commerciar comnosco em seu gado e outras mercadorias; e a poucos e poucos, fez tambem o nosso capitão-mór pôr gente nossa em dous diversos sitios proximos em emboscada, a fim de que quando viessem pelas nove ou dez horas da manhã segundo o costume, e como haviam promettido por signaes na ultima vez, vendo-nos sem armas, e não desconfiando de nada, porque estavam já muito familiares comnosco, fossem facilmente apanhados pelos nossos, assim pelos que deviam correr a pegar nas armas escondidas, como pelos que estavam na emboscada. Isto havia sido disposto assim com tantas cautellas, porque elles não queriam chegar-se a nós quando nos viam armados, e sobre tudo tem medo das armas de fogo; e sem embargo da muita familiaridade, que já tinham comnosco, não deixavam nunca de ter a advertencia, como finos e avisados que são, de attentar sempre mui cuidadosamente para nossas acções, e procedimento. Assim o nosso desenho era dar-lhes uma má despedida, e não melhor agradecimento. Mas Deos não permittio que esta perfidia fosse a effeito. Elles não vieram nesse dia, o que vendo o nosso capitão-mór, mudou de tenção, e deu ordem para ser tudo prestes a partir no seguinte dia. E foi um grande beneficio para nós os que estavamos no Corbin não ter tomado aquelles insulares, porque se os tiveramos comnosco, quando ficámos retidos nas ilhas de Maldiva, como abaixo se verá, ter-nos-hiam matado a todos por ladrões.

A 15 de maio de 1602 levantámos ferro. Mas como havia a bordo muitos doentes, e entre elles o nosso capitão do Corbin, e já tres pessoas eram mortas depois de havermos dado á vela, resolvemos a tomar o rumo das ilhas do Comoro.

CAPITULO IV.

Chegada ás ilhas do Comoro. Detença no porto; refresco muito commodo.

A 23 do mesmo mez avistámos as ilhas do Comoro, que estam a 12 gráos e meio de elevação da banda do sul, entre a ilha de S. Lourenço e a terra firme d'Africa, afastadas quasi setenta legoas de Moçambique. São sinco, em cada uma das quaes ha um rei. Uma, que está no meio das outras quatro, chama-se *Malailli*, e no porto della lançámos ferro. Logo depois de ahi chegarmos, o nosso capitão-mór enviou um batel a terra para a reconhecer, e para ver se se poderia alcançar algum refresco para os enfermos, que não haviam podido cobrar saude na ilha de S. Lourenço, antes pelo contrario além de nos morrerem muitos, ainda os mais sãos haviam enfermado. Tendo pois abordado o batel em terra nesta ilha de Malailli junto de uma aldêa (e viamos grande numero dellas mui perto umas das outras, e mui grandes, cujas casas eram de madeira, cobertas de folhas de palmeira) nossa gente foi mui bem agasalhada dos naturaes, muitos dos quaes os vieram receber com todas as apparencias de amizade; e com effeito lhe trouxeram quantidade de fructas, em compensação das quaes os nossos lhes deram quinquelharias de ferro de pouco valor, tornando a recolher-se aos navios. No seguinte dia foram os nossos novamente tratar com estes insulares, mas com a maior desconfiança e circumspecção, porque receavamos ser enganados como na ilha de Anno-bom. Iam dois bateis; em um delles a fazenda para commerciar, e os que tinham cargo deste negocio, com alguns marinheiros, dos quaes saíam dous em terra á beira-mar, onde os naturaes traziam as suas

mercadorias; o outro batel ficava da parte detraz, bem guarnecido de arcabuzeiros e mosqueteiros, para evitar alguma malfeitoria contra a nossa gente, que estava em terra. Os da ilha tambem tinham suas armas, que são alfanges ou cimitarras, dardos, arcos e flechas. E para tratar com elles não era mister fallar por signaes, como na ilha de S. Lourenço, porque alguns fallavam portuguez. A primeira cousa, que nos perguntaram foi quem nós eramos, e tendo-lhe respondido que eramos Francezes, nos perguntaram se eramos amigos e alliados dos Portuguezes; e como um dos nossos lhe dissesse que sim, replicaram que, se assim fosse, teriamos ido procurar abrigo a Moçambique. Continuavamos a commerciar com elles todos os dias da mesma sorte; e tres ou quatro dias depois nos disseram que nós não haviamos ainda cumprido com nossa obrigação, e que era costume, quando algum navio estrangeiro aportava a estas ilhas, ir cumprimentar com um presente honesto o rei da ilha, que morava dalli a duas legoas pela terra dentro.

O nosso capitão-mór, que estava no batel dos soldados, respondeo que o houvessem por absolto, pois não sabia o costume da terra, nem que el-rei residia nesta ilha; e que no dia seguinte satisfaria ao que lhe diziam. Logo depois tendo vindo o capitão-mór a bordo do Corbin a visitar o nosso capitão, que estava mui enfermo, fez ahi mesmo preparar o presente para o rei, a saber, bellos vasos de vidro dourado da fabrica de Veneza, e algumas roupas de pouco valor; e no dia seguinte foi no batel junto a terra, e ahi tendo vindo a gente da ilha, depois dos cumprimentos de parte a parte, mostraram grande satisfação do presente, e se offereceram a servir de guias aos que houvessem de desembarcar para o levar a el-rei. Mas o nosso capitão-mór, dizendo que ia enviar lá dous dos nossos, pedio tambem dous delles em refens. Então começaram a consultar entre si, e deram depois em resposta que a sua gente não queria entrar nos nossos bateis, porque eram pessoas

que não tinham visto cousa alguma ; mas que sem embargo disso nada deviamos recear, e desembarcassem com toda a segurança, que elles nos davam sua fé e palavra que nos não havia de succeder mal nem incommodo algum. Mas nós haviamos sido uma vez enganados em Anno-bom por demasiada boa fé, e por isso não desejavamos sêl-o segunda vez ; e assim lhe dissemos que nada enviariamos, se elles não entregavam os refens. Porém elles accrescentaram que se ninguem dos nossos queria ir cumprimentar el-rei, nem levar-lhe o presente, que ao menos lho entregassemos a elles, e elles o cumprimentariam da parte do capitão-mór. Este lhe respondeo que a não ir elle, ou algum dos seus, não estava resoluto a enviar o presente, que talvez fosse divertido antes de lá chegar. Isto todavia não interrompeo o trato, e o continuámos como de antes, não afrouxando nas cautellas. Eu não sei porque rasão elles obravam assim, nem se era com boa ou má tenção ; mas sei que não ha nada que fiar nestes reis e povos da India, quer seja procedido de sua religião, quer do genio do paiz ; e não ha differença nesta parte de mouros (a) a gentios. Não guardam fé a ninguem, e só vão atraz da utilidade. Acceitam tudo, venha donde vier ; ora são amigos de uns, ora de outros, e sempre estam dispostos a servir quem mais dá. Os mesmos chinezes participam alguma cousa disto. Donde vem que os Portuguezes por toda a India oriental dão conselho aos povos, com que tem alliança ou familiaridade, e até lhe rogam instantemente que façam e pratiquem toda a sorte de traições e surpresas aos navios francezes, inglezes, e hollandezes, chegando a prometter-lhe recompensa. De sorte que eu me não fiaria de nenhuma destas nações, quer alliada dos Portuguezes, quer não, sem formar d'antes alliança e tratado com ellas ; e mesmo assim bom é não se

(a) *Mouros* chamamos nós os Portuguezes indistinctamente a todos os Mahometanos.

fiar demasiadamente n'ellas, e estar sempre vigilante com discrição.

Ora, tornando ás ilhas do Comoro, os habitantes seguem a religião mahometana, e assim nos diziam á quinta feira que no outro dia era o da sua festa, e por isso não podiam commerciar: que viriam no sabbado: do que me certifiquei depois quando estive na India. Ha alli um mixto de diversas nações, umas da costa de Ethiopia como cafres, e mulatos, e de fóra arabios, e persas; e são muito amigos dos Portuguezes. Agora julgue-se se elles são destituidos de expertesa, conselho, e discrição. Depois na India soube que elles haviam formado o plano de surprehender um navio inglez, que estava surto no seu porto, e foi assim. Tendo-se familiarisado com os Inglezes a ponto de irem e virem livremente uns a terra, e outros ao navio, a maior parte do tempo estavam os da terra a bordo do navio a beber e a comer, até ficarem lá de noute a dormir. Uma noute porém vendo que não desconfiavam delles, quizeram ficar senhores do navio, e com effeito tendo esperado que todos fossem adormecidos, mataram assim doze ou quinze Inglezes, e teriam levado ao cabo a sua empresa, se os outros accordando a tempo, se não defendessem valerosamente, e matassem grande numero destes insulares, salvando-se os outros a nado. Eis o porque não é bom fiar-se a gente nestes povos.

Estando nós neste porto, e continuando o commercio dos fructos sempre na forma do costume, quizeram os nossos marinheiros ir fazer aguada da outra banda da ilha, junto d'outra aldêa differente daquella, com que tinhamos trato, por lhes parecer o logar mui commodo para tomar grande porção de agua. Mas os moradores desta aldêa, que se não haviam importado com a nossa vinda, nem della tiravam proveito algum, quando a nossa gente desembarcou, sairam-lhe armados, e impediram a aguada, dizendo que o não consentiriam, se lha não pagassem a dinheiro de contado, de forma que os marinheiros tiveram de

recolher sem concluir cousa alguma. O que sendo sabido pelo nosso capitão-mór, e não desejando elle usar de violencia, porque tambem não era o melhor meio, attento o pequeno numero da nossa gente, deu dinheiro aos marinheiros para tornarem ao sitio, e pagar a agua aos moradores. Cinco ou seis escudos foram bastantes para nos deixarem tomar quanta agua quizemos.

Estas ilhas são summamente ferteis em fructos, como laranjas azedas mui grandes, laranjas mais pequenas dôces, limões de duas qualidades, côcos, bananas, mel, betle, e arroz, o qual depois de cozido é de côr arroxada. Em todo o tempo que alli estivemos surtos compravamos cada dia tres ou quatro bateis cheios destas cousas por tão pouco valor, que mais não podia ser, isto é por pequenas peças de quinquelharia, e outras bagatellas de Flandres. De carne não ha ahi tanta fartura, e vendiam-na a dinheiro, tão cara, ou mais do que o ella é cá.

E todavia ha na ilha gado em abastança, como bois, vaccas, cabras, e carneiros, que não são semelhantes aos da ilha de S. Lourenço, e ainda que tem tambem cauda grande e larga, não é redonda, parecem-se com os de Berberia. É igualmente abastada de gallinhas, perdizes, rolas, pombos, e outras aves. Segundo o que eu pude saber, não tem estas ilhas outra riqueza, salvo estes fructos, dos quaes carregam barcos, fabricados todos de coqueiro, á moda dos das ilhas de Maldiva, como abaixo direi; e nelles vão leval-os a Moçambique, que dista apenas setenta legoas, e em troca trazem aquillo de que carecem, como algodão, tecidos do mesmo, ouro, marfim, e semelhantes cousas. Os Portuguezes de Moçambique tambem vem alli commerciar. E assim estas ilhas são mui proveitosas a Moçambique, e aos Portuguezes que lá moram, para extrahir mantimentos, porque o territorio adjacente a Moçambique é mui arido, e esteril. E na India vim a saber de todos os que alli haviam estado que se vive lá muito caro.

Ora todos os refrescos, que os nossos compravam, era em nome do nosso capitão-mór, e á custa dos navios; depois repartiam-se os fructos por todos igualmente; e a ninguem era licito commerciar em particular, salvo nos dous ultimos dias, em que o capitão-mór deu licença a todos para comprar cada um por si o que bem lhe aprouvesse. Por ultimo não posso passar em silencio uma cousa bem rara, que aqui observámos, porque indo em um batel a uma legoa de terra, recolhendo para os navios fundeados no porto, vimos apparecer sobre a agua perto de nós um peixe de figura monstruosa. Vimos-lhe somente a cabeça, que parecia de homem, tendo na maxilla uma especie de barbas, que pareciam barbatanas, e a cabeça um pouco comprida adelgaçando em ponta coberta de escamas. Mas quando quizemos chegar mais perto, mergulhou a cabeça para o fundo, e então lhe vimos parte do costado, que era escamoso, e depois desappareceo.

Estivemos surtos no porto destas ilhas por espaço de quinze dias, e não se pode crer quanto esta demora nos foi util e commoda. Todos os nossos enfermos de escorbuto saráram, e os outros tiveram allivio, assim por via dos bons ares, como da boa agua, e dos bons fructos. Pois observei que nesta enfermidadade do escorbuto, que é tão frequente no mar, não ha melhor mesinha, nem mais certa que os limões, e laranjas, e seu succo, de sorte que depois de termos feito grande uso destas fructas, cada um levou ainda provimento para o caso de necessidade. Em fim démos á vela a 7 de junho de 1602. E a 21 do dito mez e anno passámos novamente a linha equinocial para o norte e pólo arctico, na qual nada notei além do que acima disse quando pela primeira vez a passei, salvo comtudo não achamos tantas calmarias nem travados, e não soffrermos os incommodos, que passámos na costa de Guiné.

CAPITULO V.

Lamentavel naufragio do navio chamado o Corvo, em que ia o auctor, nos Bancos das ilhas de Maldiva. Como a gente se salvou n'uma ilha a muito custo, e as miserias, a que se viram reduzidos.

O que já disse dos contratempos da nossa viagem, e dos trabalhos que até aqui passámos, é nada em comparação do que pouco depois succedeo. Contarei agora a maior miseria que se pode imaginar; e tenho por certo que ninguem haverá que, lendo-o, não deplore um desastre tão triste e tão lamentavel, que nos levou á ultima ruina e opprimio de todo. Eis como o caso aconteceo.

No primeiro dia de julho de 1602, estando nós em altura de 5 gráos da linha equinocial da banda do norte, e fazendo mui bom tempo, sem calma nem vento de mais, ao romper do dia percebemos que o Crescente vinha sem o seu batel grande, que desde a illa de S. Lourenço trazia atraz de si, aonde havia sido mui bem seguro, para servir em vez de patacho; por quanto fôra assentado em S. Maló entre o nosso capitão-mór e a companhia dos mercadores fabricar um patacho na primeira terra onde saissemos alem do cabo da Boa-Esperança; e para esse effeito trasiamos toda a qualidade de madeiras proprias, um mastro, e enxarcia, tudo affeiçoado e apparelhado, de sorte que não havia mais que unir as peças. E é cousa bem necessaria para as longas viagens ter um patacho, a fim de poder reconhecer os logares não conhecidos, sair em terra quando a occasião se offerece, e até entrar nos rios, em que um navio grande o não pode fazer, ou não ousa arriscar-se. Noto expressamente a perda do batel grande que servia de patacho, e a falta que nos

fez, por rasão de não haver outro, tanto mais que se o houvera, podéra o Crescente ter salvado a gente do nosso navio. Logo sem detença descobrimos muito ao longe grandes bancos, que circumdavam uma quantidade de ilhetas, entre as quaes avistámos uma pequena vela. Isto foi parte para que fossemos logo a bordo da nossa capitania, e advertissemos ao capitão-mór de que já não viamos o seu batel. Disseram-nos então que na noute passada um grande rolo de mar o havia enchido de agua e partido o cabo, a que estava prezo e amarrado, e mettido no fundo ; o que como já disse, era grande perda, e grande inconveniente. Depois do que o mestre do nosso navio, que era só quem fallava destas cousas (porque o capitão e tenente estavam enfermos, e o nosso piloto, que era inglez, não fallava francez) lhe perguntou que bancos, e que ilhas eram aquellas, que estavam á vista. O capitão-mór e o seu piloto responderam que eram as ilhas chamadas de Diogo Rodrigues, e todavia tinhamos deixado estas ilhas de Rodrigues oitenta legoas atraz de nós para oeste. Levantou-se então grande contenda entre os do Crescente e os nossos sobre a conhecença destes bancos e ilhas ; porque o nosso capitão, piloto, mestre, e contramestre teimavam que eram as ilhas de Maldiva, e que era mister ir com tento ; e o nosso capitão-mór e o seu piloto eram de contrario parecer. Vimos até pequenos barcos, que davam mostras de querer vir a nosso bordo para pilotear, como eu depois soube delles, mas o nosso capitão-mór não esperou, tratando-os assaz indiscretamente de resto. Todo o dia se passou nesta disputa, continuando nós sempre nosso caminho, e indo uns perto dos outros, até que sendo chegada a noute, o nosso navio, como é costume, foi passar a barlavento, para dar as boas noutes ao capitão-mór, e receber delle a ordem do que devia fazer de noute. Então o mestre do nosso navio perguntando se havia passagem aberta, o capitão-mór lhe disse que sim, e que julgava com certeza que as ilhas eram as

de Rodrigues, e não outras, com tudo porque esta paragem lhe era desconhecida, e receiando que houvesse outros bancos e rochedos por dávante, o melhor era quando fosse noute cerrada, pôr a prôa em outro bordo, e correr para leste até á meia noute, e depois da meia noute revirar, e tornar a pôr o navio no primeiro rumo, e correr a leste, para ao romper do dia estar no mesmo logar, em que então estavamos, ou um pouco mais ávante, a fim de não adiantar caminho de noute, e nos não perdermos em logar desconhecido. Chegada a noute cumpriose a determinação do capitão-mór. O nosso capitão, que estava mui enfermo, me encommendou advertir da sua parte ao mestre e contra-mestre que fizessem bem o seu quarto (assim se chama a vigia, que se faz de noute no navio pelos officiaes, cada um por sua vez, como sentinellas), e que elle havia por certo que nós estavamos em um logar bem perigoso á vista das ilhas de Maldiva, sem embargo da opinião do piloto do Crescente. A tenção do nosso capitão-mór era passar ao norte das ilhas de Maldiva, entre a costa da India, e a cabeça das ilhas. Mas pelo contario nós iamos direitos dar em cheio, e ficar emmaranhados no meio dellas. Os pilotos affirmavam que elles tomariam cautella, porque todos aquelles que se mettem a navegar nestes logares, devem receiar, e fugir destes escolhos e bancos perigosos de cem legoas ao longe, se podér ser; aliás só por grande acerto se pode passar por entre estas ilhas sem naufragar.

Mas a desventura nos perseguia de tão perto, que a despeito da previdencia do nosso capitão, que era só quem teria podido remediar a ignorancia dos outros, aconteceo o que ainda não havia acontecido em toda a viagem, isto é, todos nesta noute adormeceram profundamente, mesmo aquelles a quem cumpria velar pelos outros. O mestre e o contra-mestre emborracharam-se; a luz que de ordinario se conserva á pôpa para allumiar a bitacola, apagou-se; e por cima de tudo aquelle que nessa hora

tinha o leme, e lhe competia vigiar pela luz e ampulheta, adormeceo tambem, e com elle o pagem, que o acompanhava, porque é costume o marinheiro, que governa o leme, ter sempre um pagem junto a si. E o peior é que fez virar o navio a leste meia hora, ou talvez tres quartos mais cedo do que devêra. De sorte que estando assim todos a dormir, bateo o navio fortemente, e tocou duas vezes sobre um banco, e quando ao estrondo se levantavam todos sobresaltados, bateo rapidamente pela terceira vez. e encostou-se sobre o banco. Deixo agora ao leitor pensar em que estado poderiam estar todos os do navio, que piedoso espectaculo era o nosso, quantos brados e gemidos se davam, como de pessoas, que se sentem perdidas e naufragadas de noute sobre uma rocha no meio do mar, não tendo a esperar, senão a morte certa! Uns choravam e gritavam com toda a força, outros encommendavam-se a Deos, outros confessavam-se uns aos outros: e em vez de termos um capitão, que nos governasse, e desse alento, tinhamos um que mettia dó, e augmentava a nossa piedade, porque havia mais de um nez que se não levantava da cama; mas o temor da morte o fez saltar logo fora della em camiza, assim mesmo fraco como estava, e commosco se pôz a chorar. Como o navio estava meio tombado, cortámos-lhe os mastros para não tombar mais, e disparámos um tiro de bombarda para advertir o Crescente que se afastasse, receiando que se viesse perder commosco. Mas elle não corria perigo, porque estava muito afastado, e tinha boa vigia. Pensavamos que o navio se ia ao fundo, porque não viamos outra cousa senão grossas vagas passar por cima de nós, e de feito outra çousa não era de esperar, se fora rochedo onde o nosso navio houvera batido. Tres quartos de hora depois, pouco mais ou menos, rompeo a alva, e então vimos ilhas proximas a cinco ou seis legoas de distancia além dos bancos, e o Crescente que caminhava á nossa vista, e mui perto de nós, sem nos poder soccorrer.

O nosso navio estava firme sobre o costado, e tendo encalhado sobre um banco, podia ainda durar assim algum tempo, por quanto o banco era de pedra, e não de areia, porque se o fora, o navio teria tombado de todo, e entranhando-se na areia pereceriamos todos afogados sem remissão. Isto nos deu uma especie de consolação, e alento para tentar salvar as vidas por qualquer meio que fosse, e fazer diligencia por sair em terra, aindaque com tudo isso pouca esperança havia de o alcançar, visto o longo espaço de mar que era necessario atravessar antes de chegar a terra, e ainda depois corriamos risco de nos ser defesa a desembarcação, e de morrer ás mãos dos naturaes.

Foi pois assentado que engenhassemos alguma cousa propria para nos transportar, por quanto não havia esperança de poder tirar a galeota, ou batel. Tomaram-se mastareos, vergas, e certos páos grossos, a que chamam antennas, os quaes vão de um e outro lado do navio, e são proprios para fazer vergas ou mastareos, quando é mister; e porque só servem para provêr ao caso de necessidade, dá-se-lhes o nome de antennas, mas quando dellas se fazem mastareos ou vergas, dá-se-lhe então estes nomes, e se chamam mastareos ou vergas de *beille*, que quer dizer de sobrecellente (a). Ligaram-se pois umas ás outras em forma de uma grande grade, e por cima pregáram-se muitas taboas tiradas do interior do navio; e chama-se esta especie de jangada um *pangayo*. (b)

Era bastante para nos transportar a todos facilmente, e ainda para salvar uma grande quantidade de bagagens

---

(a) Além desta mesma significação, que a palavra *antenna* ainda hoje tem em portuguez, era antigamente usada para significar qualquer verga do navio em actual serviço.

(b) O auctor equivocou-se com a significação da palavra *pangayo*, a qual ainda hoje é usada, mas significa certa especie de embarcação de dous mastros com velas latinas, commum na Africa Oriental e na India, com que se faz frequente commercio entre estas duas regiões.

Quereria o auctor dizer *jangada*? — O original diz — *on apelle cette maniere de claye une* Panguaye. —

e mercadorias. Trabalhámos nesta jangada toda a gente, e com todas as nossas forças desde o romper do dia até ás duas ou tres horas da tarde. Mas todo o nosso trabalho foi perdido, porque foi totalmente impossivel passar para alem dos bancos, e pôr a jangada a nado ; o que nos fazia perder todo o animo e esperança, tanto mais quanto, como já disse, havia pouca apparencia de obtermos o batel, que estava bem mettido no navio de baixo da segunda coberta; e como todos os mastros estavam já cortados, não havia meio de pôr ou prender algum moutão para o alar, alem disso o mar estava tão grosso e encapellado que as ondas passavam por cima de todo o navio em altura de uma lança e mais, e a todos os momentos tinhamos de receber toda esta agua sobre nós. Alem disso estando o mar em tal braveza, que viamos vir com impeto a vaga de mais de duas legoas quebrar-se com estrepito horrivel sobre estes bancos e rochas, o batel não teria resistido a esta furia. Neste comenos avistámos um barco, que vinha das ilhas demandar-nos, como para nos reconhecer, mas não se chegou mais perto do que meia legoa, o que vendo um dos nossos, que nadava bem, pôz-se a nado, e foi lá ter, supplicando com toda a especie de signaes e gritos á gente que nelle vinha, que nos soccorresse e acudisse. Mas elles a nada se moveram, por mais que elle instou, de forma que teve de recolher-se com muito trabalho e perigo. Nós não sabiamos o que julgassemos desta cruesa e barbaridade ; mas eu depois soube que era estreitamente defeso a todos sem excepção chegar-se, ou entrar em algum navio naufragado, salvo por ordem del-Rei, ou sendo officiaes del-Rei, que se achem alli perto, os quaes então podem salvar a gente, e dar promptamente aviso ao rei. Por outra parte não posso aqui deixar de mostrar o meu espanto de que em tal miseria, e desesperança, muitos marinheiros e officiaes de ordem inferior do navio não cessassem de beber e comer, e consumir sobre posse as vitualhas do navio, dizendo a nós

outros que lho estranhavamos, que já agora perdidos estavamos, e que elles por si folgavam mais de morrer naquelle estado, porque assim a morte lhe seria mais suave. Depois praguejavam, e brigavam uns com os outros, e alguns houve que arrombaram as caixas dos que viam occupados em resar, e que não pensavam já nas cousas deste mundo. Diziam ainda aquelles homens que alli já se acabára a dignidade de capitão, o qual agora era tanto como qualquer outro seu companheiro; e que pois a viagem se havia perdido e inutilisado, não tinham já obrigação de lhe obedecer.

Isto certamente me fazia horror; e não ponho duvida em dizer que os navegadores que tal fazem, (e muitos vi assim) deixam em terra sua alma e consciencia, e as não levam para o mar, segundo eu os vejo pouco tementes a Deos, e sobre modo desalmados e insolentes.

Mas tornando a nosso fio; como tudo nos fazia desesperar da vida, tentámos tirar o batel, no que empenhámos todas as nossas forças, como já de manhã haviamos feito depois da jangada.

Tendo finalmente conseguido tirar o batel com o maior trabalho do mundo, cada um trabalhou quanto podia para o calafetar, e pôr em estado de servir, porquanto estava todo aberto e arrombado pelo bater do mar e das ondas. Mas chegou a noute antes de elle estar inteiramente prestes: de sorte que passámos essa noute a bordo do navio nesta miseria e afflição, e com tanto incommodo e perigo, porque o navio estava quasi todo cheio de agua, e as ondas passavam de ordinario por cima de nós, e nos molhavam sem cessar.

No seguinte dia 3 de julho de 1602 de manhã cedo pozemo-nos a nado para passar o batel da outra banda dos bancos, o que fizemos á custa de muito trabalho e risco; e depois de o haver passado, embarcámos todos nelle levando espadas, arcabuzes, e meias lanças. Assim apercebidos fomos em demanda das ilhas, mas o nosso ba-

tel, que era muito ruim, e ia muito carregado, fazia muita agua; e alem disso esteve cinco ou seis vezes em risco de ser virado pelo vento e pelas ôndas, que eram de extraordinaria violencia. Em fim depois de muitos sustos, e assaz de fadiga, aportámos com muito trabalho a uma daquellas ilhas, que se chama *Puladú*.

Quando aportámos á praia, os habitantes que nos esperavam, não consentiram de forma alguma que saissemos em terra, sem que primeiramente nos desarmassem. De sorte que tendo-nos rendido á discrição destes insulares, nos deixaram em fim desembarcar, depois vararam em terra o nosso batel, tiraram-lhe o leme, mastros, e mais apparelho, enviando tudo a outras ilhas visinhas, para onde igualmente fizeram remover todos os moradores desta ilha sem ficar nella um só. Por este começo conheci que elles eram homens expertos e avisados, porquanto como a ilha é pequena, e não tem uma legoa de circuito, e não eram ao todo senão vinte ou vinte e cinco habitantes, receiavam que desembarcando nós armados em maior numero que elles, podessemos ficar senhores da ilha, e tomar posse de seus barcos, o que nos teria sido mui facil, se souberamos sua fraqueza: mas, como disse, preveniram-se a tempo.

Tendo nós desembarcado, fomos todos juntamente levados a uma choupana no meio da ilha, onde nos deram algumas fructas, côcos, e limões. Alli veio o senhor da ilha, chamado *Ibrahim*, e *Puladú Quilague*, que parecia mui idoso, e sabia algumas palavras da lingua portugueza, por meio da qual elle nos interrogava sobre diversas cousas. Apoz isso a sua gente nos apalpou, e tirou quanto levavamos, dizendo que tudo pertencia ao seu rei depois que algum navio alli se faz em pedaços e naufraga. Este regedor da ilha era senhor de grande estado, e como eu depois soube, proximo parente do rei christão das ilhas de Maldiva, que está em Goa. Vendo elle que nós levavamos uma peça de escarlata, perguntou-

nos o que isso era. Respondemos que a haviamos trasido para offerecer a el-rei, e com quanto tudo o que havia no navio fosse seu, comtudo a traziamos alli para lha appresentar intacta, receiando a corrompesse o mar, ou se arruinasse de todo. Logo que ouviram que era endereçada a el-rei, não houve um só daquelles habitantes, que se mechesse para a tomar, ou tocar-lhe, e nem ainda fitar nella os olhos.

Foi com tudo concertado entre nós que se lhe cortasse um pedaço do tamanho de duas ou tres varas, e se fizesse um presente a este senhor da ilha, na esperança de recebermos melhor tratamento. Elle acceitou, e nos agradeceo com muitos carinhos, mas nos fez prometter de o não dizermos a ninguem, porque aliás melhor lhe fora morrer, que ter acceitado esta dadiva. Logo depois ouvindo dizer que eram chegados officiaes del-rei, mudou de conselho, e nol-a restituio, pedindo que nem ainda dissessemos que elle lhe havia posto mão. Mas todavia el-rei o veio a saber no fim de seis mezes, e ficou tão anojado contra elle, que o houvera chamado á sua presença e castigado, se não estivera no ultimo termo da vida por rasão da doença de que logo veio a morrer, sendo de idade de setenta e cinco annos.

Tendo pois nós estado nesta choupana por espaço de um dia, pegaram no mestre do nosso navio com dous marinheiros, e os levaram ante el-rei a quarenta legoas dalli, em outra ilha chamada *Malé*, que é a capital de todas, e onde el-rei mora. O mestre do nosso navio levou comsigo a peça de escarlata, que elle apresentou a el-rei, de quem foi mui bem agasalhado, e aposentado no interior dos paços, o que o rei fazia não tanto pelo favorecer e honrar, como para segurar sua pessoa por ser de natureza mui desconfiado, como eu depois conheci.

Mandou logo el-rei um seu cunhado com muitos soldados em barcos ao nosso navio encalhado, a tirar tudo o que ser podesse. Este cunhado era irmão da rainha

principal, chamava-se *Ranabandery Tucurú* em sua dignidade, e *Mohamed* de seu proprio nome. Sendo chegado á ilha de Puladú, onde nós estavamos, fomos mais bem tratados por occasião de sua chegada, e levaram-nos muitas vezes em seus barcos ao navio para os ajudarmos a tirar a fazenda delle, fato, e todo o seu apparelho. Mofavam dos alvitres que nós lhe davamos, porque tinham outros melhores. Assim para ir ao navio por cima do banco, por quanto, como já disse, era impossivel que os barcos e bateis o atravessassem, lançaram um cabo, que por uma ponta estava preso ao navio, e pela outra estava amarrado a um grande rochedo sobre o banco; e dest'arte segurando-se a este cabo com uma das mãos, podia-se ir e vir por cima do banco ao navio sem algum perigo, porque a vaga passava somente por cima da cabeça, e não podia derrubar nem levar a gente. Tinham alem disso uma mui boa invenção para tirar facilmente as bombardas e outras cousas pesadas, ainda que estivessem bem no fundo, como em seu logar direi. Desta forma elles em alguns dias despejaram a fazenda de nosso navio, e a levaram a el-rei; mas antes disso o cunhado, a quem este negocio fora commettido, nos separou uns dos outros, dividio alguns pelas ilhas circumvisinhas (ficando todavia o maior numero em Puladú, que é a ilha, onde primeiramente havia mos saido em terra); e quando se recolheo levou comsigo o nosso capitão, apesar de gravemente enfermo, e mais cinco ou seis dos nossos.

O capitão foi levado ante o rei, e por elle recebido com agasalho; e até o rei lhe prometteo de lhe esquipar uma barca para o levar ao Achem na ilha de Sumatra, aonde o nosso capitão-mór se havia encaminhado. E eu não sei se elle teria em fim cumprido sua palavra; mas o nosso capitão morreo na ilha de Malé, côrte del-rei, seis ou sete semanas depois. De todas as vezes que vinham ao navio, traziam sempre algum dos nossos, como está dito. O cunhado del-rei na separação, que fez dos meus

companheiros, me tirou de Puladú, e com dous delles me leveu a uma ilheta chamada Paindué, distante de Puladú apenas uma legoa, onde não havia mais moradores que nesta. Ahi os meus dous companheiros e eu fomos a principio mui bem acolhidos, e tivemos mantimento em abastança, por respeito deste senhor, que alli nos levava.

CAPITULO VI.

Do que aconteceo á gente, que se salvou do navio chamado Corvo, e das adversidades, que padeceram.

Tenho contado por miudo o melhor que me ha sido possivel a desaventura de nosso naufragio, com as circumstancias de nossas miserias, até ao ponto, em que, tendo saido em terra, parecia estarmos livres dos perigos do mar. Mas o que ora vou contar não é menos digno de lastima. A continuação do mal mata em fim o doente. E os que haviam sido salvos das ondas e das vagas, não encontraram allivio algum em terra. Nós eramos quarenta e tantas pessoas, eis o que nos succedeo.

Ainda quando estavamos no navio, e discorriamos sobre o modo de nos salvar do perigo, foi accordado entre nós fazer a diligencia por tirar todo o dinheiro, que nelle havia, e toda a fazenda mais preciosa, a fim de que levando-a comnosco mostrassemos assim que eramos mercadores honestos, e não piratas e ladrões; e por esta razão recebessemos um tratamento mais favoravel.

Era este o parecer do nosso capitão. Mas nada podémos haver, porquanto tudo estava nos paióes (que são certos repartimentos bem fechados, onde se mettem as fazendas

e mantimentos) e no fundo do navio, aonde entrava tanto mar, que o mais que nós podiamos fazer era conservar-nos da parte de fora sobre o costado. Ficou pois o dinheiro no navio com toda a mais fazenda; e á falta delle, tomámos algum pouco, que havia em outros logares do navio, que montava a quinhentos escudos pouco mais ou menos, e aquelle que os particulares levavam em seus cofres, que chegaria a outros quinhentos escudos. Mettemol-o cuidadosamente em cintos de panno, que muitos dos nossos tinham, posto que não todos; e não com o intento de o offerecer a el-rei, como teriamos de fazer, se poderamos ter tirado todo o mais, mas para remir as necessidades de todos. Todavia parece pelo resultado, que este dinheiro foi pelo contrario occasião de maior desgraça; e os que o possuiam vieram a ser os mais miseraveis. A primeira noute que passámos na ilha de Puladú, enterramos este dinheiro com temor de que nol-o tirassem, e resolutos a não o desenterrar senão em algum aperto, e quando fosse em beneficio de todos. Mas em fim quando os nossos companheiros, que haviam ficado em Puladú, viram que lhe não davam de comer, e que morriam de fome, não tiveram outro remedio senão desenterral-o, e offerecel-o em troco de mantimentos, como de feito lhos deram por elle. O mal estava em que a menor moeda, que havia, era a moeda espanhola do valor de vinte soldos, e aquella gente vendo a ignorancia dos nossos, nunca davam demasia, de forma que por uma cousa, que valia dous reaes, era mister dar uma destas moedas, e assim nem cinco ou seis bastavam ás vezes para o sustento de um dia a uma pessoa. Se os nossos houvessem tido a advertencia de fazer como fazem nestas ilhas, onde todo o dinheiro de qualquer cunho e qualidade é recebido com tanto que seja de boa lei, e o cortam em pequenos pedaços, os quaes vão gastando a pezo á proporção que o hão mister; então o seu dinheiro lhes teria durado mais. Mas, como já disse, a mais pequena cousa custava uma destas

mocdas; de sorte que o dinheiro se acabou logo á maior parte dos que o tinham, e a esses não quiz depois a gente da terra dar mais cousa alguma sem dinheiro, o que os fez padecer toda a sorte de miserias. Os outros que haviam tido maior quinhão de dinheiro (porque a proporção não era igual, e era para o uso de todos em commum que elle havia sido repartido) escondiam-se cautelosamente de seus companheiros, e não lhes acudiam com cousa alguma. Isto foi causa de muitos morrerem de fome, não achando adjutorio algum não só na gente da terra, mas nem ainda em seus companheiros, o que era totalmente deploravel. Por outra parte aquelles que tinham dinheiro, e que por este meio podiam resgatar alguns mantimentos, fartavam-se sem discrição, e excessivamente, e isto, n'uma terra, onde o ar é insalubre a todos os estrangeiros, ainda que sejam do mesmo clima, os fazia cair enfermos, e morrer uns apéz outros. E o peior era que em vez de receberem amparo e consolação dos seus, aquelles que não tinham dinheiro, e estavam em grande necessidade, vinham roubal-os, e lhe tiravam o dinheiro antes de serem fallecidos. Se algum lhe achavam depois de mortos, os sãos que restavam, pelejavam uns com os outros para o haverem; e brigavam dous contra dous, e finalmente um companheiro contra o outro com tão pouca caridade, que viam morrer seus matalotes e naturaes, sem de forma alguma quererem dar-lhes ajuda nem soccorro. Nunca vi cousa tão miseravel e tão digna de compaixão.

Quanto a mim, como já acima disse, fui levado pelo cunhado del-rei á ilha de Paindué com mais dous companheiros. Nós não tinhamos daquelles cintos de dinheiro, nem cousa alguma de valor. Isto nos magoava muito, mas depois conhecemos que nos fora para bem. Os outros, que tinham dinheiro, foram por algum tempo mais bem tratados, mas depois experimentaram maiores adversidades. Ao principio os moradores da ilha de Paindué nos davam alguma cousa para viver, posto que mesquinhamente; mas

quando viram que os nossos companheiros, que estavam nas outras ilhas, possuiam tanto dinheiro, e o gastavam com mão tão larga, resolveram não nos dar mais cousa alguma para viver, tomados de que a nossa vinda lhes não desse proveito, como davaás outras ilhas. Quizeram experimentar se pelo extremo da fome nos levariam a dar-lhe o que julgavam que nós tinhamos occulto: indo até em barcos á ilha de Puladú vender a nossos companheiros gallinhas, peixe, fructas, e outros provimentos, e isto ás escondidas, porque é estreitamente defeso vender cousa alguma aos estrangeiros, que se salvam dos navios perdidos, nem receber delles dinheiro ou fazenda alguma, o que tudo pertence a el-rei, depois que o navio dá á costa, todavia podem acudir com vitualhas, e exercer todos os actos de humanidade, que lhes bem parecer. E de feito passado algum tempo fez-se uma exacta averiguação daquelles que o haviam recebido, como abaixo, direi. Ora, por meio deste conluio, e da má resolução, que estes insulares haviam tramado contra nós, que era de nos não dar cousa alguma, eu, e os meus dous companheiros ficámos reduzidos á maior miseria, que se pode contar. Tudo o que nós podiamos fazer era procurar algum marisco na areia para comer, e ás vezes por acaso algum peixe morto, que o mar lançava na praia, e depois o cosiamos com toda a qualidade de ervas, que nós não conheciamos, juntando-lhe para lhe dar sal, uma pouca de agua do mar, e se pela ventura podiamos apanhar algum limão, tambem lho juntavamos. Passavam-se dias, que não encontravamos cousa alguma; e por muito tempo estivemos nesta extremidade, até que reconhecendo a gente da terra que nós não tinhamos dinheiro, e tendo, como é de suppôr, alguma especie de compaixão, começaram a ser para nós um pouco menos féros e menos barbaros; quando até ahi a maior parte delles, todas as mulheres e crianças se escondiam, e fugiam de nós como de monstros, nem nos consentiam ir a suas aldêas e casas; servindo-lhe até de papão, com

que mettiam medo ás crianças. Em fim tendo nós conhecido que elles se tornavam de dia em dia menos ariscos para comnosco, e muito mais trataveis, começámos a chegar-nos a elles, e a offerecer-nos a todo o serviço, que de nós quizessem; o que elles acceitaram. A mim levavam-me muitas vezes em seus barcos ao mar, e ás outras ilhas visinhas para os ajudar a colher côcos, e a pescar, e algumas vezes me empregavam em outros serviços em terra, em recompensa do que me davam parte do seu peixe quando eu ia pescar, e pelos outros serviços côcos, arroz, milho, e mel. Os meus companheiros por sua parte faziam todo o possivel por ganhar semelhantemente alguma cousa, e depois punhamos tudo em commum, e disso viviamos. Só a mim porem levavam a pescar, não sei porque razão. E estavamos redusidos a este estado, que por algum peixe e côcos exerciamos todos os mesteres os mais vis e despresiveis, que se podem nomear, e os trabalhos mais penosos; em somma, para o dizer n'uma palavra, aquelles mesmos que seus escravos não queriam, ou não podiam fazer. Tadavia o faziamos sem violencia nem constrangimento, antes nós mesmos nos íamos offerecer, e requerer-lhes que nos occupassem, aliás morreriamos de fome, porque se não trabalhavamos, não nos davam cousa alguma; e ainda assim mesmo era tão pouco, que mesquinhamente nos podiamos sostter e alimentar, tanto mais quanto elles nunca pescam senão em tempo bom e sereno, por rasão das suas velas, que são de fios de côco, que elles não querem estragar, e outrosim pela chuva, de que elles se temem muito por andarem nús, principalmente neste exercicio; de maneira que tendo pescado um dia, não voltam a pescar senão passados outo ou mais dias. Eis o que nos succedia em quanto a mantimento. No que toca ao aposento, recolhiamos-nos de dia durante a chuva, e de noute a dormir debaixo de uma ramada, que estava á borda do mar, e havia sido fabricada pouco antes para se construir ahi um barco. Ficavamos pois bem cobertos por cima, mas era aberta

por todos os lados. E como é tambem no inverno daquellas partes durante os mezes de julho e agosto que as chuvas são mui continuadas e molestas, pensai que incommodo padeceriamos por rasão do vento, da chuva, e ás vezes das grandes vagas do mar, donde a ramada era apenas afastada a distancia de dez passos. Estes grandes e excessivos incommodos foram causa de os meus dous companheiros cairem doentes, mas eu, graças a Deos, que havia escapado de doença em toda a viagem no mar, tambem aqui resisti por muito tempo.

Em quanto eu assim trabalhava por ganhar a vida, esforçava-me por metter na cabeça, e aprender a lingua da terra o melhor que podia, o que todos os meus companheiros despresavam, dizendo que não haviam mister aprender a lingua particular a estas ilhas, e que esperavam ser enviados a Sumatra a encontrar o capitão-mór, como el-rei tinha promettido ao nosso capitão, e como a gente das ilhas nos dizia. Eu por mim não lhe perdia a esperança, mas o receio de que isso não succedesse, me fazia resolver a tudo. Accresce que vendo o trabalho, em que todos estavamos, tentei aprender a lingua para me servir della quando fosse necessario; o que grandemente me aproveitou. E estando neste desenho, offereceo-se-me occasião de eu saber esta lingua mais breve e facilmente ; por quanto o senhor da ilha de Paindué onde os tres estavamos, chamado Aly Pandio Atacurú, o qual era mui nobre e parente delrei por sua mulher, vendo que eu me esforçava por aprender a sua lingua, me estimou por isso mais, e me tomou affeição. E na verdade eu applicava toda a minha diligencia em ser serviçal, e agradavel para com elle, e sua mulher, e para com toda a gente da ilha, obedecendo-lhe em tudo e por tudo. Elle era mui attencioso e cortez, e ao mesmo tempo sabedor e curioso, e até bom piloto. Tendo em seu poder as agulhas e cartas maritimas do nosso navio, pedia-me muitas vezes explicações sobre ellas, porque as que elles tem são de outro modo. Em somma de ordinario

elle folgava que eu estivesse em sua companhia para praticar, e responder a tudo quanto elle me perguntava de nossos usos e costumes. Esta conversação ordinaria junta ao meu trabalho me fez mui brevemente aprender muito da lingua da terra; o que tornou este senhor cada vez mais benevolo para comigo, e foi causa de eu começar a ser menos miseravel que de antes, recebendo muitas vezes por sua liberalidade mais abundante mantimento.

Mas tornando a nossos companheiros que estavam na ilha de Puladú, foram elles em fim mais maltratados que nós depois que se lhes acabou o dinheiro, e padeceram tanta mais fome quanto eram em maior numero. O senhor da nossa ilha de Paindué ía muitas vezes á de Puladú a visitar o senhor della, que era seu parente. Um dia depois de eu ter travado com elle conhecimento, levou-me comsigo, afim de me dar o contentamento de ver meus companheiros; e então vi, e soube o piedoso estado, a que eram chegados, e as miserias e afflicções que soffriam, como já tenho referido; e estando todos juntos, buscámos na praia alguma cousa para comer, porque elles morriam de fome, e faziam agora como nós a principio haviamos feito em Païndué. Achámos uma tartaruga muito grande, porque o mar das Indias as cria de prodigioso tamanho, a qual estava virada de costas; e tinha quinhentos ou seiscentos ovos, cada um tamanho como meio ovo de gallinha. Folgámos muito deste achado, cortámol-a em pedaços, pusemol-a a coser n'uma caldeira, que elles nos emprestaram, com agua doce, e comemol-a. A carne era extremamente gorda, gostosa, e semelhante á de vitella; os ovos mui bons; mas depois tivemos tão forte indigestão, que cuidámos morrer, e eu mais que todos. Julgo que a causa disto foi que estando famintos, e não tendo mais que comer, todos comemos despropositadamente. Não tivemos alem disso a advertencia de a fazer coser em agua do mar, para a salgar e temperar; pois, como eu depois soube nas ilhas de Maldiva no tempo, que nellas residi, o peixe cosido em

agua do mar é muito mais saudavel, e não faz tanto damno; e ainda se pode guardar longo tempo, quando é secco logo depois; por isso a gente da terra o faz sempre coser em agua do mar. Conheci pois a extraordinaria miseria, a que meus companheiros estavam redusidos por rasão da fome, e das doenças, que entre elles havia, sem todavia acudirem uns aos outros. Passei a noute nesta ilha, e no seguinte dia o senhor de Paindué recolheo-se levando-me comsigo; e depois tornando outra vez, trouxe-me novamente em sua companhia.

Neste meio tempo os emissarios del-rei vinham de dias a dias para tirar ainda do nosso navio tudo quanto podiam, principalmente o chumbo de que era forrado, que elles estimam muito naquelle paiz, e até os pregos, e madeira que podiam obter. Assim indo e vindo levavam sempre comsigo algum dos nossos, que folgavam muito de lá ir, e aquelles que ainda tinham dinheiro o davam para isso. Diziam-nos que el-rei havia de dar uma embarcação ao nosso capitão, e que quando ella fosse prestes, nos levaria a todos. Atraz desta esperança todos os nossos íam morrendo uns apóz outros. O nosso capitão, o primeiro commissario, o contra-mestre, e outros muitos eram já mortos. O mestre havia sido o primeiro em cumprimentar el-rei; mas quiz voltar ao navio a buscar vestuario, o que elles permittiam livremente, tanto mais que para nada lhe servia, e não era cousa do seu uso.

Quando pois o mestre vio que ninguem curava de nos vir buscar, nem de nos mandar a nosso destino, e que o capitão era morto, fez uma tentativa para se escapar, a qual elle tramou em secreto por longo tempo, ás occultas até de alguns dos nossos, aos quaes se não queria descobrir.

A segunda vez que eu o fui ver, communicou-me o seu desenho, e me manifestou seu sentimento por eu não poder juntar-me a elle; mas não havia meio. Eu disse-lhe que não julgava que o seu plano podesse ir ávante, tanto mais que a gente das ilhas desconfiava excessivamente

de nós, e principalmente dos que estavam em Puladú onde por razão dessa desconfiança elles não deixavam bateis nem barcos. Alem disso os ministros del-rei haviam posto soldados, assim para nos guardar, como para descobrir as pessoas das ilhas, que recebessem dinheiro dos nossos, para depois lho fazer repôr. Com tudo o mestre dirigio tão destramente a sua empreza, que em fim surprehendeo o barco do senhor de Paindué, que havia ido a Puladú visitar o seu parente, como já disse na occasião, em que me levou lá duas vezes. Tinha o mestre espreitado tão bem a occasião, que logrou o seu intento á hora do meio dia, quando os moradores da ilha estavam bem longe de tal pensar.

E tendo provido o barco de agua doce e de côcos, de que antes se havia apercebido, e secretamente escondido no matto, embarcou com mais onze companheiros, deixando ainda oito dos nossos, a saber, quatro doentes, e quatro sãos, ás occultas dos quaes deu á vela.

A gente da ilha deu logo pelo caso, mas não tinham outros bateis para ir apôz elles; e somente vieram em uma jangada, a que chamam *Canduepatis*, e de que em seu logar fallarei, dar aviso aos da nossa ilha, de sorte que os fugitivos tiveram assaz de tempo para sair dos bancos antes de a gente das ilhas achar bateis; e já aquelles estavam mui afastados, e fora de vista e de perigo, quando estes se embarcaram para correr apôz elles. Os fugitivos lograram sim o seu intento, mas isso foi causa de que para os oito que ficavam se redobrasse a miseria, porque os soldados descarregaram sobre elles por vingança todos os rigores que se podiam imaginar. Os sãos amarraram-nos, e espancaram-nos sem dó, e em fim tiraram-lhes todo quanto dinheiro e mantimentos haviam; depois accommeteram os doentes, e obrigaram os sãos a leval-os á praia tão perto do mar, que quando vinha a maré, molhava-lhe as pernas; e alem disso estavam expostos ás injurias do ar, ao sol, e á chuva, que era mui frequente nesta es-

tação. Chegaram a tanto os seus rigores que nem consentiam que os que tinham saude levassem aos doentes agua doce para beber; pois outra cousa lhes não podiam levar, pela não terem para si. E dest'arte os pobres doentes morreram á pura fome, e foram depois lançados ao mar, como faziam a todos os nossos que morriam, não querendo até permittir aos vivos que enterrassem seus companheiros mortos. O que todavia era sem o saber el-rei, o qual mandou sepultar alguns na praia, principalmente os que morreram na ilha onde elle estava.

Mas tornando á ilha de Puladú, os que ahi ficaram me disseram que aquelles pobres doentes se revolviam a grande custo pela terra, e se deitavam de bruços para comer a erva, que lhe ficava por baixo, de sorte que continuadamente lhe achavam erva na bocca. O tenente do nosso navio, de uma boa familia de S. Maló, morreo na forma sobredita.

Dos que ficaram sãos houve um que sendo obrigado da necessidade a subir de noute a um coqueiro para lhe apanhar o fructo, cahio do mais alto da arvore, e morreo, tendo já de antes muitas vezes subido sem inconveniente. Os outros companheiros padeceram muito, e chegaram a comer ratos, quando os podiam haver.

Nós os que estavamos na ilha de Paindué, pouco ou nenhum mal soffremos pela fuga de nossos companheiros, salvo o susto; e de feito os moradores da ilha se ajuntaram armados de páos (porque outras armas não são permittidas senão aos quadrilheiros, quando andam em serviço del-rei), e vieram procurar-nos á ramada onde estavamos na praia. Ahi nos injuriaram. e ameaçaram, e ainda nos deram algumas pancadas; mas como nunca nos tinham visto dinheiro, não passaram a mais, e nos trataram mais brandamente, e com menos rigor que aos de Puladú. Se bem que o senhor da ilha, que era homem mui benigno, o impedia, e me mostrava affeição, assim como sua mulher, e os homens graves da ilha.

CAPITULO VII.

Chegada de um magnata da parte del-rei á ilha de Paindué, o qual por fim leva comsigo o auctor.

O que acima tenho referido é o estado, a que chegámos nos primeiros tres mezes e meio depois do nosso naufragio. Passado esse tempo veio um chamado *Assan Caunas Calogue*, grande senhor, da parte del-rei. Não era o primeiro que este ahi enviára, pois dantes viera um cunhado seu; mas como eu depois soube, tendo por noticia el-rei que o cunhado não havia guardado as suas determinações, e havia retido alguma cousa do navio em seu proveito particular, ficou tão agastado, que lhe deu uma bofetada, e desde então o não tornou a enviar lá. Mas agora enviou em seu logar um dos maiores senhores, e dos mais chegados a sua pessoa, com quem communicava seus conselhos, e os negocios mais importantes, e de quem se fiava mais que de algum outro. O fim para que elle vinha era para pela ultima vez ir ao nosso navio, e acabar de extrahir delle, e levar tudo quanto ser podesse, entrando algumas bombardas de ferro, que nelle haviam ficado, e um resto de chumbo e ferro; e outrosim para dar varejo no dinheiro, que a gente das ilhas tinha havido de nós. Vinha elle accompanhado de outro senhor chamado *Ocem Rannamandy Calogue*, que governa em todos os navios, barcos, bateis, mestres de navios, e marinheiros, mas não na gente de guerra, em somma governa nos negocios da marinha, e ao nosso modo lhe poderemos chamar Vedor, ou intendente das galés e navios d'el-rei, e não almirante. A'sua chegada foi recebido como é costume receberem-se

as pessoas, e officiaes del-rei de alta qualidade, que vão de sua parte; e as ceremonias do recebimento segundo eu vi, são estas que se seguem.

Ainda ao largo o barco ou batel, que elles chamam *Ody*, onde vem o tal senhor, faz signal com uma bandeira vermelha, amaina as velas, e lança ferro a um tiro de arcabuz distante da ilha. Então o senhor ou regedor do logar manda reconhecer quem é, e depois de certificar-se, dá ordem a seu recebimento, e vai esperal-o acompanhado do maior numero de gente e barcos que pode, e deixa somente o *Catiba* ou sacerdote com quatro ou cinco *Musculitas*, ou homens graves da ilha. Carregam estes barcos, uns de côcos, outros de bananas, de betle, e mais fructos, de que a ilha abunda, em cabazes e cestos brancos de folhas de coqueiro, que são fabricados de proposito, e que não servem mais que esta só vez, e assim usam sempre; porque estas folhas são tão communs, e aquella gente tão propria e déstra para fazer estes cabazes, que se não servem delles nunca duas vezes; e ainda os fazem de maneira que se lhe não podem tirar de dentro as fructas, e outras cousas, sem os cortar e fazer pedaços, que depois se deitam fora. O senhor da ilha é o primeiro que entra offerecendo o presente, e sauda o recemchegado dizendo *Sallam Alecon*, que é a saudação commum, e abaixando-se lhe toca com a mão direita nos pés, depois levanta-a e a leva á cabeça, como para dar a entender que sua vontade seria pôr a cabeça debaixo de seus pés. Os mais que o acompanham, todos fazem o mesmo, como subditos seus, e levam todos os presentes ás costas, cada dous sobre um páo, no meio do qual vai pendurado o presente. Chamam a esta saudação, e a este presente *Vedon á Ruespú*. Depois disto o senhor da ilha faz a sua arenga, e roga ao outro que sáia em terra, e lhe faça a honra de se aposentar com elle no aposento, que lhe está aparelhado; o que o outro faz, e este o acompanha com os seus. Quando o grande senhor se aproxima da ilha, o *Catiba* e os outros, que nella ficaram, estam na

praia, e vão ao encontro do que chega, mettendo-se no mar até á cintura, e levando cada um sua peça de panno de turbante ou touca no braço esquerdo, a qual é metade seda, e metade algodão, mui bem obrada, e tinta de encarnado, do cumprimento de vara e meia, e tres quartas de largura. Então o Catiba e os seus o saudam a seu modo, e lhe fazem arenga, offertando estes pannos e os outros presentes, que elle recebe cortezmente, e os manda tomar pelos da sua comitiva. Tudo isto feito, quando o tal senhor quer saltar em terra, um dos mais principaes entre os Catibas ou Musculitas, lhe offerece as costas, e o hospede se põe sobre elle ás cavallitas, o que elle recebe por grande honra e favor, e assim é levado para terra, tomando-se muita cautella para que o dito magnata não molhe os pés, o que seria para elles grande deshonra. Depois disto é condusido com grande pompa, acompanhado de toda a gente da ilha, ao aposento preparado para elle e sua comitiva; e chegando ahi, sendo novamente saudado pelo povo, depois de praticarem alli por espaço de uma meia hora pouco mais ou menos, cada um se despede delle, e se retira. Depois lhe appresentam um banho morno, mui bem preparado, e ao sair do banho lhe trazem oleos mui cheirosos para se untar, e esfregar todo o corpo, segundo o costume das Indias. Depois dão-lhe uma bebida, que consiste em vinho de côco do mais delicado e gostoso, que se pode achar, com quantidade de pratos de betle mui bem cortado, afeiçoado, e temperado com todos os ingredientes do estilo, como em seu logar direi. Tendo assim refrescado e repousado, vai ao templo principal, que elles chamam *Ucurù mesquita*, e depois de fazer ahi sua oração, que dura quasi uma hora, volta para o aposento, onde o seu comer lhe é preparado com toda a delicadeza propria do paiz durante o tempo, que elle está na ilha. Todas as casas de gente nobre e rica lhe enviam seus presentes, como manjares delicados, fructas, betle bem preparado, tudo levado por mulheres com a mais cerimonia e apparato que podem. Não que

elle não tenha sempre sua ucharia, e seu tratamento ordinario, e ás vezes não come nem prova nada de tudo isto; mas é costume de todas estas ilhas fazel-o assim.

Sendo pois chegado na maneira sobredita este magnata, e concluidas todas estas cerimonias, cumprio elle primeiramente a sua commissão no que tocava ao navio; e tendo acabado, foi á ilha de Puladú, aonde fez averiguação dos que tinham havido dinheiro do mesmo navio. Para o conseguir fez prender e amarrar todos os habitantes da ilha, não exceptuando as mulheres, e lhes mandou dar pancadas para ver se confessavam alguma cousa. Tambem lhe fazia metter os dedos pollegares entre páos fendidos, que depois se apertavam e ligavam com muita força, porque com esta dôr fossem constrangidos a dizer a verdade. E de feito confessaram, e restituiram parte do dinheiro, mas não todo; porque os agentes del-rei não podiam descobrir ao certo toda a quantia; e como aqui accusaram muita gente das outras ilhas, lá mandaram logo fazer averiguação. N'uma palavra a maior parte daquelles que haviam recebido o nosso dinheiro, foram constrangidos a dar conta delle; e ainda dalli a um e a dous annos se descobria sempre algum daquelles, que o tinham havido, e até então se haviam occultado. Até os proprios soldados, que tinham sido deixados para vigiar este negocio, foram convencidos de ter participado do dinheiro. A gente da ilha de Paindué passou em salvo, porque nós os desculpámos; e por via disso me foram sempre mui affeiçoados, e me mandavam presentes em quanto alli estive; e verificou-se que nada haviam recebido de nós.

Todas estas cousas se fizeram em quinze dias, que o commissario del-rei esteve nas ilhas de Paindué, Puladú, e outras circumvisinhas, ora n'uma, ora n'outra, tratando os negocios de sua commissão. O senhor de Paindué, e o Catiba, com todos os da ilha, que me tinham affeição, me appresentaram a elle, e me recommendaram com empenho. Persuadiam-se elles que eu era algum grande senhor de cá,

e eu não tratava de lhe desfazer esta opinião, vendo que me aproveitava. Aquella recommendação foi causa de que este enviado del-rei me tomasse amisade, para o que foi grande parte ver elle que eu sabia assaz de sua lingua para me explicar, e fazer-me entender um pouco; e que punha cada dia diligencia em a aprender melhor. Experimentei que nada me aproveitou tanto, e grangeou mais a benevolencia dos habitantes, dos senhores, e do proprio rei, que o ter aprendido a sua lingua, porque isto era o motivo de eu ser preferido a meus companheiros, e mais bem quisto do que elles. Dahi veio que em quanto aquelle senhor esteve nestes sitios, quiz sempre que o eu acompanhasse, e estivesse ordinariamente junto a si, ora em seu barco no logar onde estava o navio perdido, ora em diversas ilhas. Levou-me entre outras a uma ilheta, chamada Puladú, na distancia de dez legoas, aonde elle foi a visitar uma de suas mulheres, e tinha grandissimo gosto de me ouvir. Esta affeição era tambem causa de que meus companheiros e eu deixassemos de soffrer penuria, e fossemos melhor tratados por seu respeito. Na vespera do dia que elle se recolheo, perguntou-me se eu o queria acompanhar, e ir a Malé, onde mora el-rei. Respondi-lhe que ha muito tempo o desejava. Tinha eu porem tanto receio de que elle mudasse de parecer, que no dia seguinte o não larguei de modo algum; e estando elle prestes para partir, um dos soldados da sua comitiva o tomou ás costas, segundo é costume da terra, e entrando no mar o levou á sua barca, donde elle me chamou, e me fez tambem entrar. Eu estava com grande contentamento de me ir embora; mas ao mesmo tempo triste por deixar tanto os meus dous companheiros de Paindué, como os de Puladú, de que restavam apenas quatro, que haviam resistido a todas as miserias. Quando me viram partir sem elles, começaram todos a chorar amargamente; o que percebendo aquelle senhor, me perguntou, como a interprete delles, porque choravam; e tendo-lhe eu represen-

tado a causa da sua afflicção, encommendou-me que os consolasse, e lhes dissesse da sua parte que se não affligissem, que el-rei os mandaria buscar brevemente ; que elle pela sua parte muito folgára de lhes dar gosto, mas que o não ousava, nem podia fazer sem mui expressa ordem del-rei. Não lhes deu isto grande consolação, vendo que eu me ía todavia, e elles ficavam ; de sorte que continuavam, ou antes redobravam suas lagrimas e gemidos. O que me affligia, e com tudo eu não ousava dar disso demonstração ; porque já havia conhecido a disposição de animo destes senhores neste particular que é não gostarem de ter junto a si pessoas tristes, melancolicas, ou pensativas, pois dizem que taes pessoas maquinam em seu pensamento alguma traição ou malfeitoria. Por esta rasão quem quizer ser bem acceito entre elles, deve estar folgazão e jovial, rir e cantar, se é possivel, embora não haja motivo nem vontade, e se esteja bem arredado disso. De feito contrafiz-me nesta occasião quanto podia ; mas elle, que era homem de entendimento claro, bem via atravez de meu fingimento a tristeza, que eu levava no coração. Então instou para que lhe dissesse o que me magoava; assim fiz, e lhe confessei sinceramente que alem dos motivos, que em geral me entristeciam por deixar meus companheiros, e vêl-os chorar lastimando a sua condição, e as miserias, que estavam arriscados a soffrer, alem das que já haviam soffrido; eu tinha ainda outro motivo de tristeza mais particular, e era que eu, e um dos meus dous companheiros de Paindué haviamos feito entre nós no dia de nosso embarque em França protesto de uma amisade tão estreita, que mais não era possivel; que eu o havia sempre ajudado e elle a mim mais particularmente que a qualquer outro; e que agora eu não podia occultar que era para mim grande dôr separar-me delle e abandonal-o; que reconhecendo os beneficios com que aquelle senhor cada vez mais me obrigava, isto me dava ousadia para supplicar-lhe nesta occasião se compadecesse de minha afflicção, e me desse ainda o

contentamento de levar este homem, e ter dó dos outros, que houvessem de ficar.

Estas palavras, e alem disso o rosto banhado de lagrimas, que o extremo da tristeza me arrancava contra minha vontade, abalaram este senhor, que eu sempre experimentei ser extremamente benigno e compassivo, e alem disso mui generoso e magnanimo; de sorte que ouso dizer que elle não cedia em engenho e em bom modo aos que nascem em Europa. Elle fallou logo em segredo áquell'outro senhor, ou intendente das galés e navios del-rei, de quem já fallei, e a alguns outros dos principaes que estavam junto d'elle, a este respeito (como me parece); e depois de ter consultado, me disse, que para me dar gosto assim o resolvera, e immediatamente fez embarcar o individuo, que lhe apontei. Em quanto aos cinco, que restaram, deu ordem que fossem separados, e que ficasse um em cada uma das ilhas visinhas, pondo preceito aos regedores e principaes dellas, que eram presentes á sua partida, de os tratar humanamente, terem cuidado que não recebessem algum máo trato, e sustental-os á custa do publico, até receberem ordem del-rei para lhos enviar. Assim eu disse adeos a meus companheiros mais contente que antes, e elles tambem, pedindo-me me lembrasse delles, para não ficarem longo tempo em ilhetas assim separados, e divididos uns dos outros. Isto feito, démos á vela, e singrámos o resto do dia.

CAPITULO VIII.

Chegada do auctor á ilha de Malé, onde cumprimenta a el-rei. São justiçados quatro Francezes, por haverem querido evadir-se. Chegada dos outros companheiros do auctor; e as razões, que impediram el-rei de os enviar a Sumatra.

Sobrevindo a noute fomos surgir a uma ilheta, chamada *Maconnodú*, que era do senhorio do general das galés, e ahi dormimos; porquanto é costume daquella gente não navegar nunca de noute. Ao outro dia pela manhã, á hora de embarcar, me disse o senhor, que me levava, que nós estavamos apenas distantes quinze ou dezaseis legoas de Malé, onde reside el-rei; que elle não ousava levar mais avante o meu companheiro, tanto mais que não sabia se aprazeria a el-rei; e que cumpria deixal-o alli por alguns dias, até o communicar a el-rei, para determinar a sua ida; e que elle certificava que havia de ser alli mui bem tratado, segundo o deixava encommendado. Chegámos em fim a Malé, e tendo saido em terra, elle foi immediatamente cumprimentar el-rei, e dar-lhe conta de sua viagem, ordenando a um de seus homens que me conduzisse á sua habitação. Elle não se esqueceo entre outras cousas de fallar de mim, o que foi parte para que sem a menor detença me mandasse buscar por ordem del-rei. Fui ao paço, e ahi estive á espera quasi tres horas; e pela tarde me fizeram entrar n'um pateo, onde el-rei havia saido a ver tudo quanto se havia trazido nesta ultima viagem ao nosso navio, a saber, bombardas, pelouros, armas, e outras qualidades de petrechos de guerra e marinha; e elle

os mandava recolher n'um armazem, que alli havia. Disseram-me que me aproximasse, e então saudei a el-rei na lingua e ao modo da terra, segundo o que eu havia notado cuidadosamente neste mesmo instante, em que fui admittido, e de que já de antes mui particularmente me havia informado. Ficou el-rei muito agradado disto, e o moveo a perguntar-me para que serviam muitas cousas, que se haviam salvado do nosso navio, e de que elle não podia comprehender o uso. De tudo lhe dei razão, exprimindo-me o melhor que pude. Sendo noute, encommendou ao senhor, que me havia trazido, que me agasalhasse, e tratasse em sua casa, e a mim que fosse todos os dias vêl-o com os outros cortesãos. Isto feito, retirámo-nos.

Nos dias seguintes estive sempre occupado a praticar com el-rei, e a responder-lhe a quanto elle me perguntava dos costumes e usos dos povos da Europa, e da nossa França, das occupações, armas, e estado dos reis, que era o de que elle mais particularmente se informava. E discorrendo eu, entre outras cousas, da grandeza do reino de França, da generosidade da nobreza, de sua destreza nas armas, disse-me elle que se admirava como nós não havíamos conquistado as Indias, e as tinhamos deixado conquistar aos Portuguezes, que faziam persuadir que o seu rei era o maior e o mais poderoso rei da christandade. Mostrou-me tambem as rainhas, suas mulheres, as quaes semelhantemente me occupavam muitos dias a dar-lhe rasão do que me perguntavam; sendo sobre tudo curiosas de saber a figura, os vestidos, os costumes, os casamentos, e usos das damas de França; e de ordinario ellas me mandavam chamar sem sciencia del-rei, o que não teria sido permittido a outros.

Ora, como já disse, quinze ou dezaseis dos nossos haviam sido levados longo tempo antes de mim a esta ilha de Malé, onde mora el-rei. Quando eu ahi cheguei, não achei mais que tres, a saber, dous Flamengos e um Francez, o qual estava ás portas da morte, e morreo oito dias

depois. Ao principio, quando estes nossos companheiros ahi chegaram, estava surto no porto um navio portuguez, que era de Cochim, do lote de quatrocentas tonelladas, todo carregado de arroz, e que vinha carregar de *bolys* ou busio (a) para levar a Bengala, onde é mui estimado. O capitão e o carregador eram mestiços, a mais gente indios christãos, e todos vestidos á portugueza. Mostraram-se mui adversos aos nossos, e diziam muito mal de nós a el-rei, ao que elle dava credito; e isto foi em parte causa de nós não sermos tão bem tratados, como aliás seriamos. Pediram a el-rei licença para nos levarem a todos para Cochim, o que elle permittia; e de feito mandou perguntar ao nosso capitão, e ao nosso primeiro commissario se elles eram contentes de ir, que elle de boa vontade o permittia. Elles responderam, com todos os seus, que estavam presentes, que antes queriam morrer, que ir com os Portuguezes. E na verdade tinham rasão de temer, porque não era para nos fazerem bem, nem para nosso commodo que elles nos queriam haver a seu poder. E por outra parte os nossos alentavam sempre a esperança de que el-rei os enviasse n'uma barca a Achem em Sumatra, como lhes havia promettido. Logo depois o capitão, e o primeiro commissario morreram; os outros seguiam-se-lhe a pouco e pouco oppressos das fadigas, que haviam soffrido até então, e dos máos ares, e aguas corruptas desta ilha, que são a causa de a maior parte dos estrangeiros não poderem ahi viver. Alem disso tendo chegado a el-rei a nova da fuga do mestre, e outros nossos companheiros de Puladú, ficou com isso tão anojado, que fez um juramento solemne de não deixar dalli avante ir embora um só dos nossos. E de feito ouvi affirmar a muitos dos seus magnatas, que aliás elle nos teria aparelhado uma barca, como nós de-

(a) Este busio é conhecido no commercio da Africa e India pelo nome de *Cauri*, *Caury*, ou *Caurim*, e sobre o seu uso veja-se adiante no Cap. XVII desta 1.ª Parte.

sejavamos. O piloto, tendo entendido esta resolução, que o encarcerava por toda a vida nestas ilhas, formou o plano de tomar uma barca, e evadir-se, como os de Puladú. Para este fim se concertou com tres dos nossos marinheiros, e occultaram no matto tudo o de que haviam mister. Este designio foi descoberto pela gente da ilha, a quem tinham dado occasião de reparo as suas idas e vindas ao matto junto á praia, e os tinham espreitado, de que deram aviso aos seis anciãos, chamados *Musculis*, que governam os mais graves negocios de reino, os quaes tendo-o feito saber a el-rei, deu-se ordem para serem observados curiosamente os passos destes quatro, a saber, piloto, e tres marinheiros. De sorte que na propria noute, em que quizeram embarcar, foram apanhados no acto pelos soldados, que os pozeram a ferros, e dous dias depois os meteram em bateis, fingindo que os levavam a outras ilhas, e quando estavam no mar, lhes deceparam as cabeças a golpes de *caty*, que é um instrumento como uma grande fouce das nossas, mas de aço excellente, mui polido, e bem obrado; vem da costa de Malabar, e corta excellentemente. Deram-lhe muitos golpes, e quem neste caso não dá seu golpe, não é estimado por bom soldado. Assim o fazem sempre quando é para executar os mandados de seu rei; e o farão a um proximo parente, ou mesmo a seu irmão, para assim darem demonstração do zelo, que tem pelo serviço del-rei. Por isso quando o rei ama alguem, todo o mundo o ama; e se lhe elle quer mal, todo o mundo o aborrece, e ninguem o quer tratar, nem frequentar, ou ainda vel-o. Os corpos destes quatro foram lançados ao mar. E não devemos admirar-nos de o rei estar tão irado pelas tentativas dos nossos para se evadirem, por quanto é entre elles crime de lesa-magestade roubar um barco ou batel, e leval-o a outros reinos. É cousa que se não pode fazer sem passaporte, e licença del-rei especial, e formal para este effeito, ainda que seja o proprio dono da embarcação; aliás é caso de pena capital, e irremissivel; e não se pode

esperar graça del-rei quando de tal se for convencido. Este crime chama-se *Odican anpú*. Ouvi esta triste nova, e a do fallecimento natural dos outros nossos companheiros, apenas cheguei a Malé, onde estava ainda este navio de Cochim, o qual levou a maior parte dos apparelhos do nosso navio, que el-rei lhe vendeo, principalmente aquelles, de que elle se não podia servir. Disse-me tambem um piloto del-rei que os doze de Puladú, que fugiram com o mestre do nosso navio, haviam ido ter a Coulão, na costa da terra firme, e ahi os tinham mettido n'uma galé Portugueza com grilhões aos pés, onde elle os vira, e os levavam para Goa.

Estava eu pois na ilha de Malé com os dous Flamengos. Fiz pedir a el-rei que mandasse vir o meu companheiro, que no caminho havia ficado na ilha de *Maconnodú*, o que logo foi feito, e não estivemos separados um do outro mais que dez dias. Dest'arte ficámos quatro, a saber, elle, eu, e os dous Flamengos. Dous mezes depois pude alcançar que fossem mandados vir tambem os cinco, que haviam ficado dispersos nas ilhetas, visinhas daquella onde se perdera o navio, e assim nos juntámos nove, quatro Francezes, e cinco Flamengos, todos humanamente tratados del-rei e de seus magnatas. Mas entre nós é que não havia boa intelligencia, por culpa dos Flamengos, que todos cinco faziam rancho á parte, e até por interprete diziam mal de nós aos senhores, e á gente da terra. A occasião desta discordia procedia de terem elles ciume e inveja de me ver mais cortezmente recebido do que elles, de ser eu mais bem acceito e estimado del-rei, estar sempre junto d'elle, e por consequencia ser mais affavelmente tratado pelos grandes. Persuadiam-se tambem que os meus tres companheiros francezes eram por mim preferidos, e favorecidos mais do que elles, que para mim eram estrangeiros. Alem disso como eu fallava a lingua das ilhas de Maldiva assaz facilmente sem que elles podessem entender uma só palavra, imaginavam que eu dizia mal delles,

e impedia que elles fossem melhor tratados; e todavia era tudo pelo contrario.

O juramento del-rei irado contra nós era causa de que a promessa, por elle feita, de nos dar uma barca, senão cumprisse, e com tudo toda a nossa gente era morta, menos nove pessoas. E assim não havia vislumbre de esperança de poder sair daqui; o que era para nós motivo de grande afflicção, de que só procuravamos consolação em Deos, e entre nós mutuamente. Era para mim digno de reparo o impedimento, e a rasão, que el-rei dava, de nos não haver tratado mais benignamente. Porque é certo que a toda a mais gente dos navios, que eu vi alli perder-se da mesma sorte, em quanto alli persisti, elle deu meios de se irem embora, retendo somente para si as riquezas, e fazendas. Mas alem das rasões, que me allegavam, tenho entendido que havia outra, e era o dinheiro, que havia sido dissipado, o qual se pode dizer ter sido a causa de nossas maiores desaventuras, e da morte da mór parte da nossa gente. Por quanto tendo sido el-rei avisado que se havia tirado dinheiro do navio, e imaginando que nós haviamos occultado uma grossa somma, e talvez tanto como a que elle achou no navio, não queria que este dinheiro saisse de seus dominios; e em quanto andava buscando mais do que realmente havia, a mór parte dos nossos íam perecendo. Tambem me persuado que alem de tudo isso, a fuga do mestre, e a tentativa do piloto o agastaram ainda mais. Melhor nos houvera sido não tomarmos nós dinheiro algum, ou leval-o todo a el-rei, como fizemos á peça de escarlata; tanto assim que uma vez entre outras me disse sem rodeio que meus companheiros haviam escondido dinheiro; e que se lhe haviamos feito presente da peça d'escarlata, era por ser cousa que se não podia esconder como o dinheiro; que nisto todos haviam feito mal, e por esse respeito eram indignos de sua boa graça.

CAPITULO IX.

Grande enfermidade do auctor, de que lhe ficaram achaques por muito tempo. Fuga de quatro Flamengos, e indignação de el-rei contra os que ficaram.

Durante quatro ou cinco mezes logrei assaz boa saude, e nada me faltava, a não ser o exercicio da minha religião, e a liberdade; no de mais estava muito a meu sabor, alojado, sustentado, e tratado em casa daquelle senhor, que me havia trasido, onde eu estava agasalhado em um pequeno aposento, situado no interior da casa. Um de seus servidores me servia a toda a hora; davam-me iguarias, e utensilios á parte, porquanto elles nunca comem com pessoa, que não seja da sua religião. Amava-me este senhor como a seu filho, e tinha tres, quasi da minha idade, e que igualmente me amavam como a seu irmão. Era elle mui valido del-rei, que tinha nelle toda a confiança, e se amavam um ao outro de mui remoto tempo, desde a idade de quatro ou cinco annos; e era então cada um delles de cincoenta. Estando eu pois neste estado, cahi enfermo de uma grande febre ardente, que é mui commum e perigosa, principalmente aos estrangeiros, de sorte que poucos lhe escapam com vida; e muito menos os christãos, para os quaes não ha medicina alguma, porquanto não querem servir-se dos feiticeiros para os curarem por meio de encantamentos e feitiços, como faz toda a gente destas ilhas. Por mais de dous mezes estive no derradeiro transe da vida, e perto de dez antes de sarar inteiramente. Não passava dia, que el-rei e as rainhas não mandas-

sem saber novas minhas e como me achava. Elle a toda a hora me enviava iguarias as mais exquisitas, e manjares os mais deliciosos, que tinha. E para que eu fosse servido e tratado mais a meu gosto, e podesse mais facilmente pedir o que me fosse necessario, chamaram um de meus companheiros, a quem encommendaram me assistisse, alem dos servidores da casa. A doença era violenta, e mui perigosa. É conhecida em toda a India pelo nome de febre de Maldiva, e na terra lhe chamam *Malé ons*. É desta doença, que a maior parte de meus companheiros haviam fallecido. Nenhum estrangeiro passa sem ser accometido della, e quando se escapa com vida, pode-se contar que se sarará das outras doenças proprias do clima. Parece ter a virtude de habituar aos ares e modo de viver da terra, como se gerasse um corpo novo. E de feito um estrangeiro, que na sua lingua chamam *Paraddé*, se escapa, dizem que é *dives*, como se dissessem, naturalisado, e não estrangeiro. Porque este reino em sua lingua se chama *Malé-ragué*, isto é reino de Malé; e dos outros povos da India é chamado *Malé-divar*, e os povos *dives*. (a)

Mas tornando á minha enfermidade, estive outo dias sem engulir cousa alguma senão agua, cousa que é mui prejudicial. A gente da terra não toma outra cousa, salvo agua bem tepida, em que lançam pimenta pizada, o que atalha a inchação, que aliás sobrevem no fim da doença. Mas eu não podia tragar aquella beberagem, que não ap-

---

(a) Sobre a etymologia do nome de *Maldiva*, diz João de Barros, *Dec.* III. *Liv.* III. *Cap.* VII. o seguinte.=Este nome *Maldiva* posto « que seja nome proprio de uma só ilha, como logo veremos, a ety- « mologia delle em a lingoa Malabar quer dizer *mil ilhas*, *Mal* mil, « e *diva* ilhas, porque tantas dizem haver em uma corda dellas. « Outros dizem que esta palavra *Mal* é nome proprio da principal, « em que reside el-rei, que se intitula por senhor de todas, e a « ella communmente chamam *Maldiva*, como se dissessem a *ilha* « *de Mal*, e como ella é cabeça de todas, todas se intitulam della.= Walter Hamilton no seu *East India Gazetteer* diz=. Ilhas Maldivas (*Malaya Dwipa*, isto é, *as ilhas de Malaya*).= E outros diversamente.

placa a sede. Assim depois de estar livre da febre, incharam-me extraordinariamente as pernas e as côxas, como se estivesse hydropico. A todos os estrangeiros assim succede. Alem disso eu não podia ver a dez ou doze passos de distancia, e temia ficar cego. A febre tambem me havia deixado uma opilação e obstrucção de baço, que me causava grande difficuldade de respiração. Este achaque do baço é commum entre aquella gente, e quasi todos o tem muito volumoso. Chamam a este achaque *ont cory*. E sempre se me conservou, em quanto estive nas ilhas de Maldiva.

Quasi pelo mesmo tempo enfermou tambem el-rei, o que foi motivo para que eu apesar de andar já levantado, o não podesse ver; e só depois de elle ser são, quando ía á mesquita, o cortejei. Elle ficou mui espantado de me ver no estado, a que eu estava redusido pela inchação, e disse que a sua doença o impedira de elle me fazer tratar melhor. E sem detença deu ordem a seus familiares para tomarem esse negocio a seu cuidado, fazendo chamar os sugeitos, que eram experimentados no curativo de taes doenças; e até mandou ministrar unguentos de sua casa, porquanto el-rei tinha de ordinario porção de drogas, mesinhas, e receitas de todas as qualidades para os doentes, e até remedios de sortilegio. Iam-lhos pedir, e elle folgava de exercitar esta caridade para com todas as pessoas, e com isso saber quem estava enfermo, quem sarava, e quem morria, para prover á sepultura dos defunctos, porque tinha por costume fazer o funeral aos pobres, e aos que não tinham posses para isso, a cada um segundo a sua qualidade. Muita gente pois trabalhava no meu curativo, mas eu não sentia melhoria, até que finalmente as pernas gretaram, as aguas, que causavam a inchação, escorreram, e os meus olhos cobraram o seu antigo vigor. Mas o peior foi que as chagas das pernas se me fizeram muito largas e fundas, e alem disso tão dolorosas, que não repousava de dia nem de noute; e os humores tendo tomado seu caminho por esta

parte, era arriscado suspendel-os, e cerrar a chaga. Neste estado fiquei quatro mezes, fazendo-me el-rei tratar o melhor que lhe era possivel. Á vista de Malé havia uma ilheta, chamada *Bandos*, onde morava um homem, que passava por mui perito nestas doenças. El-rei o mandou buscar, e lhe recommendou que me curasse, se por ventura soubesse, e que o recompensaria bem. Elle assim o prometteo, e accrescentou que se aprouvesse a el-rei permittir-lhe o levar-me comsigo, elle empenhava a sua palavra de me curar muito mais brevemente, tanto mais que os ares eram muito melhores e mais sadios, e as aguas mais saudaveis naquella pequena ilha do que nesta de Malé. El-rei lho permittio, e deu ordem a seus domesticos para lhe subministrarem tudo quanto elle requeresse para meu tratamento; e de feito eu fui alli bem tratado, e bem mesinhado por este homem.

Mas neste comenos succedeo um caso a meus companheiros, que me magoou muito, e me causou bastante mortificação. E foi que dos cinco Flamengos, que estavam em Malé, houve quatro, que tomaram a resolução de se evadir destas ilhas lançando mão de um batel, attenta a nenhuma esperança, que nos restava de podermos sair dellas com permissão del-rei. Dous destes Flamengos haviam vindo para Malé com o nosso capitão, e mais companheiros, que a principio alli foram condusidos; e assim estando em sua companhia quando elles morreram, ficaram senhores do seu dinheiro, que conservavam escondido; o que era para elles um meio facil de haver as cousas necessarias ao embarque. O feitor do rei christão das ilhas de Maldiva tinha o seu *bangaçal*, ou celleiro junto á praia na ilha de Malé (a). Era elle natural de Cochim, de raça Canarim, e christão; mas todavia mui máo christão, como eu depois vim a conhecer.

(a) Sobre a distincção entre o rei christão das Ilhas de Maldiva, e o outro rei mouro, de que falla o auctor, veja-se adiante no Cap. XVIII desta 1.ª Parte.

Estes Flamengos se conloiaram com elle, e á força de dinheiro tanto fizeram que elle lhe consentio que pozessem e tirassem de seu armazem os provimentos, e fato, de que haviam mister (a). Restava somente esperar e espreitar a occasião de surprehender um batel, que a final depois de longa expectativa chegou, porquanto um dos homens do senhor, que me havia levado para Malé, deixou alli perto o seu batel por razão da chuva, e esperando sempre de hora em hora o bom tempo, não levou para terra o leme, como costumam fazer. Este batel estava apparelhado para ir á pesca, ainda que mui pequeno, pois não era mais comprido que oito vezes o comprimento do braço, que é a medida mais commum, de que elles se servem, e se chama *riens*. Outro modo de medir usam nos pannos, servindo-se de uma medida mais pequena, isto é desde o cotovello até á ponta dos dedos, e esta medida se chama *Moul* (b), (o que seja dito de passagem). O batel chamava-se *Donny* (c), isto é, passaro, porque era mui veleiro; e estava provido de mantimentos, e de agua doce para alguns dias. Os nossos tendo feito este achado, chegada a noute, se embarcaram no batel com o seu fato, e largaram. Mas a sua má ventura dispoz que nesta noute, e no dia seguinte fizesse a maior, e mais furiosa tormenta, que se pode imaginar, e que não era menor que a que aguentámos na costa da terra de

---

(a) Esta palavra *fato*, tomada pelos nossos antigos auctores no sentido de=utensilios ou moveis da casa, e bagagem da pessoa=é ainda nesse mesmo sentido usada vulgarmente no dialecto indico-portuguez; e nelle a usamos aqui, e talvez em outros logares.

Em Portugal tem prevalecido o uso de chamar *fato* unicamente á *roupa de vestir*; e por isso causa estranheza aos Portuguezes, que de novo chegam á India, quando ouvem dizer *fato de pao*, e outras expressões semelhantes.

(b) Em Goa é conhecida esta medida pela denominação portugueza de *Mão*, denominação, que prevaleceo em muitas regiões da India. Os Inglezes adoptando-a escrevem a seu modo *Maund*. Equivale a dous palmos.

(c) Desta palavra fizemos nós os Portuguezes a que vulgarmente usamos na India de *Tone* ou *Tona* com a mesma significação, isto é, certo batel para navegação fluvial.

Natal. A mesma gente das ilhas dizia que nunca viram cair tantos coqueiros em vinte e quatro horas. Pensai agora se estes coitados poderiam ir a salvamento n'um pequeno batel tão fragil, e não sabendo os canaes e voltas, que deviam tomar no meio de tantos bancos e rochedos, e debaixo de uma tão grande tormenta! Assim pouco depois foram achadas na praia algumas peças dos apparelhos do batel, o que fez acreditar que elles se haviam perdido, e de feito o foram, porque depois nunca mais houve novas delles, nem nas ilhas, nem na costa da terra firme.

El-rei ficou grandemente indignado desta terceira fuga, tanto porque, como já disse, é crime de lesa-magestade roubar um batel e ir-se embora sem licença; como porque entre estes quatro Flamengos havia um, que era bom bombardeiro, e o qual por este respeito elle prezava. Este bombardeiro havia-se concertado em S. Maló para fazer a viagem, e tendo recebido paga adiantada, casou-se, e depois já não queria vir, offerecendo restituir o que lhe fora adiantado, o que o nosso capitão não quiz acceitar, antes pelo contrario o fez agarrar á força por quatro homens, e metter a bordo do navio; e por esse respeito nunca mais o bombardeiro lhe foi mui affeiçoado, chegando varias vezes em união com alguns do navio, quando estavam escandalisados do capitão por rasão de algum castigo, a conspirar no invento de alguma traça para fazer perder o navio, salvando-se elles, como nos confessou nas ilhas de Maldiva. Foi este homem tambem tão barbaro e deshumano com o nosso capitão, quando estava enfermo nos ultimos paroxismos da vida na ilha de Malé, que lhe arrancou á força um roupão, de que elle usava; e nada foi capaz de o demover desta má acção, por mais que lho supplicasse o pobre capitão enfermo, ao que lhe respondia que elle bem sabia o que fazia, e que alem disso elle já não conhecia capitão desde que o navio tinha dado á costa, e estava desfeito. Aquelle desastre succedeo aos pobres Flamengos desoito mezes depois do nosso naufragio pouco

mais ou menos. Reconheço que entre tantas miserias Deos me ajudou sempre para me não metter nestas tentativas de fuga, que todas acabaram mal, como tenho dito.

Dous dias depois aquelle meu companheiro, com quem eu havia feito protestação de tão estreita amisade, veio a fallecer depois de longa enfermidade, o que me causou uma afflicção insupportavel. Era elle natural de Vitré, e no nosso navio tinha o cargo de escrivão. Creio que elle a final succumbio á força da tristeza e melancolia, tanto mais que havia deixado sua mulher e seus filhos para fazer a viagem, e agora via serem acabadas as esperanças de poder voltar á patria.

Mas tornando aos Flamengos, que se haviam ausentado; quando este caso foi notorio, e chegou á noticia delrei, mandou-se dár busca ao aposento da nossa gente, para se saber ao certo quaes eram os que haviam ficado; e acharam-se dous Francezes, um Flamengo, e aquelle que acima disse que estava em artigo de morte. Os seis anciãos regedores do reino congregaram-se nos paços delrei na forma do seu costume, e mandaram vir ante si os nossos tres, e ahi os detiveram por espaço de quatro ou cinco horas, dizendo-lhes que elles eram cumplices da traição dos outros, e ameaçando-os com a morte. Todavia vendo que não eram culpados, os deixaram ir embora; mas el-rei defendeo que se lhes continuasse a dar a ração de arroz, que até alli se lhes dava por sua conta; não impedindo porem que os mais lhes dessem mantimentos, se lhes aprouvesse; mas declarando que elle por sua parte não teria mais fé em Francez algum. E aconteceo que nem por isso elles deixaram de ter com que manter a vida.

Todas estas cousas me affligiam infinitamente, a saber, a minha doença tão longa e enfadonha, a perda de nossos companheiros, a morte do meu amigo, e mais ainda o agastamento del-rei contra os que haviamos restado. Quando estive são, que foi no fim de dous mezes depois de ter ido

para a ilha de Bandos, queria continuar a residir ahi, julgando evitar por este meio a indignação del-rei, e dar tempo a que ella se applacasse. Mas em fim aconselheram-me que não juntasse a contumacia ao meu delicto (assim chamavam ao desastre de meus companheiros), e que voltasse o mais breve possivel para junto del-rei.

Acceitei o conselho, e sendo chegado, encaminhei-me sem detença, como é costume, ao paço del-rei, antes de ir a meu aposento. Succedeo que elle estava em um pateo, o mais proximo da camara aonde dorme. Saudei-o na forma costumada, sem dar demonstração de novidade alguma, e então elle me fallou, e perguntou se eu havia sido bem tratado, e se estava são; e até quiz ver o logar da chaga. Isto me dava boas esperanças, e me fazia pensar que era restituido á sua graça como de antes; mas estava ainda longe disso, tanto que defendeo que me dessem cousa alguma de sua casa, e bem assim a meus companheiros. Isto me causava dissabor, não por respeito dos mantimentos, porque os magnatas não permittiam que me faltasse cousa alguma; mas é que naquella terra um homem, a quem el-rei não dá mantimento, não é nada, nem fazem caso delle; porque mesmo os mais poderosos senhores recebem o arroz del-rei, o que é grande honra; como ao contrario uma especie de infamia ser privado desta mercê. Os meus amigos particulares não deixaram de me prezar e acudir, certificados de que el-rei não dizia mal de mim, e que o que elle fazia era para me metter medo, e dar um exemplo para o futuro. Porque aliás quando el-rei está indignado deveras contra alguem, este não acharia um amigo, e aquelles, que dantes tinha, o abandonam.

Dous mezes passei nesta disgraça del-rei, e todavia não deixava de ir ordinariamente ao paço apresentar-me ante elle. Haviam-me ensinado o costume da terra, que é não se ausentar a pessoa, com quem el-rei está agastado, nem cessar de ir ordinariamente ao paço, até que apoz uma longa paciencia el-rei falla, e recebe novamente em sua

graça a mesma pessoa. Neste meio tempo enfermei de febres. O senhor, em cuja casa eu era aposentado, avisou disso a el-rei, que lhe encommendou que me tratasse bem, e nada poupasse; o que elle cumprio. E para me dar melhores esperanças, me certificou que el-rei não estava inteiramente desavindo comigo, antes pelo contrario tomava a seu cuidado a minha saude. E de feito mandou que me fosse distribuida a ração ordinaria de arroz, e igualmente aos outros meus tres companheiros. A doença foi curta, e brevemente sarei.

Seis semanas depois com grande espanto meu fui chamado ao paço da parte dos seis anciãos regedores, para me dizerem que eram avisados de que nós intentavamos fugir, e da parte del-rei me determinaram que não communicasse nem tratasse com meus companheiros, nem lhes fallasse francez, encarregando-me que lhes fizesse eu saber a elles estas mesmas defesas, para de sua parte as cumprirem. Era na verdade bem custoso, estando nós aposentados uns junto dos outros, obedecer a esta determinação, e abstermo-nos de fallar e communicar entre nós; por isso o faziamos muito em segredo. Com tudo passados quinze dias o caso foi referido a el-rei, que offendido disso mandou levar os meus tres companheiros a um *Atollon* (a), chamado *Suadú*, que é a oitenta legoas de Malé para a banda do sul, e para lá ir é mister passar a linha. É este o logar para onde el-rei envia degradados os que cairam no seu desagrado, porquanto é uma ilha mui arredada de sua côrte, onde nunca aportam navios estrangeiros, e cujos habitantes são pouco civis, mui asperos e grosseiros. Esta ordem foi dada ao Védor ou Intendente dos navios del-rei, que na sua lingua chamam *Maé dau da elle*, o qual me tinha sua asca por inveja do senhor, que me havia levado de Paindué, em cuja companhia elle então vinha; e tendo-

(a) Assim se chamam os pequenos grupos de ilhas, ou subdivisões do grande archipelago de Maldiva, como melhor se verá no Cap. seguinte.

me feito prometter no caminho que eu me aposentaria em sua casa, não o pude fazer, porquanto el-rei me mandou aposentar com aquell'outro, que me havia trazido. Para se vingar pois enviou-me dizer por um quadrilheiro del-rei, que se chamam *Mirvaires*, que viesse eu para me embarcar com os outros, e ser condusido a Suadú. Não havia que hesitar, nem resistir a esta ordem; e de feito, posto que mui triste, fui embarcar-me. Mas neste comenos um filho do senhor, em cuja casa eu estava aposentado, que bem sabia que a ordem del-rei não entendia comigo, correo a avisal-o, e elle mandou logo que me fizessem desembarcar, dizendo que não era sua tenção que eu estivesse em outra parte, salvo junto delle. E dest'arte fiquei livre.

Houve alguns senhores que requereram a el-rei permittisse que um dos outros tres fosse tambem por agora dispensado, e que iria passado algum tempo; por quanto tinham affeição a este homem por ser bom alfaiate, e bom trombeteiro, o que lhe dava muita freguezia e conhecimento entre toda a qualidade de pessoas. El-rei lho concedeo, e assim somente foram embarcados dous, um Francez, e um Flamengo, e ficámos outros dous, porque depois da partida daquelles, não se fallou mais em enviar o outro, pois julgavam que nos não poderiamos evadir. El-rei me mandou vir ante si, e me reprehendeo por rasão de nossa desobediencia, accrescentando que estava desgostoso de que eu tivesse tido intento de fugir; que elle não queria que eu fosse morrer afogado, como acontecera ao bombardeiro. Desculpei-me com palavras brandas, e o certifiquei de que não havia sido participante em alguma empreza dessas. E foi desde então que comecei a ser mais seu valido.

Passados dous annos, os meus dous companheiros, que haviam sido degradados para Suadú, foram restituidos á côrte; e a occasião foi esta. Um delles, o Flamengo, sabia trabalhar mui delicadamente em obra de marcenaria fina em madeira branda com a ponta de um caniveie, e tendo mais vagar do que elle desejára, occorreo-lhe fazer

um pequeno navio do feitio dos de Flandres, que não tinha de comprimento mais de um covado, mas no resto perfeitamente fabricado, que lhe não faltava uma só cousa de todas as velas, enxarcia, utensilios, e apparelho, tal como um grande navio de quinhentas tonelladas. Enviou esta peça a el-rei, que fez della tão grande cabedal, que admirando esta pequena obra, mandou que lhe trouxessem logo o obreiro, e por respeito delle o seu companheiro. Assim d'ora avante estivemos juntos todos quatro por espaço de quinze mezes.

El-rei me deu um aposento separado perto de seus paços, e todos os dias me era trazido de sua casa arroz, e os provimentos necessarios para minha sustentação. Tambem me deu um servidor, alem de algum dinheiro, e outros presentes, de que me fez mimo; por cujo respeito me tornei um tanto rico ao modo da terra, e me conformava o mais que me era possivel com seus costumes, e usos, a fim de ser mais bem quisto de sua gente. Eu mercadejava com os navios estrangeiros, que alli chegavam, com os quaes tinha mesmo ganhado tal familiaridade, que se confiavam completamente em mim, deixando-me grande quantidade de fazendas de toda a sorte, para vender em sua ausencia, ou para guardar até sua volta, dando-me nas mesmas fazendas certa parte. Dahi por diante fui sempre favorecido del-rei, e o ía cumprimentar quasi todos os dias; e por consequencia era bem quisto de todos os grandes, e cordialmente estimado de alguns. Possuia igualmente muitos coqueiros, que é lá uma especie de riqueza, os quaes eu fazia grangear por certos homens, que especialmente se occupam neste serviço por jornal. Em somma nada me faltava, salvo o exercicio da religião christãa, de que com muita magoa me via privado, como igualmente de perder a esperança de voltar a França.

E como a longa residencia, que tive nestas ilhas, me deu dellas grande conhecimento e dos povos, que as habitam, de seus costumes, e usos, pareceo-me pôr em

escriptura, e por menor, o que nesse particular tenho sabido.

CAPITULO X.

Descripção das Ilhas de Maldiva, sua situação; e povos que as habitam.

As ilhas de Maldiva começam em oito gráos da linha equinocial da banda do norte, e acabam em quatro gráos da banda do sul. Estendem-se por tanto quasi dusentas legoas de longura, não tendo de largura mais de trinta a trinta e cinco legoas. Distam da terra firme, a saber, do Cabo Comorim, de Coulão, e de Cochim, cento e cincoenta legoas (a). Os Portuguezes contam que ha quatro mil e quinhentas legoas de mar para vir de Hespanha a estas ilhas.

São divididas em treze provincias, a que chamam *Atollons*, que é uma divisão natural, segundo a situação dos logares, de forma que cada *Atollon* é separado dos outros, e contem em si uma grande multidão de ilhetas (b). É cousa maravilhosa ver cada um destes Atollons cercado todo ao redor de um grande banco de pedra, que não ha artificio humano que podesse fechar tão bem de muros

---

(a) O leitor terá de certo a indulgencia necessaria para desculpar este modo um pouco confuso, por que o auctor conta a distancia das ilhas de Maldiva á terra firme de Malabar; pois uma deve ser a distancia dellas ao Cabo Comorim, outra a Coulão, e outra a Cochim.

O nosso Barros (*Dec.* III. *Liv.* III. *Cap.* VII.) diz que as primeiras são apartadas da costa de Malabar por espaço de quarenta legoas, e as derradeiras estam na distancia de trezentas legoas.

O auctor já se vê tomou o meio termo.

(b) João de Barros, e os Documentos portuguezes do seculo XVI chamam *Patana* ao que Pyrard chama *Atollon*.

um espaço de terra como este. Estes *Atollons* são quasi todos redondos, ou de figura oval, tendo cada um trinta legoas de circuito, alguns um pouco mais, outros um pouco menos, e todos são enfiados do norte a sul, mas sem tocarem uns nos outros, havendo entre elles canaes, ou braços de mar, uns largos, e outros mui estreitos. Quem está no meio de um Atollon, vê ao redor de si aquelle grande banco de pedra, que já disse, o qual cerca e defende as ilhas contra a impetuosidade do mar. Mas é cousa medonha, ainda aos mais ousados, aproximar-se deste banco, e ver vir de longe as vagas quebrar-se com furor em torno delle; porque então, digo-vol-o como cousa, que eu vi infinitas vezes, o rolo do mar é maior que umas casas, e tão branco como algodão: de forma que vedes em torno de vós um como muro mui alvo, mórmente quando o mar está levantado.

No meio de cada um destes repartimentos são as ilhas, assim grandes, como pequenas em numero quasi infinito. A gente da terra me dizia que chegam ao todo a doze mil; mas a mim me parece que não são tantas, e que elle dizem doze mil, para significar um numero sem limites, e que se não pode contar; posto que na verdade ha uma infinidade dellas pequenas, que não passam de ser como medãos de areia desertos (a). Se bem que el-rei de Maldiva põe este numero no seu ditado, porque se intitulava *Sultan Ibrahim dolos assa ral tera atholon*, isto é, *Ibrahim Sultão rei de treze provincias, e de doze mil ilhas* (b). Como quer que seja, as correntes, e as gran-

---

(a) O que parece certo é que ainda ninguem as contou. João de Barros (*Dec.* III. *Liv.* III. *Cap.* VII.) diz que são *mil*. O Padre Lucena (*Vida do Padre Francisco de Xavier, Liv.* IX. *Cap.* XX.) diz que são *onze mil*. &c.

(b) O rei christão destas ilhas, que vivia em Cochim, de quem adiante fallaremos, tomou este ditado—*Dom Manoel por graça de Deos rei das ilhas de Maldiva e de tres Patanas de Cuaydá, e de sete ilhas de Pullobay, da conquista e navegação de toda a costa brava de Samatra, e do Estreito de Manacuma* &c. (Documento de 1560).—Onde se vê não só como este rei arremedou o ditado del-rei de Portugal, mas quaes eram as suas pretenções de dominio politico

des marés diminuem cada dia este numero, como me informaram os habitantes, que até diziam que na mesma proporção diminue o numero da gente, e que ora não ha nellas tanta, como havia antigamente. E dir-se-ha ao ver por dentro um destes Atollons, que todas estas ilhetas não são mais que um baixo continuado, ou que antigamente fora tudo uma só ilha, cortada e dividida depois em muitas. E de feito todos os que navegam por ellas vêm por dentro tudo branco, por rasão da areia, que tem esta côr por cima de todos aquelles baixos e rochas. O mar ahi é manso, e tem pouca profundidade, de sorte que nos logares mais profundos não chega a ter vinte braças, e ainda isto é em mui poucos logares, porque em quasi todos se vê o fundo. Todos estes baixos são de pedra, de rocha, ou de areia, de sorte que quando é na baixa-mar, não chega a dar a agua pela cintura, e na maior parte dos logares não passa de meia perna; e assim seria facil ir a pé de umas para outras ilhas do mesmo Atollon, se não foram duas cousas que o estorvam, a saber, uma grandes peixes, chamados *Paimones*, que devoram a gente, e lhe cortam os braços e pernas, se a encontram (a), outra é que no fundo do mar ha em quasi toda a parte rochas cortantes e agudas, que ferem muito a quem anda por cima dellas. E afóra isso encontra-se tambem porção de ramos de uma cousa, que não sei se é arvore ou pedra, pois tal é a sua semelhança com o coral branco, e é tão ramosa, e aguda como elle, mas nada polida, antes pelo contrario mui aspera, toda aberta e furada em buraquinhos, e porosa, mas todavia dura e pesada como pedra. Chamam-lhe na sua lingua *Aquiry*, e servem-se della para fazer o mel e assucar de côco, deste modo. Pizam-na com pequenas pedras, e pondo-a a ferver com a agua de côco, forma-se o mel e assucar. Estes taes ramos lapideos incommodam excessivamente a quem se banha, ou anda pelo mar; e eu

(a) O auctor refere-se provavelmente aos Tubarões.

pela minha parte tinha grande difficuldade de ir assim de uma ilha a outra sem batel, mas os que estam costumados vão muitas vezes. (a).

(a) Esta producção da natureza é a que hoje dos naturalistas é chamada *Madrepora*, palavra derivada do francez *madré*, cousa que tem laivos, e *pore*, poro, ou buraco. E não será talvez desagradavel ao leitor ler aqui a descripção, que della se acha no *Dictionnaire Universel* de la Chatre, e que é a seguinte:

=Este nome de *Madrepora* foi pela primeira vez usado por Imperati para designar uma especie particular de polypeiros lapideos, subdendroites, ramosos, de superficie guarnecida por todos os lados de cellulas salientes e intersticios porosos. Estas cellulas são ás vezes dispostas sem ordem, e outras vezes em series distinctas, tubulosas, salientes, em forma de estrella mal perceptivel, e em laminas muito estreitas. As formas geraes das madreporas variam muito; umas appresentam expansões achatadas profundamente divididas, algumas vezes subpalmadas, outras formam uma massa oblonga, coberta de pequenos ramos curtos, cylindricos, e cuja reunião figura ás vezes um corymbo no vertice do polypeiro; outras finalmente se desenvolvem e extendem em longos ramos cylindricos, com esgalhos, assemelhando-se ás pontas de veado. Mas qualquer que seja a differença, que existe nas formas exteriores das madreporas, estes polypeiros não deixam por isso de ser sempre semelhantes entre si por sua contextura interna, e pela disposição, e aspecto de suas cellulas, que são cylindricas, numerosas, unidas, irregularmente dispersas, ou distribuidas com regularidade em linha longitudinal, ou obliquamente dispostas nos troncos e ramos. A abertura da cellula é arredondada, e o seu interior guarnecido de laminas longitudinaes, alternadamente grandes e pequenas, mas sempre pouco salientes. A cavidade destas cellulas se prolonga no interior do polypeiro, e os espaços comprehendidos entre suas paredes são tambem ôccos por rasão de pequenas cellulosidades desiguaes, e communicadas entre si, donde vem que a contextura das madreporas, comquanto seja solida e resistente, é todavia extremamente porosa. Ignora-se inteiramente o modo de seu crescimento, multiplicação, e morte. Imperati parece ter sido o primeiro, que suspeitou que as *madreporas* eram concreções calcareas formadas por entes organisados, pertencentes ao reino animal. Rumph, que teve occasião de estudar em grande os polypeiros do mar das Indias, teve para si que as madreporas eram uma gelea animal productiva, cobrindo uma massa inorganica de conchas de animaes aggregados. Os naturalistas modernos as descrevem como animaes gelatinosos, diffluentes, asteroides, providos de doze tentaculos curtos, dispostos ao redor da abertura central. A maior parte das madreporas chegam a enorme grandeza. Acham-se nas regiões inter-tropicaes. Não se conhecem até agora nos mares, que banham a Europa, e só se têm encontrado nos

Destas ilhas ha infinidade (e segundo eu creio é o maior numero dellas) que são inteiramente desertas, e só tem arvores e ervas; outras não tem verdura alguma, e são pura areia movediça; e ainda ha algumas, que são na sua maior parte submersas na maré cheia, e descobertas na maré baixa, e cuja superficie é sempre alastrada de grandes caranguejos, que lá chamam *Cacué*, e de outros mais pequenos, e bem assim de passaros chamados *Penguim*, que alli fazem criação, e ha delles tão prodigiosa quantidade que se não pode pôr pé (como muitas vezes experimentei) em parte alguma sem pisar seus ovos, ou criação, ou as proprias aves, que não fogem para longe por ver gente. Os naturaes não as comem, sem embargo de serem boas para comer, e são do tamanho de pombos, com pennas brancas e pretas. As ilhas, que disse serem desertas, parecem ao longe brancas, e como cobertas de neve, por rasão da grande alvura da areia, que é fina e subtil como a de um relogio, e tão quente e ardente, que os ovos destas aves chocam nella facilmente.

Estas taes ilhas, raras são as que tem agua doce; tem-na porém as outras cobertas de vegetaes, assim as habitadas, como as desertas, salvo algumas, cujos moradores se vêm na necessidade de a ir buscar ás ilhas visinhas, e por isso usam de invenções para apanhar a da chuva. E essas aguas,

---

mares da America do Sul, e principalmente nos da India. Parece que se desenvolvem fixas na sua base em profundidades assaz consideraveis, e elevando mais ou menos as expansões foliaceas, ou as ramificações caulescentes, que as constituem. E' ao crescimento mui rapido das madreporas, propriamente ditas, e particularmente da madrepora muricada (ouriçada), que é devida a formação dos recifes, que abundam no mar do sul, no mar das Indias, e no mar Vermelho. Accumuladas em massas consideraveis em certos sitios constituem grandes camadas de pedra calcarea, e servem de base á maior parte das ilhas daquelles regiões. Contam-se neste genero nove especies somente, a saber, *madrepora palmada*, *madrepora em corymbo*, *madrepora em leque*, *madrepora branda*, *madrepora muricada*, ou *abrotonoide*, *madrepora prolifera*, *madrepora cervicoma*, *madrepora tanchagem*, e *madrepora pollicifera*.=

que ha, não são todas semelhantes umas ás outras, sendo muito melhores em uns sitios, que em outros. As aguas dos poços nem são mui doces, nem mui saudaveis: e os poços fazem-nos desta maneira, a saber, cavando tres ou quatro pés na terra pouco mais ou menos, acha-se agua doce em abundancia, e o que mais é de admirar, a quatro passos da beira do mar, e até em sitios, que são muitas vezes inundados de agua salgada. Observei que as aguas são mui frias de dia, mormente á hora do meio dia, e mui quentes de noute.

Mas tornando aos treze *Atollons*, são estes os seus nomes, a começar da ponta do norte, onde começam as ilhas, a que por isso os Portuguezes chamam *Cabeça das ilhas*, e na lingua de Maldiva se diz *Tilla du matis*, que tem a mesma significação, isto é, *ponta de cima*, a qual jaz em oito gráos da linha da banda do norte, na mesma altura de Cochim (a). O primeiro Atollon chama-se *Tilla du matis*; o segundo *Milla due madue*; o terceiro *Padypolo*; o quarto *Malos madù*; o quinto *Ariatollon*; o sexto *Malé Atollon*, que é o principal, aonde está ilha de Malé, capital das outras; o setimo *Pulisdùs*; o oitavo *Moluca*; o nono *Nillandus*; o decimo *Collo madus*; o undecimo *Adu matis*; o duodecimo *Suadù*; o decimo terceiro *Addù* e *Puà Molluca*, que verdadeiramente são dous separados um do outro, mas mui pequenos, pela qual rasão se costumam contar por um só. Todavia *Addù*, como mais consideravel, dá o nome ao outro.

Eu estive em todos estes Atollons, e naveguei por entre todos elles com os naturaes da terra. Cada um destes Atollons é separado do seu visinho por um canal ou braço de mar, que passa entr'ambos, ás vezes estreito, ás vezes largo, cada um diversamente. Mas como quer que seja, não podem por alli passar navios grandes, sem se perderem. Todavia ha quatro destes canaes, que são muito mais largos que os outros, e que podem ser navegados pelos maiores na-

(a) Segundo os geographos modernos a Cabeça de Maldiva está em 7.° 30' de latitude, e Cochim em 9.° 50'.

vios, mas com muito perigo, e corre-se sempre ahi grande risco, mormente de noute; e o mais certo é perderem-se, como a nós nos aconteceo, porque não podem deixar de se encontrar alguns baixos e rochas, de que cumpre fugir. Vi nas ilhas de Maldiva muitas cartas maritimas, onde isto estava exactamente notado. Por cima disso são estes povos maravilhosamente déstros em evitar aquelles bancos, e safar-se dos passos mais perigosos sem soçobrar; e muitas vezes os vi passar pelo meio de bancos, baixos, e rochedos, por pequenos canaes tão estreitos, que não havia mais logar que para o barco, e ás vezes tanto á justa, que roçava nos rochedos por ambos os lados; e todavia caminhavam seguramente pelo meio destes perigos a passo largo; e eu quando ia com elles, o que muitas vezes me aconteceo, levava sempre grande susto. Mas nunca o tive maior que certa vez, em que estando com alguns daquelles naturaes n'um pequeno barco, que não tinha mais de quatro braças de comprimento, levantava-se o mar acima de nós mais de duas lanças, e estava tão tormentoso e empollado que mais não podia ser. Parecia-me a cada momento que a vaga me atirava fora do barco, no qual a muito custo me segurava; e elles de nada se lhes dava, e não faziam senão rir; porque não se arreceiam do mar, e são mui destros em governar os barcos e bateis, estando affeitos a isto, e costumados desde meninos, assim os grandes senhores, como a gente mais rasteira; e teriam a deshonra o não serem entendidos neste mester. É por isso que se faz impossivel dizer o numero de barcos e bateis, que ha por todas estas ilhas, tanto mais que os mais pobres querem um batel seu, e os mais ricos muitos. Nunca navegam de noute, e surgem todas as tardes junto a terra. Governam os bateis a olho sem bussola, salvo quando sáem fora de suas ilhas, ou quando emprehendem alguma viagem grande. Por este respeito não fazem grande provimento, e compram cada dia em diversas ilhas tudo o de que hão mister.

Por cima de tudo a mór parte das ilhas comprehendidas no recinto de um Atollon, são ainda cercadas de um baixo, onde não ha alem de uma ou duas aberturas mui estreitas, e difficeis de discernir, por respeito das quaes é mister que elles entendam bem a maneira de dirigir com destreza seus barcos; aliás se falhassem um nada, virar-se-hia o barco, e seria perdida a fazenda; porque quanto á gente, sabem nadar tão bem, que nestes sitios se salvam sempre, e a dizer a verdade são como meios peixes, tanto andam costumados ao mar, onde vão todos os dias quer a nado, quer a pé, quer em batel. Eu os vi muitas vezes por dentro de seus bancos, onde o mar é quieto, como já disse, eu os vi correr a nado atraz dos peixes, que elles tinham lobrigado quando se banhavam, e apanhal-os na carreira. Isto é cousa para elles ordinaria. E todavia sem embargo de toda a sua destreza não deixam de se perder barcos muitas vezes. O maior contra-tempo são as correntes *Oyuarú*, que correm ora a leste, ora a oeste entre os canaes das ilhas, e em diversos sitios do mar, seis mezes de uma banda, e seis da outra, mas não tanto á risca, que ás vezes não seja mais ou menos; e é isto o que os engana, e de ordinario os faz perder. Os ventos são pela maior parte fixos, como as correntes, da banda de leste, ou de oeste, mas variam muito mais, e não são tão regulares, atravessando ás vezes para o norte ou para o sul; ao mesmo passo que a corrente vai sempre seu caminho costumado, até que mude a estação, a qual, como já disse, não muda sempre a tempo certo, o que causa inconveniente aos barcos; de que adiante apontarei exemplos.

Ha ainda a este proposito uma cousa grandemente notavel, e é que sendo os Atollons, como acima disse, todos em fileira, e proximos uns dos outros, separados por canaes que os atravessam, tem aberturas, e entradas oppostas entre si, duas de um lado, e duas do outro, por meio das quaes se pode ir e vir de Atollon em Atollon, e ter

communicação em todo o tempo. No que se pode observar um effeito da providencia de Deos, que nada deixa imperfeito. Por quanto se não houvera mais que duas aberturas em cada Atollon, a saber, uma de uma banda, e outra da outra, não seria possivel passar de Atollon em Atollon, nem de abertura em abertura, por rasão da impetuosidade das correntes, que correm seis mezes para leste, e seis para oeste, e contra as quaes se não pode vogar, mas impellem forçadamente as embarcações. E se porventura estas duas aberturas não fossem oppostas, mas uma da banda de leste, e outra de oeste, poder-se-hia sim facilmente entrar, mas não retroceder, senão depois de serem passados os seis mezes, e a corrente mudada.

Ora na forma por que estas entradas são dispostas, pode-se sem embargo das correntes ir de um Atollon a outro em todo o tempo, e traficar, e communicar livremente entre elles, como se faz. Tanto mais que cada Atollon é aberto por quatro logares, que correspondem aos dous Atollons visinhos. Por exemplo, ha uma abertura do lado de leste, que é quasi directamente opposta á entrada do outro Atollon; e do lado de oeste ha outra, que é semelhantemente fronteira á do Atollon visinho. De sorte que se a corrente vai de leste a oeste, não se pode atravessar directamente de entrada a entrada; mas neste caso sáe-se pela banda de leste, que é então a parte mais alta da corrente, e continuando a marchar de esguelha, vai-se entrar no outro Atollon pela entrada do oeste. Semelhantemente pode-se tornar promptamente quantas vezes se quizer, sem esperar mudança de quadra; mas neste caso é mister sair pela abertura de leste, que é opposta áquella donde se partira, e ir atravessado entrar pela abertura de oeste no outro Atollon. Quando a corrente está mudada, e que corre de oeste a leste, é necessario fazer o contrario de que está dito, isto é, sair pela parte de cima da corrente, e entrar pela abertura do outro Atollon, que é então a parte baixa da corrente, que em tal caso fica a leste. A utilidade e

necessidade destas entradas é manifesta, e ainda não obstante isso, não deixam de se perder mui frequentemente barcos e bateis, que as correntes arrojam por força, mórmente quando as calmas ou ventos contrarios os apanham em caminho. Que se estas entradas não fossem, como as tenho representado, seria muito peior, pois não haveria meio de navegar de Atollon em Atollon. Com tudo isso as entradas destes Atollons são diversas, umas bastantemente largas, outras mui estreitas. A mais larga não excede a duzentos passos, mais ou menos, e ha-as que não tem mais de trinta, e ainda menos. Nos dous extremos de cada uma destas entradas em todos os Atollons ha duas ilhas, uma de cada lado, as quaes direis que estam alli para guardar a entrada, como de feito seria mui facil com artilheria impedir os navios de lá entrar, porque a mais larga não excede a duzentos passos.

Quanto aos canaes, a que elles chamam *Candú*, que separam os Atollons, ha quatro mui navegaveis, onde grandes navios podem passar para atravessar estas ilhas de Maldiva, como é frequente passarem os estrangeiros de todas as qualidades; mas todavia não sem risco, e todos os annos se perdem alli muitos. Não é de boamente que alli vão passar, antes pelo contrario lhe fogem o mais que podem, mas estam as ilhas de tal forma situadas no meio do mar, e extendem-se tanto ao longo, que é custoso escapar-lhe; e por cima de tudo as correntes impellem para alli os navios forçosamente, quando as calmas, ou os ventos contrarios os surprendem, e se não podem ajudar bem de suas velas para se safar das correntes. O primeiro canal, que se pode tomar da banda do norte, é aquelle em cuja bocca nós nos perdemos, sobre o banco do Atollon de *Malos madú*. O segundo mais para a parte de Malé, chama-se *Caridú*, no meio do qual está a maior de todas estas ilhas, assim circumdada de bancos, como já disse. O terceiro está alem de Malé da parte do sul, e se chama *Addú*. O quarto chama-se *Suadú*, e está directamente de-

baixo da linha equinocial. É o mais largo de todos, por que tem mais de vinte legoas de extensão. Os naturaes quando vão de ilha para ilha, ou de um para outro Atollon, não se servem de bussola, e só em grandes viagens muito ao longe; mas quando hão de passar este largo canal, então usam della. Todos os outros canaes entre os Atollons são mui estreitos, e cheios de escolhos e baixos, e não se podem passar senão em pequenos barcos; e ainda assim é mister ter grande conhecimento dos logares, para sair a salvo. Achei estranho, navegando com estes naturaes pelo canal, que separa Malé e Pulisdú, que tem este mesmo nome de Pulisdú, e sete legoas de largura proximamente, achei estranho, digo, que o mar ahi parecesse de côr negra como tinta de escrever, e comtudo quando se toma a agua em qualquer vaso, não differe da outra. Igualmente se vê alli sempre a agua ferver em grandes cachões negros, como se estivesse sobre o fogo. Neste logar o mar não corre como nos outros, o que é horroroso de ver; e me parecia que estava n'um abysmo, não vendo a agua mover-se nem para uma banda, nem para a outra. Não sei a rasão disto; mas o que sei é que mesmo a gente da terra lhe tem horror. Tambem ahi é mui frequente haver tormentas (a).

(a) Para o leitor, que não tiver á mão as *Decadas* de João de Barros, poremos aqui a descripção, que este insigne cosmographo fez destas ilhas, escrevendo cincoenta annos ou mais antes da viagem de Pyrard. Diz pois João de Barros (*Dec.* III. *Liv.* III *Cap.* VII.) entre outras cousas o seguinte:

==As quaes ilhas (de Maldiva) as mais pequenas estam encabeçadas em as maiores de maneira, que uma governa trinta, quarenta, segundo estam situadas, e a este numero assi encabeçado em uma chamam elles *Patana*..... A situação destas (ilhas) de Maldiva, ainda que algumas das maiores sejam apartadas umas das outras por espaço de vinte, quinze, dez, e cinco legoas, o maior numero dellas e estarem tão conjunctas, e apinhoadas, que parecem um pomar meio alagado de agua, que quasi tanta parte é coberta, como descoberta della; e que de salto em salto, por não molhar os pés, e ás vezes lançando a mão aos ramos das arvores, se anda todo. E são os canaes desta agua, que as retalha, tão retorcidos, que os mesmos naturaes

Pelo que tenho dito sobre serem estas ilhas tão proximas da equinocial, de uma e outra banda, pode-se julgar qual é a qualidade de seus ares, que são mui insalubres, e o calor excessivo. Todavia a noute e o dia são alli iguaes em todo o tempo, e as noutes são mui frescas, e cáe abundande orvalho. Esta frescura é parte para se poder habitar a terra com menos incommodo, e para as ervas e arvores medrarem sem embargo do ardor do sol. O inverno começa no mez de abril, e dura seis mezes; e o verão no mez de outubro, e dura outros seis mezes. O inverno é sem frio, mas continuadamente chuvoso; e os ventos são tambem então mui impetuosos da banda de oeste. Ao contrario o verão é extremamente quente, sem chuva alguma, e os ventos são da banda de leste.

Julga-se que as ilhas de Maldiva foram antigamente povoadas pelos Chingalás (assim se chamam os habitantes da ilha de Ceilão); mas eu acho que os Maldivas em nada se parecem com os Chingalás, que são pretos, e de muito má figura; ao mesmo tempo que aquelles são bem formados, e bem proporcionados, fazendo pouca differença de nós-outros, salvo na côr, que é baça. Todavia de crer é que a terra, e a continuação do tempo os tenham tornado mais formosos que os que a principio povoaram as ilhas. Afóra disso tem alli permanecido grande numero de estrangeiros de todas as partes, que se tem affeito á terra, alem de tantos indianos, que de tempo em tempo se tem perdido, como nos aconteceo a nós, e cada dia se perdem, e lá ficam. E por esse respeito a gente, que habita desde Malé e suas visinhanças até á ponta do norte, é mais polida, honesta, e civilisada; e a que está da parte do sul para a ponta de baixo, é mais grosseira em sua lingua-

---

ás vezes uma maré os apanha, e lá os vai lançar em parte, onde não sabem atinar. Porque ainda que estes canaes muitos delles tem tanta altura, por que possam navegar naes mui grossas, são tão estreitos, que em partes vão dando com a entena das velas nos palmares.=

gem, e costumes, menos bem formada de corpo, e mais preta; e ainda ahi se vêm muitas mulheres, principalmente pobres, que andam de todo nuas, sem pejo algum, tendo apenas um pedaço de panno para cobrir as partes vergonhosas. O norte sempre tem sido mais frequentado dos estrangeiros, que ordinariamente ahi casam; e como por ahi passam todos os navios, a terra enriquece, e se civilisa cada vez mais. Por essa rasão as pessoas nobres e ricas assentam de melhor vontade aqui sua morada, que no sul, aõnde, como já disse, o rei envia por castigo os degradados. Com tudo o povo que habita as partes do sul, não é em nada menos esperto, nem de menos engenho que o outro, se o não é mais, por qualquer causa que seja. Mas quanto á nobreza essa está toda da banda do norte, donde tambem saém os soldados.

Por ultimo, fallando em geral, este povo é mui engenhoso, mui dado á manufactura de toda a sorte de lavores, no que são excellentes, mesmo nas letras e sciencias a seu modo, e especialmente na astrologia, que muito presam (a). São gente prudente e avisada, mui experta na mercancia, e no modo de viver no mundo. São outrosim valentes, esforçados, e entendidos nas armas, e vivem com grande regra e policia (b). No que toca ás mulheres são bellas, salvo serem de côr baça; com quanto se achem muitas tão brancas como em Europa. Todavia todas tem o ca-

---

(a) Quanto ás cousas de artificio, que a gente dellas (Ilhas de Maldiva) faz, são pannos de seda e algodão, e delles são taes, que cousa de tecedura não se faz melhor em todas aquellas partes, e isto principalmente nas ilhas Ceudú e Cudú, onde dizem que ha melhores tecelões, que em Bengala e Choromandel. Porem toda a seda e algodão, de que fazem estes pannos, lhes vem de fóra, por serem mui desfalecidas destas cousas, e assi de arroz, que todo lhe vai de carreto. (João de Barros, *Dec.* III *Liv.* III. *Cap.* VII).

(b) A gente destas ilhas, com quem os nossos tem communicação, é baça, fraca, e maliciosa, cousas que sempre andam juntas, não somente com a natureza dos homens, mas ainda nos brutos animaes, donde se pode verificar uma paradoxa, que todo fraco de animo é malicioso em cautellas. (Barros, no logar citado).

bello preto, mas elles estimam isto por belleza, e até procuram dar-lhe esta côr, por que trazem a cabeça das raparigas rapada até á idade de oito ou nove annos, deixando apenas um circulo de cabello ao longo da testa, para as differençar dos rapazes, que não conservam nenhum; e esse pouco que deixam é uma tira tão estreita como a sobrancelha. Desde que as crianças nascem as rapam de oito em oito dias, o que torna os cabellos muito pretos, o que ás vezes não seriam, por que vi crianças com elles alourados.

Tem por tanto em geral o cabello preto, e quanto mais preto mais bello é reputado, assim nos homens, como nas mulheres. Esta côr, como já disse, lhe vem de que desde que nascem o rapam de oito em oito dias. É belleza e ornamento nas mulheres ter os cabellos mui cumpridos, bastos, e pretos, que ellas penteam e lavam repetidas vezes, e desengorduram com aguas e barrelas feitas a esse intento, e depois de terem bem lavado e desengordurado as cabeças e cabellos, ficam com estes soltos ao vento, mas no interior da casa, até estarem perfeitamente enxutos; depois esfregam-nos e untam-nos com oleo mui odorifero, de sorte que tem sempre a cabeça humida e untada. E assim homens, como mulheres, cada vez que lavam o corpo untam sempre os cabellos, o que acontece duas ou tres vezes por semana; mas o corpo chegam a untal-o mais de uma vez no dia. Os cabellos são obrigados a laval-os quando tem tido communicação entre si; e particularmente todas as sextas-feiras, que é o seu dia sanctificado, e em todas as suas festas principaes; os homens nas sextas-feiras, e as mulheres somente nas festas; mas fóra disto todas as vezes que lhe apraz, e o hão mister.

As mulheres derramam tambem aromas pela cabeça por mui poucas posses que tenham; e sendo assim lavadas, untadas, e perfumadas, penteam o cabello, puxando bem todos os de diante para traz o mais que podem, de forma que um só cabello não desdiga, ou tome outra direcção; depois atam-no atraz fazendo um nó em forma de grande

castanha, para engrossar a qual poem uma madeixa postiça de homem, mas tão comprida como de mulher em forma de cauda de cavallo. Os cabellos desta madeixa postiça estam seguros pela parte mais grossa n'uma especie de dedal ou annel, em volta do qual todos aquelles cabellos estão dispostos; e esse dedal, que é de ouro ou prata, é cravado de perolas e pedras preciosas, segundo as posses de cada um. Ha tal que põe duas destas madeixas postiças só para lhe augmentar o troço do cabello atraz. Poem-lhe tambem ás vezes flores odoriferas, que não faltam na terra; e tudo é tão bem arranjado que um cabello não desdiz do outro.

No que toca aos homens, não é permittido, como já disse, senão aos soldados, officiaes del-rei e fidalgos usar cabellos compridos, o que elles pela maior parte fazem, e tão compridos como os das mulheres. Não tem menor cuidado que ellas de os lavar, desengordurar, untar, e perfumar de flores; e não ha outra differença senão que os homens atam os cabellos ao lado, ou no alto da cabeça, e não atraz como as mulheres; e tambem nunca poem crescente. Todavia elles não tem obrigação de trazer assim os cabellos; mas é licito trazerem-nos curtos, ou compridos, como bem quizerem, como cá se trazem os bigodes. Vi o rei, os principes, e a maior parte dos senhores, e soldados trazerem-nos curtos; e aquelles que os trazem compridos a maior parte quando se aborrecem, ou quando não crescem, cortam-nos para os dar, ou vender ás mulheres; porque não ha crescentes senão de cabellos de homem, porquanto nunca se cortam os cabellos das mulheres, quer vivas, quer mortas. A maior parte destas madeixas postiças vem da terra firme, como de Cochim, Calecut, e de toda a costa de Malabar, onde todos os homens trazem os cabellos compridos, que cortam, e vendem para uso das mulheres, assim da sua terra, como de fóra. O cabello cresce-lhe muito mais de pressa do que a nós, e a causa é, segundo penso, tanto porque elles o lavam e untam muitas

vezes, como por rasão do calor excessivo, que faz com que o cabello nasça mais basto e mais aspero, mas nunca crespo, como entre nós. Commumente tambem os homens de lá são tão cabelludos pelo corpo, e de cabellos tão bastos, que mais se não pode imaginar; e disto se gloriam como de indicio de força, o que todavia se não verifica nelles; e se um homem não é assim pelludo, dizem que mais parece mulher que homem, e fazem delle pouco caso. Mas as mulheres não são tão cabelludas, e só tem cabello nos lugares ordinarios. Não ha lá barbeiros de officio, mas cada um se rapa a si proprio, assim homens, como mulheres, e não usam navalha senão para isto. Não tem pentes; mas tem tisouras de cobre e de ferro coado, e espelhos tambem de cobre, de que se servem para se barbear; as navalhas são de aço, mas não do feitio das nossas, das quaes não fazem caso. Barbeam-se porem do mesmo modo que nós. Em quanto a el-rei e aos grandes senhores, ha homens que se tem por mui honrados de os servir neste mester não por paga, mas por affeição, sendo pessoas nobres. Por esse respeito o rei lhe dá algumas prendas no fim do anno.

Assim por todas estas ilhas não ha homem ou mulher, rico, ou pobre, grande, ou pequeno que seja, que da idade de quinze annos por diante não tenha os seus pequenos petrechos, ou ferramenta para arranjo dos cabellos; e são muito cuidadosos de os raparem por pouco que elles os magôem, ou importunem. Quanto ás raparigas, ás quaes rapam os cabellos quando são crianças de oito em oito dias, para as differençarem dos rapazes, que igualmente rapam, deixam-lhe uma pequena borda. As raparigas tambem não usam roupinhas até á idade de oito ou nove annos, mas somente um panno desde a cintura até abaixo dos joelhos, o qual trazem desde que começam a andar. Os rapazes porem não o trazem senão desde a idade de sete annos, e depois que são circumcidados. Dizem que as raparigas não tem necessidade de trazer roupinhas antes do tempo referido, por que é então que o seio começa a crescer, e é mis-

ter cobril-o, como cousa, que elles tem grande pejo de mostrar. Então deixam tambem crescer os cabellos das raparigas, sem mais os cortarem, antes os ornam e enfeitam, por ser chegado o tempo de se casarem, e até então serem tidas como crianças ; pelo que não é licito a homens e rapazes requestal-as, por não serem ainda reconhecidas, nem vestidas como mulheres.

Ora quando os homens são velhos, e cabelludos, como já disse, e não cobrindo o corpo da cintura para cima, barbeam-se no peito e sobre o estomago, mas com tudo de forma que cortam o cabello em uns sitios, e o deixam crescer em outros, o que figura o feitio de um gibão aberto em varios logares. No que toca á barba, os homens usam-na de duas formas. Uma é a que é permittida aos Pandiares, Naibas, Catibas, e outros ministros da religão, e a todos os que tem feito a romaria da Meca, e Medinatalnaby em Arabia, onde está o sepulchro de Mahomet. Todos estes trazem a barba comprida do tamanho que querem, e não a rapam senão na parte dianteira do pescoço, e nos beiços tanto de cima como de baixo, porque por cousa nenhuma quereriam que o que bebem ou comem lhe toque em algum pello, o que tem por uma das maiores impuresas e immundicie do mundo, e por essa rasão não tem pello ao redor da bocca; e muitas vezes vi que por acharem um só cabello no prato quando comem, lhe não tocam, e ficavam antes sem comer, dando-o ás aves e a outros animaes, sem que alguem o quizesse aproveitar. A outra forma de barba é propria da gente commum, e é curta á hespanhola, rapada ao redor da bocca, e na parte dianteira do pescoço, sem bigodes, e nas faces fazem pequenas cortaduras e feitios com tesoura, e com este instrumento as cortam mui rentes, mas não tanto que não appareçam. No queixo inferior deixam-na crescer em ponta, como agora entre nós se usa. Apanham cuidadosamente as aparas dos cabellos e das unhas, sem deixar perder ou cair cousa alguma, e as vão enterrar em seus cemite-

rios com uma pouca de agua; e por cousa nenhuma deste mundo as pisariam com os pés, nem tão pouco as lançariam no fogo, porque dizem que sendo cousa do corpo, requer tambem como elle sepultura; e de feito com a maior cautella as embrulham em algodão. A maior parte vão-se barbear á porta dos templos e mesquitas; e nesta operação são assaz duros e insensiveis; não usam de agua quente, e as suas navalhas cortam muito mal. Apenas molham a cara como uma pouca de agua fria, e por mais que soffram, nunca se queixam, e dizem que lhe não dóe. Eu porem, que usava de maior precaução, que me lavava e esfregava muito tempo com agua quente, mesmo assim me esfoliavam, e parecia que me arrancavam todos os cabellos. Mas elles costumam-se, e afazem-se a isso; aliás seriam tão sensiveis como nós.

Mas é tempo de passarmos á descripção particular destas ilhas.

As ilhas de Maldiva são mui ferteis em fructos, e outras commodidades necessarias á vida do homem. Cria-se nellas milho, que lá chamam *Ura*, em abundancia, e tambem outro pequeno grão, chamado *Bimby*, que é semelhante ao milho, salvo ser preto como semente de nabos. Estes grãos semeam-se, e colhem-se duas vezes no anno. Fabricam delles uma especie de farinha, da qual fazem papas com leite, e mel de côco, tortas, e bollos, e muitas outras sortes de manjares. Tambem se criam raizes de muitas qualidades, que se comem, entre outras uma chamada *Itelpul*, que se dá em grande copia sem ser semeada, e é redonda e grossa como os dous punhos pouco mais ou menos. Ralam-na esfregando-a n'uma pedra mui aspera, depois poem-na n'um panno ao sol a seccar, e fica uma especie de farinha mui alva, que se guarda o tempo que se quer, e della fazem papas, tortas, e bollos, que é manjar mui delicado, posto que carrega um pouco o estomago, e deve-se comer fresco para ser bom. Ha ainda outras sortes de raizes, chamadas *Alas*, mui gostosas, e em gran-

de copia, que elles semeam e cultivam, umas vermelhas como betarrabas, outras brancas como nabos, e são ordinariamente mais grossas que a coxa de um homem. Cozem-nas, e preparam-nas de diversas formas, e mesmo para as guardar pelo anno adiante, (por que não se dão senão no fim do inverno, no mez de setembro) as poem de conserva com mel, e assucar de côco, e são uma boa parte da mantença destes povos. Trigo, que elles chamam *Godam*, ou arroz, que chamam *Andué*, não se produz alli, mas vem muito arroz da terra firme, que trazem os mercadores, e fazem delle muito uso, e é barato. Comem-no e cozinham-no de varias formas; ou cozendo-o só em agua, e comendo-o com outras viandas em logar de pão; ou misturando-lhe especiarias; umas vezes com leite, e assucar de côco; outras vezes fazendo-o cozer com gallinhas, ou peixe, o que elles temperam com arte e delicadeza. Tambem o cozem, e depois o seccam e pizam, e desta farinha com ovos, mel, leite e manteiga de côco preparam tortas, e manjares mui excellentes.

Afóra isso as ervas e arvores abundam por toda a parte nestas ilhas. Ha grande numero que dão fructo, outras que o não dão, mas de que todavia se comem as folhas, que são doces e delicadas; outras que servem a muitos e varios usos. Descrevel-as-hei particularmente em outro logar; aqui basta indical-as. Em quanto a fructas, ha limões, romãs, e laranjas em tão grande copia, que se não pode exceder. Ha bananas, a que o Portuguezes chamam na India figos, e nas ilhas de Maldiva se chamam *Quellá*, que é um fructo grande, que multiplica muito, delicioso, e muito substancial, de sorte que com elle sustentam as crianças em logar de papas; e alem disso uma infinidade de outras fructas, que eu não posso designar, das quaes umas se assemelham de alguma sorte a nossas ameixas, peras, figos, abobaras, e melões, com quanto sejam produsidas em arvores. Mas nenhum fructo é de mais utilidade que os côcos, que alli se chama *Cate*, e á arvore que os pro-

duz *Roul.* o qual abunda nas ilhas de Maldiva mais que em outro logar do mundo, e delle abastecem, por assim dizer, muitas regiões visinhas, em rasão de que os naturaes das mesmas ilhas sabem tirar delle melhor todo o proveito e commodidades, que delle se pode haver, do que os outros povos. E' este fructo o maior e mais maravilhoso manná, que se pode imaginar, por que só por si esta arvore pode servir a tudo o que é necessario á vida do homem, subministrando-lhe em abastança vinho, mel, assucar, leite, e manteiga. Alem disso o miolo do fructo serve para comer com toda a sorte de iguarias em vez de pão; por que lá não se fabrica, nem se vê pão; e eu estive cinco annos ou mais sem o provar, e ainda sem o ver: e com tudo já estava tão affeito a este modo de vida, que não estranhava a falta. Ainda o páo, a casca, a folha da planta, e a casca do fructo servem para fazer a maior parte de seus moveis e utensilios. Mas eu não quero aqui deter-me a descrevel-o; isso seria mui longo, e me afastaria do fio do meu discurso. Fal-o-hei mais commodamente em outro logar, onde darei a descripção particular desta arvore maravilhosa, por ventura mais amplamente do que ninguem até agora o ha feito, pois a conheci exactamente, e possui grande numero dellas por tanto tempo.

Quanto á lenha para queimar, ha-a em tal quantidade que se não compra, porquanto o paiz é coberto de toda a sorte de arvores; o que dá grande sombra, e muita frescura, e prazer. Ha mesmo arvores que não servem para outra cousa senão para queimar, sendo permittido il-as cortar a qualquer que disso tem necessidade. E ha outrosim ilhas inteiras, que dellas são cheias, onde cada um envia todos os dias seus domesticos e escravos a buscal-as para seu uso.

Por derradeiro nesta abundancia de fructos, como disse, é cousa admiravel que cada um dos treze Attolons produz diversas commodidades; e com quanto estejam todos sob

um mesmo clima, todavia cada um não tem tudo quanto lhe é necessario, de sorte que uns não podem passar sem os outros. Direis que quiz Deos que estes povos se tratassem mutuamente entre si, tanta é a diversidade dos productos, e tão notavel é a circumstancia de que o que abunda em um é raro no outro. Concedo, e é verdade, que em todos os logares se dá um pouco do que abunda n'outro, mas é em pequena quantidade, e não é de tão boa qualidade, e tão natural como o que se produz nos Attolons e ilhas proprias para isso, por rasão de ser cousa forçada. Note-se ainda que estes povos tem seguido em sua habitação uma ordem semelhante, porque os que professam mesteres estam congregados em ilhas apartadas, como os tecelães em uma, os ourives em outra, os serralheiros, ferreiros, esteireiros, olleiros, torneiros, e marceneiros.

Em somma nenhum mester está envolto com outro; cada um tem sua ilha apartada. Com tudo communicam-se de umas ilhas ás outras desta sorte. Tem bateis cobertos de um pequeno toldo, e vão de ilha em ilha a trabalhar, e vender a sua mercadoria; e ás vezes estam mais de um anno antes de voltar á sua ilha, e ordinaria habitação. Levam comsigo todos os seus filhos machos, desde a idade de quatro ou cinco annos, para os ensinar, e acostumar. Dormem sempre eu seu batel, ahi bebem e comem, e a maior parte das vezes ahi mesmo trabalham. Lembrava-me, quando via isto, dos caldeireiros, que andam de aldêa em aldêa. Eu poderia especificar aqui os Attolons, e ilhas, que produzem cada especie de fructos, e commodidades particulares, mas tenho-o por escusado.

Quanto aos animaes, ha gallinhas em tão grande copia, que é cousa extraordinaria, e não custam senão o trabalho de as apanhar, porque são bravas. No mercado vendem-se a um soldo por cabeça, e semelhantemente trinta e seis ovos pelo mesmo preço. E' a vianda de que mais usam, abaixo do peixe. Ha tambem quantidade de pombos, ádens, francolins, e certas aves, que totalmente se parecem

com gaviões, com pintas pretas e cinzentas, as quaes todavia não vivem de rapina, mas de fructos; e muitas outras differentes especies, todas bravas, e não domesticas. As gralhas incommodam muito a gente, porque são tão ousadas que entram nas casas para apanhar o que acham, ainda que lá haja gente, de que quasi nada se espantam, o que me parecia mui extraordinario; e a principio julgava que ellas eram domesticas, e tinham dono. Ha tantas que seria impossivel contal-as; e a gente da terra não as mata. Os morcegos são do tamanho de córvos. Dão grande molestia os mosquitos, que picam vivamente, tanto ou mais que na ilha de S. Lourenço, ou outras partes da India. Mas o que mais incommoda são os ratos, arganazes, e formigas, que se encontram em toda a parte, com outras sortes de animaes, e bichos, que entram nas casas, e comem, e estragam todos os grãos, provimentos, fructos, e mercadorias tenras, de sorte que aquella gente, para atalhar a isso, se vê constrangida a fabricar armazens e celleiros sobre estacas no mar a duzentos e trezentos passos de distancia da terra, aonde vão em bateis, e ahi conservam seus grãos e fructos. A maior parte dos armazens del-rei são construidos desta sorte.

Todavia não ha alli animaes peçonhentos, salvo algumas cobras. No mar ha uma especie dellas, que são mui perigosas. Vêm-se muitos gatos, fuinhas, e furões. Eis os animaes que eu pude observar criarem-se nestas ilhas. Outros muitos vi lá de todas as qualidades, mas vêm de fóra. Cavalgaduras não ha, nem tão pouco outros animaes grandes, quer bravos, quer domesticos. Verdade é que de vaccas e touros ha quasi quatrocentos ou quinhentos; mas pertencem somente a el-rei, que os cria na sua ilha de Malé; e havendo elles sido condusidos da terra firme por curiosidade, tem multiplicado áquelle numero, tanto mais facilmente quanto os não comem, senão quatro ou cinco vezes no anno, nas grandes festas, em que o rei manda matar um; e ás vezes para dar aos navios estrangeiros, que el-rei

quer presentear. Tambem vi alguns carneiros, que semelhantemente são del-rei. Não ha cães, e até lhe têm horror. No tempo, em que eu lá estava, os Portuguezes de Cochim enviaram dous a el-rei como raridade, e elle immediatamente os mandou afogar no mar. Se um cão tocar algum daquelles habitantes, correrá este logo a banhar-se, para se purificar.

O mar é de tal sorte piscoso, que é maravilha, e de todas as qualidades de peixes, grandes e pequenos; o que procede principalmente de ser o mar baixo e pacifico entre os Attolons, ou de alguma outra propriedade desta paragem. A pesca é pois muito abundante, e é o maior exercicio dos naturaes destas ilhas, bem como o peixe é o seu principal mantimento, ou seja fresco com arroz, e outras iguarias, ou frito em azeite de côco, ou ainda cosido em agua do mar, e depois secco para se guardar, e assim enviam diariamente muitos navios carregados delle ao Achem em Sumatra, e a outras partes. Entre estes peixes ha alguns grandes e perigosos, que até devoram gente, quando vai banhar-se, ou pescar; e eu mesmo por pouco que não fui uma vez devorado. Vê-se grande numero de pessoas, que em desastres destes tem perdido braços e pernas, ou ficado de outra forma mutiladas.

Esta grande abundancia de tudo faz com que alli custa pouco o grangeio da vida, por tudo ser barato. Adquirem-se quatrocentos côcos por um larim, que vale oito soldos; quinhentas bananas tambem por um larim; semelhantemente pelo mesmo preço cem peixes grandes, ou uma duzia de gallinhas, ou trezentas libras de raizes; e assim nas outras cousas; de sorte que não ha paiz na India, onde os estrangeiros enriqueçam tão depressa, porque o trato ahi é muito bom, e as vitualhas custam muito pouco. Donde vem dizerem lá por proverbio que os naturaes nunca serão ricos, e os estrangeiros o serão logo. Quanto a mim julgo que é a barateza das vitualhas, que faz aquella gente preguiçosa no trabalho, e negligente, o que obsta

a que enriqueça, tanto mais que a maior parte só lhe importa ter com que passar a vida, sem outra ambição nem avaresa; e não trabalham por alcançar outra cousa.

A ilha principal, como já disse, se chama *Malé*, que dá o nome a todas as outras; porque a palavra *Dives* significa um numero de ilhetas reunidas (a). Está ella quasi no meio de todas as outras ilhas, e tem de circuito legoa e meia. E' a mais fertil de todas, emporio, e escála das outras, e dos estrangeiros, morada e côrte do rei; em consequencia do que é a mais habitada. Mas é certamente a mais doentia, e explicam a rasão disso, dizendo que sendo alli a morada dos reis desde a antiguidade, morre muita gente, e como se enterra cada pessoa á parte, toda a ilha está cheia de sepultnras, e com o ardor do sol levantam-se vapores nocivos e maleficos. Pela mesma rasão são as aguas más; por isso el-rei se vê obrigado, para si e sua familia, mandal-a buscar a outra ilha onde a haja melhor, e onde se não enterre pessoa alguma; o que igualmente fazem as pessoas principaes, e medianas da ilha.

Por todas estas ilhas não ha cidades fechadas, nem ainda na ilha de Malé. Mas toda a ilha está cheia aqui e alli de casas e habitações, ou de senhores e fidalgos, ou do povo miudo; e o mesmo é nas outras. Todavia as casas distinguem-se por bairros e ruas, e são dispostas em mui boa ordem, e cada um sabe a sua repartição.

As casas e edificios do povo baixo são de madeira de coqueiro, que cortam do tronco da arvore. Cobrem-nas com folhas da mesma arvore, cosidas umas em cima das outras. Os senhores e os ricos mandam-nas fabricar de pedra, que se tira do mar da parte inferior dos baixos e bancos, onde se acha quanta se quer, cumpridas e grossas. E' lisa, de facil fabrico, mui branca, e todavia um pouco dura ao serrar e a cortar; mas quando tem estado á chuva,

---

(a) Veja-se no Cap. IX a outra interpretação, que o auctor dá a esta mesma palavra.

perde com o tempo a sua duresa natural e brancura, e a final fica negra quando é batida da chuva, ou molhada com outra agua doce. A maneira de a tirar de dentro do mar é notavel. Cria-se nestes paizes um especie de arvore, a que chamam *Candú*, que é do tamanho das nossas nogueiras, e a folha se parece com a da faia, igualmente branca, mas excessivamente molle. Esta arvore não dá fructo, e até não é propria para queimar. Depois de secca, serram-na em taboas, das quaes se servem como nós cá das de pinho. E' o páo mais leve que ha, ainda mais que a cortiça. Tendo observado dentro d'agua a pedra que querem tirar, atam-lhe um bom cabo bem seguramente. Isto é para elles cousa leve, porque, como já atraz disse, são meio-peixes, mui destros no nado, e mesmo as mulheres nadam tão bem, ou melhor que os homens destas terras; de sorte que quasi todos, e por qualquer leve causa vão ao fundo do mar a quinze ou vinte braças de profundidade, e lá se demoram longo tempo observando o fundo, muitas vezes para ver se é azado o sitio para segurar as anchoras, e outras vezes tambem para escolher no fundo d'agua, alguma rocha grossa, onde amarram o cabo, supprimindo assim a anchora. Por tanto depois que elles tem escolhido a pedra que querem tirar, e que a tem amarrada a seu cabo, tomam um pedaço daquelle páo de Candú, e o atam, ou enfiam (quando é ôcco) ao tal cabo bem junto da pedra, e depois por cima lhe vão juntando quantidade destas mesmas peças, quanto é mister, até que estas, que são maravilhosamente leves, e boiam ao de cima da agoa, arrancam a pedra, e a trazem acima, por mui pesada que seja, ou qualquer outra cousa pesada, até ao peso de cem mil libras. E' isto cousa que eu vi fazer quasi todos os dias. As bombardas do nosso navio submerso, que estavam no fundo, as anchoras, e outras cousas pesadas, foram d'est'arte tiradas por elles, em presença de todos nós, que pensavamos dar-lhe algum alvitre; mas elles sabiam nesta materia mais que nós. Pela mesma invenção, que para

elles é cousa ordinaria e commum, vi tambem que o porto da ilha de Malé, sendo cheio de grossos rochedos, de forma que os navios não podiam ahi surgir nem anchorar seguramente, foi desentupido, limpo, e se tornou navegavel com um bom anchoradouro em menos de quinze dias. Com este páo boiante elles tiravam para terra os rochedos, ou os levavam para outro logar mais fundo, e depois cortando os cabos, que são fabricados de uma casca fina de certo páo, deixavam-nos cair no fundo. Tal é o modo de arrancar pedras para seus edificios. Mas quando este páo está repassado de agua, é mister deixal-o seccar ao sol, aliás não poderia boiar.

Accrescentarei a noticia de outras duas maneiras como elles se servem da arvore de Candú, já que della tanto tenho fallado. Uma é que tomam cinco ou seis grossas peças deste páo, e as ligam umas ás outras emparelhadas, e por cima poem taboas da mesma madeira em forma de grade bem chata, e bem direita; depois ao redor levantam pequenos bórdos por diante, por detraz, e pelos lados, e ainda no meio para se assentar. Isto lhe serve para andar no mar, e passar de ilha em ilha; e ahi andei eu com até nove companheiros; e é principalmente com este engenho que elles fazem as suas pescas. Cada pessoa tem um para seu uso, porque assim lhe é commodo, e basta um homem para o dirigir e guiar, por mui grande tormenta que faça; já se sabe entre os Attolons e os canaes, e não tanto assim no mar alto. Não haja receio de virar, porque sempre boia ao de cima d'agua; e alem disso, quando o fabricam, sabem medir tão bem estas peças de páo, dispôl-as em ordem, e por tal sorte equilibral-as, que nunca se viram para baixo. Só se pode temer que as peças se despeguem umas das outras. Chama-se isto em lingua da terra *Candupatis*, nome derivado da arvore, de que é fabricado. Tem ainda outra propriedade a arvore *Candú*, a saber, que esfregando pedaços do seu páo uns nos outros, ferem fogo, e é com isto que o accendem, servindo-se del-

les como nós dos fuzis. As pedras para fabricação dos edificios são pois tomadas do mar, da maneira que disse. Quanto á cal, fazem-na de escamas e conchas, que acham á borda do mar, e esta cal prende e caldea bem os edificios.

E já que fallei dos povos, antes de passar mais avante, cáe a proposito accrescentar uma palavra sobre qual seja a sua lingua. Duas são as que alli vulgarmente andam em uso. A primeira, particular ás ilhas de Maldiva, é mui abundante. Em mais de cinco annos, que alli me detive, cheguei a sabel-a como a minha lingua materna, e me era mui familiar. A segunda é a lingua arabiga, que é mui estimada, e elles lá aprendem como nós cá a lingua latina; e por isso se servem della nas suas resas. Alem destas ha algumas linguas extraordinarias, como a de Cambaia e Guzerate, a de Malaca, e ainda a Portugueza, que alguns sabem por rasão do commercio, e da communicação que entre si tem. No Attolon de Suadú, e nas ilhas do sul, falla-se uma lingua custosa de entender, grosseira, e rude, mas que todavia é a mesma lingua commum.

CAPITULO XI.

Da religião dos habitantes das ilhas de Maldiva. E das cerimonias, que guardam.

A religião, que seguem, é a de Mahomet, e não ha outra por todas estas ilhas, salvo as dos estrangeiros, que ahi aportam; e ainda assim são elles pela maior parte Arabios, Malabares, ou Indios de Sumatra, que tem a mesma religião. Seus templos chamam-se *Mesquitas*, e são constrúi-

dos de boa pedra de cantaria, e bem unida. Tem paredes grossas no meio de um grande claustro quadrado, igualmente cercado de muros, onde está o seu cemiterio, do qual se não servem todos, porque escolhem sepultura onde lhe apraz, e cada um quer ter a sua particular. O templo é quadrado, voltado a occidente, porque dizem que é o lado para onde fica a respeito delles o sepulchro de Mahomet. Tem tres portas, e á entrada de cada uma dellas da banda de fóra um poço largo, ao qual se desce por degráos, e cujo fundo e lados são forrados e guarnecidos de lages bem lisas e limpas para servir a seus lavatorios ; e dalli até á porta ha uma carreira das mesmas lages (porque todo o resto do claustro ou cemiterio é coberto de areia), afim de se não sujarem depois de lavados; e sóbem-se outo ou nove degráos para entrar no templo. O pavimento deste é coberto de bellas esteiras e alcatifas, que elles são curiosos de conservar aceiadas, e ninguem será tão ousado que lhe cuspa, ou se assôe sobre ellas, e quem não leva lenço sáe á porta, e cospe para fóra. O tecto é de madeira, no qual tenho admirado a mão de obra, porque é tão polido, e tão bem obrado, que não pode haver cousa melhor. As paredes são revestidas de madeira da mesma sorte trabalhada. E tudo, assim o madeiramento de cima, como a marcenaria de dentro, é ligado sem pregos, e sem cavilhas, e todavia fica unido com tanta firmeza, que se não pode despegar salvo conhecendo-se o artificio. Vêm-se grande retabulos, ou de pedra ou de páo, pregados em diversos lugares das paredes, nos quáes são gravadas letras e escripturas em lingua arabiga. No fundo do templo para a parte de occidente ha um pequeno repartimento de madeira, que faz lembrar um côro de igreja (entenda-se na mesquita da ilha de Malé), onde fica el-rei com aquelle que é mais chegado a sua pessoa, e lhe leva a sua espada e rodella, o grande Pandiare, um dos Catibas, e os quatro Mudins. Ao lado deste repartimento ha duas grandes galerias, onde ficam os soldados e o capitão com suas armas.

E em geral por todo o templo, que é mui espaçoso e de grande extensão, ha separações de varios logares destinados a certas pessoas; não a cada pessoa separadamente, mas para os que são de uma certa ordem, estado, idade, ou qualidade. Guarda-se tão bem esta differença, que ninguem tomaria atrevimento de se pôr em um logar, que é destinado a pessoas de outra condição; e se o fizéra, seria condemnado na multa imposta neste caso. Assim não ha inveja, ciume, nem disputa ácerca dos logares; e qualquer homem de baixa sorte pode facilmente e sem custo fazer logo condemnar na multa um grande senhor, que lhe haja tomado o logar; e da mesma sorte o grande para com o pequeno. Neste templo ha alampadas, que permanecem continuamente accesas. Ha palmares applicados para dotação do templo por homens ou mulheres, que assim o tem instituido. Estes templos ou mesquitas são mui frequentes por todas as ilhas habitadas, e alguma ha onde se contam até nove e dez; mas a festa nunca se celebra senão em uma só mesquita, que é destinada a esse effeito, e por tanto maior que as outras, que são simplesmente capellas ou oratorios fundados pela devoção particular. A primeira e a principal, onde se faz a festa, é fundada, e tem rendimentos á custa do publico; e chamam-lhe *Ucurá Mesquita*. Tambem se deve notar que em nenhuma ilha se celebra a festa, se nella não ha quarenta pessoas maiores de quinze annos, não comprehendendo o Caiiba; em consequencia do que não pode na tal ilha haver Caiiba, que é quem faz a parte principal da cerimonia. Nesse caso os moradores vão a outra ilha visinha; e todavia não deixam de ter uma ou muitas mesquitas na sua, para ahi fazerem a oração quotidiana. Cada mesquita tem seu sacerdote, a que chamam *Mudin*, que recebe as rendas, e cuida della, como um capellão da sua capella. As ilhas que tem, como disse, sufficiente numero de povoação, tem tambem cada uma della um Caiiba, ou cura, que é superior na hierarchia religiosa, e faz as orações

publicas, os sermões, e praticas, tendo por seus inferiores os simplices sacerdotes, ou Mudins das mesquitas. E todos juntos se applicam a ensinar ao povo a lei de Mafoma; e especialmente os Mudins a ensinar as crianças a ler e escrever a lingua da terra, e a arabiga; em recompensa do que os pais e mãis lhe dão o que lhe parece, segundo cada um quer.

Todos os dias da semana vão ao romper d'alva ao templo, e explicam a rasão disso segundo a sua crença, a saber, que o mundo é plano e não redondo, e que é cingido todo de uma muralha de cobre, que o defende de ser submergido das aguas que o rodeiam; que o diabo, inimigo de genero humano, passa toda a noute a furar e minar aquella muralha, e quando rompe o dia, pouco falta para que de todo a tenha furada; por rasão do que todos os homens de quinze annos para cima vão áquella hora ás mesquitas fazer oração; e se a não fizessem, todo o mundo pereceria. Afóra esta vão mais quatro vezes no dia á mesquita; ao meio-dia, ás tres horas da tarde, ao pôr do sol, e ás dez horas da noute, detendo-se na mesquita de cada vez por espaço de meia hora. As mulheres nunca vão aos templos, mas em casa fazem as suas orações. Todavia quem não quer não vai ao templo nos dias ordinarios da semana, e podem-se fazer as orações, e cerimonias, a que chamam *Namandé*, em casa, ou em outro qualquer logar. E o que é mais, ninguem é constrangido a fazel-as. Com tudo se consta que um homem as não faz, ninguem quer comer e communicar com elle. E' todo o castigo que lhe dão; e dizem que esse tal não é bom *Mosseleman*. Por isso quasi todos as fazem, ainda que seja um grande estorvo, a que estam sugeitos, assim as pessoas occupadas, como as outras; e gastem com isso muito tempo. Tambem usam contas como nós, mas sem cruzes.

Antes de entrarem no templo lavam os pés, mãos, orelhas, bocca, e olhos, fazendo ainda certas cerimonias, e repetindo orações, que são diversas segundo as horas, as

festas, e ainda segundo as occasiões, por que se lavam; como por exemplo, quando tem ourinado, ou feito suas necessidades, ou tocado nas partes vergonhosas, cumpre que se vão lavar, e resar orações proprias desta occasião; e bem assim por terem congresso com mulheres devem lavar todo o corpo, e dizer outras orações; e se a mulher foi a sua propria ainda faz differença. Por todos estes casos tem para si que ficam pollutos; e são tão escrupulosos, que não ommittiriam esta cerimonia por cousa nenhuma do mundo; e julgam que por este meio se limpam e purificam de seus peccados e máculas. O que eu acho indecente, alem da superstição de seu erro condemnavel e abominavel, é lavarem-se, e banharem-se todos em publico, á vista de todo o mundo, e muitos ao mesmo tempo; e dizerem as suas orações em voz alta, de forma que por esta diversidade de orações, segundo as occasiões, se conhece tudo o que elles tem feito de mais recondito, e sabe-se por exemplo quando tem congresso com suas mulheres ou não, ou se foi com outras. As mulheres da sua parte fazem o mesmo.

Todos são circumcidados (chamam á circumcisão *Seunat*), a saber, os rapazes quando chegam á idade de sete annos; e então se fazem festas, que duram dez dias, cada um segundo suas posses e qualidade, e nellas se admitte toda a gente sem excepção. Dança-se ao som de flautas e tambores, com toda a sorte de folias. Para a circumcisão ha mestres e operadores, que não tem outro officio e occupação senão circumcidar. A forma que se guarda nesta operação, é a que se segue. Seis ou sete horas antes da circumcisão, manda-se banhar no mar o rapaz, que deve ser circumcidado, e ahi se demora até ser chamado quando a hora é chegada. Dizem que fazem isto para abrandar e amollecer a pelle. No pateo da casa construe-se para esse effeito uma camara, toda forrada de pannos ou estofos de seda. O pavimento cobre-se de areia branca e fina. A esta camara é condusido o rapaz, e ahi seguro por dous ou

tres Mudins, para que se não mêcha, os quaes no entretanto cantam versos e orações proprias deste acto. O operador tomando uma pouca de cal branca diluida, assignala o logar onde deve fazer a incisão; depois puxa a pelle o mais que pode, e a liga com um cordão; e então faz a operação com uma navalha de barba, que não serve senão para isto, e que é bem cortante e afiada. Depois o paciente é tratado, e amesinhado pelo proprio operador, que o não larga sem ter sarado inteiramente. Nesse meio tempo os parentes e amigos do pai e mãi o vão visitar, e fazem presentes ao operador, que sem embargo disso não deixa de ser pago pelo pai. O circumciso leva a curar uns quinze dias, e depois delles o operador o leva ao mar, e ahi se banham ambos, dizendo o mestre ou operador algumas orações, e fazendo suas cerimonias, e trazem na mão um pequeno ramo de palmeira, ou coqueiro, que no alto tem um pedaço de tafetá branco, cortado em ponta, como um pequeno guião, a que chama *dida*. Isto offerecem elles em todas as suas supplicas e offerendas, como nós fazemos ás candeas de cera. E ainda offerecem outras muitas cousas, como a seu tempo direi. Antes de um rapaz ser circumciso, dizem que é innocente, e não pode peccar; e de feito a maior parte até essa idade não usão panno para cobrir as partes naturaes, dizendo que quem não pecca não tem pejo, mas depois da circumcisão não deixam mais de se cobrir. Em quanto ás raparigas não se fazem festas nem cerimonias algumas, e para as circumcidar tiram somente duas ou tres gottas de sangue das partes naturaes, quando ellas chegam á idade de dous annos. Depois de crescer conserva aquella gente grande respeito a quem os circumcidou, e lhe chamam seu mestre.

Por todo o decurso do anno celebram muitas festas. Primeiramente em cada semana solemnisa-se a sexta-feira. Chamam a esta festa *Ucurá*, e em arabigo *diu matil*, e a ella concorre todo o povo, a saber, homens, e moços, porque as mulheres não vão lá, nem os rapazes em quanto não tem

chegado á idade de quinze annos, ou ao menos que sejam instructos em sua lei, e que tenham já passado todo o Alcorão, que elle chamam *Curoan*. Na quinta feira á tarde, vespera do dia festivo, uns fazem em casa a saudação, a que chamam *Saluat*, outros oram pelos mortos, e para isto preparam comidas e bebidas, e as enviam a seus sacerdotes ou Mudins das mesquitas, junto ás quaes estam enterrados os defunctos, para elles os encommendarem a Deos. Outras vezes mandam vir os sacerdotes a casa (e chamam a esta oração *Pastia*) e os banqueteam, de forma que de ordinario os Mudins não podem comer tanto, e dilatam a celebração dessas orações a respeito de alguns, para que se não vejam forçados a comer quando já não podem. Em toda a tarde deste dia queimam quantidade de perfumes assim em seus templos, como em suas casas.

Esta festa da sexta-feira é celebrada com grande cerimonia, e em mui boa ordem, como eu a vi fazer na ilha de Malé. De manhã aquelle que tem cargo de fazer os pregões publicos da parte del-rei, dá volta a toda a ilha, levando na mão uma especie de sino de ferro, chamado *coty*, que se assemelha em tudo á cabeça de um alambique, e com um mago de páo vai batendo no sino; pára em todas as encrusilhadas, e avisa ao povo que é dia da sua festa *Ucurá*. E' acompanhado de tres pessoas com trombetas direitas, a que chamam em sua lingua *Tarapilly*, e tocam ao mesmo tempo que elle apregôa. O povo sendo avisado da festa suspende o trabalho, que não pode continuar durante aquelle dia, e vai banhar-se e lavar-se, dizendo as suas orações, que são, como já disse, diversas segundo a occasião, ou festa porque se banham. Cada um se veste com o melhor vestido, e se atavia o melhor que pode, conforme seus teres e qualidade; e todos desde a idade de quinze annos são obrigados de ir á festa. Ao mesmo tempo nos paços del-rei na frente delles os tangedores de instrumentos, que são diversas sortes de tambores,

flautas, charamellas, pifanos, e outros instrumentos semelhantes (porque os não tem de cordas), tangem e sôam continuadamente desde pela manhã até meio dia; e juntamente com elles os trombeteiros; e todos tem certa solfa, e são mui bem afinados.

Tambem alli estam os quatro Mudins del-rei, que são pessoas graves, de boas familias, e doutos, porque este cargo é honroso e estimado; e não se pode ser Catiba na ilha del-rei, sem haver sido primeiramente destes quatro. Não são como os Mudins das mesquitas, que servem a toda a gente em qualquer occasião; mas estes não servem senão neste dia de festa, e em outras solemnidades. Estes quatro Mudins sobem todos juntos a uma torre de pedra muito alta, e contigua á mesquita. Poem as mãos sobre os ouvidos, e bradam tres vezes com todas as suas forças de uma voz pavorosa todos ao mesmo tempo estas palavras em lingua arabiga, *Alá*, *Alá*, *aquebar*, que querem dizer *Deos grande*, e depois accrescentam alguma cousa a respeito de Mafoma. Daqui vão aos paços del-rei repetir o mesmo; e então el-rei, se tem vontade de ir á festa, a que não costuma faltar, envia uma alcatifa de seda para estender no logar onde elle hade ficar; e se a não envia, é signal certo que não irá á festa. Depois disto vão os Mudins ás pousadas do Catiba fazer o mesmo. Este recebendo o aviso veste uma vestimenta longa de panno branco, e põe por cima uma especie de sayo ou roupão de seda feito ao modo de Arabia, e calça chinellas de coiro dourado. Os Mudins o esperam, e elle espera el-rei. Se este vai, todos os senhores, fidalgos, capitães, e soldados o vão receber a seus paços, e o acompanham todos em ordem e em armas ao som das trombetas e tambores, em grande magnificencia. Se porem el-rei não vai, o Catiba sáe á hora costumada, a saber, ao meio dia. Leva a cabeça coberta com um véo branco por cima de um grande turbante branco á turca, que o cobre todo, de sorte que elle não vê, e é mister que um dos Mudins o leve pela mão, e o conduza á

mesquita, onde elle chega apoz de todos, quando toda a gente está junta. e mesmo depois que el-rei lá está, e tem feito oração; por quanto logo que entra, é do rito começar promptamente.

O Catiba (que é como Cura) põe-se no fundo do templo, e sobe a um pulpito de madeira, fabricado para este acto, em altura de seis ou sete degráos. Alli tendo uma espada na mão com a ponta virada para baixo, que elle meneia ás vezes para um e outro lado, recita as orações do costume. Durante este tempo todo o povo está tambem em oração, e faz sem cessar o seu *Namandé*, pondo-se cada um em diversas posturas, assentados, de pé, de joelhos, a fronte sobre a terra, as mãos levantadas, ou baixas, ou crusadas, revirando a cabeça e olhos para aqui e para alli; de sorte que seria difficultoso representar todos os seus gestos, e as momices que fazem em todo este tempo. Então depoem todas as suas armas, e ainda os punhaes, e não ousariam ter sobre si cousa alguma do mundo salvo os vestidos, que todavia devem ser bem aceiados. O Catiba muda de oração todas as sextas-feiras até ao fim do anno, e então começa de novo. Repete tudo de cór, posto que um dos Mudins tem o livro na mão; e se acontecesse que o Catiba falhasse, não já n'uma palavra, mas n'uma syllaba, ou letra somente, o Mudin o reprehenderia em alta voz, e devéras; pois dizem que se falhasse n'um ponto, a festa seria nulla, e sem valor algum. Ás vezes os vi cheios de grande escrupulo, e em disputa uns com os outros por esta occasião. Na ilha de Malé ha dous Catibas para se ajudarem um ao outro, e para celebrar a festa cada um por seu turno ás semanas: as outras ilhas não tem mais que um. Este serviço dura perto de duas horas. Ás vezes o grande Pandiare, que é o superior na religião em todas as ilhas, faz um sermão ou pratica, e segundo a occasião accrescenta alguma oração pela saude de alguma pessoa, ou pela ruina, e destruição dos inimigos, conforme o caso o pede, e se offerece materia. Tendo concluido, todo o povo se saúda

apertando as mãos uns aos outros, e dizendo *Salam á les-con*, que é a saudação ordinaria de todos os mahometanos.

Quando el-rei recolhe do templo é mais acompanhado do que quando vem, porque o Pandiare, os Naibas, Catibas, Mudins, e pessoas nobres, afóra os que o haviam acompanhado para o templo, o vão todos acompanhar a palacio com a mesma solemnidade, com que veio; e então elle agradece a todos, e lhes manda servir um banquete, de forma que passam o resto do dia a regalar-se, e a banquetear-se á custa del-rei. Não se falta a isto cada vez que vai á mesquita; mas a ordem da comida é que os da mesma graduação e qualidade comem juntos, e não outros, como logo direi.

Nos dias de lua nova todos os mezes do anno faz-se uma festa semelhante, e mostram contentamento quando tem visto a lua. Limpam as casas, páteos, e todas as ruas, e a entrada das mesquitas, e á porta de todas as casas, assim de fóra como de dentro, poem de cada lado cascas de côco cortadas ao meio, que parecem escudellas de páo, e as enchem de areia branca, e por cima de brazas, não cessando quasi toda a noute de fazer queimar ahi gommas aromaticas, páos odoriferos, e perfumes; e bem assim no interior das casas, aos cantos dos leitos, e em outros logares. Borram por gála todas as portas e moveis em todas as festas com sandalo, e outros páos aromaticos, e perfumes moidos e diluidos; mas sobre tudo solemnizam quatro luas novas no anno mais que as outras.

No mez de dezembro, ou proximamente, quando cáe a lua nova, guardam um jejum chamado em arabigo *Ramedan*, e em sua lingua *Rodet*. Disse no mez de dezembro, ou proximamente, porque o não posso designar com certeza, por quanto os seus mezes e annos são lunares, e não distribuidos como os nossos. Este jejum começa na lua nova, e acaba na lua nova do mez seguinte. Não começa justamente no ponto da lua nova, mas sim quando elles a descobrem; de sorte que ha Atollons e ilhas onde come-

çam a contar o mez um dia mais cedo, ou mais tarde, conforme tem podido descobrir o quarto. Assim contam todos os mezes, começando sempre depois que viram a lua nova, o que é assaz incerto, quando o tempo é brusco e nublado, e ás vezes diverso segundo os logares. E para ver a lua nova toda a gente sobe ao logar mais alto e eminente da sua ilha; e são mui ambiciosos de serem os primeiros que a vejam, e a apontem aos outros; e ao mesmo tempo o rei faz disparar quantidade de bombardadas e arcabusadas, e tanger as trombetas, tambores, e outros instrumentos. Repetem o mesmo em todas as luas novas, mas nas quatro, que disse, fazem mais; e nesta ainda mais que nas outras; e logo se poem em oração, apertam as mãos uns aos outros, e saudam-se com a sua costumada saudação; por muito tempo tapam os olhos com as mãos, e igualmente as faces; e continuam a sua devoção por todo o seguinte dia.

Isto se faz em todos os principios dos mezes; mas no mez do Ramedan a cerimonia é muito maior. Nessa noute homens e mulheres cada um separadamente se visitam, se festejam, e regalam em banquetes, danças, e folias, de forma que é perto da manhã quando se recolhem. Antes de amanhecer banham-se todos, e fazem cerimonias particulares a esta noute somente, dizendo que com isso ficam limpos de todos os peccados até então commettidos, e estam aparelhados para celebrar o jejum que se segue. Limpam e lavam muito bem os dentes, deixam o seu betle, com quanto estejam a elle tão affeitos, que difficultosamente o dispensam; depois vão-se deitar. Nessa hora começam o jejum por todo aquelle dia até á noute, com tanta superstição que não somente não provam cousa alguma do mundo, mas nem ainda ousariam lavar a bocca, ou metter-lhe os dedos dentro, nem mesmo engulir a saliva. Dahi vem que tem necessidade frequente de cuspir, o que os incommoda muito, mórmente quando estam no templo, onde não é licito cuspir, pelo que se vêm obrigados a sair á porta a cada momento. Os homens podem to-

mar banho, com tanto que não mergulhem a cabeça n'agua, pelo receio que tem de lhe entrar alguma gotta na bocca ou nos ouvidos. As mulheres porem não podem, porque dizem que lhe entraria agua por baixo. Tal é sua superstição! Meia hora antes de sol posto todos os homens, e rapazes, que tem chegado á idade de quinze annos, vão aos templos, para alli se acharem justamente no momento em que o sol se esconde: e ao mesmo tempo se lavam, limpam os dentes e a bocca por espaço de meia hora mui cuidadosamente; e para esse effeito os Mudins das mesquitas ministram durante toda a quaresma grandes massos de palitos, raspadores, e pequenos instrumentos feitos de páo de côco destinados para limpar a bocca e dentes. Isto feito os Mudins começam a brádar tres vezes, depois entram no templo, e um delles se põe o mais adiante que pode, e ninguem se põe a par delle, mas todos ficam atraz.

E' dest'arte que elles fazem suas orações no templo, e as mulheres as fazem em casa, e depois todos se banqueteam com seus amigos, e se regalam uns aos outros correndo a roda por cada um. Não ha quem falte a este uso, e não queira festejar os seus amigos. Por essa rasão fazem com muita antecipação os provimentos necessarios para este effeito, e deposito de toda a sorte de viandas e regalos. Causa admiração ver como elles são curiosos e exactos em tudo isto, e como são cuidadosos de limpar e areiar todos os utensilios da casa e da cosinha, e todos os moveis, e até as proprias casas, de sorte que nunca vi cousa mais limpa e aceiada. Ainda o mais pobre não fica atraz; e fazem por poupar o que podem para se banquetear durante o Ramedan com seus parentes, amigos, visinhos, e gente do seu officio, despendendo mais n'um mez que nos seis precedentes. El-rei convida em diversos dias grande numero de pessoas, um dia os senhores de alta qualidade, outro os soldados, outro o Pandiare, o Catiba, os Mudins, e outras pessoas religiosas, e assim diversamente a todo o povo da

ilha; não chamando nunca de cada vez mais que uma classe de pessoas; tratando a todos com muita magnificencia e sumptuosidade ao modo do paiz com mui boa ordem e disposição. Semelhantemente fazem os senhores a respeito de seus amigos e iguaes, porque é cousa que elles observam religiosamente não comer com pessoas de ordem e qualidade differente. Os capitães convidam os soldados, e assim cada um em particular, desde os inferiores até aos mais graduados. Chama-se este banquete *Rodet pillauay*, como quem diz, quebramento do jejum. Só os homens e rapazes se festejam assim; as mulheres não vão a estas festas. Verdade é que á noute enviam presentes e manjares umas ás outras; e alem disso tomam banho toda a tarde, no qual tempo não é permittido aos homens banharem-se. Dizem elles que durante todo o tempo do Ramedan, os homens se abstem de tocar em suas mulheres durante o jejum do dia, mas não de noute; e todavia quando tal acontece, são teúdos de ir banhar-se ambos juntos, e dizer certas orações na propria noute antes que amanheça.

Todos os dias deste mez até á lua nova seguinte jejuam da maneira que acabo de dizer, durante o qual tempo elles se abstem e evitam o mais que podem de peccar, mais que em qualquer outro tempo; e tem grande desejo de fazer boas obras. Se acontece quebrarem o jejum um dia ou muitos, por qualquer leve modo que seja, accrescentam no fim tantos dias quantos tem faltado; o que repetidas vezes acontece, porque elles são nisto mui supersticiosos, como já disse, de forma que tem para si que o jejum de nada vale se por qualquer parte lançam sangue. Alem disso nenhum delles quer fazer cousa alguma ou trabalhar durante o mez do jejum, por mais pobre que seja, nem saem fóra da sua ilha, nem mandam sair. E todavia não lhes é defeso trabalharem; mas não querem. O Pandiare faz todos os dias no palacio del-rei, ou no templo, ou em sua casa uma prégação ás tres horas da tarde, que dura duas horas, á qual todos os moradores da ilha de Malé tem cuidado

de assistir. Esta prégação é em lingua da terra, e algumas vezes em arabigo, que elle interpreta depois na sua lingua. Empregam o resto do tempo no exercicio das armas, e em diversos jogos e passatempos; como o da balla e péla, que jogam de tres modos, e a empurram com os pés, e reunem-se por bandos e companhias para isso. Semelhantemente as mulheres e raparigas se visitam em suas casas, e jogam pequenos jogos accommodados a seu sexo, e a seu modo de vida, e tem tambem delles muitas maneiras e invenções.

Neste mez vereis os mancebos e donzellas acarinhar-se e requestar-se mais que em qualquer outro tempo do anno. Mandam uns aos outros canções, sonetos, e versinhos escriptos em folhas de coqueiro, que são brancas como papel, e as gravam com ponteiros (a). Os mancebos buscam as mais bellas e odoriferas flores, que dispoem em grinalda mui gentilmente, e as enviam ás donzellas, que em troco lhe mandam betle bem adubado e preparado. E' este o modo como se requestam. Não é licito casarem de dia durante este mez, mas podem fazel-o de noute. Em summa neste mez procuram todas as invenções para passar o tempo em folgança. O jejum do Ramedan dura um mez, desde uma lua nova até a outra. As mulheres e donzellas são teúdas de jejuar outo dias mais que os homens depois de findo o mez, e dizem que é por razão do seu fluxo.

Tres dias antes de terminar o Ramedan o sino ou *coly* com as trombetas vão na forma do costume ao redor da cidade como quando se annuncia uma festa, ou um mandado del-rei, e avisam o povo da parte do Pandiare, a que os Arabios chamam *Cady*, que toda a gente das ilhas de

---

(a) A materia, em que os indigenas da India escrevem, são folhas, não do coqueiro ordinario, como parece inculcar o auctor, mas de outra especie de palmeira. Estas folhas, e as de todas as palmeiras chamam-lhe *Olas*; e por este nome indicam igualmente qualquer escriptura.

Maldiva venham trazer, ou mandem seus nomes por escripto, assim grandes como pequenos, homens e rapazes, mulheres e raparigas, para serem registados, a saber, os da ilha de Malé perante o Pandiare, e os das outras ilhas perante o *Naiba* do seu Atollon. E nesta occasião é mister offertar por cada pessoa meio larim, que pode valer quatro soldos da nossa moeda, ou mercadoria equivalente. O que elles cumprem de mui boa vontade e pontualmente, porquanto crêm que sem isso o seu jejum seria de nenhum effeito. Chamam a esta pensão *Piturú*, dizendo que é o tributo, que pagam a Deos e a Mafoma, de sorte que aquelles que não tem com que pagar esta especie de offerta, pedem aos mais ricos, que de boamente lho dão. Os que não querem ficar na obrigação a outrem, nem passar pela vergonha de pagar outrem por elles (porque na verdade é um acto vergonhoso, e indicio de pobresa; por isso o rei paga por todos os que lho requerem, e o mesmo fazem todos os grandes e ricos) e que não tem presentemente possibilidade de pagar o meio larim, ou seu valor, não deixam por isso de se fazer pôr no rol, mas declaram que não podem fazer pagamento senão depois da festa, e fazem disso seu assento. Os pais e mãis pagam não somente por si, mas tambem por todos os seus filhos, ainda mesmo os recemnascidos, até serem casados, ainda que vivam separados da sua companhia; e tambem por seus creados e escravos. A somma, que provém desta imposição, é pouco depois repartida e dividida em tres parties, que para o estado da terra montam a muito. Para receber este *Piturú*, e arrecadal-o guarda-se uma mui boa ordem; porque ha quatro recebedores escolhidos só para este effeito, e dentre os homens mais honrados, com os officiaes do Pandiare. Um daquelles homens é escolhido da parte del-rei, outro dos ministros da Igreja, o terceiro da parte dos que novamente tem professado a sua religião, e o quarto dos pobres; e são pelo menos outo pessoas que escrevem tudo o que é offertado, e não rejeitam nada,

com tanto que equivalha áquelle preço e valor. Todo este dinheiro e generos são postos cada um á parte, para que, terminada a festa, e estando tudo recebido, se faça delles boa e leal partilha. A primeira parte pertence e é attribuida aos sacerdotes, como ao Pandiare, Naibas, Catibas, Mudins, e Devanitas, que são os meirinhos, e outros semelhantes. A segunda é dada aos que de novo tem feito profissão de sua religião. E a terceira é para os pobres. E se alguma cousa fica por pagar, isso accresce á parte dos sacerdotes, por quanto elles são responsaveis por estes dinheiros, como de cousa tocante á religião; mas não perdem cousa alguma.

Terminado o tempo do jejum celebra-se uma grande festa, e das mais solemnes que ahi ha, a que chamam *Ydá*. Não é em dia certo, assim como o não é o principio do Ramedan, porque é no dia da lua nova subsequente, isto é, quando se descobre, o que torna o dia incerto, e o faz variar todos os annos. Fazem uma semelhante festa e solemnidade á vista desta lua como na precedente, e então o sino e as trombetas dão volta á ilha para annuncio da festa, e no dia seguinte muito cedo repetem o mesmo. Todos se levantam de madrugada, lavam, e banham todo o corpo, e tem cerimonias e orações particulares para isso. Mas deve-se notar que o jejum não acaba sem acabar o serviço religioso e orações, e sairem do templo; depois perfumam-se, e lançam em si aromas, adornam-se com os melhores vestidos que tem, os quaes são feitos expressamente, e só servem neste dia, e na festa subsequente, e os conservam dalli por diante com grande cuidado e diligencia, para depois de mortos lhe serem postos sobre o feretro quando vão a sepultar. Concorrem ao templo de manhã cedo, isto é, ás sete ou oito horas, e não ao meio dia, como na sexta-feira. O officio religioso dura quasi hora e meia menos que o ordinario, e quando el-rei sáe do templo recolhe a palacio mais acompanhado, e de pessoas mais louçãs, e magnificamente ataviadas que em outro qualquer dia, e a es-

se tempo se disparam as bombardas, que para isso estam prestes. Não se ouve por toda a parte soar outra cousa senão tambores, flautas, e tiros de arcabuz. Quando el-rei tem entrado no segundo páteo de seus paços, trazem-lhe um touro e um carneiro, que elle manda matar ante sí, e de toda a comitiva, como uma especie de sacrificio ; depois os manda esquartejar, repartindo os pedaços pelas maiores e mais principaes pessoas da ilha, e por todos os que lhe apraz, assistindo a esta repartição. Elles o recebem por honra, como nós cá fazemos ao pão bento. Aquelles a quem coube parte maior, dividem-na com seus visinhos, se assim lhe agrada, pois é um signal de amisade ; e quem pode haver um pedaço e comel-o, dá-se por mui venturoso.

Tudo isto feito, recolhe-se el-rei a seu aposento, donde não torna a sair senão depois de jantar, a vêr os jogos e brincos ; e logo depois dá um banquete o mais excellente que se pode fazer na terra, a toda a sorte de pessoas da ilha, a cada um segundo a sua classe e qualidade, em diversas camaras e salas apartadamente, as quaes são forradas de bellas tapeçarias. A festa dura ainda os dous dias seguintes; e nelles os grandes, e os capitães banqueteam seus amigos, soldados, e servidores. Depois de jantar não ha mais que jogos, danças, e brincos defronte dos paços del-rei sómente, e no terceiro dia da festa defronte das casas dos grandes, e pessoas de alta qualidade, a quem se faz esta honra. Os jogos principaes são de armas, com rodella e espada núa, com a qual se batem destramente, e esgrimem uns contra os outros sem se offender, aparando todos os golpes na rodella ; tambem jogam com lanças, de cujo ferro pendem campainhas, e aparam da mesma sorte os golpes nas rodellas. Fazem todos esta semelhança de guerra com garbo, dançando e saltando ao compasso dos tambores, trombetas, flautas, e instrumentos musicos, que tangem sem descanço. El-rei vem ver isto, mas não se demora. As rainhas e damas tambem o vêm ver, mas tão escondidas com gelosias e véos, que ninguem pode vêl-as. Não se usa lá

outra dança, nem em outro tempo, ou sejam os homens, ou as mulheres, salvo alguma gente vil, que á noute toma por divertimento fazer rir os outros com chocarrices. Usam tambem disfarçar-se, e vestir-se á moda estrangeira; outros construem navios e galés grandes e amplas, que fazem caminhar com rodas e molas, e vão dentro com suas armas, chegando-se umas ás outras a combater, o que é aprasivel. El-rei dá a toda a sua corte, grandes e pequenos, betle e areca, o que se tem por grande honra, e todos os cabos e capitães devem fazer o mesmo a seus homens, soldados, e inferiores.

Na derradeira lua, que se segue depois desta festa, fazem outra, a que chamam *Mas Ydu*, isto é, grande festa, e dura tres dias, observando-se nelles as mesmas solemnidades. E' então o dia solemne, em que se acham na Meca os peregrinos mahometanos, que vão ao sepulchro de Mafoma; e fazem-se mais cerimonias, que em todo o resto do anno. De todas as partes do mundo se encontra alli (na Meca) gente neste dia; e ás vezes estam dez ou onze mezes á espera da festa, se por ventura chegaram a tempo que já era passada.

Entre abril e maio na lua cheia, um dia antes e outro depois, fazem uma certa festa, chamada *Poycatan*, isto é, lua cheia. E' mais um brinco que uma festa. Á tarde reunem-se os visinhos, assim grandes como pequenos, (e parecia-me então uma semelhança do nosso São João), e cada um traz sua porção de arroz. Accendem uma grande fogueira na primeira encrusilhada, e ahi fazem cozer o seu arroz, tangendo os instrumentos musicos em quanto estam ao redor do fogo. Ás vezes ha ahi bobos disfarçados em passaros, bestas feras, ou cousas semelhantes, que vem dançar, e fazem gestos e posturas lascivas e deshonestas, ainda que seja perante mulheres e raparigas, que alli se achan em companhia dos homens. Isto se pratica geralmente por todas as ilhas, e ainda nos paços de el-rei, que dá arroz aos soldados para esta festa. Dizem que foi nesta

lua que o arroz veio pela primeira vez a estas ilhas, e que por essa rasão fazem desde a antiguidade esta festa, que dura tres dias.

No mez de junho, pouco mais ou menos, porque, como já disse, os mezes delles não concordam com os nossos, faz-se uma festa dos mortos com muitas sortes de superstição. Nesse dia vai el-rei com todas as suas mulheres (que não tem permissão de sair de casa senão nesse dia) visitar os sepulchros de seus predecessores, e outros de pessoas, que são havidas por santas na sua religião, e ahi fazem offertas, e queimam perfumes, e appresentam os *Dida*, como nós fazemos ás candeias. A mais gente vai tambem ao sepulchro de seus parentes e amigos, e appresentam-lhe tantos pratos de manjares, quantas são as pessoas parentas e amigas, que são mortas. Estes manjares são recolhidos pelos Mudins dos templos visinhos, que fazem tantas orações em particular, quantos são os ditos pratos. Todas as sepulturas dos que tem parentes e amigos vivos são visitadas, e novamente cobertas de areia branca nesse dia, queimando-se-lhe perfumes, e dizendo cada um as suas orações. No dia seguinte ha esmolla geral no palacio del-rei, distribuida por sua propria mão a todos os pobres, que sabendo isso correm lá de todas as ilhas as mais remotas. Elle manda fazer antecipadamente uma averiguação para saber as pessoas, que são verdadeiramente pobres; e ás que alli se appresentam sem serem indigentes, dá-se-lhe somente um pequeno annel de prata, que vale meio larim, e de que el-rei manda fabricar grande porção anteriormente para dar ás pessoas de baixa condição, que trazem todos os seus filhos, para receberem del-rei cada um seu annel. Neste mesmo dia toda a gente abastada dá tambem suas esmollas segundo suas possibilidades; sendo obrigados a dar aos pobres a quinta parte de seus bens, possuindo de cem larins para cima; e os que não possuem os cem larins não tem obrigação de dar esmollas.

No mez de agosto ou setembro, durante dous dias, o rei manda cozer uma grande quantidade de arroz com muito caldo, onde se lança por metade mel e leite de côco, que é levado por toda a ilha em celhas, que levam quasi um almude cada uma. Os que as condusem tem escudellas, e colheres para repartir aquelle caldo a todos quantos encontram; e não ha ninguem que o não acceite, seja pobre, ou grande senhor. Todo o povo faz o mesmo em particular, e é mister que ainda os mais pobres o cosinhem, e o enviem uns aos outros. Diziam-me elles que esta festa se celebrava em memoria de um milagre, que fez Mafoma em outro tal dia, estando na guerra; e lhe chamam *Candis cacan*.

Ha mais outra festa mui solemne no mez de outubro pouco mais ou menos, que se faz de noute, e se chama *Mauludé*. Dizem que é nessa noute que seu propheta Mafoma morreo. E a cerimonia é esta. A primeira cousa, que fazem um mez antes desta festa, é que se congregam, e fazem eleição de officiaes para darem ordem e prover a tudo. São ao menos cincoenta, todos pessoas graduadas, e são como cá entre nós os mordomos da festa, e tem cuidado de andar de casa em casa para colligir a quota, que a cada um cabe conforme a suas posses; e vão requerer e convidar as pessoas que lhe parece; finalmente dão ordem a tudo, se bem que toda a gente do bairro não deixa de os ajudar para esta festa, que se faz diligentemente por todas as ilhas. Mas na ilha de Malé a vi fazer em seis logares, e o rei faz a despesa, que compete a um desses logares, que é o seu palacio. Nas quatro extremidades da ilha é feita pelo povo, que se congrega separadamente em cada bairro; e no meio da ilha ha uma feita por todo o povo em geral diante da porta do templo principal, e a mesma ordem se guarda em todo o resto da ilha. Em cada um destes seis logares se levanta e construe expressamente uma casa de madeira de sessenta passos de comprido sobre quarenta de largo, pouco mais ou menos, que se cobre de folhas de coqueiro, e é mister

que a madeira, de que ella é fabricada, não tenha servido a outra cousa, e não sirva depois, nem ainda a outra semelhante festa do anno seguinte. O pavimento é coberto de areia branca e miuda, até meio pé de altura. Esta casa é por dentro forrada de tapeçaria de algodão ou de seda de todas as cores, a mais bella e rica que se pode achar. Por cima para servir de tecto estendem peças de panno de algodão mui alvo, e fino, e para o segurar estendem cordões de algodão tintos de preto, que se crusam em quadrado ou obliquamente com tanta propriedade, que o branco, que fica por cima, parece cortado em pequenos quadrados e lisonjas, em symetria uns com os outros; o que é mui bonito. Sobre a areia, que cobre o pavimento, estendem-se bellas esteiras novas, onde todos se assentam, e não ha outros assentos.

Por toda a casa estam pendentes lampadas de cobre até numero de trinta, todas grandes, e com doze luses cada uma, de forma que ha tanta claridade como em pleno dia. Com invenções e aberturas introduzem grande copia de perfumes, que ardem fóra da sala, por quanto o calor já de si é insuportavel naquelle logar. Só o fumo e o cheiro entra na sala. Tem tambem outros conductos por onde lhe vem agua, a qual lhe é mui necessaria, porque lavam muitas vezes a bocca para refrescar, depois de mascarem o betle, o que elles continuam toda a noute.

No meio desta sala ha uma mesa da altura do joelho, onde se dispoem em cestinhos e em pequenos cabases, e em vasos lacreados e envernisados, diversas sortes de iguarias, feitas de farinha de arroz com assucar de côco, como pequenos massapães, da grossura do dedo pollegar, mui bem ordenados e armados, com toda a sorte de fructas da terra, e tudo coberto de bellas flores mui cheirosas; e ao redor ha vasos cheios de licores compostos de varios mixtos, principalmente de ambar e almiscar; e tudo por cima é coberto com um grande panno de algodão de diversas cores. O povo se enfeita e compõe o mais louçãmente que

pode ; e a esta festa só vão os rapazes, e não as mulheres. As pessoas qualificadas, que não são do bairro, nunca assistem á festa, porque seria deshonra; só a gente mesquinha o faz. Reunem-se ás outo horas da tarde, e assentam-se bem ordenadamente segundo os logares, que lhes são apontados pelos officiaes da festa, que o bem entendem. Toda a noute o Pandiare, os Catibas, os Naibas, e os Mudins, e toda a sorte de ministros da igreja, que sabem cantar, não cessam de o fazer com todas as suas forças, alternadamente e em forma de côro, e este canto não é sem regra; e quem o não sabe deve aprendel-o de mestres competentes; e por isso formam boa consonancia, e o canto não é desagradavel. Chamam-lhe *Zicurá*, e dizem que são os psalmos de David. Perto da meia noute toda a gente sem discrepancia, assim grandes, como pequenos, se deitam ao comprido com a fronte em terra, ficando assim algum espaço de tempo. Depois repentinamente o Pandiare, ou os Catibas se levantam em pé, e após elles todos os mais, e começam a saltar uns por cima dos outros, como se verdadeiramente estivessem loucos e furiosos, gritando quanto podem *Aly alla Mahomedin* repetidas vezes; e isto dura algum tempo. Perguntava-lhe eu por que rasão faziam elles isto. O que? me diziam elles; estes saltos e danças furiosas, replicava eu. E então elles me diziam que se não lembravam de haver dançado, ou feito cousa alguma, com quanto tivessem ideia de que por certo espaço de tempo haviam estado arrebatados em extase, e sido participantes do ceo, e do jubilo do paraiso. Ás vezes o Pandiare fica como morto por mais de uma hora; e elles dizem que foi arrebatado ao ceo, e que é signal de ser homem virtuoso. O rei não assiste a esta festa todo o tempo da sua duração, mas vem vêr o que nella se faz por espaço de uma ou duas horas, e depois recolhe-se. Muitas vezes o acompanhei a esta cerimonia.

Elegem-se cincoenta pessoas para servir as outras, o que é grande honra, e não ha ninguem que não faça com

muito gosto este serviço, porque se não chama para elle senão os mais nobres e das melhores familias, que com isso se dão por mui honrados. Estes servidores offerecem de tempo em tempo no decurso da noute, a toda a sorte de pessoas, que estam assentadas em seus logares, um prato de betle e de areca, cortado e preparado de modo differente daquelle que ordinariamente se masca, quero dizer, o povo ordinario, porque aquelle, de que el-rei e os grandes senhores usam, é sempre preparado da mesma sorte. Offerecem até doze destes pratos a cada pessoa, assim ao mais pequeno, como ao mais graduado. Semelhantemente trazem a todos os que querem beber certas bebidas a seu modo em grandes taças de cobre mui bello e bem obrado; cobertas com sua tampa; e a toda a hora nas mesmas taças lhe trazem agua, e juntamente bacias para lavarem a bocca e as mãos; e por cousa nenhuma deste mundo deixariam cair uma só gotta de agua no chão, e menos ainda cousa de outra sorte suja. Os convivas são dispostos em fileiras, e ha logares vasios, e coxias para passar de umas ás outras. No fim da noute cessa o canto, e o Pandiare e os Catibas dizem as orações; depois vão ao meio da casa, onde está posta a mesa, que disse, descobrem-na, e misturam tudo, e distribuem a cada um seu prato, que elles tem em grande estimação, e o levam para casa em signal de que assistiram á festa. Semelhantemente tomam os licores aromaticos, que estam nos vasos naquelle mesmo logar, e os derramam, e com a mão molhada tocam no corpo de todos os presentes, que acceitam isto como uma benção de grande virtude. Depois de tudo isto é mister comer, porque todas as suas solemnidades não se celebram de outra maneira. Para este effeito os servidores trazem bacias e agua para lavar as mãos e a bocca, porquanto durante toda a noute os convivas não fizeram outra cousa senão mascar betle; depois collocam-se aos nove e aos dez juntos em roda, mas cada um busca o seu igual, e não outro, tudo segundo a ordem, que lhes é dada; e depois

trazem-lhe a comida em grandes pratos mui pesados, cada um condusido por tres pessoas, os quaes contem muitos outros mais pequenos, e nestes ha diversas iguarias, que se poem no meio de cada roda, e ahi são mui bem servidos; e tendo acabado de comer, todos se recolhem a suas casas.

CAPITULO XII.

Continuação de suas cerimonias nos noivados, e casamentos, nos funeraes, e enterros.

Em seus casamentos, que elles chamam *Caueny*, usam tambem de muitas formalidades e cerimonias. Dirigem-se somente ao Pandiare e aos Naibas para este effeito, os quaes enviam os seus *Devanitas*, ou merinhos para inquirirem, e se informarem do que abaixo direi. Se tudo está corrente, a donzella ou a mulher envia seu pai, e na falta delle o mais proximo parente do lado paterno, a quem ella dá poder de a representar. Este com o futuro marido appresentando-se ante o Pandiare ou Naiba, e sendo este certifiado de tudo o que deseja, tomando a mão do noivo, que está presente, lhe pergunta se de sua livre vontade quer receber a tal mulher sob as condições, que de antes tem sido propostas: e ao pai, ou parente da noiva, e que a representa, pergunta o mesmo; e se elles respondem que sim, faz as suas cerimonias costumadas, e toma attestação das testemunhas que são presentes, como são os parentes, meirinhos, e outros, da promessa deste casamento, e de tudo o que é passado. Depois vão procurar a noiva, que está á espera em sua casa, e lhe affirmam e certificam como tudo se passou. Isto feito ha banquete á custa do

marido segundo as suas posses tangendo por todo o dia os instrumentos. Muitas pessoas os vem visitar, e dar os parabens, e a estas se dá betle, que é o obsequio, que se usa naquella terra, como cá outros refrescos. Tambem se enviam ao Pandiare ou Naiba dous larins, um prato de comida, e uma boceta de betle. E da mesma sorte os que se casam tem costume de dar presentes a el-rei e ás rainhas, aos grandes senhores, e donas, a saber, o noivo a el-rei e senhores, e a noiva á rainha e outras donas; e alem disso a seus proximos parentes e amigos. Pelo contrario quando el-rei se casa recebe presentes de toda a gente do seu reino, assim dos grandes senhores, como do povo baixo, homens e mulheres, que todos vão em boa ordem, cada um com os de sua qualidade, da sua classe, ou do seu bairro, ou de seu sexo, offerecer-lhe pannos, vestidos, turbantes, iguarias, fructas, flores, e outras cousas á proporção das posses de quem dá. Os da ilha de Malé vão em pessoa, e os dos outros Atollons enviam ordinariamente seus deputados, e bem assim os das ilhas principaes, e os grandes senhores em particular, em quanto opportunamente não vem elles mesmos dar-lhe os parabens. Todavia o rei não sáe nestes dias de seus aposentos, e não se mostra em publico, mas a toda a hora os seus familiares lhe vão dizer quem chega á sala, que qualidade de pessoas são, como vem ataviados, e os presentes que trazem, os quaes a final lhe são appresentados; o que monta em muito, e tudo pertence á rainha recem-casada.

Os homens podem ter ao mesmo tempo tres mulheres, e não mais, em caso que as possam sustentar. Se ellas moram todas tres na mesma ilha, o marido é obrigado por sua lei de dormir tantas noutes com uma como com outra, mas não guardam este preceito. Esta lei é mal ordenada nestes paizes, porque tres homens não bastam a uma mulher; tão impudicas são.

As mulheres não tem dote em casamento, nem levam cousa alguma. E' ao marido que compete ministrar-lhe tudo

quanto lhe é necessario, e fazer o dispendio das bodas conforme á sua qualidade; e assim lhe constituem dote, ou arrhas, que ellas chamam *Rans*, não conforme os bens e qualidade do marido, mas conforme á qualidade da mulher, e segundo suas mãis e avós tem tido, porque ella não deve ter menos. Por essa rasão muitas vezes o Pandiare ou Naiba as despede sem as casar, quando vê que os bens do marido não poderiam ser sufficientes para taes arrhas; e isto ainda que uns e outros requeressem que os casassem sem attenção ás arrhas. A maior parte das mulheres recebem este *Rans* para honra, e demonstração da antiguidade de sua casa, porque as mais dellas largam parte ou todo, se lhe apraz, pouco dias depois de serem casadas. Se o marido morre, é permittido á mulher tomar as suas arrhas dos bens delle; mas os herdeiros se concertam com ella: e se ella as tem largado durante a vida do marido, nada pode exigir depois da sua morte.

Os impedimentos do matrimonio, de que o Pandiare ou Naiba se informam antes de casarem os noivos, são estes; a saber, serem irmãos, ou primos coirmãos, ou ter mamado leite da mesma ama, de se terem alguma vez chamado em testemunho de amisade, filho ou filha, pai ou mãi, irmão ou irmã; porque em todos estes casos não podem contrahir matrimonio entre si.

Os rapases casam quando querem, mas as raparigas o não podem fazer antes de chegarem á idade de quinze annos, e isto quando são orfãs de pai, embora tenham mãi, a qual não tem sobre ellas poder algum, nem qualquer parente do lado materno. A' falta de pai cumpre que as case seu irmão, ou quando ellas o não tem, o parente mais proximo da parte de seu pai. Mas os pais casam suas filhas o mais cedo que podem desde a idade de dez annos; e dizem que é grande peccado deixar suas filhas sentir falta de homem. Por isso as concedem desde que ellas tem tocado a idade de dez ou onze annos ao primeiro que lhas pede, sem pôr difficuldade alguma, seja velho, seja moço, homem

ou rapaz, com tanto que haja pouca desproporção na qualidade de um e outro; e não fazem cabedal de outra cousa.

O homem pode largar sua mulher quando quer, com tanto que ella convenha nisso (e chamam ao divorcio *Varcor*); aliás se ella não convem, o homem poderá sim largal-a, mas será teúdo de lhe pagar o seu dote; o que não costuma acontecer, porque por mais que lhe custe, a mulher não exige o seu dote, pois lhe seria isso vergonhoso entre as outras mulheres, que de tal receberiam escandalo, e lhe chamariam fraca, pusillanime, e mulher sem merecimentos, que receia não poder achar outros maridos; e de feito, ninguem mais a procuraria. De sorte que esta opinião vulgar obsta a que se possa gosar daquillo que a lei ordena. A mulher pode tambem separar-se, se por ventura o marido dá o seu consentimento; e em outra forma não. O divorcio é mui frequente entre elles, e deve ser feito em presença de testemunhas, as quaes devem ser todas, ou parte dellas presentes quando os divorciados querem tornar novamente a casar com outros; e sem isso o Naiba não quereria casal-os novamente. Isto dá origem a muitos pleitos, porque mui ordinariamente em occasião de agastamento divorciam-se de commum accordo; e logo depois uma das partes já não quer o divorcio, e a outra persiste em querel-o; e assim vão perante o juiz, onde se devem produzir testemunhas em prova dos divorcios e dos casamentos.

Depois de feito o divorcio é licito ás partes casarem com quem quizerem; e até podem tornar a casar novamente os mesmos até tres vezes, e não mais, salvo se a mulher depois das tres vezes houver sido casada com outro, e que este a haja largado. Como elles são mui leves em suas vontades em negocio de casamento, acontece frequentemente que depois de tres casamentos e tres divorcios dos mesmos dous conjuges, ainda lhe vem desejo de tornar a unir-se, e todavia a lei lhe não permitte. Mas eis o meio de lograr o seu intento. Ha homens vis e abjectos, os quaes por dinheiro contrahem matrimonio com a tal mulher, e passam

com ella uma noite, sem todavia lhe tocar (o que ella aliás não consentiria, e é cousa concertada). No dia seguinte aquelle individuo jura que tem tido trato com ella, e passados dous ou tres dias larga-a em presença de testemunhas. Por este meio a letra da lei é cumprida, e tres mezes depois os antigos conjuges reunem-se em novas nupcias. As damas da mais alta nobreza são constrangidas em tal caso a passar por esta prova. Chamam-se estes medianeiros *Medu piry*, como quem diz, marido de entre dous. São mui despresados, mesmo do povo baixo, como homens infames, sem honra, e sem consciencia ; e é uma grande injuria ser chamado *Medu piry*. E ainda se por ventura acontece que um homem case com uma mulher, que outro tenha largado já pela terceira vez, e que depois aquelle deixando-a tambem, o antigo marido a receba novamente, dar-se-hia o tal por mui aggravado como se o houveram feito servir de *Medu piry*, e ficaria deshonrado, se não tomasse a devida desafronta. Mas não se podem servir mais de duas vezes deste *Medu piry*, e depois disso não é mais permittido novo consorcio entre os mesmos sugeitos. Cumpre notar que a despesa das bodas, e os presentes, que nessa occasião se dão, não tem logar quando são as mesmas pessoas que se tornam a casar. Assim por meio destes frequentes divorcios casam-se muitas vezes, e mudam de conjuges tão frequentemente, que é um prodigio. Ha tal que em sua vida terá tido oitenta mulheres e mais: entre outros o Pandiare, que morreo pouco depois de eu chegar a estas ilhas, tinha tido até cem. Da mesma sorte as mulheres tem grande numero de maridos. Mas não se julgue que isto lhe seja imputado em desdouro, antes se gloriam tanto mais quantas mais vezes tem mudado de maridos ; e se algum novamente as busca, ellas lhe relatam o numero, nomes, e qualidades dos outros como cousa muito recommendavel. Da mesma sorte não são por isso menos estimadas dos que as buscam, mas mais presadas ; e ainda elles não tem em mais conta uma moça donzella, do que a que o já não

é; e isto ainda sendo o rei, e os maiores senhores. Todavia acham-se, não obstante esta tão ordinaria mudança, homens e mulheres, que permanecem longo tempo unidos, porque se amam e querem mais que os outros.

Ora depois da dissolução do casamento por divorcio, ou por morte, as mulheres não podem tornar a casar senão passado algum tempo. Mas quando o marido é morto, ha quatro mezes e dez dias ordenados á mulher para carpir seu marido. E para se tornar a casar não basta que a mulher diga simplesmente que seu marido é morto; é mister que ella prove o seu fallecimento por tres testemunhas, que deponham sobre o tempo, forma, e causa da sua morte. Todavia se o marido estiver ausente do reino, e que a mulher se não importe com elle, pode ella tornar a casar passado um anno. Em caso de divorcio ha tambem tempo prefixo, porque é necessario que a mulher verifique que depois da sua separação do marido, teve tres vezes o seu fluxo, e assim é necessario que ella espere esse tempo para tornar a casar. Isto fazem elles para atalhar a incerteza da procreação da prole, se por ventura a mulher estivesse gravida. Desta circumstancia se informa particularmente o Pandiare, ou Naiba; e faz revistar a mulher, que se quer casar, por outras tres mulheres do seu bairro de boa fama, e por cima de tudo a faz jurar em como ella tem tido por tres vezes o seu fluxo.

Quanto á sepultura, que elles chamam *Calbalolan*, é cousa, que elles tem em grande recommendação, e em que elles são o mais supersticiosos. Primeiramente o corpo do homem morto é lavado por seis homens, e o da mulher por seis mulheres, que gastam mais de uma pipa de agua nesta lavagem, e dizem certas orações apropriadas a este caso. Sendo lavado, cobrem-no e forram-no de algodão, e o amortalham em dous pannos de algodão branco, um sobre outro, pondo a mão direita do cadaver sobre a oreiha, e a esquerda estendida ao longo da coxa, e o depositam n'um esquife fabricado da arvore Candú, deitado sobre o

lado direito, até ser levado á sepultura. As mulheres parentas e visinhas se reunem, e vem carpir sobre o corpo, recontando a todos os louvores do defuncto ou defuncta. Aquelles seis homens e seis mulhores são officiaes publicos, e devem ser pessoas honestas e sem nota, assim os homens como as mulheres, porque se o contrario se provasse, perderiam seus officios, que compram ao rei em dinheiro de contado; e adem disso quando entram a servir o officio, dão uma somma a seus parceiros, que é repartida por todos. O ganho tambem é commum, e se reparte igualmente entre os seis homens e as seis mulheres, quer o serviço haja sido feito por um só homem ou mulher, ou que hajam trabalhado uns mais que os outros. Quando o corpo é levado á sepultura, estas mulheres entram a gritar e bradar o mais espantosamente que podem, e assim continuam a carpir todo o caminho do funeral.

O defuncto é levado a enterrar por seis dos seus mais proximos parentes, ou melhores amigos, ao logar onde está a sepultura, que elle tem escolhido e preparado em sua vida. Porque estes povos são todos tão cuidadosos de sua sepultura, que desde que são casados, ou que tem algumas posses, preparam diligentemente tudo o que respeita a seu enterramento; o logar, o caixão, as pedras para o tumulo, os pannos para a mortalha, e outras causas semelhantes; e ate poem de parte, e vão juntando a pouco e pouco o dinheiro que é necessario para isso; e mais depressa morrerão de fome, do que tocarão neste deposito. Chamam a esta reserva de dinheiro *Capon*. Cada um manda tambem fazer dous vestidos o mais ricos que pode segundo sua qualidade, que elles levam á festa de *Vdú*, e depois os conservam em seus bahús, como ja disse, para servirem no dia de seu enterramento, isto é, para serem postos sobre o caixão. Estes vestidos são depois repartidos entre os sacerdotes do templo. Em fim os parentes e amigos acompanham o corpo, e alem disso grande numero de pessoas, que alli vão sem serem rogadas ou avisadas, as

quaes marcham ao redor do corpo confusa e promiscuamente. Desde a casa até ao logar da sepultura vão-se espalhando pela rua *bolys*, que são pequenos busios, de que a seu tempo fallarei, afim de que os pobres os apanhem, e se remedeiem. Tambem mandam levar quantidade de saccos e fardos de arroz e milho, que no logar da sepultura se distribue a todos os pobres; levam tambem grande numero de pedaços de ouro ou prata, segundo a riqueza do defuncto e de seus herdeiros, que todos contribuem, em pequenos retalhos de panno, que dão á pessoa principal, que assiste á cerimonia, ou seja Pandiare, Naiba, ou Catiba, para os distribuir a todos os outros assistentes, que tem orado pelo defuncto. Mas nem todos participam, porque isto não pertence senão aos ministros da igreja, dizem elles; e todavia reparte-se por varias pessoas conforme ás posses do defuncto e de seus herdeiros. Diante do corpo caminha um homem qualificado, que leva uma garrafa cheia de agua composta de flores aromaticas, e a vai derramando, e espargindo, sobre toda a gente, que se encontra ao longo do caminho, o qual é mui bem varrido e aceiado desde a casa até á mesquita, onde se faz o enterramento. Por este serviço recebe aquelle homem uma peça de panno de seda, ou de algodão nova, conforme as posses do defuncto; e bem assim os seis, que levam o corpo á sepultura, tem cada um a sua.

A sepultura das pessoas mais illustres, e mais ricas é ordinariamente nos cemiterios annexos ás mesquitas, onde se compram os logares mui caros, salvo se foi fundador da mesquita, porque neste caso reservam logar para si e para sua familia contiguo á mesma mesquita; e é este o logar mais honrado. O dinheiro, que as sepulturas rendem, é distribuido com outros proventos semelhantes entre os sacerdotes da mesquita; porque alem dos Mudins cada mesquita tem um certo numero de sacerdotes, a que chamam *Quiauany*, que se sustentam das rendas, que lhes tem deixado os fundadores do templo para o serviço e custeamento

delle e do cemiterio, e são como beneficiados, que é cargo mui honrado, e que elles até compram. Só os do templo, onde se faz o enterramento, podem officiar nos funeraes das pessoas, que alli se enterram, e não os dos outros. Todavia como ha muita gente, que deseja grande numero de sacerdotes no seu enterro, os do templo convocam os visinhos no numero que se quer. Estes sacerdotes cantam continuadamente por espaço de tres horas, que tanto dura a cerimonia. Sobre o logar da sepultura se estende uma grande coberta de seda ou algodão, até que a sepultara esteja feita, e o enterramento concluido, e depois fica pertencendo ao Mudin. Pela parte de cima e ao lado da sepultura poem quantidade de areia branca e fina. Quando lançam o corpo á sepultura, voltam-lhe a face para a banda do sepulchro de Mafoma, e depois cobrem-no de areia branca, e o aspergem com agua de uma garrafa em signal de resfresco, e a sepultura cobrem-na com um grande panno de algodão. Depois disto os parentes, que tem levado quantidade de manjares e comestiveis, repartem-nos por todos os assistentes.

Quando é um grande senhor, não se faz maior cerimona, salvo cantar-se mais longo tempo; o que se continúa durante um anno inteiro; e todos os dias se enviam ao templo pratos de manjares com betle, o que pertence ao Mudin. Se é um rei ou rainha, dura isto todos os dias da vida de seu herdeiro. Pelo que toca a outras quaesquer pessoas, não se cessa por tres sextas feiras depois do enterramento de fazer oração pelo defuncto dia e noute no logar onde está sepultado; e as mais das vezes os sacerdotes, que cantam, comem e bebem sobre a propria sepultura, onde se faz uma camara de proposito para esse fim, a qual se desmancha depois de acabado este serviço, isto é, na terceira sexta feira depois dos funeraes. No fim faz-se uma solemnidade geral, á qual são convidados todos os parentes e amigos, com os sacerdotes e Mudins, dizendo que é então que elles enviam a alma do defuncto ao paraiso. No mesmo dia poem-se lapidas nos dous topos da sepultura, da propria

largura della, assentes verticalmente, altas, ou baixas, conforme a qualidade das pessoas, e nellas se grava o nome do defuncto com seus louvores. Todos os annos em outro tal dia fazem uma semelhante festa com as mesmas cerimonias no pateo da casa do defuncto, ou de seu principal herdeiro, n'uma camara semelhante á que se erigio no cemiterio. E fazem nestas cousas tanta despesa, que muitas vezes consomem nisso a sua fazenda. Todos os annos no dia da festa dos mortos se lança areia branca nova sobre a sepultura, e ahi se queimam muitos perfumes e incenso. Os que têm posses deixam rendimentos a certas pessoas para tomarem a seu cargo o conservar a sepultura sempre coberta de areia branca, limpal-a todas as manhãs, e cercal-a de pequenos pilares e balaustres de páo, para que lhe não caminhem por cima; por quanto tem horror a pizar o logar onde alguem esteja enterrado, e disso se acautellam com todo o cuidado, crendo que os defunctos se dariam de tal por offendidos, e que é caso de grave peccado. Ha sepulchros que elles veneram como de santos, e a estes conservam continuadamente muitas lampadas accesas. Em cima de tudo acatam excessivamente os ossos dos mortos, e quando ao abrir uma sepultura, ou por qualquer outra occasião encontram alguns, não ha quem se atreva a tocar-lhe, ainda que seja o Pandiare, ou os Catibas, sem metter um panno entre cada dous; e por esta rasão nunca enterram dous corpos no mesmo logar.

Não vi que usassem de vestido de dó, ou outro alem do ordinario. Somente os parentes, que acompanham o enterro, tiram o seu turbante, e caminham desbarretados; continuando assim naquelle dia e alguns outros depois a seu arbitrio, porque não ha para isso tempo limitado; e afóra isto se abstem de mascar betle.

Os que são mortos em combate contra outros de religião contraria, são enterrados sem cerimonia com os seus proprios vestidos no mesmo logar onde foram mortos. Não se lhe fazem orações, porque dizem que são santos e bem

aventurados, e lhes chamam *Chaydes*; e de feito a elles recorrem, e os invocam em suas afflicções.

Não transportam nunca um cadaver de uma ilha a outra; e ainda mesmo que fosse o rei, enterram-no aonde falleceo. Se acontece que algum morra no mar, o cadaver é lavado e amortalhado com todas as cerimonias sobre ditas; e mettido n'um caixão, que elles pregam sobre tres ou quatro pedaços de páo da arvore Candú, afim de boiar sempre á tona d'agua; e depois lançam-no ao mar. No caixão poem dinheiro conforme a sua riqueza com um escripto, qne declara a religião do defuncto, e pedindo a quem o achar que receba aquelle dinheiro, e o enterre honestamente; e vi fazer isto mui repetidas vezes.

CAPITULO XIII.

Da forma de seus vestidos, modo de vida, e exercicios ordinarios, e outros costumes particulares, que observam em seu procedimento.

Quanto a seus vestidos são pela seguinte forma. Primeiramente os homens atam ao redor das partes vergonhosas uma grande tira de panno, que dá volta inteira, para que com os movimentos do andar, ou de fazer qualquer serviço, não fiquem descobertas. Depois poem um pequeno panno de algodão, tinto de azul ou vermelho, ou de outra côr, o qual não passa do joelho. Por cima poem uma grande peça de panno de algodão ou de seda, por pouco ricos e remediados que sejam, que desce até aos artelhos, e o cingem de um bello lenço quadrado, bordado de ouro e seda, que dobram em tres pontas, e estendendo-o sobre os rins o atam por diante. Depois para maior ornamento sobrepoem

uma pequena peça de seda de diversas cores, transparente como crepe ou gase, curta, e que não passa do meio da coxa: e sobre tudo isto cingem-se com um grande cinto de seda, semelhante a seu turbante, com bellas franjas, deixando pendentes as pontas para a parte de diante. Neste cinto, que lhes serve de bolça, mettem o seu dinheiro, e o seu betle do lado esquerdo, e do lado direito poem o punhal, cousa que elles tem por mui honrada, e ninguem deixa de o trazer, ainda o proprio rei. Estes punháes são mui bem feitos, todos d'aço excellente, porque elles não sabem a arte de caldear o ferro com o aço. Os que tem algumas posses trazem-nos com cabo e bainha toda de prata lavrada. Na parte superior da bainha ha uma argolla de prata, donde pende uma pequena cadeia tambem de prata, á qual está prezo um palito, esgravator de ouvidos, e outros pequenos instrumentos do mesmo metal. Os que não tem posses para usar traste tão caro, trazem-nos com bainha de páo lavrado, cabo de osso de peixe, como de baleia, ou outro animal marinho, por quanto não querem usar de osso de animal terrestre. Fazem muito cabedal destes punháes; e não julgariam andar bem vestidos se os não trouxessem á cinta; e não ha pessoa, por mais baixa e mesquinha, que não traga o seu. E' a sua defensa, porque outras armas a ninguem são permittidas, salvo aos soldados e officiaes del-rei, e ainda é somente em quanto andam em serviço na ilha de Malé, ou em qualquer outra parte onde elle os envia. Estes tem de ordinario á cinta um punhal ondeado, que se chama *Cris*, e que vem do Achem em Sumatra, da Java, e da China. Alem disso quando andam pela rua trazem sempre a espada núa n'uma mão e rodella na outra, ou em vez disso trazem frecha. Os soldados têm ainda outro distinctivo particular, porque têm cabellos compridos, que juntam, e atam em forma de grande castanha.

A sua principal louçainha é trazer ao redor da cintura muitas cadeias de prata. Não ha ninguem que tenha algumas posses, que as não queira trazer, seja homem ou mu-

lher, rapaz ou rapariga, mais ou menos á proporção de seus bens e de sua qualidade. Nisto empregam todo o seu thesouro, e o destinam de ordinario para fazer as despesas de seu funeral. Mas só os grandes senhores, ou os estrangeiros as podem trazer á mostra, e por cima dos pannos; os outros trazem-nas por baixo, e escondidas, e todavia é mister que as tenham para o dizerem, e para as mostrarem em particular. O resto do corpo da cintura para cima anda nú, quero dizer a gente do povo baixo, porque os senhores de qualidade não usam assim. Todavia nos dias festivos vestem roupões e vestias de algodão ou de seda, que abotoam com botões de cobre dourado, porquanto não lhes é dado usal-os de ouro, os quaes só el-rei tem. Estes roupões são de todas as cores, mas nas bordas são de branco e azul. As mangas chegam só ao cotovello, por que dizem que se chegassem até ao punho, como a nós, não teriam livres os movimentos dos braços, com isto vestem calças de côr, mui estreitas, e que chegam desde os artelhos até á cintura, e abotoadas tambem em baixo com botões dourados. Os senhores vestem de ordinario os roupões e vestias, que tenho dito. Ha grande numero de sugeitos, que nos dias de festa não vestem as taes vestias, mas usam de outra sorte de casquilharia, deste modo. Pizam sandalo e camphora em pedras mui lisas e polidas, que trazem da terra firme, e bem assim outras sortes de páos odoriferos; depois amassam-nos com agua destillada de flores, e com esta massa fazem cobrir todo o corpo da cintura para cima, riscando varios feitios com os dedos conforme cada um imagina. Parecia-me que eram gibões golpeados e enfeitados. Lança isto mui bom cheiro, e ás vezes collam-lhe mui bellas e odoriferas flores. São as proprias mulheres, ou amigas quem os orna desta sorte, e pelas costas lhe fazem os feitios e riscados, que lhe apraz. E' uma especie de casquilharia mui frequente; mas não ousam appresentar-se assim paramentados perante el-rei, nem em seus paços.

Os que já foram a Arabia, e visitaram o sepulchro de Mafoma na Meca, são mui respeitados e honrados de toda a gente, sejam elles de qualquer qualidade, pobres ou ricos, e ha entre elles muitos que são pobres. Tem estes homens privilegios particulares. São chamados *Agy*, e para serem conhecidos e differençados dos outros, trazem todos roupões de algodão mui alvos, e pequenos barretes redondos na cabeça igualmente alvos, com contas na mão, sem cruz; e quando não tem posses para andar vestidos desta maneira, el-rei, ou os senhores principaes lho dão, e nunca padecem necessidade.

Toda a gente traz na cabeça turbantes vermelhos, ou variegados de diversas cores. A maior parte os tem de seda; os que não podem, os tem de algodão mui fino. Os soldados e officiaes del-rei os poem de um feitio, que não é permittido aos outros; pondo tambem na cabeça aquelles lenços bordados, que tenho dito; e ninguem mais os pode usar. Os cabellos, que são compridos como os das mulheres da nossa terra, apparecem por fóra do turbante.

Todo o povo anda descalço, e pela maior parte com as pernas descobertas. Com tudo em casa servem-se de uma especie de chinellas, ou támancos de páo; e quando alguem de mais elevada qualidade que a sua os visita em suas casas, largam as chinellas, e ficam descalços.

Quanto ás mulheres, essas tem primeiramente um grande panno de algodão ou de seda de côr, que as cobre desde a cintura até aos artelhos, e que lhes serve como de anagoa. Por cima poem um roupão de taffetá ou de algodão muito leve, mas mui comprido, que desce até aos pés, e que tem bordas azues e brancas. Não posso melhor comparar este roupão, para indicar a sua figura, senão ás camisas que cá usam as mulheres. E' um pouco aberto no colleirinho, e abotoado com dous botõesinhos dourados; e esta abertura continúa um pouco até á garganta, mas não chega ao seio; de forma que quando querem dar de mamar aos filhos, precisam levantar estes roupões, e o fa-

zem sem todavia se poder notar indecencia alguma, por rasão do panno, que lhe serve de anagoa, como já disse. Os braços são carregados de grossos braceletes de prata, e ás vezes desde o punho até ao cotovello. Algumas trazem-nos com mistura de outros de latão, principalmente as mais pobres; e outras de prata fina e massiça, de sorte que as ha que trazem tres e quatro arrateis de prata nos braços. Afóra isso trazem ainda cadeias de prata á cinta por cima do panno, que se não mostram, senão ás vezes quando os roupões são muito transparentes. Ao redor do pescoço, se são mulheres abastadas, e de qualidade, tem muitas cadeias de ouro, nas quaes enfiam moedas de ouro, que lhe vem da Arabia, ou de qualquer logar da terra firme.

Os cabellos são entrançados, e ás vezes os cobrem ainda para formar trosso mais grosso de um crescente de cabellos de homem, porque as mulheres nunca os cortam; e tudo isto cobrem de um pente dourado, que as grandes damas tem cheio de pedras preciosas. Nas orelhas trazem brincos mai ricos, conforme as suas posses, mas poem-nos de outro modo diverso do que aqui se usa. Porque as mães furam as orelhas das filhas quando são crianças, não só n'um logar na parte inferior da orelha, mas em muitos logares ao longo da cartilagem, e mettem-lhe fios de algodão para conservar os furos abertos, para quando as raparigas são grandes metterem ahi pequenos cravos dourados, que chegam ao numero de vinte e quatro em ambas as orelhas. A cabeça de cravo é de ordinario ornada de uma pedra preciosa, ou de uma perola: e alem disso na parte inferior da orelha ha ainda outro brinco com outro feitio a seu modo.

Quando as mulheres andam pela rua, ou de noite ou de dia, se bem que seja mui raro sairem de dia, levam um veo na cabeça, mas tiram-no se entram em casa das rainhas ou princezas, ou mesmo de pessoas de maior graduação que ellas; mas não diante de homens, nem ainda diante del-rei; pois ao contrario é então que ellas se cobrem mais, quando entendem que são vistas por homens.

Disse que ellas traziam cadeias de ouro ao pescoço, e pedras preciosas nos brincos das orelhas; mas nisto ha a notar que pessoa alguma, ou homem ou mulher, se não é princepe, ou mui grande senhor, não ousaria trazer anneis, nem pedraria, nem braceletes, affogadores, ou brincos das orelhas, nem cadeias de ouro, sem licença del-rei, se é homem, ou das rainhas, se é mulher; e disto se passam provisões. Esta licença compra-se a dinheiro de contado, salvo se é dada por mercê, como ás mulheres muitas vezes succede. Só as rainhas e princezas podem trazer braceletes e argolas de ouro nos braços e pernas; mas em qualquer outro ornamento é permittido a todas trazer ouro. Mas ainda que as argollas dos pés e das pernas sejam de prata, não podem as mulheres traze-las por somma alguma de dinheiro, senão são de grande qualidade e prosapia, nem pôr anneis em outro dedo alem do pollegar, excepto as rainhas, princezas, e as grandes damas no dedo do meio, e nos outros dous todas as mulheres com licença, e os homens somente no pollegar. Assim cada um sabe a sua classe e qualidade, e os ornamentos que pode usar, tanto elle como sua mulher, sem haver nisso confusão. E se a mulher de alguem, que não tenha por costume andar loução, começar a enfeitar-se mais; ou se um homem trouxer anneis no dedo, ainda que nisso não exceda o termo limitado, carregar-lhe-hiam mais na imposição por essa causa: excepto os officiaes del-rei e das rainhas, que não pagam imposição, nem igualmente os moradores da ilha de Malé; mas estes tem assaz de outros encargos, e são sugeitos a muitas despesas extraordinarias. Os estrangeiros e suas mulheres tem o privilegio de se vestir como lhes apraz, e trazer quantos ornamentos e galas quizerem, sem licença, tanto como os maiores princepes, ou o proprio rei. E em muitas outras cousas observei que os estrangeiros tem muitos direitos e privilegios, que não tem os naturaes da terra. Tambem o Pandiare, os Naibas, e os Catibas da ilha de Malé, e das outras ilhas

podem vestir-se e ornar-se como quizerem, sem estarem sugeitos neste particular ás leis, como os outros.

Em fim, para tornar a nosso fio, as mulheres são curiosas de se ornar e enfeitar com primor, de se banhar todos os dias, lançar nos cabellos oleos cheirosos, e trazer aromas, e cheiros agradaveis. Tambem tem costume de tingir de vermelho as unhas dos pés, e das mãos; o que passa por cousa formosa, e o fazem com o succo de uma certa arvore, e dura até que a unha se renove com o crescimento, e então repetem a mesma operação. E por certo ellas parecem assaz bellas e engraçadas, assim porque ellas se vestem garbosamente, como porque são bem formadas, de bom talhe, e mui gentis. E todavia são de côr baça pela maior parte; ainda que se acham muitas apenas trigueiras, e outras que são mui brancas, como se podiam encontrar em nossas terras.

Estes povos geralmente, assim os homens como as mulheres, tem muitos costumes particulares em seu modo de viver, e procedimento. Primeiramente nunca comem em commum senão as pessoas da mesma qualidade e condição; e é deshonra comer com um inferior. Por isso não se banqueteam uns aos outros, senão nas festas e solemnidades, que já disse. E se em outra occasião querem regalar seus amigos, fazem preparar em suas casas muitos pratos de varios manjares, que postos sobre uma grande mesa redonda, coberta de taffetá, enviam á morada daquelle que querem festejar; o que tem por grande honra. Quando estam em particular, não gostam que os outros os vejam comer, e se recolhem ao mais interior de seus aposentos, abaixando alem disso todas as cortinas e reposteiros para não serem vistos. Antes de comer fazem oração, e semelhantemente depois. Não usam outra mesa senão o pavimento da casa, que é coberto de pequenas esteiras mui lindas, e nellas se assentam com as pernas crusadas. Não se servem de toalhas, mas para não sujar as esteiras, usam de grandes folhas de bananeira, sobre as quaes poem os

pratos, e adiante outras; e são tão aceiados no seu comer, que nunca esparzem nada no logar onde comem, nem ainda uma gotta de agua, posto que lavem a bocca antes e depois de comer, pois tem bacias proprias para isto. A baixella é de louça como a nossa de pó de pedra *(fayance)*, figurada á moda da terra, e vem de Cambaia; ou porcellana da China, que é lá mui commum, e de que se servem quasi todos. Mas nunca se servem de um prato de pó de pedra, ou porcellana, que não seja em uma boceta redonda, envernisada e lacreada, obra propria destas ilhas, e coberta com uma tampa da mesma fabrica. Alem disso cobre-se esta boceta assim tapada de uma peça quadrada do mesmo tamanho, que é de seda, obrada em diversos feitios a ponta de agulha, e com toda a sorte de cores. Ainda os mais pobres usam de pratos cobertos por meio destas bocetas, que custam mui baratas. A rasão deste uso são as formigas, de que ha tão extraordinaria quantidade, que enchem tudo, e é mui custoso conservar qualquer cousa, sem que logo fique coberta dellas. São outrosim tão nojentos no que toca á comida, que não levarão á bocca um manjar, onde haja caido uma mosca, uma formiga, ou qualquer outro bichinho, ou ainda a menor impuresa; e quando tal acontece offerecem tudo ás aves; porque nem ainda o dão aos pobres, aos quaes nunca dão cousa por elles despresada, e que não haja sido preparada como para si proprios. E neste particular tenho observado que chegando algum pobre á porta, o mandam entrar em casa, e lhe dão do seu proprio comer, dizendo que os pobres são servos de Deos como elles.

Ora tornando ao seu modo de viver, e aos utensilios, de que se servem á mesa, os maiores senhores não tem outra baixella, nem mais rica que a outra gente. Servem-se daquella que já disse, e ainda que tenham posses para se servir de baixella de ouro ou prata, a lei lho defende, e por isso o não fazem. Se acontece que os pratos de pó de pedra, ou porcellana tenham alguma fenda, deixam

logo de comer nelles, havendo-os por pollutos. Não se servem de colheres para comer arroz, nem mel, mas sim para as cousas liquidas, como caldos, e cousas de leite; o mesmo uso se segue em todo o resto da India, e come-se com a mão, e costumam fazel-o com destresa e aceio, sem sujar cousa alguma. E' entre elles a maior incivilidade do mundo, e digna de grande prasmo, deixar cair alguma cousa quando se come; e durante este acto nenhum dos presentes ousará cuspir, ou escarrar, e é mister levantar-se, e sair fóra para o fazer. Nada os enjôa tanto como o acto de escarrar, nem ha cousa que elles julguem mais indecente, e que mais os indigne. Quando comem nunca se servem da mão esquerda, porque com ella é que lavam as partes do corpo mais reconditas. No principio da comida dão a primasia a um côco meio maduro, e lhe bebem a agua, e dizem que é cousa mui saudavel, e que lhe faz laxar o ventre. Todos comem com muita avidez e pressa, tendo que é mui decoroso não gastar muito tempo no comer; e se estam com companhia, não dizem palavra uns aos outros. Beber em quanto se come, é para elles incivilidade; por isso nunca o fazem; e zombavam de nós pelo fazermos; mas depois de haverem comido a fartar, bebem uma vez. A bebida mais commum é agua, ou vinho de côco tirado no mesmo dia. Alem do modo ordinario ha dous outros modos de o fazer mais delicados; um é quente, composto de agua, e de mel de côco com quantidade de pimenta (da qual usam muito em todas as comidas, e lhe chamam *Pasme*), e com outra semente chamada *Caboa*; outro é frio, e ainda mais delicado, feito com assucar, e côco desfeito em agua (a). Mas estas bebidas são para el-rei, e para os grandes senhores, ou para os banquetes solemnes de suas festividades. Bebem em taças de cobre mui bello, e mui bem obradas, todas com sua

(a) A estas bebidas, impropriamente chamadas *vinho*, e que sem duvida se refere o auctor na pag. 13, dando logar á observação, que ahi fizemos na nota (b).

tampa. Depois de comer, e de se terem lavado, apresenta-se-lhe um prato de betle por sobre-mesa, porque as fructas são servidas a par dos outros manjares. A maior parte não tem hora ordenada para a comida, mas comem a toda a hora do dia, quando lhe chega a vontade, o que é estilo ainda dos maiores senhores e damas. São as mulheres e raparigas que aprestam a comida, e fazem a cosinha, e não os homens; e é a maior injuria que se pode fazer a um homem, é chamar-lhe *Cisdy*, isto é, cosinheiro. E se algum se dá a este mester (como alguns fazem, mormente em casa dos grandes, que os tem por melhores cosinheiros, que as mulheres) são apupados e despresados de toda a gente, por tal forma que não são havidos por homens, mas por mulheres; nem elles ousariam conviver senão com as mulheres, nem fazer outro exercicio; pelo que não ha difficuldade em os deixarem com ellas.

Quando é necessario matar algum animal para seu comer, fazem-no com grande misterio. Cortam-lhe as guellas virando-se para a banda do sepulcho de Mafoma, e dizem suas orações, e logo largam o animal, ou o arremeçam sem mais lhe tocar até que seja inteiramente morto. E se alguem lhe tocasse antes de ser morto, lançariam fóra a carne, e não a comeriam. Não está aqui tudo; é mister que o golpe das guellas seja só por um certo logar, aliás ninguem comeria do animal. De mais disso nem todos são peritos nesta operação, e são principalmente os sacerdotes, ou Mudins que a sabem; e se outras pessoas a praticam, devem ser idosas, e não de pouca idade, e é mister que tenham tido filhos. Gostava eu de ver ordinariamente que para matar uma gallinha era necessario correr toda uma ilha para achar um homem, que soubesse matal-a, e ainda corria risco de elle o não querer fazer, por quanto esquivam-se quanto podem a praticar esta acção. Depois de matar a gallinha, esfollam-na, e lançam fora a pelle, o pescoço, a parte posterior, e todas as entranhas; e comem o resto.

Em todas as suas acções são mui escrupulosos e supers-

ticiosos, ainda nas mais leves cousas. Depois de ter dormido, ou seja de noute ou de dia, nunca deixam, logo que accordam, de lavar os olhos e o rosto, e de esfregar-se com oleo, pondo alem disso certa tinta negra sobre as pestanas e sobrancelhas: e não ousariam fallar, nem dar os bons dias a pessoa alguma, sem haver feito tudo isto. São muito cuidadosos de esfregar os dentes, de os lavar, e limpar, e dizem que assim a côr vermelha do betle e da areca, que elles continuadamente mascam, pega melhor; de sorte que todos tem os dentes vermelhos á força de mascar o betle; e hão isto por bellesa. Por isso trazem sempre betle comsigo nas pregas do cinto, e seria deshonra para um homem não o trazer. E quando se encontram uns aos outros nos caminhos, tem por costume dar entre si cada um do seu betle.

Banham-se muitas vezes ao dia, não somente por prazer e commodidade, mas por preceito de religião; e quando entram no templo lavam as extremidades, como já disse, o que em sua lingua se chama *Vulos*. E depois de terem ourinado, ou feito outras necessidades, lavam as partes reconditas com a mão esquerda, ou banham o corpo inteiro, a cujo banho chamam *Innan*, com diversidade de formas e cerimonias segundo as occasiões. De sorte que lavando-se em publico, como é seu costume, conhece-se o porque se banham, como por exemplo, quando tiveram congresso com suas mulheres, quer de dia, quer de noite, mergulham tres vezes a cabeça na agua; o que é grande indecencia.

Quando elles estam assentados em qualquer logar, é necessario toda a cautella para se não passar por de traz delles; porque o hão por grande affronta, e que lhe acontecerá algum infortunio. Mas sendo caso que se não possa evitar, aquelle que assim quer passar curva-se todo para baixo, e estende as mãos até ao chão, dizendo *assa*, como quem diz, queira perdoar. E' entre elles grande indiscrição, quando se está assentado em presença de outras pessoas, abanar as pernas; e disso tomam enfadamento, e dizem que

é signal de máo agouro, e de incivilidade. Tambem quando saem para qualquer viagem não desejam encontrar, nem tocar pessoa alguma ; e se lhe acontecesse algum inconveniente ou máo successo, attribuil-o-hão áquelle que os tocou. Sobre tudo quando vão pescar, ninguem os deve cortejar, nem dar-lhe os bons dias. Desde a hora de sol posto na quinta feira até ao outro dia ás tres ou quatro horas, não consentem que sáia cousa alguma de sua casa ; e quando fosse o seu maior amigo, ou ainda seu pai, que lhe pedisse alguma cousa emprestada, não a deixariam sair naquelle tempo ; e até não fariam entrega do alheio, que em tal hora seu dono lhe mandasse pedir ; todavia não poem difficuldade em receber qualquer cousa, e deixal-a entrar em casa durante o mesmo tempo. Uma cousa digna de louvor tenho notado nelles, e é que se elles disputam ou guerream entre si, por maior que seja a inimisade que dahi recresca, nunca lançam em rosto uns aos outros o haverem comido e bebido uns á custa dos outros ; e se algum o fizera, todo o mundo lhe daria vaias.

Se quando navegam, são surprendidos por ventos contrarios, calmas, ou tormentas, fazem votos áquelle que domina os ventos, que elles não chamam Deos, mas Rei. Não ha ilha, onde não haja um *Stare*, como lhe elles chamam, e é um logar dedicado ao rei dos ventos, n'um recesso da ilha, apartado da povoação, onde os que escaparam do perigo vão appresentar por offerendas, todos os dias, pequenos bateis e navios, fabricados expressamente, cheios de perfumes, gommas, flores, e páos odoriferos. Queimam-se os perfumes, e lançam-se os pequenos bateis ao mar, os quaes vão boiando até de todo arderem, por que lhe lançam o fogo, afim, dizem elles, de que o rei dos ventos os acceite. Tambem quando elles não podem facilmente pôr seus navios e galés a nado, matam gallos, e gallinhas, e as lançam ao mar adiante do navio, ou do batel, que querem pôr a nado. Da mesma sorte crem que ha um rei do mar, ao qual igualmente se fazem orações e

cerimonias quando navegam, e quando querem ir á pesca; receiando agastar e offender estes reis dos ventos e do mar. De maneira que quando andam embarcados, não se atrevem a escarrar, nem lançar cousa alguma para barlavento, de medo que o tal Deos se não agaste; e semelhantemente nunca olham para traz. Quando eu ia com elles no batel, levavam a mal o ver que eu não guardava estas superstições. Todos os bateis, barcos, e navios são dedicados a estas potencias dos ventos, e do mar. E de feito guardam tanto acatamento ás embarcações como se fora a seu templo, conservando-as mui limpas, e não querendo commetter nellas alguma acção ruim e deshonesta. Veneram alem disso os reis dos outros elementos; e até ha um da guerra; e todos com grandes cerimonias.

Fazem grande cabedal de certas letras, e caracteres, a que chamam *Tavide*, que trazem por cima dos vestidos, ou encerrados em pequenas caixinhas, que os ricos mandam fazer de ouro, ou de prata. Tambem as trazem ou nos braços, no pescoço, á cinta, ou nos pés, conforme o objecto do mal; porque isto lhe serve para tudo; para offender, e defender-se; para amar, ou ser amado; para aborrecer; e para sarar, ou fazer doença a outrem. Os magicos, ou feiticeiros é quem lhes dá isto por dinheiro, e lhe dizem que os perserva dos males, os livra de doenças, ou as cura. Quando adoecem não tomam remedios; e recorrem aos taes magicos e feiticeiros, que são seus unicos medicos, e não tem outros. Porque elles crem todos que o seu mal é obra do diabo para os atormentar; e que só elle é causa da sua morte, e das suas enfermidades. Por esta razão o invocam, e lhe offerecem flores, lhe preparam banquetes de toda a sorte de manjares e bebidas, que poem em certo logar secreto, onde as deixam consumir, se por ventura não vem algum pobre, que as aproveita. No mesmo intento matam gallos, ou gallinhas, virando-se para a banda do sepulchro de Mafoma, e depois largam-nas, rogando ao diabo que as acceite, e se ausente, dei-

xando em paz o doente. Chamam a esta bruxaria *Cauvery*.

E já que tenho fallado de seus remedios de feitiços, parece ser necessario dizer quaes são as suas doenças, e ir indicando os remedios naturaes, que lhe applicam. A febre, a que elles chamam *Homan*, é a doença mais commum nesta terra, mui perigosa aos estangeiros, que lá chegam, e os consome em poucos dias. Já tenho fallado della, conhecendo-a por experiencia, por ter visto morrer della muitos de meus companheiros, e pela ter eu mesmo padecido. E' conhecida por toda a India pelo nome de febre de Maldiva. De dez em dez annos grassa uma doença chamada *Cariuadiri*, á vista da qual se desamparam uns aos outros, como se fora peste. Assemelha-se ás bexigas das crianças de cá, e desta enfermidade morre muita gente. Doença de olhos é mui trivial, e vê-se alli grande numero de cegos, e pela maior parte tem aquella gente a vista curta. Acontece tambem mui frequentemente que tendo estado por muito tempo ao pino do sol, depois que este se põe não vêm cousa alguma, por mais fogo ou luz que se lhe chegue, ainda mesmo que houvesse um cento de fachos accesos; e isto todavia sem sentirem outro mal. Chama-se esta doença, ou incommodo *Rosnans*; e para o curar fazem cozer o figado de um gallo, e lhe escrevem certas palavras e feitiços, engolindo-o á hora do sol posto em ponto. Os meus companheiros, e eu fomos atacados disto algum tempo, mas em fim tendo aprendido a receita, tomámos o figado de gallo, dispensando os feitiços, a ver se assim mesmo tinha virtude, e achámos que nos curava tão bem como a elles sem usarmos dos taes feitiços. São muito sugeitos a sarna, que elles chamam *Caz*, mas curam-na com oleo de côco. Os herpes os incommodam tambem muito, e sem remedio, porque ha pessoas que tem o corpo quasi todo coberto delles. Estas doenças procedem da quantidade de peixe salgado, que elles comem, e tambem porque o modo de salgar quasi todas as suas comidas é lançando-lhe agua do mar. De inverno, quando as chuvas são mui continuadas, e

como andam descalços, mettem-se-lhe debaixo dos pés, e entre os dedos delles uma especie de ouções, ou lendeas, que nascem nas lamas, o que lhe produz bolhas cheias de agua, que rebentando depois, deixam ulceras, que lhe tolhe o andar. Estes ouções chamam-se em sua lingua *Quilla panis*, isto é, ouções da lama. E em todo o corpo lhe dão tambem os ouções.

Todos tem commumente o baço grosso, e alem disso são mui atreitos a terem-no enfartado, e o ventre mui crescido e duro, e outras muitas enfermidades. Attribue-se isto ás aguas das ilhas, que não são mui saudaveis, e produzem as febres. Aquella molestia do baço chama-se *Oncory*. O remedio, que lhe applicam, como a qualquer outra inchação ou dôr dos membros que appareça, são cauterios sobre a parte inchada ou dolorosa. Isto faz uma escara, e uma abertura assaz larga, e poem-lhe em cima algodão molhado em oleo de côco, com o que se dão mui bem. Vi alguns que se haviam assim queimado e cauterisado em cinco ou seis logares. Mas eu por mim, quando estive doente, não quiz consentir que me applicassem este remedio. Quanto ás ulceras, a que elles são muito atreitos, principalmente nas pernas, curam-nas pondo-lhe em cima laminas de cobre ; e na verdade saram com isto inteiramente, como eu proprio experimentei. Alem dos remedios, que tenho dito, tem tambem algumas receitas e composições de suas ervas, e drogas para diversas doenças, e principalmente para feridas, que elles curam com muita arte. Todavia não conhecem o uso de ligaduras, e de pannos nas chagas. Applicam somente unguentos, como cá fazemos aos cavallos. Os catharros e defluxos tambem os perseguem ás vezes; e a gotta nos ossos. As molestias venereas não são alli tão frequentes, todavia ha-as, e curam-nas com páo da china, sem suar, nem fazer outro remedio. Chamam a esta molestia *Farangui baescour*, porque este mal lhe veio da Europa, e elles chamam aos europeos em commum *Farangui*, ou *Frangui*, por razão de serem os Francezes os mais afamados povos do

occidente (a). Mas observei que elles não sabem o que é dor de dentes; e parece ser isto devido ao betle, que ordinariamente mascam, o qual fortifica as gengivas; e de feito pelo eu ter usado como elles, não tinha lá dor de dentes, ainda que em qualquer outra parte sempre padecia della.

Em quanto ao tratamento das crianças, tem alguns costumes e usanças particulares, que eu não vi observar em outra parte. Logo que a criança nasce, lavam-na em agua fria seis vezes ao dia, e depois esfregam-na com azeite, e continuam longo tempo estas lavagens. Alem disso cada vez que as crianças ourinam, ou fazem outra sujidade, lavam-lhe com agua as partes vergonhosas, como se fosse a pessoas grandes. As mães criam ellas mesmas seus filhos; e não ousariam dal-os a criar a outrem, nem ainda as rainhas, dizendo ordinariamente que tambem os animaes criam seus proprios filhos; mas tem creadas para os trazer ao collo, e tomar conta nelles. Alem da mama dão-lhe uma especie de caldo de arroz ou de milho pisado e molhado, e ao depois cosido com leite, e assucar de côco. A maior parte, e principalmente os pobres, dão ás crianças bananas. Nunca as involvem em mantilhas, mas deixam-nas livres; e todavia nunca vi lá aleijados. Deitam-nas suspensas no ar em pequenos leitos de cordas, ou em cadeirinhas, e ahi as embalam. Desde a idade de nove mezes começam a andar. Aos nove annos mandam-nas instruir nos estudos e exercicios do paiz.

Estes estudos são aprender a ler e escrever, e a entender o seu Alcorão, para saberem as suas obrigações. As letras são de tres sortes, a arabiga com algumas letras e pontos, que lhe tem accrescentado para exprimir com ella a sua lingua; outra, cujos caracteres são particulares á lingua das ilhas de Maldiva; e uma terceira especie que é

(a) O auctor devia saber que tambem na Europa o nome desta molestia traz a sua derivação da mesma origem, privilegio que as outras nações não invejam por certo aos Francezes.

commum a Ceilão, e á maior parte da India (a). Escrevem as suas licções em pequenas taboas, que são branqueadas; e quando já sabem a licção de cór, apagam o que escreveram, e tornam a branquear de novo a taboa, salvo se a escripta deve ser conservada, e permanecer para sempre. E neste caso escrevem em pergaminho, feito de folhas da arvore chamada *Macare queau*, a qual folha é do comprimento de braça e meia, e da largura de um pé. Fazem disto livros, que duram tanto ou mais que os nossos sem se corromperem. Para ensinar a escrever aos meninos tem taboas feitas de proposito, bem polidas e lisas, e estendem-lhe por cima areia mui fina; depois com um ponteiro escrevem as letras, e as vão fazendo imitar apagando-as á proporção que as vão escrevendo; e não usam papel nestas licções. Tem todos grande respeito, e honram muito a seus mestres, como se foram seus proprios paes; e não se pode contrahir casamento com elles, por serem havidos por conjunctos em uma especie de affinidade. Acham-se entre elles pessoas, que continuam seus estudos, e são mui instruidas na intelligencia do Alcorão, e cerimonias de sua lei; e principalmente o são os Mudins, Catibas, ou Naibas. Estes dous officios são compativeis, e um Catiba pode ser Naiba, e um Naiba Catiba.

As mathematicas são alli mui cultivadas, e fazem dellas grande estimação, mórmente da astrologia, a qual muitas pessoas estudam, por isso que para tudo se consultam os astrologos; e ninguem emprehende cousa alguma sem lhes ter pedido o seu parecer. E não somente querem saber os horoscopos de seus nascimentos; mas tambem quando fabricam algum edeficio, ou de páo ou de pedra, é mister perguntar ao astrologo qual será a melhor hora de o começar, afim de que isto seja sob uma boa constellação; o mesmo fazem para a fabricação de uma embarcação; e ainda diversamente conforme o uso, a que é destinada,

(a) Julgamos ser a letra *Tamul*.

pois tomam dia e hora differente para um navio de guerra, ou mercante, ou de pesca. Alem disso para emprehender uma viagem, ou qualquer outro negocio que seja, não é semelhantemente sem saber e averiguar do astrologo qual poderá ser o resultado, e se o dia é bom ou máo, se o planeta é favoravel ou infausto. E se lhe aconteceo algum desastre, attribuem a causa ao dia, e armam-se de paciencia dizendo que é vontade de Deos que assim succeda. El-rei tem sempre junto a si grande numero destes astrologos com outros mathematicos, e serve-se muitas vezes delles. Tambem estudam magia, e feitiçaria.

Estes insulares exercitam-se muito nas armas, ou seja a servir-se de espada com rodella, ou seja a atirar destramente com arco, ou arcabuz, ou a menear a lança. De tudo isto tem escolas, cujos mestres são mui honrados e respeitados, e de ordinario são grandes senhores, que se dão a este exercicio. Não ha alli outros jogos senão a balla e pella, que elles apanham e lançam com muita destreza, ainda mesmo com os pés.

Tambem se dão ás manufacturas, e são para ellas mui proprios e destros, de maneira que ha entre elles grande numero de mesteres de diversas sortes para fabricação de moveis, utensilios, e varios trastes do uso.

O maior exercicio, que elles fazem, e o mais ordinario, é a pesca, que todos exercitam indifferentemente em todos os logares das ilhas de Maldiva, sem haver aqui, como em outras partes, certas pessoas deste mester, ou certos logares proprios para esse effeito, que não sejam publicos. Conserva-se neste particular a liberdade natural, e cada um pode pescar onde quer, e quanto quer. E' um exercicio que elles têm por honrado e decoroso, e a que se applicam os mais illustres senhores com muito prazer, como cá fazem na caça, sem querer tirar outro proveito do que apanham. Pelo contrario todas as pessoas honradas e de qualidade quando tem ido á pesca, e tem apanhado peixe, mandam-no de presente a seus amigos, e

o dão a todos os que querem ir buscal-o a sua casa. Alem disso mandam coser porção delle com bananas verdes, a que nas ilhas de Maldiva chamam *Quella*, e rogam a todos os visinhos que o venham comer, o que elles fazem sem outra cerimonia, e em forma de brodio. Os proprios reis tem officiaes deputados a este serviço para quando querem dar-se a este divertimento; porque como moram em ilhas pouco extensas, a pesca é a sua caça. Ha doze pessoas destinadas para condusirem e dirigirem o batel delrei quando vai á pesca, e aparelhar tudo o que é mister para pescar. Todos são grandes senhores, que são providos nestes officios, de que se hão por muito honrados, e os compram caros. Acima delles ha um cabo ainda maior, o qual deve governar o leme da embarcação. O rei dá a cada um daquelles doze um grosso annel ou bracelete de prata para metter no braço direito, do peso de um quarto de libra, a que chamam *Gaux*, e ao cabo dá um de ouro; insignias, que elles todos trazem quando el-rei vai á pesca. Com tudo o rei, que governava quando eu lá estive, raras vezes ia á pesca.

A pesca nas ilhas de Maldiva é de muitos modos. A pesca do peixe grosso, de que se faz grande trafico, é fora dos bancos e dos Atollons no mar alto, a seis ou sete legoas de distancia, onde esta especie de peixe se acha sempre. Pesca-se ahi admiravel quantidade de peixe grosso, de sete ou oito qualidades, que ainda que sejam quasi todas da mesma raça e especie, todavia não são totalmente semelhantes, nem do mesmo tamanho, e são bonitos, albacoras, douradas, e outros, todos mui parecidos, do mesmo gosto, e sem escamas como as sardas; e por isso se acham sempre reunidos, e na mesma paragem, e se apanham do mesmo modo; isto é, com uma linha de braça e meia, fabricada de um fio grosso de algodão roliço, preso a uma grande canna, que é como páo mui rijo. O anzol, que se põe na extremidade, é de outro feitio diverso dos nossos; não é tão curvo, mas mais comprido, e

na ponta é recto como um alfinete, sem ter barba, nem lingueta, e assemelha-se inteiramente á letra *h* da escripta franceza corrente. Não se lhe prende isca; mas no dia antecedente faz-se provimento de quantidade de peixe miudo, do tamanho de pequenas mugens, que se acham em grande abundancia nos bancos e areias, e conservam-nos vivos mettendo-os em bolças feitas de cordel de cairo com pequenas malhas, as quaes deixam mergulhadas no mar a reboque de seus barcos. Quando chegam ao mar alto onde se faz a pesca, espalham por toda a parte esses peixes miudos, e estendem tambem as linhas. O peixe grosso, que disse, sentindo o peixe miudo, que não é frequente no mar alto, corre em quantidade sobre elle, e vem prender-se no anzol, que está branqueado e estanhado de proposito, por quanto é esta uma especie de peixe muito guloso, e muito parvo, que se vem prender no anzol branqueado, cuidando que é um peixinho branco. Basta pois puxar a linha para dentro do barco, onde o peixe logo cáe, porque não está muito preso, e torna-se logo a lançal-a ao mar, onde novamente se prende mais peixe em extraordinaria quantidade; de sorte que em menos de tres ou quatro horas tem elles os barcos cheios; e o que é mais para notar é que vão sempre avante a pannos largos. Este peixe, que assim se apanha, chama-se geralmente em sua lingua *Cobolly masse*, isto é, peixe negro, porque todo assim é. Cosem este peixe em agua do mar, depois seccam-no ao sol sobre grades, e depois de secco guardam-no por muito tempo. Fazem delle grande trafico, não somente entre si, mas abastecem o resto da India, onde esta fazenda é mui procurada. E cumpre que o primeiro e melhor peixe de cada pescaria seja para el-rei, e apenas o batel chega, um dos principaes pega no peixe, e ligando-o com uma corda, ou com a vergontea de certa planta, o leva sobre um páo ás costas á cosinha del-rei; depois levam outro aos ministros da igreja, aos pobres, e a seus amigos; e o resto é repartido entre elles.

Por pouco que seja, é mister fazer toda esta partilha.

Ha outra sorte de pesca, que se faz de noute nos bancos ao redor dos Atollons, duas vezes no mez somente, quando a lua está em conjuncção, e quando é cheia, tres dias de cada vez. Faz-se com aquellas jangadas, que chamam *Candué patis*, de que já atraz fallei, nas quaes vão de noute sobre os bancos fazer a sua pesca á linha. São estas linhas do comprimento de cincoenta ou sessenta braças, de fio grosso de algodão mui rijo, que tingem de preto com a casca de certa arvore, da qual se servem em logar de breu ou pez, afim de conservar o fio por mais longo tempo, e atalhar que apodreça. Na ponta tem anzóes, a que se prende a isca, da mesma sorte que os nossos. Com estas linhas apanham quantidade de peixe de uma especie, que eu não vi em outra parte, do comprimento de tres ou quatro pés, e largura á proporção; é todo vermelho, e por dentro mui branco, e mui rijo, quando está cosido. E' o mais delicioso e mais excellente manjar, que dizer-se pode, por cuja razão estes povos, que poem ás cousas nomes, que pouco mais ou menos designam a sua naturesa, lhe chamam em sua lingua *o Rei do mar*. Comem-no fresco, e não o salgam.

Apanham-se do mesmo modo muitas outras especies de peixes em copia admiravel e prodigiosa, e ser-me-hia impossivel distinguil-os; tão grande é a sua multidão, e de peixes, que nós cá não conhecemos, e que até eu não vi em outra parte. Será assaz o expressal-o assim em geral, para fazer conhecer a principal riqueza da terra; e se houver ainda mais alguma cousa de particular, reserval-a-hei para outro logar. Têm tambem toda a sorte de redes fabricadas de fio de algodão, ou de filamentos de outras arvores; e bem assim varios instrumentos de pesca, como nós cá temos, com os quaes pescam peixe de todas as qualidades nos baixos do mar; mas todo comem fresco, e não fazem delle trafico algum. A' borda do mar, onde elle é mui baixo, tomam por passa-tempo pescar peixe miudo, que se

assemelha ás sardinhas, e que tambem é mui delicado; e pescam-no com redes de fio de algodão mui compridas, que tem á roda pedaços de estanho, que tocam uns nos outros; e quando percebem grande copia deste peixe miudo lançam subitamente a rede, e o peixe fica apanhado dentro della, porque o estanho puxando-a até a areia do fundo, o não deixa escapar.

Mas vamos a outro modo de pesca, que eu achei muito estranho, e cheio de industria. E' uma pesca geral, que elles fazem duas vezes no anno, nos equinoxios, e nas marés de aguas vivas, com muita gente junta, em certos sitios do mar. Para se entender a forma desta pesca cumpre saber que o fluxo do mar estendendo-se e subindo então mais acima que em todo o resto do anno, e passando os limites das outras marés, da mesma maneira e na mesma proporção o refluxo se abate e afasta muito, deixando em secco baixos e rochas, que em outro tempo se não vêm. Nestes sitios, em quanto o mar está retirado, observam algum recesso commodo, e poem ao redor grossas pedras umas sobre as outras até grande altura, de sorte que figura um muro redondo, ou revelim. Esta cerca tem quarenta passos de circuito, pouco mais ou menos, e a entrada, que lhe deixam, tem dous ou tres passos de largo. Reunem-se trinta ou quarenta homens, e cada um delles leva cincoenta ou sessenta braças de grossas cordas de cairo, nas quaes de braça a braça está preso um bocado de casca de côco secca, para fazer boiar sempre a corda ao de cima d'agua, como aqui fazemos com a cortiça. Depois atam umas nas outras todas as cordas, que cada um delles tem trasido, e estendem-nas em circulo por cima dos baixos: e daqui se pode pensar qual será a extensão, que terá em redondo. E' cousa estranha que todo o peixe que fica dentro desta corda se deixa apanhar, não havendo outras redes, nem instrumentos alem da corda, que boia ao de cima d'agua, e que não tem rede alguma, que della esteja pendente. Mas o peixe tem medo da corda e da sombra della de tal sorte, que

em vez de passar por baixo para se escapar e não se deixar apanhar, vai fugindo da corda, cuidando que della pende alguma rede, que o prenda. Os homens vão todos postar-se junto daquella cerca de pedra, que já disse, puxando a corda a pouco e pouco, uns de uma banda e outros da outra, uns em batel, outros dentro d'agua, por quanto sobre os baixos o mar é pouco fundo, e a agua não dá mais que pelo pescoço, e pela maior parte ainda menos. Assim á proporção que puxam a corda, o peixe vai fugindo adiante della, e apertando-se para a banda da cerca, até que em fim estando a corda quasi toda puxada, todo o peixe entra dentro da cerca; e elles logo lhe tapam a entrada com feixes de ramos, e folhas de coqueiro ligadas longitudinalmente no comprimento de vinte ou trinta braças, e cosidas umas sobre outras até a grossura de um homem; e á proporção que a maré baixa, o peixe vai ficando em secco. E' então cousa divertida ver o peixe assim preso saltar e revolver-se, e em tal copia, que ás vezes chega a ser de dez ou doze mil peixes, ou mais, de todas as qualidades, em que entra muito peixe grosso; e de todo elle enchem saccos e bolças de malha mui estreita, que poem na embocadura da cerca, enxotando o peixe de dentro, de tal sorte que não perdem um só. E vi alli algum tão grosso, que um só fazia uma boa carga de homem. Muitas vezes fui a esta pesca, e houve á minha parte mais de um cento de peixes grossos; e advirta-se que como a pessoa menos graduada, e estrangeiro, me cabia parte menor, cabendo a todos os outros uma parte mais avantajada; mas a verdade é que eu sentia mais molestia que elles, porque elles estavam costumados a andar descalços sobre os bancos e rochedos, e eu não; sendo mister ás vezes caminhar perto de meia legoa desta maneira, e sempre ao sol.

Todo este peixe é applicado a seu mantimento, e lhe serve para banquetes e regalo, e delle não fazem trafico algum, ainda que o cosem, e depois o seccam sobre grades, porque aliás não poderiam guardar por muito tempo

tão grande quantidade sem se corromper. Esta pesca não se faz mais que uma vez em cada seis mezes sobre cada baixo, e dura quinze dias, mudando-se todos os dias de sitio; e não se torna ordinariamente ao mesmo sitio com esta maneira de pesca, senão no outro equinoxio, no qual se repete a mesma operação. O peixe, que se acha sobre os baixos no recinto dos bancos e dos Atollons, chama-se em lingua maldiva *Phare masse*, como quem diz, peixe dos baixos, ou dos bancos; porque *phare* quer dizer um baixo, ou um banco, ou rocha; *masse* significa peixe. O que se apanha no mar alto chama-se, como já disse, *Combolly masse*, isto é, peixe negro; e é o de que fazem grande trafico, provendo delle toda a costa da terra firme. E' cosido em agua do mar, e secco; porque se o salgarem de outra maneira, como ás vezes fazem, não fica bem salgado, e é mister deixal-o sempre em salmoura, até se servirem delle; e não é deste que elles transportam ou enviam para fora. Tambem não se produz sal nas ilhas de Maldiva; o de que se servem vem da costa de Malabar; e não poderia ser sufficiente para uma tal copia de peixe como cada dia alli se pesca, assim para provimento da gente da terra, como para o trato commercial de fóra. E na verdade não ha logar em todas as Indias, nem fóra dellas, segundo creio, onde a pesca seja mais rica e mais abundante.

Hia-me esquecendo, antes de terminar este discurso do modo de vida, e exercicios destes insulares, dizer uma palavra de outros seus costumes. E com quanto seja facil colligil-os dos seus modos de proceder, que já tenho referido, todavia não será fóra de proposito tocar aqui mais alguma cousa. Este povo é esperto, avisado, fino, e discreto na maior parte de suas acções. Tambem não são destituidos de valor, folgam com as armas, e exercicios. São industriosos nas artes, e manufacturas, e assaz polidos em seus costumes. São outrosim supersticiosos desmesuradamente, e mui observantes de sua religião; mas no meio disso extremamente dados a mulheres, lascivos, e devassos. Tudo alli são adul-

terios, incestos, e torpezas, não obstante a severidade das leis e penas; e em quanto á lascivia simples, não ha nada mais ordinario. Não o hão por peccado, e mesmo as mulheres, ou raparigas, que não são casadas, não fazem escrupulo de se entregar a seus amantes; e depois, o que é mui execravel, promover o aborto, ou dar cabo de seus filhos illegitimos. As mulheres são extraordinariamente impudicas, e os homens não são menos viciosos, posto que sentem não o poder ser mais. A cousa, que elles mais desejam, é descobrir, se podessem, alguma receita que os faça mais vigorosos na lascivia. Creio que por uma cousa destas dariam quanto possuem; e com tanta instancia, e tantas vezes me perguntaram, ainda os mais graduados, se eu sabia algum remedio para isso, que já me aborrecia ouvil-os. E o seu fallar ordinario é deste assumpto, usando de palavras mui dissolutas. Não se tiram quasi sempre da companhia de suas mulheres, das quaes podem ter até tres. O ar excessivamente quente do paiz faz exhalar parte dos espiritos e da força do corpo; e alem disso concorre a tornal-os debeis o seu modo de vida, afrouxando os nervos pelo uso de estarem continuamente dentro d'agua. Accrescente-se que a maior parte mascam opio, ou *amphião*, como lhe elles chamam, que os embriaga, e adormece. Mas não obstante isto, são todos tão desmesuradamente dados a este vicio da lascivia, assim homens como mulheres, que ficarei aqui, por não fallar mais de suas abominações.

As mulheres cobrem o peito tão cuidadosamente como as partes mais vergonhosas do corpo, e tem tanto pejo e vergonha de o mostrar, ou de o deixar descoberto, como se mostrassem outras partes mais reconditas. Até a palavra, que na sua lingua significa peito de mulher, a hão por uma das mais lascivas e deshonestas. Igualmente tem tanta difficuldade de dar um beijo, como de commetter outras acções mais torpes, e tambem tem esta palavra por mal soante. E posto que sejam mui dissolutos em suas praticas, com tudo cohibem-se diante de seus parentes, e respei-

tam sua presença. Se por ventura escapar a um homem dizer alguma palavra menos decente a uma mulher perante um ou muitos de seus parentes, estes fugiriam para logar recondito, e se dariam por offendidos delle; e seria mister desculpar-se com elles, e asseverar-lhe que não sabia que elles eram parentes; porque aliás, se elles entendessem que se haviam dito aquellas palavras de caso pensado perante elles, queixar-se-hiam á justiça para obter uma declaração em como aquelle que dissera perante elles as taes palavras deshonestas, os ha por pessoas honradas e de estimação.

Um homem não ousaria entrar no logar onde uma mulher se banha, ou somente onde ella está recolhida sem roupão, ainda que ellas nunca largam o panno, com que se cingem, e que lhes serve de anagoa; mas, como já disse, tem o seio e peito das mulheres na conta de partes mui vergonhosas. Quando se encontra um homem e uma mulher juntos, não se deve perguntar a este homem se aquella é sua mulher, filha, ou irmã; porque se fosse filha, e se lhe perguntassem se era sua mulher, dar-se-hia por aggravado, como se o accusaram de incesto; por isso apenas se lhe pergunta se aquella mulher é sua parenta, e elle responde dizendo qual é o gráo de parentesco ou affinidade. As mulheres durante o seu fluxo não tomam banho, e somente lavam as mãos e bocca; e tambem não mudam de vestido todo aquelle tempo; nem outrosim se juntam com os maridos, nem comem ou conversam com pessoa alguma.

Já disse que as mulheres sáem raras vezes de dia, e que todas as suas visitas as fazem de noute; mas escapou-me dizer o que a este respeito tenho observado de particular em seus costumes, que não será fóra de proposito referir aqui. Nas visitas, que fazem de noute, é mister que haja em homem que as acompanhe, o qual caminha adiante, e quando sente vir alguem, diz tres vezes, *Gas*, isto é, arréda. Os homens advertidos por este signal, afastam-se do lado do caminho, por onde vão as mulheres, sem fitar os

olhos nellas, nem fazer diligencia pelas conhecer, com grande respeito; e se são mulheres, passam tambem cada uma por seu lado, e não se cortejam de modo algum, salvo se se conhecem familiarmente. Nunca se bate á porta, nem ha ahi aldraba; e igualmente não é necessario chamar quem abra a porta da casa, porque a porta principal do pateo está sempre aberta até certa hora, que é a das onze da noute, hora em que toda a gente se recolhe. Por isso entra-se no pateo, que é immediato á porta do interior da casa, a qual tambem está aberta, e somente tapada com um reposteiro de panno de algodão ou outra fazenda, e quando quem entra se chega a esta porta, basta tossir, o que sendo ouvido pela gente da casa, saem fora, e vêm ver se alguem procura alguma cousa. Semelhantemente quando os homens vão de noute pela rua, tossem muitas vezes de proposito, para se avisarem uns aos outros, com receio de irem de encontrão, ou ferir-se, porque trazem (isto é, os soldados e officiaes del-rei na ilha de Malé) as armas núas.

O que pode faltar para serem descriptos os seus costumes, se conhecerá melhor pelo que adiante ainda direi, e pela narrativa do que se ha passado nas ilhas de Maldiva em quanto eu alli me detive.

CAPITULO XIV.

Forma do governo do Estado, magistrados, justiça, e leis.

O governo do Estado das ilhas de Maldiva é real, muito absoluto, e muito antigo. O rei é acatado e temido, e tudo

depende delle. Já disse que estas ilhas eram distinctas em treze Atollons ; e esta divisão natural foi seguida em quanto ao governo, porque ha igualmente treze provincias, em cada uma das quaes ha um Cabo ou Regedor, a que chamam Naiba. Estes Naibas, ou Cabos das provincias são sacerdotes e doutores de sua lei, superintendem tudo o que toca á religião, e instrucção religiosa do povo, á distribuição da justiça, e governam os sacerdotes, que lhe são inferiores. Estes Atollons são sub-divididos em muitas ilhas, e em cada uma dellas, onde ha passante de quarenta e um homens, como já disse, ha um Doutor, chamado *Catiba*, que naquella ilha é o superior na religião, e tem sob suas ordens os sacerdotes particulares das mesquitas, os quaes tem a seu cargo instruir o povo na lei, e vivem de certa parte dos fructos, com que todos são obrigados a contribuir-lhe, e de certos rendimentos, que o rei lhes dá conforme sua graduação. Mas particularmente os Naibas, alem do que toca ao exercicio da religião, e auctoridade que neste caso tem, são outrosim instituidos para administrar e fazer justiça, cada um em seu governo. São os unicos juizes que ha no paiz, assim em materia civel como criminal; e se alguem quer haver justiça, tem de recorrer ao Naiba, ou esperar que elle venha á terra ; porque elles quatro vezes no anno correm todas as ilhas, cada um em sua comarca, e fazem correição, assim pelas cousas de religião em quanto aos sacerdotes, como pelos negocios da justiça. Isto lhes dá grande rendimento, porque é então que aquella gente paga as imposições, alem de muitos presentes, que os Naibas recebem de uma infinidade de pessoas ; do que elles são mui sôffregos.

E é digno de notar-se que em todas as ilhas de Maldiva não ha outros Juizes, salvo estes treze Naibas; porque os Catibas das ilhas, e os sacerdotes das mesquitas nada tem com a justiça. Acima destes Naibas ha um superior, que mora na ilha de Malé, e sempre junto da pessoa del-rei, e se chama *Pandiare*, o qual é não somente cabeça da reli-

gião por todo o reino, mas tambem juiz supremo. De sorte que se depois de se ter litigado perante o Naiba, a parte não quer estar pela sentença delle, seja em materia civel, ou criminal, appella-se para o Pandiare, que decide todos os casos, que se lhe apresentam, tomando conselho de alguns Naibas, que junto delle se encontram, dos Catibas, e de certas personagens, a que chamam *Mucuris*, isto é, Doutores e Sabios, que todavia não são officiaes publicos; e o Pandiare não profere sentença alguma sem ser assistido de quatro ou cinco destes sugeitos pelo menos. Estes Mucuris sabem de cór o Alcorão inteiro, e toda a mais gente só o lê; e são versados em outras varias sciencias. São solemnemente convidados para todas as festas, sermões, e cerimonias; e são grandemente honrados e respeitados de todos. São poucos em numero, não chegando a quinze em todas as ilhas. O Pandiare chama-se *Cady* em lingua arabiga. Acontece que depois da sentença do Pandiare alguns se vão ainda queixar a el-rei em pessoa, o qual decide, e manda fazer justiça, e dar á execução por seis magnatas, seus principaes officiaes, que tratam dos mais importantes negocios do Estado, e se chamam *Musculis*, como quem diz Anciões.

O Pandiare assistido de dous Catibas da ilha de Malé, e do Naiba do Atollon, com algum daquelles Doutores vai fazer correição pela ilha de Malé, como cada Naiba faz em seu Atollon; e da mesma sorte é acompanhado de officiaes seus, que levam umas disciplinas de couro, de que abaixo fallarei, para castigar os delinquentes. Toma informação do que julga ser conveniente em ordem á religião e justiça. A todos quantos encontra sem excepção faz repetir o seu *credo*, e algumas orações em lingua arabiga, e depois pede-lhe a interpretação em lingua maldiva; e se a não sabem, manda-os açoutar, e castigar sem detença por seus officiaes. As mulheres não se atrevem a descobrir o rosto quando elle passa pela rua, e se elle encontrasse alguma sem véo, lhe mandaria rapar os cabellos. Tudo isto são preceitos de sua lei; e os Naibas procedem do mesmo modo.

Alem dos Naibas ha em cada provincia ou Atollon um homem encarregado e estipendiado pelo rei para receber seus direitos e rendas, e as do rei christão, que está em Goa. Estes homens servem tambem para dar á execução as ordens de el-rei, e tratar de todos os mais negocios delle. Chamam-lhe *Varuery*, e são mui respeitados e honrados. Quem quer que vai em commissão da parte del-rei vai ter com elles, e elles lhe ministram tudo o de que ha mister, e guias que os conduzam pelas ilhas do Atollon.

Todas estas ilhas são divididas em bairros distinctos como a de Malé, que tem cinco bairros; a que chamam *Auares*, e em cada um ha um cabo chamado *Musculy Auare*, e nada se faz alli de que elle não tenha aviso; e se alguma cousa é necessaria do bairro, ou para el-rei, ou para o povo, é aquelle cabo a quem o negocio se encaminha, e não a outra pessoa, porque elle tem cargo de tudo quanto alli se passa; e se alguem falta a esta diligencia tem de dar contas disso. Toda a gente do bairro o honra e respeita, mas todavia elle nada pode fazer sem o conselho e voto dos outros anciões e conselheiros do bairro; e quando elle deseja fazer alguma cousa congrega-os na sua pousada, ou em outro logar que lhe parece, para deliberarem juntamente do que cumpre fazer. Nas outras ilhas todos fazem o mesmo, ainda que em cada uma haja um superior, a quem estes cabos de bairro respondem e obedecem.

A justiça, que em sua lingua chamam *Sacuest*, administra-se na casa do Naiba, e na ilha de Malé na casa do Pandiare, assistido das pessoas, que já disse; e ás vezes nos proprios paços del-rei, quando o negocio é de grande importancia.

Quem quer intentar um processo dirige-se ao juiz ou Naiba, o qual envia um de seus meirinhos (porque cada Naiba tem um certo numero delles) chamados *Devanitas*, para chamarem a parte supplicada; e se esta não está na mesma ilha é mister para que a parte compareça uma carta do Naiba, por meio da qual é citada onde quer que se

encontra, com tanto que seja na comarca da jurisdicção do Naiba. Se a parte estiver em outra comarca, o Naiba não tem ahi jurisdicção; mas neste caso alcançam-se cartas do Pandiare, que pode mandar citar em todo o reino para a ilha del-rei, onde elle tambem assiste. Entrega-se esta carta ao Catiba, superior de uma ilha, o qual perante todos a entrega áquelle que é citado, e o intima para comparecer aonde é requerido; e a esta intimação não ousaria ninguem fallar; porque quem desobedece á justiça, não pode mais ser admittido á companhia dos outros, ir á mesquita, comer ou beber com elles; e é havido por homem que não pertence á sua lei. Todavia se alguem não obedece á intimação, e se é grande pessoa, el-rei envia seus soldados para o levarem por força. Quando alguem recusa litigar perante o Naiba, ou porque elle lhe quer mal, ou porque a outra parte seja muito de sua affeição; então o auctor, ou o réo, se vão a el-rei, que manda fazer-lhe justiça por juizes não suspeitos; o que se executa nos paços del-rei em presença de todos os grandes da ilha.

As partes advogam por si mesmas a sua causa. Se esta é de facto, traz cada parte tres testemunhas; e se as não tem, o réo é crido por seu juramento, que presta pondo a mão no livro da sua lei, que o juiz lhe offerece, e então o auctor, se é um pouco experto nestes negocios, attenta escrupulosamente se a outra parte toca realmente o livro, e se o faz no logar competente. Se o letigio é de direito, julga-se pela lei. Os juizes nada levam por suas sentenças; e não ha outras custas, salvo que os Devanitas ou meirinhos levam a duodecima parte da divida, ou do objecto litigado.

Os escravos não podem ser testemunhas, e o que elles dizem não faz prova alguma em juizo. Não sendo escravos, acceitam-se tres mulheres por um homem. Escravos são aquelles que se tornam taes, ou que de fora são trasidos por escravos, e se vendem; porque os estrangeiros cujo navio se perdeo, não são privados da liberdade, que de antes tinham; e só ficam escravos se o já eram. Verdadeirámente os escravos,

que elles chamam *Allo*, são de mui peior condição, que os outros homens. Não podem ter mais que uma mulher, ainda que seja permittido a todos ter tres; e essa a não podem deixar, e retomar mais que uma vez. Quem bate n'um escravo, não incorre em mais que na metade da pena, em que incorreria se batesse ou maltratasse uma pessoa livre.

Os devedores, se não tem com que pagar, são constrangidos de ficar ao serviço dos credores, não como escravos, nem são tratados como taes, mas como quaesquer naturaes da terra; e servem somente seus credores, ou as pessoas que lhe tem emprestado dinheiro, para assim o pagarem. A estes servidores chamam *Pemusseré*, que quer dizer, servidor por via de emprestimo; e dura o serviço até solverem a divida, continuando a servidão em seus filhos e netos até de todo ser paga. Todavia quando são maltratados, podem resgatar-se, passando da mesma sorte ao serviço de outra pessoa, que pague por elles. Todo o estipendio, que recebem deste serviço, é o sustento, e quando morrem, o senhor toma tudo quanto elles possuem, e se isso não chega para pagar, os filhos continuam a servir até inteiro pagamento. Ha muita gente que procura ser destes *Pemusseré* de grandes senhores, e pessoas auctorisadas, para terem ajuda e favor; porque quando não estam sugeitos a ninguem são vexados ora de uns ora de outros.

No que toca aos crimes é mister que alguem se queixe para lhe ser feita justiça, e ainda é necessario que seja parte capaz de intentar a acção, salvo se for crime condemnado pela lei religiosa; porque de outra maneira a auctoridade publica não accusa nos casos de crimes e offensas commettidas contra pessoa alguma; a não ser, como já disse, que se peque contra a sua lei. A mulher não pode perseguir em justiça a morte de seu marido: mas só o podem fazer os filhos, ou parentes. E se os filhos forem de menor idade, espera-se que sejam chegados á idade de dezaseis annos para se saber se querem tomar vingança da morte de seu pai. No entretanto o juiz condemna aquelle que é in-

diciado na morte a sustentar os filhos do defuncto, e a fazer-lhe aprender alguma arte ou mester. Quando elles são chegados á idade competente podem requerer justiça, ou remittir e perdoar ao matador, que depois não pode mais ser perseguido pelo mesmo caso. Porque em materia de offensa commettida contra a pessoa de qualquer particular, é necessario que o offendido se queixe, aliás o crime fica extincto: todavia se el-rei quer, manda fazer justiça, ainda que não haja parte; mas isto raras vezes acontece.

As penas ordinarias são degredo para as ilhas desertas do sul, como já disse; mutilação de algum membro, ou açoutes, que é a pena mais commum, mas infinitamente cruel. O instrumento de que para este castigo se servem, são correias de coiro mui grosso, do comprimento do braço, largura de quatro dedos, e espessura de dous; e são cinco ou seis destas correias presas a um cabo de páo. E' com isto que castigam os malfeitores, e batem-lhe tão rijo, que muitas vezes morrem. E' a pena ordinaria para a maior parte dos grandes crimes, como incesto, adulterio, e outros de ruim qualidade. Ás mulheres apanhadas em adulterio alem da pena sobredita, cortam-lhe os cabellos.

A testemunha falsa, e o que jura falso em juizo é semelhantemente punido, e alem disso condemnado a uma multa pecuniaria, que é applicada aos pobres.

Se uma mulher ou rapariga foi violada, o culpado é punido como adultero, e alem disso condemnado a dotar a mulher ou rapariga.

O ladrão, que furtou alguma cousa de valor, tem a mão decepada.

Em caso de injurias não é assaz desdizel-as; mais ha castigo quando se prova que foram atrozes.

Se alguem crime foi commettido contra a religião, é mister fazer publicamente uma especie de penitencia, e abjuração.

Afóra isto tem por cousa certa que não poderão ter entrada no Paraiso, se não pagarem e satisfizerem ao que a justiça tem ordenado.

Para a execução e castigo dos malfeitores não ha ahi algoz; são os *Devanitas*, ou meirinhos, que fazem as execuções.

Quanto á pena de morte, ainda que a sua lei a commine por homicidio, todavia os juizes nunca a impoem. Eu, em todo o tempo que estive nas ilhas de Maldiva, nunca vi condemnar ninguem á morte pelos juizes ordinarios; e não ousarão fazel-o, salvo se el-rei lho ordenar expressamente, o que poucas vezes acontece. Antes dizem de ordinario que se não devem assim perder os homens, e que se elles mandassem matar quantos o merecem, ha muito tempo que suas ilhas estariam desertas; e semelhantemente nos outros logares o genero humano passaria todo pela mesma pena, e acabar-se-hia o mundo. Verdade é que o rei enviando os soldados que quer, faz condemnar, e executar á pena de morte os que lho merecem, ou o têm offendido: porque com quanto a justiça esteja entre as mãos dos doutores da lei, que julgam conforme a direito, com tudo é el-rei o unico arbitro e distribuidor della, e só elle tem poder de vida e morte; para elle ha recurso; e manda fazer justiça como lhe apraz, ou seja aos juizes e doutores, ou seja a seus magnatas e officiaes. Em geral elle é absoluto em toda a amplidão dos seus Estados; dispõe de tudo a seu alvedrio, e ás vezes com grande tyrania, principalmente em quanto ao commum do povo, que é mui despresado, e mui mesquinho. Entre outros mandava elle usar de uma especie particular de castigo naquelles que o haviam enfadado e offendido, e era faze-los deitar de bruços, e agarrar-lhe os quatro membros por quatro pessoas, e depois bater-lhe nas costas com um bastão, ou especie de canna, que lá chamam *Bota*, e vem de Bengala; o que arranca a pelle, e deixa para sempre marca, e ferrete, ficando assim assignalados por ter desaprazido a el-rei.

Tambem observei no que toca á forma de sua justiça que não poem em escriptura os processos e letigios em casos crimes, nem as accusações, nem os depoimentos, nem os julgamentos, e tudo é rapido e summario. O mesmo seguem nos casos civeis, salvo quando se trata de bens de

raiz, ou palmares, e quando o Pandiare ou os Naibas dão alguma sentença; porque em tal caso como este expedem cartas de sentença selladas de seu sello com tinta (porque nunca vi usar de lacre entre elles para cerrar e sellar as cartas) e isto para servir de documento aos successores da parte, para que nos tempos vindouros aquelle que ganha a causa, ou seus herdeiros, não possam mais ser inquietados.

CAPITULO XV.

Distincção do povo, da nobreza, dos grandes officios, e dignidades, e sua cathegoria.

No que toca á ordem e distincção de todo o povo segundo suas condições e qualidades, deve notar-se que ha quatro sortes de pessoas. Na primeira se comprehende o rei, que se chama *Rasquan*, e a rainha, que se diz *Renequillaque*, com todos os que são de sua raça, e da dos reis antecedentes; princepes chamados *Calans*; as princezas ou *Camenaz*: e grandes senhores. A segunda ordem é das dignidades, officios, e cargos, que o rei distribue, no que semelhantemente é com todo o escrupulo guardada a gerarchia. A terceira é o corpo da nobreza. A quarta o povo miudo.

Começarei pela terceira, que é o gráo, que o nascimento dá a alguns, separando-os do commum do povo; pois as dignidades e officios são casuaes, e procedem da vontade alheia. Ha grande numero de nobres derramados por todas as ilhas. Os que o não são não ousariam assentar-se com elles, nem em sua presença, em quanto o nobre estiver de pé; e se atraz de si presentem vir, ainda que de longe, um nobre, devem parar, e deixal-o passar ávante. E se o não

nobre tiver algum panno ao hombro, ou outra qualquer cousa, deve tiral-a. As mulheres nobres, ainda quando casadas com pessoas de condição inferior, e não nobres, não perdem a sua graduação, e os filhos ficam nobres por rasão da mãi, sem embargo de seu pai ser de baixa condição. Da mesma sorte as mulheres de baixa qualidade casadas com nobres não participam da nobresa dos maridos, e conservam sua antiga condição, sem que por este respeito haja confusão alguma. Mas alem da nobresa, que vem de raça, o rei dá foro de nobre a quem quer; e quando tal caso succede, alem das provisões, que el-rei passa, envia um de seus officiaes, deputado a este mester, fazer a publicação por toda a ilha ao som de uma especie de sino, que é uma lamina de ferro, na qual se bate com um martello.

Quanto ás dignidades, eis aqui as principaes, e seus gráos. Abaixo do rei estam os principes de seu sangue, e os que descendem dos outros reis seus predecessores, ainda que de raça diversa, porque todos são mui honrados e respeitados. Depois vem os ministros principaes do reino, a saber, o *Quilagué*, que podemos chamar Tenente general del-rei, porque abaixo do rei, e em sua ausencia, é elle o mais poderoso no governo do estado, e sem o seu voto nada se faz. Por essa rasão se o rei quer que se faça ou execute alguma cousa, é elle a primeira pessoa a quem el-rei o encarrega, e a quem dirige as suas ordens. Ha outro ministro chamado *Parenas*, que é de grande auctoridade: outro chamado *Endequery*, cujo officio é estar sempre junto del-rei, e aconselhal-o em todas as occasiões e casos, que se offerecem. Ha alem deste o que tem cargo da marinha, que nós podemos chamar Almirante, e elles chamam *Velannas*. Já atraz disse alguma cousa ácerca delle; e é elle que tem á sua conta os navios que chegam, e as mercadorias que trazem; toma cuidado de aposentar os estrangeiros, e sollicitar em favor delles, e em geral é o vedor de tudo o que diz respeito á marinha, e do que vem por mar. Tem tambem por costume vir aos navios que chegam, ainda que

sejam os mais pequenos barcos, sendo da gente da terra, para lhe tomar o leme, e leval-o aos paços del-rei, para que se não vão embora sem licença. E' assistido de dous quadrilheiros, chamados *Mirvaires*, que tomam a rol os navios que chegam, e lhe dão conta delles, cumprindo suas determinações, e as del-rei no que toca ao povo miudo. Estes quadrilheiros são conhecidos porque trazem na mão uma canna grossa de Bengala, que ninguem mais pode trazer. Ha tambem um general de toda a gente de guerra, chamado *Dorimenaz*, que tem um tenente chamado *Acaraz*.

Alem destes ha um Chanceller, chamado *Mampas*, que põe em todas as provisões o sello del-rei, o qual não é outra cousa mais que o seu nome em arabigo, gravado em prata, que molha em tinta, e assenta sobre o papel. O Secretario chama-se *Carans*, o Védor da fazenda *Mas bandery*, e os Thesoureiros *Rans bandery*, afora outros varios officiaes menores, que seria escusado nomear miudamente. E' de notar que todos estes officiaes móres sobreditos são muitas vezes chamados a dar conselho a el-rei, quando elle lhe parece, com seis pessoas idosas e experimentadas dentre os mais nobres e mais avisados, a que chamam *Musculis*, isto é, anciãos, de que já fallei, e são nomeados por el-rei, eleitos e apresentados pelos outros grandes para assistirem sempre a el-rei, e aconselhal-o em todas as occasiões, sem ser mister convocar para tudo todos aquelles que são do conselho; em somma para tratar toda a casta de negocios, e estar a toda a hora prestes a cumprir e fazer cumprir a vontade del-rei. São estes mesmos seis anciãos que administram justiça no paço aos que vão queixar-se a el-rei das sentenças dos Naibas, e do Pandiare. Tambem governam seis companhias de homens d'armas, cada um a sua.

Ha outras muitas dignidades de diversos gráos, que o rei dá aos nobres, a quem favorece, e aos quaes são consignadas certas ilhas por pensão e ordenado, assim como o são a todos os que acima disse, uns mais outros menos, conforme seu gráo e qualidade; e po-

demos comparal-os aos que cá chamamos Condes, Marquezes, Barões, e outros semelhantes. Mas alem das rendas e proventos de certas ilhas consignadas aos officiaes sobreditos, el-rei lhes dá ainda arroz para seu provimento (e assim aos soldados, o que lhes serve de soldo), como os tributos e imposições sobre os barcos e navios, que vem fazer veniaga ás ilhas de Maldiva, as quaes imposições el-rei lhes concede para sua sustentação, alem de alguns presentinhos, que lhe faz em certos dias. A maior honra nesta terra é comer o arroz del-rei, e ser do numero de seus officiaes: sem isso um homem é pouco estimado, por mais nobre que seja.

Os homens d'armas são os soldados da guarda real, em numero de seiscentos, divididos em seis companhias, governadas pelos seis *Musculis* ou Anciãos; e mais outras dez grandes companhias pagas, as quaes tem cada uma por capitão um dos maiores senhores do reino. Estas não fazem guarda a el-rei, mas servem-no quando é mister, não somente na qualidade de soldados para marchar ou combater, mas tambem para fazer tudo o mais que elle manda, como lançar um navio ao mar, varal-o em terra, ou outro qualquer serviço pesado, que careça de muita gente, entrando a edificação dos paços reaes, se mister for, ou outra qualquer obra e edificio para el-rei. Convocam esta tropa a seus alardos ao som daquelle sino, que já disse. São divididos em dous partidos, porque ha cinco companhias que são mais honradas, e nas quaes só são admittidos os nobres; e nas outras cinco companhias entra toda a qualidade de pessoas, e são menos presadas: recebendo mais soldo que as outras. Ha muitas ilhas, cujo rendimento é applicado ao pagamento destas companhias. Gozam de muitos privilegios, e entre outros é que ninguem ousaria tocar nestes soldados, e poderem vestir-se d'outro modo que a mais gente, trazer um grosso annel de ouro no dedo para puxar o arco, o que só a elles é permittido; n'uma palavra, serem mais garridos e loução no trajar. De sorte que ha poucas pessoas abastadas que não aspirem a alistar-

se nesta tropa, mas é necessaria licença del-rei. Alem disso custa para entrar nella sessenta larins; vinte a el-rei pela licença, e quarenta para repartir pela companhia onde se entra. Não podem porem entrar nellas os escravos, nem aquelles que por officio colhem o côco, e aproveitam as outras commodidades, que produz o coqueiro; nem tão pouco outra qualquer sorte de gente vil e mecanica; e em geral todos aquelles que não sabem ler nem escrever, ou que servem a outrem. Os officios pela maior parte compram-se a el-rei; são mui procurados dos ricos, por rasão da honra, da auctoridade, e do poder que dão sobre os outros; mas não se podem trespassar, ceder, nem renunciar.

Todos estes insulares não tem mais que um só nome, sem algum sobrenome, ou appellido de familia; e usam frequentemente de nomes taes como estes. *Mahomet*, *Haly*, *Hussum*, *Assan*, *Ibrahim*, e outros semelhantes; mas para se differençarem uns dos outros accrescentam depois do nome a qualidade de suas pessoas: assim os de raça nobre juntam ao seu nome a palavra *Tucurá*, que significa a sua qualidade de nobreza, e suas mulheres *Bybis*, alem de pôrem ainda o nome da ilha, que lhes pertence. Os que não são nobres senão por seu officio, ou cargo, se dizem *Callogues*, e suas mulheres e filhas *Camullogues*. Deste nome usam não somente os officiaes, que acima nomeei, e outros que actualmente servem, e recebem ordenado; mas tambem muitos que alcançam del-rei titulos honorarios, para se distinguirem do commum da outra gente, ter uma graduação particular, e ser mais respeitados. Isto porem se compra a el-rei mui caro, porquanto estes nomes e cargos honorarios são em numero limitado, e não se multiplicam infinitamente, a fim de que esta honra, sendo communicada a poucas pessoas, seja mais presada, e não perca facilmente o apreço. O povo baixo é conhecido pelo seu nome especial de *Callo*, e accrescenta-se-lhe o mester, e a condição da pessoa; e suas mulheres e filhas chamam-se *Camulo*.

CAPITULO XVI.

Do palacio del-rei, e sua descripção. Do seu modo de vida, e das rainhas, suas mulheres.

Tratarei agora do palacio del-rei, e da sua descripção. Já atraz disse muitas vezes que el-rei faz a sua ordinaria residencia na ilha de Malé, que por esse respeito é a capital de todas, e onde está o palacio del-rei, o qual é construido de pedra, composto de muitos aposentos mui aceiados e bem fabricados, mas sem grandes ornamentos de architectura, e de um só andar. Ao redor ha vergeis e jardins, com fontes, e reservatorios de aguas cercados de muros, e no fundo lageados de pedras bem polidas. Estes logares são guardados continuamente por homens a isso ordenados, pois ahi se banha el-rei e as rainhas, e é rigorosamente defeso a outra qualquer pessoa banhar-se nos mesmos logares.

No recinto do palacio, que em sua lingua se chama *Gandoyre*, e é de grande extensão, ha muitos aposentos, e outros tantos pateos no meio de cada um dos quaes ha um poço guarnecido de bellas pedras brancas. N'um destes pateos ha dous armasens del-rei, um onde se guarda a artilheria, e n'outro toda a outra sorte de armas.

A' entrada do palacio ha um corpo de guarda, onde se vêm algumas bombardas, e muitas especies de armas. O portal tem feitio de torre quadrada, no alto da qual nos dias festivos os tangedores de instrumentos tangem e cantam, como já disse.

Dalli entra-se n'uma primeira sala, onde estam os soldados; mais adiante ha outra grande sala para os senho-

res, fidalgos, e pessoas de qualidade. E ninguem, ou seja grande senhor, fidalgo, ou do povo baixo, homem ou rapaz, mulher ou rapariga, será ousado de passar para dentro desta sala, salvo os officiaes da casa del-rei e das rainhas, seus escravos, e servidores. O modo como estas salas são ornadas é este. O pavimento é levantado tres pés do terreno, e assoalhado de madeira mui bem unida, e polida. A razão de ser assim levantado o pavimento é para atalhar a invasão das formigas; e assim se faz em todas as casas do paiz; posto que no palacio del-rei é onde isto está melhor aparelhado. O soalho é alem disso coberto de uma esteira fina, que se faz nestas ilhas, matisada de diversas cores, com firmas, e outros feitios mui bonitos, e muito para ver. As paredes são forradas de tapeçaria de seda. O tecto é igualmente forrado de seda, de que pendem ao redor bellas franjas como de cortinas. O rei havia mandado estender no tecto da sala dos soldados e dos estrangeiros a bandeira grande do nosso navio, que era asul, e tinha as armas de França em ouro mui bem feitas. Elle presava muito esta peça, e a mostrava por excellencia aos estrangeiros, e muitas vezes me fazia explicar a significação daquellas armas, ao que eu satisfazia não sem fazer admirar o poderio de nosso rei. Nestas salas, no logar onde el-rei se assenta, ha uma outra especie de tecto, ou como docel ainda mais rico, debaixo da qual ha um logar largo, e levantado em altura de dous pés, coberto de uma grande alcatifa, sobre a qual el-rei se assenta com as pernas crusadas; e não usam naquellas terras outros assentos.

Da mesma sorte por toda a sala sobre as esteiras se assentam os magnatas, que vem fazer corte. Na ordem dos assentos observam exactamente a das dignidades; porque os que são de mais baixa esphera ficam de pé, se el-rei, ou os mais graduados que alli se acham em sua ausencia, os não mandam assentar. Os logares mais proximos daquelle onde el-rei se assenta, são os mais honrados, e assim á proporção. Os fidalgos da ilha de Malé, e os outros corte-

sãos ordinarios, que são teúdos de vir saudar el-rei todos os dias depois do meio dia, ficam, e sentam-se nesta segunda sala, e não podem passar mais avante; e alli se entretem a conversar uns com os outros á espera que el-rei sáia; ou que chegue algum official da casa, pelo qual mandem recado a el-rei de como são vindos para o saudar, ou do que pedem e pretendem delle. Este é o modo de fazer a corte neste paiz.

Ás vezes em quanto alli estam assentados lhe envia el-rei pratos cheios de betle e fructas, o que elles tem por grande honra e mercê. De oito em oito, ou de quinze em quinze dias, quando a el-rei apraz, vem sentar-se nesta sala, para os ouvir praticar, e aconselhar-se com elles sobre os negocios do estado, ou outras cousas. A fidalguia das outras ilhas, e ha nellas muita, vem muitas vezes á corte, e observam as mesmas cousas que os da ilha de Malé, e os mais cortezãos ordinarios; mas cada vez que vem de novo sempre trazem presentes; porque ninguem é admittido a saudar el-rei, seja nobre ou mercador, que lhe não traga algum presente. Ha até senhores, que tem ilhas del-rei, e que lhe pagam por isso tributo. Por este offerecer de presentes sabe logo qualquer pessoa se está na graça del-rei ou não; porque se el-rei manda receber o presente, certo está de ser bem-quisto; mas se o não recebe, ou se não diz palavra alguma a quem lhe vem annunciar a chegada e o recado da tal pessoa, é signal mui certo de estar fóra da graça. Quando el-rei recebe estrangeiros é na sala grande e primeira, onde estam as guardas.

As camaras e aposentos interiores del-rei são tambem bem ornados, e forrados de sedas, lavradas de flores, e ramagem de ouro, e de diversas cores; o que deslumbra a vista, assim pela riqueza do ouro e cores, como pela belleza da obra. Estas tapeçarias vem pela maior parte da China, de Bengala, de Masulipatão, e de S. Thomé, e outras se fabricam mesmo nas ilhas de Maldiva. O povo usa de tapeçarias de algodão, que são compostas de peças de

panno de algodão de todas as cores, que elles matisam diversamente umas com as outras, e lhe fazem alem disso feitios e figuras com costuras, e outros pannos cosidos. Vem tambem de Bengala um modo de tapeçaria de panno pintado, e de cores variegadas, que é mui bonita, e lhe chamam *Iader*.

As camas são suspensas no ar por quatro cordas a uma travessa sustida por dous pilares. Os colchões e roupa da cama são de algodão e de seda, e tudo coberto de preciosas cortinas de seda, e pannos de ouro. Armam-se assim as camas do rei, dos grandes, e ricos, porque mais facilmente se fazem balançar. Tem mesmo por costume, quando estam deitados, de fazer apalpar, e coçar o corpo por seus domesticos, e esfregal-o levemente, e bater pequenas pancadas com as duas mãos juntas, dizendo que isto aproveita muito ao seu mal do baço, e lhe faz cessar a dôr. Dizem tambem que isto os faz adormecer mais depressa, e desfaz a impressão da dôr da parte onde se bateo e esfregou. O commum dos domesticos do rei dorme em colchões de algodão assentes sobre taboas suspensas em quatro pilares de quatro pés de altura.

O vestuario ordinario do rei, que então era, consistia n'um roupão de algodão, mui alvo e fino, ou para melhor dizer n'um sáio que chegava á cintura, ou um pouco mais abaixo, com bordas brancas e azues, fechado por diante, com botões de ouro macisso. Com este sáio trazia um panno de tafetá com bordas vermelhas, que o cobria desde a cintura até aos artelhos. Este panno era cingido de um cinto de seda vermelha, comprido e largo, com franjas de ouro, e de uma grossa cadeia de ouro, que prendia adiante n'uma grande chapa, mais larga que uma mão, cravada de pedras as mais exquisitas que se podia ver. Trazia tambem um punhal ao modo da terra, mas que era ricamente obrado. Na cabeça punha uma pequena gorra de escarlata vermelha, que é mui presada neste paiz, e só o rei pode usar. Esta gorra era toda agaloada de ouro, e no alto tinha um gran-

de botão de ouro com alguma pedra preciosa, que significa distinctivo real; e em volta da gorra um turbante de seda vermelha, como a do cinto.

Posto que os maiores senhores, como já disse, e os soldados gostem de trazer os cabellos crescidos, com tudo este rei fazia rapar a cabeça todas as semanas. Andava sempre de pernas nuas, como a outra gente, e só trazia nos pés chinellas de couro dourado, que vem da Arabia, e tem o feitio de sandalhas; calçado, de que ninguem do seu reino, de qualquer qualidade e condição que fosse, ousaria servir-se, salvo as rainhas, e princezas suas parentas. Os principes podem sim usar este mesmo calçado, e obtem para isso facilmente licença, mas não querem usal-o, e servem-se de outra especie de sandalhas de páo, e só no interior da casa, deixando ao rei este signal e distinctivo para se differençar delles, sem embargo de ter outro com que é assaz conhecido. Porque quando sáe levam-lhe um grande guarda-sol, ou sombreiro branco, que é o principal distinctivo de sua magestade, e não é permittido a outra alguma pessoa, quem quer que seja, excepto aos estrangeiros, que já disse terem o privilegio de se vestirem e usarem de tudo quanto querem. Anda sempre junto d'el-rei um pagem com um abano, outro que lhe leva a espada núa, e uma rodella, outro com uma boceta cheia de betle e areca, que elle vai tomando continuadamente. Um doutor da lei o acompanha igualmente, e o não perde de vista, lendo em um livro, e fazendo-lhe pratica sobre a doutrina da sua religião.

A' mesa, onde elle come só, é servido pelos principaes de sua casa na mesma forma que já acima contei dos particulares só com a differença que ha nos servidores mais cuidado, mais acatamento, e reverencia. A sua baixella não é de ouro nem de prata, porque a sua lei lho defende; mas de porcellana, ou de outra qualidade de louça que vem da China; ou ainda de cobre, que elles lavram e fabricam aceiadamente nas ilhas de Maldiva; e bocetas de páo envernisado e lacreado.

O seu exercicio e recreação ordinaria não era sair muitas vezes, e ir á pesca, como faziam, segundo ouvi á gente da terra, os reis seus predecessores; mas estar a maior parte do tempo encerrado em seu palacio a praticar com as rainhas, receber seus cortesões, e ver trabalhar muitos obreiros e artifices, assim como pintores, ourives, bordadores, cutileiros, fabricadores de contas, torneiros, marceneiros, armeiros, e outras diversas sortes de mesteres, que todos tinha em seu palacio, e lhes ministrava material para trabalharem, pagando-lhe a sua obra e trabalho á proporção que lho davam mais perfeito; o que tudo elle examinava curiosamente em differentes logares de seu palacio; e fazia ás vezes presentes aos que lho mereciam. Esta occupação era muito de seu gosto, e nella passava bastante tempo. Elle proprio tambem trabalhava, e dizia ordinariamente que era peccado estar sem fazer cousa alguma. Tinha um espirito prompto e vivo, sabia muitas cousas, e trabalhava em diversos mesteres e obras. Por cima de tudo era extremamente curioso de aprender sempre. Pesquisava onde havia quem fosse excellente em alguma cousa; e se encontrava algum estrangeiro, que soubesse o que nem elle nem a gente das suas ilhas sabia, fazia-lhe muito agasalho, afim de que elle lhe descobrisse a sua arte.

Quando sáe de seu palacio é acompanhado de seus soldados, dos quaes entram de guarda cada dia cem. Na sexta-feira quando vai á mesquita é com mui boa ordem, e com pompa, como já acima tocámos, porque os soldados vão formados, parte adiante, e parte apoz elle; os officiaes ordinarios de sua casa igualmente com os outros ministros de sua corte; e outrosim os tambores, flautas, trombetas, e outros instrumentos tangem com uma harmonia assaz agradavel. Acabada a festa religiosa volta ao paço na mesma ordem; os soldados marcham ao som dos instrumentos, brincando e saltando a diante del-rei, com suas armas, atirando golpes de espada sobre as rodellas dos outros, no que mostram sua destresa; não todos jun-

tamente para evitar confusão, mas dous de cada vez, e assim se vão revesando sem cessar. O povo da ilha, que assistio á festa, o acompanha tambem, e seria vergonhoso deixar alguem de o acompanhar. Quando o rei é chegado a seu palacio, convida para jantar ao Pandiare, Naibas, Catibas, e Mudins, e tambem aos principaes senhores, fidalgos, e soldados, que elle escolhe diversamente; e depois de jantar occupava-se em administrar justiça.

Sahia sempre a pé (porque em todas estas ilhas não ha cavallos, nem outras cavalgaduras), a não ser que fosse levado n'uma cadeira ás costas de seus escravos, mas isto raras vezes ou quasi nunca acontecia, porque sendo elle forte e bem disposto, folgava mais de ir a pé. Accresce que a ilha é pequena, e de pouca extensão.

Na ilha de Malé, e ainda menos nas outras, não ha calçadas nas ruas e caminhos; e por isso os moradores são obrigados a trazel-as limpas, e impedir que a erva cresça, principalmente em occasião de festas, e quando tem noticia que el-rei e as rainhas hão de sair e andar pela ilha; e nisto são mui diligentes. Quando el-rei vai pela rua, o povo deixa despejado um dos lados, e retira-se todo para o outro, de sorte que não fique pessoa alguma da banda d'onde passa el-rei, porque este nunca passa, nem se põe entre duas pessoas, e ha toda a cautella em lhe não tocar. Os grandes senhores usam o mesmo estilo em suas terras a respeito de seus inferiores.

E' tambem cousa para notar que quando se falla a el-rei, ou ás rainhas, ou a seus filhos e princepes do sangue real, ou ainda quando delles se falla a outras pessoas, e do que elles fazem, é em outros termos, que só servem para este caso particular, e que ninguem ousaria applicar a outras pessoas: como por exemplo, se se diz de um homem que dorme, fallando del-rei, dir-se-ha que passa pelo somno, ou repousa.

As mulheres del-rei são vestidas do mesmo modo que atraz disse das grandes damas, só com a differença que a-

quellas andam mais cobertas de ouro, perolas, pedras preciosas, e riquezas nos brincos das orelhas, nas cadeias de ouro, nos affogadores do pescoço, nos braceletes e argolas nos braços e nas pernas. As damas, mulheres e filhas dos grandes senhores da ilha, são teúdas de as vir visitar de tarde, passar algum tempo com ellas, e trazer-lhe presentes.

Ás vezes posto que seja raro, as rainhas saem fora, e então ha mulheres e escravas que vão muito adiante advertir os homens para que se desviem, e não appareçam no caminho, mas somente as mulheres. E de feito as mulheres se congregam por seus bairros e districtos, e lhe saem ao encontro com pequenos presentes como flores e fructas. Ha quatro mulheres principaes que levam por cima da cabeça das rainhas umas cortinas de seda, que arrastam pelo chão, de sorte que não podem ser vistas.

Quando estam gravidas sáem tambem para ir banhar-se ao mar, como fazem as outras mulheres, porque é costume do paiz, e tem que é cousa mui saudavel. Para este effeito arma-se no mar uma pequena camara formada de estacas e vigas, que se cobrem de panno em todo o seu circuito, e ahi as rainhas e as damas da mais alta nobreza se banham á sua satisfação; depois vem para a praia para outra casinha tambem feita expressamente a este intento, na qual novamente se banham em outro banho de agua doce bem preparado.

Nas camaras das rainhas, princezas, e grandes damas não se vê luz do dia, e não ha outra claridade alem da de alampadas, que ahi estam continuamente accesas. Recolhem-se em um logar da camara, onde ficam encerradas por meio de quatro ou cinco ordens de cortinas, que é mister levantar antes de se chegar ao logar onde ellas estam; mas não ha homem nem mulher, domestico ou estranho, em fim pessoa alguma que seja, que ousasse levantar a ultima, ainda mesmo que a rainha não esteja deitada, ou que não seja em occasião de sua comida, n'uma palavra ainda que ella esteja sem fazer cousa alguma. O estilo é tossir, e

dizer quem é, e então ellas ou mandam entrar, ou despedem, como lhes parece. Escapava-me dizer que todas as mulheres e donzellas quando se deitam, só tiram o roupão exterior, e ficam com os pannos cingidos, mas são pannos destinados para dormir. Os homens fazem outro tanto, e é cousa que se não dispensa.

CAPITULO XVII.

Das rendas del-rei; da moeda; do trato e commercio das ilhas de Maldiva; e das fazendas, que se exportam, e importam.

As rendas del-rei consistem no seu patrimonio, no qual entram muitas ilhas, de que elle tem feito doação a alguns senhores; e alem disso nas imposições, que seus vassallos lhe pagam dos fructos, que se criam no paiz, a saber, a quinta parte das searas. No que toca aos côcos e limões paga-se a el-rei tambem uma certa parte, mas faz-se com elle composição dando-se-lhe certa quantidade de mel, ou do fructo cada anno. Alem destes direitos el-rei impõe a seus vassallos uma capitação ordinaria segundo as suas posses, a qual consiste em cordas de cairo, nos busios chamados *Boly*, de que já fallei, e em peixe secco nas ilhas onde este mais abunda, e onde a pesca é melhor. Não se pagam a dinheiro as imposições e tributos senão quando se compram os cargos e officios, ou quando se tira licença para usar louçainhas. Por isso el-rei encarrega os moradores das ilhas de lhe fabricarem e fazerem entrega de uns tantos pannos de algodão por anno, e elle

dá o algodão em rama; e estas roupas servem para os soldados, aos quaes se distribuem tres vezes por anno alem do seu soldo. O rendimento del-rei consiste tambem em mercancia. Porque todos os navios, que alli aportam, lhe fazem a elle primeiro que a qualquer outro declaração da fazenda que trazem, e elle se concerta com elles por um certo preço sobre o que della quer tomar, que é de ordinario a melhor parte; e depois disto é que o povo compra o que sóbra por um preço taxado, e maior que aquelle por que o rei comprou; e este pela sua parte manda distribuir a fazenda pelas ilhas aos mais ricos pelo preço que quer, ainda que elles a não hajam mister, tomando delles em troca a fazenda, que mais lhe convem, por metade do seu justo preço. Tambem não poucas vezes envia navios aos paizes estrangeiros, carregados de fazenda da sua ilha. Donde não se pode dizer ao certo qual seja o seu rendimento, porque consiste em cousas incertas, que umas vezes rendem mais, outras menos; e ainda ás vezes trazem damno, principalmente quando os navios se perdem, ou não vão a um porto de bom trato.

Alem destes rendimentos tem el-rei certos direitos, que lhe pertençem, como tudo o que o mar lança á terra; e não ha ninguem que ousasse reter para si alguma cousa destas, mas ha obrigação, de as apanhar e levar-lhas; ou seja objecto pertencente a navio, que haja dado á costa, madeiras, cofres, e qualquer outra cousa fortuita; ou seja o ambar cinzento, que elles chamam *Gomen*, e sendo preparado *Meuvare*, de que naquellas ilhas apparece maior copia que em qualquer outra parte das Indias orientaes; e pertence a el-rei, sob pena de que o tomal-o outrem para si é caso de mão cortada. O mesmo se segue com um certo fructo, que o mar lança ás vezes á praia, que é do tamanho da cabeça de um homem, e se pode comparar a dous grandes melões juntos. Chamam-lhe *Tauarcarre*, e hão que é produsido por algumas arveres, que ha no fundo do mar. Os Portuguezes lhe chamam cócos de Madiva; e

é cousa mui medicinal, e de grande preço (a). Muitas vezes por occasião deste Tauarcarré, ou ainda do ambar cinzento, e preto, que tambem alli se acha, os homens e officiaes del-rei maltratam a gente mesquinha por suspeitas de que tenham apanhado aquellas cousas. E até quando se quer fazer uma desfeita a alguem, imputa-se-lhe, ou accusam-no disso, como cá se faz com a moeda falsa, afim de lhe darem busca á casa; e quando alguma pessoa se faz rica de repente ou em pouco tempo, diz-se commumente que achou Tauarcarre, ou ambar, como se fosse um thesouro. Tambem se pesca coral preto em quantidade, que pertence ao rei, o qual traz muitos homens pagos para fazerem esta pesca.

Neste reino não ha moeda senão de prata, e de uma só especie. São pedaços de prata, a que chamam *Larins*, do valor de oito soldos pouco mais ou menos da nossa moeda (franceza), como já disse; do comprimento de um dedo, mas dobradas. El-rei a manda bater na sua ilha, e faz cunhar nella o seu nome em letras arabigas. As outras moedas que alli correm são estrangeiras, mas não correm senão por seu justo valor e peso, e só as de ouro ou prata. Toda a outra qualidade de moeda, que não é de ouro ou prata, não é acceita. E de feito na India, e regiões visinhas, onde ha muitos reinos e senhorios, ha tambem grande diversidade de moeda no cunho e letreiro, não somente de ouro ou prata, mas tambem de outro metal chamado *Calaim*, que é branco como estanho, mas mais duro, mais puro, e mais bello, e que é muito presado nas Indias. Tam-

(a) Este fructo é de uma parte convexo, e da outra quasi chato, oblongo, e um pouco agudo nas extremidades. A casca é de cor escura, e tem um miolo, parecido com o do côco ordinario, mas mais secco, mais duro, e mais insipido. Apparece tambem fluctuante no mar junto das costas de Arabia e Africa, e nas ilhas de Laccadiva. Da casca fazem taças para beber, que são usadas pelos Indios devotos. O miolo é applicado pelos curandeiros indianos no typho, e outras febres.—Veja-se—*A Dictionary of Commercial Terms, by Alexander Faulkner*. Bombay 1856. Art. *Sea Cocoanut*.

bem se bate moeda de ferro; mas esta especie de moeda não corre senão nas terras do principe, que a manda bater; de sorte que neste particular ha grande variedade por causa da multidão dos senhorios. Por esta rasão os Portuguezes de Goa batem moeda de calaim, ou de ferro, que para nada serviria em Portugal, nem tão pouco na cidade de Cochim, que é tambem delles na India, e não dista muito de Goa, por quanto fazem ahi correr semelhantemente certa moeda particular.

Mas o ouro, ou a prata de qualquer cunho e letreiro que seja, corre em todos os reinos segundo o seu justo valor; é porem mui differente da nossa, porque lá a prata é mui estimada, e muito mais cara, e por maior preço que entre nós; e o ouro por mais baixo preço. Os reales de Hespanha são lá mui estimados, e a sua prata passa por muito boa. Mas tornando ás ilhas de Maldiva, o rei não manda bater senão larins, e não se fazem ahi outras moedas de menor valor; de sorte que para o meneio de seu negocio, cortam a prata, e a dão a peso segundo o valor da mercadoria, que compram; o que todavia se não faz sem perda, porque cortando o larim, perde-se a duodecima parte. Não acceitam moeda alguma de prata sem a pesarem e meterem no fogo, para lhe experimentar a bondade: e todos tem em sua casa pesos para este effeito. Donde em vez de moeda miuda de cobre usam daquelles busios, de que já atraz toquei alguma cousa, e de que logo adiante tratarei, e valem cada doze mil um larim. Todo o ouro, e prata vai de fóra, porque não ha minas nestas ilhas. Em todos os mercados publicos, e em seu trato particular usam muitas vezes trocar uma cousa pela outra.

O commercio é grande nas ilhas de Maldiva, e são mui frequentadas pelo trato mercantil. De toda a parte alli vão mercadores, como Malabares de Parcelor, Onor, Bangalor, Canauor, Calecut, Tanor, Cochim, Coulão, Chalé; Guzerates de Cambaia, Surrate, e Chaul; Arabios; Persas; e de Bengala, S. Thomé, Masulipatão; e de Ceilão, e Sumatra; os

quaes todos levam fazendas, que ahi são estimadas, e se hão mister, e em recompensa extrahem as de que as ilhas de Maldiva abundam. Entre estas tem o primeiro logar os productos do coqueiro, arvore que se dá naturalmente nestas ilhas sem ser cultivada, e de que se fazem muitas cousas, que os estrangeiros buscam, taes como cordas para o apparelho de todos os navios da India; o côco, que he o seu fructo, e se transporta em tanta quantidade para as costas da Arabia e Malabar, e para toda a India, que se carregam dalli todos os annos mais de cem navios. Exporta-se tambem oleo e mel da mesma arvore, e um tecido de suas folhas, que serve para fazer velas de embarcações. Mas o mais grosso trato é o das cordas de cairo, ou filamentos do côco.

Ha outra especie de riqueza nas ilhas de Maldiva, e são certos busios pequenos, em que ha um bichinho, e são da grossura da ponta do dedo, todos brancos, mui polidos e resplandecentes; que se não pescam senão duas vezes cada mez, a saber, tres dias antes, e tres depois da lua nova, e semelhantemente na lua cheia; e não se achará um só fóra desta occasião. As mulheres é quem os apanha na areia, e nos baixos do mar, com agua até á cintura. Chamam a estes busios *Boly*, e transportam-se em espantosa quantidade, de sorte que vi carregar por anno trinta ou quarenta navios inteiros sem outra carga alguma. Tudo isto vai a Bengala, porque é alli somente que se extrahem por bom preço e em quantidade. A gente de Bengala faz destes busios grande estimação, e usam delles como moeda commum, posto que lá tenham ouro e prata, e abastança de outros metaes: e o que é maior maravilha é que os reis e grandes senhores mandam construir de proposito logar accommodado para encelleirar estes busios, e os hão como parte de seus thesouros. Todos os mercadores das outras partes da India levam ordinariamente porção para enviar a Bengala, onde tem continuadamente este trato; e não se acha este busio em outra parte senão nas ilhas de Maldiva,

onde tambem tem estimação, e correm igualmente por moeda miuda, como já disse. (a). Quando eu cheguei á ilha de Malé pela primeira vez estava surto no porto um navio de Cochim, cidade dos Portuguezes; era o navio de porte de quatrocentas tonelladas; o capitão e mercadores eram mestiços, a mais gente indios convertidos, todos vestidos á portugueza; e vinham alli só para carregar deste busio, e leval-o a Bengala. Davam vinte medidas (*coquetées*) de arroz por um fardo de busio; porque todos estes Bolys são mettidos em fardos, cada um dos quaes leva doze mil; e são uma especie de ceiras feitas de folha de coqueiro em rede aberta, e forradas por dentro de panno tecido dos fios do mesmo coqueiro, para que os busios não saltem para fora. Estes fardos de doze mil busios correm como saccos de dinheiro, que entre os mercadores se dão por contados; não assim entre outras pessoas; e são tão destros em os contar, que n'um improviso dão contados por miudo os busios de um fardo. Tambem em Cambaia, e por toda a India engastam os mais bonitos destes busios em varios trastes, como se faz a certas peças de marmore, ou a pedras finas.

As ilhas de Maldiva são tambem mui abundantes de peixe de todas as qualidades, como já atraz disse. A pesca ahi é tão rica, que não somente aquella gente tira para viver á farta; mas ainda vendem grande quantidade de peixe cosido e secco aos estrangeiros; e é mui procurado, porque em toda a parte da India esta mercadoria é estimada, mórmente em Sumatra, para onde vão navios carregados.

Tambem tem muita estimação nas Indias as conchas de tartaruga, que elles chamam *Cambé*, e se apanham nas ilhas

---

(a) O *Caurim* (que é o nome mais commum deste busio) não só se apanha nas ilhas de Maldiva; é tambem muito abundante, e se exporta da Africa oriental. Corre por moeda em muitas regiões da Africa occidental, e nas mais orientaes da India, como Bengala, Indo-China &c.—Veja-se atraz a pag. 70.

de Maldiva, onde se faz dellas grande trato. E' uma especie de tartaruga pouco commum, que só se acha alli, e nas Philippinas. E' bella, mui polida, toda negra, e com muitas figuras naturaes. O maior consumo que tem é em Cambaia, onde desta materia se fabricam alem de braceletes de mulheres, mui bellos cofres, e caixas ornadas de prata.

A gente das ilhas de Maldiva faz igualmente grande commercio de esteiras de junco mui liso, de lindos feitios e diversos matizes, e as enfeitam de ornatos e firmas com tanta perfeição, que não ha nada mais lindo. Todos os Portuguezes e Indianos as presam muito, de sorte que se faz dellas grande trato; e bem assim de roupas de algodão e seda, a qual entra crua, e elles fabricam em pannos, não brancos, mas com lavores e figuras, e somente em pequenas peças do tamanho de braça e meia, proprias para cobertas, e outras para vestuario das mulheres, e tambem para turbantes; o que tudo fazem mui linda e delicadamente. Assim as ilhas de Maldiva são frequentadas de gente de toda a parte por rasão da mercancia, por haver nellas tantas cousas, que os estrangeiros presam, e procuram. Em troco de tudo isto trazem-lhe tudo quanto estes insulares precisam de fora, como arroz, roupas brancas de algodão, seda e algodão em rama, oleo feito de uma certa semente cheirosa, que só serve para esfregar o corpo depois do banho; areca para mascar com betle, ferro, e aço, especiarias, porcellana; em somma, as cousas que elles não tem; e tudo isto se dá alli a preço moderado, por causa da abundancia, e da chegada continua dos navios. Tambem alli se importa ouro e prata, que uma vez entrados não tornam a sair, e os não dão aos estrangeiros por pouco que seja, mas os enthesouram, ou poem nas joias de suas mulheres.

CAPITULO XVIII.

Da curiosidade del-rei das ilhas de Maldiva; de sua genealogia; da mudança de estado destas ilhas; das mulheres del-rei; e de outras cousas, que acontecêram nesta terra.

Assaz tenho fallado das ilhas de Maldiva em geral; por isso agora passarei ao particular, e fallarei do rei destas ilhas, de sua genealogia, de suas mulheres, de seus costumes, e de diversas cousas acontecidas em seu tempo. Este rei me interrogava muitas vezes ácerca del-rei de França, de sua idade, seu modo de vida, suas guerras, armas, navios, canhões, e outras cousas; e se estes dous navios, em que nós tinhamos vindo, eram delle: ao que tudo eu lhe respondia com a maior miudesa que podia. Entre outras cousas lhe disse que se o nosso rei houvesse de enviar navios ás Indias, não se limitaria a enviar dous ou tres somente, mas dusentos ou tresentos; do que elle ficou maravilhado (a). Perguntou-me se os Francezes eram aquelles *Franki*, ou *Franqui*, tão fallados nas Indias (b); ao que eu a principio lhe não pude responder precisamente; mas depois soube que este nome de *Franki* significa todos os povos occidentaes de cá, como Francezes, Italianos, Hespanhoes, e outros europeos, mas principalmente os Francezes, que outr'ora por suas grandes conquistas nas guerras santas do oriente, onde elles tomaram a melhor parte, tem deixado nas Indias este nome, que depois se fez commum a todos os outros.

(a) E parece-nos que tinha rasão.
(b) Veja-se a pag. 158.

Perguntava-me o mesmo rei muitas outras cousas, e entre ellas pela corte do nosso rei; e eu lhe respondia o melhor que me era possivel; e assim a nossa pratica pela maior parte do tempo era sobre a grandeza del-rei de França e de seus estados, com que elle folgava muito, e era contente. Por outra parte as rainhas, princezas, e outras damas se informavam das rainhas e princezas de cá, e de quantas mulheres tinha o nosso rei; e muito se espantavam de que sendo elle tão grande e tão poderoso, não tivesse mais que uma: mas principalmente me faziam perguntas acerca do amor das nossas damas, e de modo que nisso tinham; pois não desejavam fallar nem ouvir outras praticas, senão de amores. Era para ellas grande admiração quando lhes eu dizia que em nossas terras não tinham as mulheres outro amante alem de seus maridos. Haviam tambem por cousa muito estranha beijar as mulheres saudando-as em publico, e a grande liberdade que lhe eu dizia que as mulheres cá tinham, o que ellas louvavam e estimavam muito, porque ellas estam sempre encerradas. Muitas outras perguntas me faziam acerca do amor, e das mulheres, e do seu trato com os homens.

Isto me fazia bem quisto no paço del-rei, onde eu fia muitas vezes dar razão de diversas cousas, que me perguntavam. O rei folgava particularmente de saber qual era a forma e o uso de nossos navios. Admirava-se muito quando lhe eu dizia que a tinta de escarlate se fazia com ourina de homem, que não bebia senão vinho, de sorte que tirou um turbante de escarlata, que usava, e não quiz mais servir-se delle por essa causa. Haviam-se achado no nosso navio escovas de sedas de porco; mas quando elle soube o que isso era, mandou logo queimar tudo fóra do palacio, pesando-lhe muito de se ter servido destes trastes, e ainda de lhe haver tocado. Queria tambem mandar queimar algumas caixas e bahús cobertos de pelle de lobo marino, pensando que era pelle de porco. Era desejoso de saber tudo, e o para que serviam todas as cousas.

Admirava muito o modo de fazer o pergaminho e papel; e sobre tudo era curioso de saber o uso de nossa navegação, e mandava muitas vezes trazer cartas e instrumentos de marinha, de que eu fazia explicação a seus pilotos. Em fim elle mal podia crer quanto lhe eu dizia da nossa França e do nosso rei, de que elle não tinha nunca de antes ouvido fallar.

Mas tratando agora da genealogia deste rei das ilhas de Maldiva, direi as informações que lá colhi, e como elle e os seus haviam sido elevados á dignidade real. Seu pai tinha sido Catiba em uma ilha. E o caso é este. Ha cousa de cincoenta annos o rei destas ilhas, que era de mui boa e antiga linhagem, vendo-se mal obedecido, e tendo um competidor, que o queria desapossar do reino, ou (como eu mais creio) sendo inspirado de Deos, tomou a resolução de deixar tudo, porque não podia resistir a seus contrarios, e secretamente se foi com sua mulher e alguns dos seus, sem dizer porque, nem onde ía, e se encaminhou a Cochim, onde se fez christão com a dita sua mulher, e alguns de sua comitiva, despedindo os outros que não quizeram ser baptisados. Pelo que o seu competidor, que era seu proximo parente, foi logo levantado por rei. Chamava-se este *Haly*, e o outro *Assan*. O nome ordinario é *Rascan*, que quer dizer *Rei*, mas quando se assignam accrescentam sempre o appellido de *Sultão*, como fazem todos os reis mahometanos. Dizem alli que só ha cinco reis de sua religião, que tenham este prerogativa de se appellidarem *Sultão*, que quer dizer Soberano, a saber, o Turco, o Persa, o Mogor, o rei das ilhas de Maldiva, e o rei do Achem ou Sumatra.

Tendo-se pois este rei feito christão em Cochim, escreveo a todos os seus vassallos para se fazerem igualmente christãos, e lhe pagarem o tributo costumado, senão que elle lá iria com uma grande armada de Portuguezes, como estes lhe haviam promettido. O novo rei, e os povos das ilhas de Maldiva lhe deram em resposta que elles o não

reconheciam, e que se alguma cousa lhe era devida, a fosse lá buscar. Que se folgava de ser christão, se deixasse estar onde estava; mas que elles de sua parte mais depressa morreriam que mudar a sua religião. Elle vendo isto, pedio soccorro ao Vice-Rei da India em Goa, o qual lho prometteo, mas com clausula de não ir elle rei em pessoa, receiando que se congraçasse com o seu povo, e armasse alguma traição aos Portuguezes. A armada portugueza foi com effeito, mas nada poude fazer, e perdeo uma galé com outros tres navios, e bom numero de gente, o que os forçou a recolherem-se. No anno seguinte tornaram os Portuguezes com outra armada mais possante, e melhores pilotos, e o novo rei lhe saío briosamente ao encontro, posto que se julgasse perdido. Elle poderia sim ter-se posto a salvo, mas mais quiz morrer pelejando, que fugir vergonhosamente. Foi pois vencido e morto, e os Portuguezes ficaram senhores da ilha de Malé, onde fizeram uma fortaleza, e dalli foram tomar posse de todas as outras ilhas, onde degollaram muita gente. Depois disto congregaram todos os principaes destas ilhas, aos quaes declararam que elles desejavam mantel-os em paz, e que não queriam molestal-os em cousa alguma, nem fazer-lhe mudar a sua religião; mas só que lhe pagassem os direitos reaes. O que sendo concedido, deixaram uma pessoa principal destas ilhas para os governar, e residir sempre na ilha de Malé junto do Capitão Portuguez, com condição que a todos os conselhos seriam chamados assim os principaes Portuguezes, como os das ditas ilhas; e que todo o trato mercantil seria para os Portuguezes somente (a).

(a) Estas acções, e outras dos Portuguezes nas ilhas de Maldiva, e bem assim a historia da familia deste rei christão, que por mais de um seculo se continuou em Cochim e Goa, até de todo se extinguir, são ommissas, ou leve, e inexactamente tratadas pelos nossos Chronistas da India, incluindo o proprio Diogo do Couto, aliás testemunha e contemporaneo da maior parte destes successos. Merecem pois toda a estimação as noticias, que Pyrard nos dá neste particular.

E como por diligencia nossa temos descoberto varios documentos,

Ouvi dizer a estes insulares que nunca houve maior meneio de commercio, nem se grangeou melhor a vida nestas ilhas, do que no tempo, em que os Portuguezes dominavam nellas. Aquelle que por mão dos Portuguezes foi ahi posto como Regedor do reino era um senhor natural destas ilhas, e da sua lei, mas tudo ahi se fazia em nome do rei christão, que estava em terra de Portuguezes. Aquelle senhor era avô da mulher do rei, que em meu tempo governava. Os Portuguezes dominaram assim pacificamente nestas ilhas por espaço de dez annos, durante os quaes o pai deste dito rei, e um seu irmão, ambos Catibas, cada um de sua ilha, mas pessoas nobres, não quizeram nunca sujeitar-se ao jugo dos Portuguezes, nem tão pouco obedecer ao Regedor posto de sua mão; antes pelo contrario se rebellaram, e fizeram união de homens e galés para fazer guerra a uns e outros, retirando-se ao Atollon de *Uadú*, por outro nome *Suadú*, no extremo meridional das ilhas, aonde os Portuguezes nunca ousaram ir, e nunca em tempo algum passaram para alem do canal do Atollon, a que chamam *Candú*; de sorte que aquelle Atollon, e suas ilhas nunca foram sugeitas aos Portuguezes, nem todas as outras ilhas e Atollons, que jazem para a banda do sul do dito canal.

Estes dous irmãos pois tendo feito uma fortaleza arresoada, e estando apartados da ilha de Malé, onde os Portuguezes estavam, umas oitenta legoas, chegaram com o tempo a ser tão fortes em homens, armas, e munições,

---

que jaziam ignorados, e supprem até certo ponto o silencio dos historiadores nacionaes; do que aquelles documentos nos revelam, cotejado com o que nos diz o curioso Pyrard, esperamos ordenar uma *Memoria* especial sobre as acções dos Portuguezes nas ilhas de Maldiva, e noticias da familia do seu rei christão, a qual *Memoria*, sairá em tempo e logar opportuno.

Aqui apenas notaremos que o anno, em que este rei das ilhas de Maldiva veio para Cochim, e se fez christão, foi o de 1552, como nos deixou memorado o Padre Lucena na *Vida do Padre Francisco de Xavier* (Livro IX. Cap. XX.), e concorda com a data indicada por Pyrard.

que traziam quasi avassallada a ilha de Malé, e aos Portuguezes, os quaes não ousavam a sair della, e continuadamente andavam em guerra aberta com aquelles inimigos. Isto durou por espaço de oito annos, no fim dos quaes quatro galés de corsarios Malabares, que andavam ás presas segundo seu costume, tendo chegado áquellas ilhas, os dous irmãos se concertaram com elles para fazerem juntamente a guerra aos Portuguezes dividindo a meias o esbulho. E tendo elles tido um dia aviso de que o Capitão da ilha e fortaleza de Malé era ido a Cochim com boa parte dos soldados portuguezes, não quizeram deixar perder esta occasião, e tomaram a resolução de investir a fortaleza, o que executaram em tão boa ordem, que uma noute a entraram á escala vista, e se assenhorearam della, matando quasi tresentos homens, que nella estavam, e colhendo prisioneiro o senhor natural, que ahi era Regedor pelos Portuguezes. Feito isto, e posto tudo a sacco, os Malabares depois de receberem a sua parte do esbulho, segundo estava concertado, se apparelharam para a partida, e os dous irmãos ficaram senhores da terra. Todavia pesando-lhe de ver sair tantas riquezas destas ilhas, resolveram accommetter os Malabares, o que fizeram, e depois de um longo combate, ficaram em fim vencedores, houveram a seu poder o esbulho e as galés, mandaram pôr a gente na costa de Malabar, e lhe pagaram com esta infidelidade o bom serviço, que delles haviam recebido.

Eis como estes dous irmãos se fizeram reis destas ilhas, e o foram sempre a meias, sem terem disputa alguma entre si. Eram dous homens valerosos, e por taes havidos por toda a gente da sua terra. Todos os senhores, e principaes das ilhas lhe prestaram obediencia, e os que o não quizeram fazer, foi-lhes permittido retirarem-se á suas ilhas como pessoas privadas sem se intrometterem em cousa alguma dos negocios do estado. Houve porem muitos que de forma alguma lhes quizeram obedecer, tendo-se por de mais nobre prosapia que estes dous irmãos, os quaes toda-

via sabiam fazer-se temidos, e se alguem lhe não obedecia, mandavam logo tomar, e pôr a saco quanto possuia. Casaram aquelles dous irmãos com mulheres das mais illustres casas do paiz, e se fizeram reconhecer por todos os Atollons e ilhas reis absolutos.

Os Portuguezes indignados da affronta recebida nas ilhas de Maldiva, resolveram de tomar desforra, e no anno seguinte enviaram uma armada a estas ilhas, e ahi continuaram a guerra longo tempo; mas estes dous reis destroçavam todas as suas armadas, e assim durou esta guerra por tres annos. Estes reis eram poderosos, e tinham duas fortalezas, a de Malé, e outra no Atollon de Suadú ou Uadú, n'uma ilha chamada *Game*. Em fim uns e outros considerando que para beneficio da terra e do commercio mais valia vir a algum concerto, do que continuar uma guerra incerta, fizeram um tratado com estas condições, a saber, que deixariam em paz estes reis das ilhas de Maldiva e seus povos, e que elles possuiriam as ditas ilhas assim como as haviam possuido os outros reis precedentes, salvo pagarem certa tença ao seu rei christão, seus herdeiros e successores; a qual tença seria posta em Cochim, sem todavia terem outra sujeição ao mesmo rei; e em quanto aos reis mouros que ficavam naquellas ilhas, lhes não seria licito tomarem o titulo e nome de rei, ainda, que em tudo fossem absolutos, mas somente o de Princepe, Duque, ou outro semelhante. Concedeo-se mais que só estes dous Regedores podessem intitular-se *Quilague*, e que ficassem obrigados a fazer pagar a tença ao rei christão, o qual não deixaria de ter ahi um feitor seu. Além disso que todos os das ilhas de Maldiva, que quizessem ter trato e mercancia com os outros paizes, seriam teúdos de tomar cartaz dos Portuguezes, assim como o fazem as outras gentes da India, que estão de paz com elles. Eis quaes foram as condições desta paz, que ainda ora presentemente dura.

O rei christão deu o terço de sua renda ao rei de Portu-

gal. Esta renda consiste nos *bollis* ou caurim, e cairo, que são os filamentos do côco, que servem para fazer cordas. Os reis mouros enviam todos os annos á sua custa quatro navios com esta carga, os quaes são do porte de cento e cincoenta tonelladas cada um, e o risco que correm em quanto não saem dos bancos das ilhas é por conta dos ditos reis mouros; e fóra dalli o risco é por conta do rei christão. Não obstante esta paz a gente das ilhas de Maldiva odeia os Portu guezes de morte (a).

Aquelles dous irmãos reinaram juntos por espaço de vinte e cinco annos em paz (b). O mais velho chamava-se de seu nome proprio Mahomet, e de appellido *Bode ta Curú*, que quer dizer, grande Senhor; e casou com a mulher do rei, que foi morto na ilha de Malé pelos Portuguezes. O segundo, chamado Assan Quilagué, recebeo por mulher a filha daquelle mesmo rei; de forma que os dous irmãos tiveram por mulheres a mãi e a filha. Aquelle rei defuncto tinha um filho, o qual vendo que estes eram reis, nunca quiz vir á corte, e o deixaram viver em paz. Muitas vezes o vi, bem como a uma sua irmã. Os dous irmãos a muito custo se mantinham em seu posto, porque como tinham vindo de baixa origem, cada dia se fomentavam contra elles levantamentos. Mas elles não lhe davam tempo de passar a effeito, porque logo que disso tinham o mais leve aviso ou suspeita, lhe atalhavam o progresso.

O mais velho destes irmãos teve um unico filho, e o mais moço uma filha, a qual era mui nobre da parte da mãi, porque alli a nobresa herda-se tanto da mãi como do pai. Aquelle filho era o rei, que nós ahi encontrámos, o qual todavia não era de tão alta linhagem como a filha do outro irmão, porque a mãi delle havia sido desposada

---

(a) Não é facil conciliar esta observação do auctor com o que elle mesmo atraz a pag. 202 nos informou da fama, que nas ilhas de Maldiva corria sobre o bom tempo do governo dos Portuguezes.

(b) Esta paz sem duvida se refere somente á que houve entre os dous irmãos.

pelo rei só por sua formosura. E ainda que elles tenham muitas mulheres, com tudo sempre tem uma, que é acima das outras, sem embargo de todas serem legitimas.

O mais moço destes dous reis irmãos tendo caido gravemente enfermo, succedeo que o irmão de sua mulher, que era o maior senhor das ilhas, se rebellou contra elles. Tinha este por nome o da sua ilha e fortaleza, a saber, *Misdué Quilagué*. Esta ilha de Misdué, onde eu estive, é distante de Malé trinta legoas para o sul, no Atollon *Nilandué*. Havida a nova da rebellião o rei mais velho se partio para aquelle logar secretamente e a toda a pressa, defendendo que nada dissessem a seu irmão, que se achava em perigo de vida. Por fim aquelle senhor rebelde foi apanhado e morto, e toda a sua ilha posta a sacco. Mas quando estas novas chegaram a Malé, a irmã delle, mulher do rei mais moço e enfermo, teve tal nojo, que esteve para morrer, e custou muito a impedir que se não matasse de desesperação. Donde seu marido, mesmo enfermo como estava, jurou que se Deos lhe desse saude, faria arrepender seu irmão; mas elle morreo da sua doença; e diz-se que era bem mais valente que o outro irmão.

A causa porque este irmão mais velho dava cabo assim dos grandes senhores, era porque sabendo que seu filho havia de vir a ser rei, não queria deixar-lhe aquelles competidores, porque seu filho era ainda moço, e não dava mostras de vir a ser tão valeroso como seu pai; e de feito, como eu conheci por mim proprio, o seu genio não era de forma alguma inclinado á guerra, mas somente ás letras, ás sciencias, e manufacturas; e tambem era mui dado ás mulheres, o que todavia naquella terra se não estranha. Era-lhe porem mui necessario ser esforçado, porque lá o mais forte é quem vence, e tem por costume matar os reis para dominar. Chegaram a ser mortos tres em um anno; donde vem que estes reis estam em continuado susto, e desconfiança. Este rei mais velho viveo ainda tres annos depois da morte do outro, e deixou acceito por

seu successor a seu filho, fazendo-o jurar como tal por todos os seus servidores e vassallos.

No tempo destes dous reis deu á costa naquellas ilhas um grande navio, em que vinha muita gente, assim Indios como Portuguezes, e entre outros se acertou vir um mocinho de idade de sete annos, filho de Portuguez e Indiana mestiça. Aquelles reis lhe tomaram tanta amisade como se fora seu proprio filho, e o mais velho dos dous reis o criou em sua casa em companhia de seu filho, que era da mesma idade. Criaram-no na sua lei, e era elle um dos mais guapos mancebos que se podiam ver, e de muito bom genio, de sorte que ouvi dizer a toda a gente da terra que elle era perfeito em todas as sciencias e boas manhas.

O rei mais velho o mandou ensinar, e lhe fez aprender toda a casta de exercicios, da mesma maneira e com semelhante honra que a seu proprio filho; e elle vendo-se neste estado julgava ser irmão do principe, e seu igual. Mas quando chegou á idade de razão, os reis o mandaram advertir de quem elle era, e que tomasse tento em ser sempre bom e fiel servidor do principe, e futuro rei. E com tudo depois da morte do rei mais moço, o outro lhe deu por esposa a filha de seu irmão, que era o mais nobre e mais rico cazamento do reino, e a qual elle de boamente teria dado a seu proprio filho, se a lei lhe não defendera casar com uma prima co-irmã. E assim receiando que algum grande senhor do reino a tomasse para si, e fizesse depois guerra a seu filho; mais quiz dal-a a este moço, em quem elle punha toda a sua confiança, como creatura sua; e tanto mais quanto, sendo estrangeiro, não teria pretenção alguma ao reino.

E tendo o moço princepe ficado rei por morte de seu pai, aquelle senhor mestiço se foi tornando cada dia mais valoroso e mais bizarro; e era amado e honrado do povo, e de todos os estrangeiros. Era elle almirante, ou *Vellanas*; era um dos seis conselheiros ou *Musculis*, e Capitão de uma companhia de soldados, a que chamam *Sardare*. Ora

vendo que el-rei não era guerreiro, nem dado ás armas; e que elle era grandemente estimado por seu valor, encheo-se de tal presumpção, que entrou a despresar o rei, e a telo em pouca conta. Do que tendo o rei algum ciume, e temendo que com o favor e benevolencia do povo, se lhe metesse em cabeça o desapossal-o do reino, resolveo com o conselho dos seus de o matar, para atalhar o perigo de se ver em algum lance mais arriscado. Não foi sem grande reluctancia que se resolveo a isto, assim por razão da amisade que lhe tinha, como pela grande recommendação, que seu pai lhe havia feito delle na hora da morte; e tambem porque era casado com uma sua prima co-irmã. Todavia sem embargo de tudo isto foi por diante em sua tenção levado dos avisos, que todos os dias se lhe davam de que este homem se conloiava secretamente com os Portuguezes, para lhes entregar o reino, e ficar nelle rei sob a protecção delles.

Por outra parte não lhe faltaram a elle avisos da má vontade que el-rei lhe tinha, e bem se podéra ter posto a salvo, se quiséra, mas não fez caso disso, dizendo que era innocente no de que o accusavam.

Nesta conjuncção mandando-o chamar el-rei um dia a deshoras, logo elle entendeo que não era para bem, mas nem por isso deixou de acudir ao chamamento, nem era já tempo de se esquivar. Tendo pois chegado a uma das sallas do palacio, onde o rei assentado o esperava com todos os seus cortesãos e guardas, fez uma grande mesura a el-rei, que tambem o cortejou, e o mandou assentar no seu logar. Apenas era assentado, de improviso sairam alguns homens detraz de uma cortina com cordas e armas, e o prenderam e amarraram, e arrastado o levaram até á praia na distancia de uma milha, e mettendo-o ahi n'um barco o mataram, e lançaram seu corpo ao mar. O que sendo sabido por sua mulher, teve tal dôr e nojo, que esteve mais de dous annos sem querer ver o rei, nem as rainhas, ou ainda ir ao paço. Deixou

um filho, que era de idade de quinze annos quando eu saí das ilhas de Maldiva, o qual se não parecia com os Indios, porque era branco como a gente de cá. Eis qual foi o fim deste pobre senhor; que é um exemplo a todos os estrangeiros, que querem subir muito alto fóra da sua terra nestes paizes, ou ainda em outras partes.

Algum tempo depois de ser morto o pai deste rei, começou elle a tratar mal a madrasta, viuva do dito seu pai, a qual se chamava *Manaye Quilague*, e seu pai lho havia muito encommendado á hora da morte. Ella indignada do máo tratamento assentou tomar vingança. Tinha um irmão, que era um dos principaes capitães do reino, mui rico, e mui esforçado, por nome *Pammedery Calogue*, e este tinha um filho mui gentil-homem, o qual foi depois um dos meus maiores amigos. Aquella mulher pois e seu irmão se conjuraram para matar el-rei, intentando fazer rei a seu proprio filho, ficando o pai tenente-general do reino, e o governo repartido entre os do seu bando. Mas este intento foi descoberto, e sendo presos por ordem del-rei, este logo os entregou ás mãos da justiça, jurando que não moderaria em cousa alguma o rigor da sentença, que ella proferisse. Tiveram pois as mãos decepadas, sendo o primeiro aquelle irmão da rainha, e depois foram degradados para *Suadú*. Em quanto á madrasta del-rei, foi roubada de tudo quanto possuia, assim como seu irmão, e ella mesma foi posta a tormento para declarar onde estavam seus thesouros. Tal era a pouca segurança, que havia neste reino das ilhas de Maldiva, onde todos os dias não havia mais que traições e conjurações contra el-rei, e onde o esbulho fica sempre ao mais forte.

Houve depois outra rebellião, que durou por longo tempo, e foi mister que el-rei saisse da ilha de Malé, e se refugiasse n'outra chamada *Guradú*, que dista della dez legoas. Foi motor desta rebellião um grande senhor da terra, chamado *Parenae Tacurá*, que possuia muitas galés, e barcos grandes, com que punha a sacco e assolava todas as

ilhas onde aportava. El-rei continuava recolhido na tal ilha de Guradú por razão de não haver alli mais que uma pequena entrada mui custosa, para passar a qual se precisava de um bom e experto piloto. Assim foi aquelle senhor crescendo tanto em forças e poderio, que onde quer que saia em terra, fazia levar para lhe tapar o sol um sombreiro branco, a que elles chamam *Ouduad*, e é distinctivo da realesa; e em tudo o mais se fazia servir e obedecer como a rei, repartindo, e dando a todos os seus os cargos e postos do reino. Mas o rei tendo enviado contra elle muitos navios e gente de armas, poude a final colhel-o ás mãos. Se bem que direi aqui de pagassem que este rei nunca ía á guerra, mas mandava; e não era esforçado como seu pai, que ía sempre em pessoa, e logo que sabia que alguem tentava levantar-se, não lhe dava tempo, e sem detença o abafava e destruia.

A causa porque este senhor rebelde foi apanhado, foi porque as suas galés estando ao sul destas ilhas, as correntes que então caminhavam para leste, arrojaram a melhor das ditas galés para o Achem em Sumatra, e assim o resto ficou tão debilitado, que todas foram tomadas, a gente pela maior parte degollada com o seu capitão; e os que ficaram, depois de lhe deceparem as mãos, foram degradados; porque a sua lei ordena que os que tem conspirado contra seu principe, e attentado contra a pessoa delle, tenham a mão direita decepada. Dos que foram arrojados ao Achem, alguns voltaram depois, e el-rei lhes faz graça, e concedeo perdão.

No que toca ás correntes, de que acabo de fallar, duram seis mezes inteiros. E se um navio se acha então na extremo destas ilhas da parte do norte, o menor mal que lhe succede é ir ter na costa da India a Cochim, ou a outra parte em distancia de cento e cincoenta legoas; ou ainda ao longo destas mesmas ilhas, que correm emparelhadas com aquella costa. Mas os que não podem ganhar a ilha de Ceilão, são impellidos até Sumatra, que jaz

em distancia de quinhentas legoas. E se a desdita quer que estas correntes os levem em fim de *monção* (e quando a corrente os leva, chamam a isto *Behigue*), e que antes de haverem ganhado terra em alguma parte, outras correntes os venham tomar de sobresalto, como muitas vezes succede, infallivemente se perdem, como tenho visto acontecer a muitos ; tanto mais facilmente quanto na esperança de surgir em terra todas as noutes, não fazem provisão alguma de agua, ou de outras cousas. Se as correntes porem os impellem para oeste, vão direitos á costa da Arabia, em muito maior distancia que a Sumatra, mas pela maior parte das vezes perdem-se, e perece tudo antes de serem lá chegados. Vi uma vez um navio, que foi impellido para essa banda pelas correntes, e estando já afastado, de repente mudaram as correntes, e o tornaram a trazer ás ilhas ; mas a maior parte da gente era morta, e o resto tinha só a pelle e o osso, por rasão das grandes necessidades que haviam passado.

Quanto á ilha de Guradú, de que acima fiz menção, fui lá um dia, e vi nella o mastro e leme do navio, que alli se perdeo, onde ía a rainha estrangeira, que morreo de parto, quando eu estava na companhia do rei. Disseram-me então que era o navio mais rico, que se podia ver. Tinha em si cerca de quinhentas pessoas, entre homens, mulheres, e crianças, porque os Indios pela maior parte levam comsigo toda a sua casa quando se embarcam. Estas quinhentas pessoas quasi todas pereceram afogadas, e apenas se salvaram cem pouco mais ou menos. Entre outros foram do numero dos mortos o pai e mãi daquella rainha, cujo era o navio; e ella era então mui criança, e se salvou por acaso. Este navio vinha da Sonda carregado de especiarias de todas as qualidades, e outras mercadorias da China, e Sonda. Ao ver somente o mastro deste navio, pareceo-me ser o maior que em minha vida vira; porque era mais comprido e grosso que os das náos da carreira de Portugal; e o rei das ilhas de Maldiva mandou fazer expressamente uma barraca do comprimento do

mesmo mastro para o conservar por admiração. Vi tambem a extremidade de outro mastro, e um cesto de gavea muito maior que os de Portugal; o que me persuade que nas Indias se fabricam maiores navios, e de melhor madeira que em Portugal, e ainda que em todo o resto do mundo. Os maiores vem da costa da Arabia, Persia, e do Mogor, e ha-os que levam em si duas mil pessoas. Não os fazem de tantas cobertas como nós, e só lhe fazem uma, que é a da tolda, e por baixo não ha outra. A agua não a levam em pipas e toneis como nós fazemos, mas de cada lado do mastro grande formam duas especies de cisternas de madeira, bem unida e bem calafetada, que conservam mui bem a agua, a qual só se tira por certas aberturas em forma de bocca de poço. E assim accommoda-se muito maior copia de agua que nas nossas pipas, ao mesmo tempo que não occupa tanto logar. Mas eu acho a nossa invenção das pipas muito melhor por uma razão, e é, que se acontece algum accidente a estas cisternas, perde-se a agua toda de uma vez, o que a nós nos não succede, porque com um tiro de canhão o mais que acontece é perder-se uma pipa ou duas; e se alguma se corrompe, sempre outras ficam salvas. Em fim em toda a India elles não tem a nossa invenção de pipas, mas somente usam de talhas as mais bellas, melhor vidradas, e o mais bem acabadas que em outra parte vi. Ha destas talhas que levam tanta agua como uma pipa, e mais. Fazem-se no reino de *Martabane*, donde as exportam, e donde tomam o nome por toda a India. Nunca se corrompe a agua dentro dellas, e fecham-se á chave.

Mas a proposito daquelle navio da rainha, que se perdeo na ilha de Guradú, de que acima fallei, vou contar o que aconteceo quando eu estava nesta terra a um honrado e entendido mercador de Bengala, chamado *Mohamede Cata*, e sua mulher, que tambem era estrangeira, mui bella, e branca, se attentarmos a ser ella natural destas regiões. Chamava-se *Canboé Bubú*; *Canboé* era o seu nome proprio em

lingua bengala, e *Bubú* quer dizer moça ou menina. Naufragaram estes dous conjuges com a rainha, cujos escravos eram; contavam de idade cerca de trinta annos, e não tinham filhos. Esta rainha os amava de sorte que os fez mórdomos de sua casa, e só delles se fiava, porque os tinha em seu poder desde crianças; e assim chegaram a possuir uma maravilhosa riqueza, e a ter para com a rainha grande conceito e valimento. Mas logo que sua boa senhora foi morta, como disse, não houve desaventura, nem desastre, que lhe não acontecesse. Era este cazal o mais bem unido do mundo, amando-se um ao outro com extremo, mas quiz o máo fado que a sua casa fosse contigua ao bangaçal, ou pousada do feitor do rei christão das ilhas, que estava em Goa, o qual tem sempre nas mesmas ilhas um feitor. Era este natural de Cochim, gentio de origem, mas baptisado, e naturalisado Portuguez no traje e nos costumes. Foi baptisado quando menino, e tinha mulher e filhos em Cochim; chamava-se Simão Rodrigues, e era a esse tempo de idade de vinte e sete annos pouco mais ou menos. E' costume não se deixarem nas ilhas estes feitores, quando são christãos, por mais de um ou dous annos, para que venham satisfazer aos preceitos da Igreja, porque nestas ilhas não ha exercicio algum da religião christã. Mas este não se recolheo dentro do prazo ordinario, e permaneceo alli quatro annos, aprendendo mui bem a lingua e costumes da terra, fazendo-se de tal sorte bem quisto de rei, e de toda a gente, que não obstante ter sido mandado recolher, e serem enviados outros tres feitores, um apoz outro, para lhe sucederem, com tudo por meio de presentes feitos ao rei arranjou as cousas de maneira que ficou firme no seu posto; e tendo-se escripto ao proprio rei sobre esta materia, respondeo este que elle não estorvava o feitor, mas tambem que não podia nem devia constrangel-o a ir-se embora contra sua vontade.

Ora sendo este feitor visinho da mulher daquelle mercador, chegaram a amar-se com muito extremo, e seus

amores eram favorecidos pelas frequentes ausencias do mercador, que tinha de andar por fora de casa no meneio de seu negocio.

Continuaram assim a sua correspondencia amorosa por espaço de dous annos, sem serem descobertos, mas em fim o marido tendo aviso do caso, e sendo certificado de tudo por algumas espias, resolveo desaffrontar-se; e para mais facilmente lograr o seu intento, fingio que saía para fora da terra por quinze dias, na forma do costume; e tendo negociado um barco para a viagem despedio-se da mulher, encommendando-lhe todos os seus negocios, e partio. Mas chegada a noute tornou a sair em terra, e pelas onze horas da noute, ou perto dellas, foi direito a sua casa, e entrando no aposento de sua mulher, e não a encontrando na cama, caminhou em direitura ao palacio del-rei, o qual se não deitava nunca senão depois da meia noute. A primeira pessoa que alli encontrou foi o vedor das galés e navios reaes, o qual ao que parecia era intimo amigo do feitor; e todavia para se mostrar a pouca fé, que ha nestes povos, foi elle o primeiro que esteve prestes para dar aviso a el-rei, e para acompanhar o mercador na execução de sua desaffronta, como abaixo se verá.

Sendo pois o marido introdusido ante el-rei, se lhe queixou de que sua mulher tinha trato illicito com um christão, a que elles chamam *Caparú*, e que elle, e sua mulher eram mahomentanos, que chamam *Musseliman*, isto é, fieis; e que fosse sua magestade (a) servido de lhe mandar fazer justiça. E sendo isto ouvido pelo rei, ordenou áquelle vedor das galés que levando em sua companhia doze soldados da guarda do palacio, fosse matar o criminoso, e lançar o corpo ao mar. Sobre isto foi acommettida a casa, e bateram a porta para que a abrisse, do que o pobre feitor espantado, não estava resoluto a abril-a;

(a) E' inutil advertir que o auctor aqui seguio o uso da sua terra, e não o das ilhas de Maldiva, no tratamento de Magestade, que suppõe dado a el-rei.

todavia fiando-se na amizade, que lhe professava el-rei, e bem assim no vedor, que lhe brádava que abrisse a porta, e não houvesse medo, elle foi tão desattentado que abrio a porta, e prostrando-se de joelhos diante delle, lhe supplicava que lhe salvasse a vida; mas o outro foi o primeiro a descarregar nelle o golpe, e ficou logo alli morto; do que ficaram bem gostosos muitos, que lhe deviam dinheiro, incluso o proprio rei, que desejava haver-lhe as riquezas, que eram grandes, e que de feito tomou para si. Aos Portuguezes tambem não pezou deste caso; e dalli ávante se assentou que os feitores não viessem de Cochim, mas seriam das mesmas ilhas. Feita esta execução no misero feitor, o marido se foi em direitura á mulher para lhe fazer outro tanto, mas a grande custo foi divertido, e ella foi mettida n'uma prisão, para depois ser punida por justiça. Ao principio eram de voto que fosse affogada no mar; todavia vendo que o seu cumplice era morto, e que estavam senhores dos seus bens, deram-se por contentes de lhe applicar castigo semelhante ao das outras pessoas apanhadas em adulterio, ou outros actos deshonestos, e ainda um pouco mais rigorosamente. Quanto ao marido, este não quiz mais tornar a vêl-a, e cazou novamente com uma rapariga da terra, como abaixo direi, e o que depois lhe acontecco.

Mas tornando ao rei das ilhas de Maldiva, alguns annos depois da morte de seu pai, tomou amores com uma mulher casada, a mais bella e branca de todo o reino; e deixou a primeira mulher, que seu pai lhe havia dado por esposa, e recebeo esta, a qual tinha tres filhas tão bellas como ella, e se casaram com principes e grandes senhores. Eu vi-lhe muitas vezes o braço, que ella nos mostrava por galanteria, e que era tão branco como das mais bellas e mais brancas da nossa terra. Seu marido era piloto, o mais entendido nesta sciencia, e no trato mercantil de todo o reino; e era igualmente muito rico. O rei e esta mulher amavam-se em grande extremo, e a

tenção delle era desposal-a, de sorte que ella trabalhava todos os dias em persuadir ao marido que a deixasse, mas elle o não queria fazer; do que ella agastada, deu de conselho a el-rei que o mandasse matar, no que elle, pelo amor que lhe tinha, consentio; e mandando-o chamar um dia para praticar com elle sobre cousas de navegação á vista de uma carta ordenada ao modo da terra, e acudindo elle ao chamamento, quando na continuação da pratica se abaixava, o rei lhe descarregou uma punhalada direita ao ventre, mas levantando elle a mão para aparar o golpe, resvalou o punhal em direitura a um olho, que lho vasou, sem lhe fazer outro mal; e eu depois o vi muitas vezes, e era homem mui tratavel. Foi elle quem me deu novas do mestre e homens do nosso navio, que se haviam evadido da ilha de Puladú, e que elle tinha visto de grilhões aos pés. Finalmente tornando a esta mulher, tanto fez que o rei a desposou; mas depois de haverem vivido algum tempo juntos, elle se enamorou da que era a rainha principal ao tempo que nós estivemos nestas ilhas, de sorte que elle começou a enfastiar-se muito da outra, que em verdade era a mais impudica do mundo, porque se entregava indifferentemente a toda a sorte de homens, ainda escravos, e outros. Todavia não foi só esta a causa por que o rei a deixou.

Tinha o rei dous sobrinhos, entre si irmãos, o mais velho dos quaes era casado com uma dama a mais rica de todas estas ilhas, e era ella neta daquelle que fora regedor do reino em tempo do dominio dos Portuguezes. Era tambem irmão daquelle princepe, que veio ao nosso navio, e contra o qual se agastou el-rei a ponto de lhe dar uma bofetada, como atraz tenho referido. Esta dama era mui nobre, moça, e formosa, o que foi parte para que el-rei se enamorasse della; mas o máo foi que seu marido a não queria largar, nem ella tão pouco ao marido; porquanto ella não desejava de forma alguma ser rainha, e mais queria a sua primeira condição, e a liberdade. Sabendo

pois o marido e a mulher as tenções del-rei, assentaram fugir em um barco com um seu irmão pequeno, que depois morreo com o rei, como abaixo direi. Mas não fizeram a cousa com tanto resguardo, que por sua desdita não fossem surpresos no ponto de se ausentarem, e as galés del-rei os apanharam, e levaram a Malé, onde o pobre marido foi forçado a largar a mulher, e de nojo se encerrou em seu aposento donde nunca mais saío, e ahi se finou no fim de um anno. A mulher igualmente se separou do marido contra sua vontade, como claramente o mostrou depois, e nunca teve amizade ao rei, antes mostrou sempre inclinação a outros.

O rei porem antes de a desposar houve de largar a outra, que de modo algum queria consentir na separação, por que é mister que esta seja de mutua vontade e consentimento, ou então que o homem dê o dote á mulher, por que então pode largal-a, quer ella queira, quer não queira; mas isto é deshonroso e escandaloso á mulher que o acceita. Assim o executou o rei para com esta primeira rainha, porque lhe deu o seu dote ou arrhas (*Rans*), e a deixou, e se casou com outra. Ella porem ficou sem casar depois novamente, porquanto o rei lhe não deu para isso licença, e sem esta ninguem ousaria tomal-a por mulher: e em quanto a seu primeiro marido, este nunca mais lhe tornou a fallar, apezar de haver tres filhas d'entr'ambos. O rei professava grande amizade a este marido, e lhe fez sempre muito bem (a). Esta mulher era mui ostentosa em vestidos, perolas, e pedraria, e o rei lhe havia dado uma boa habitação na ilha, onde ella morava, e ahi vivia em toda a sua liberdade, menos de se tornar a casar. Ella passava deleitosamente o tempo, era mui visitada, e tinha grande numero de servidores, e escravos. Quanto á outra, o rei nunca mais a deixou, e quando elle se per-

(a) Salvo quando o quiz matar, e por milagre lhe vasou somente um olho; como o auctor nos tem referido atraz na pagina antecedente.

deo, ainda ella estava em sua companhia, e outras duas estrangeiras: mas sempre conservou saudades de seu primeiro marido, o qual era como o primeiro principe do sangue real, e tenente general de todas as tropas.

Este rei sendo já entrado em idade, como vio que não tinha podido criar filhos desde seu principio, e que aquelles que dalli em diante podesse haver seriam ainda pequenos quando elle chegasse a morrer, e por tanto ficavam arriscados a serem despresados, e a não possuir o que lhe pertencia, assentou de não ter mais filhos; de sorte que quando eu lá estava, ouvi dizer que havia quatro ou cinco annos que elle não fazia vida com esta rainha principal, pois ella era mui fecunda, e já tivera delle mesmo um filho e uma filha, que haviam morrido de idade de seis ou sete annos. Se bem que não é caso de consciencia entre elles dar a morte ao fructo no ventre da mãi, reputando que desta sorte são tão felizes as creaturas como se vissem a luz do mundo. Mas as rainhas não tinham grande desconsolação de que o rei não fizesse vida com ellas; porque lhes não faltavam amantes, que as visitassem quando lhe aprasia.

Mas tornando ao mercador de Bengala, que não quiz mais tornar a fazer vida com sua mulher, como acima contei, casou elle novamente com outra, que era havida pela mais bella de todas estas ilhas; e em verdade ella não era somenos em cousa alguma ás desta nossa terra, senão em não ter o carão tão branco. Não tinha de idade mais de dezoito ou vinte annos, e elle somente se enlevou em sua formosura, porque ella não era nem nobre nem rica, mas elle tinha assaz de bens para ambos. Foi porem para elle occasião de segunda desaventura morar perto dos paços del-rei, porque este apenas vio aquella mulher, ficou em extremo enamorado della, e tanto fez que a logrou, e até a fez por força deixar seu marido, a quem ameaçou de mandar lançar ao mar, se o não quizesse consentir. De sorte que o pobre homem foi forçado a deixal-a com

o maior pezar do mundo; e tres mezes antes do grande desastre das ilhas de Maldiva, o rei a desposou, porque o Pandiare lhe disse que por descargo de sua consciencia mais valia casar-se com ella, do que continuar no peccado em que vivia. Eis as desaventuras que aconteceram umas apoz outras a este pobre mercador, e que lhe não teriam acontecido se não fora a morte de sua boa senhora.

CAPITULO XIX.

No tempo, em que as ilhas de Maldiva foram povoadas, e de muitas outras cousas memoraveis, que nellas, e em suas visinhanças aconteceram em quanto o auctor alli se deteve. De um navio de Tanor; da fortuna de um capitão Malabar junto d'el-rei das ilhas de Maldiva; de seu fim desastroso: e das aventuras do sobrinho, e cunhado d'el-rei.

Tendo fallado do Estado das ilhas de Maldiva, e do que ahi aconteceo de mais notavel antes que a sorte nos arremessasse nellas, direi agora as cousas mais singulares e memoraveis, que nas mesmas e em suas visinhanças occorreram durante os cinco annos que lá me detive. Mas antes disto não quero passar em silencio o que entre estes insulares alcancei sobre a primeira habitação e povoação das ilhas de Maldiva, e da mudança de religião de seus habitadores.

Corre por certo entre elles que as ilhas de Maldiva começaram a ser habitadas não ha mais de quatrocentos annos, e que os primeiros que a ellas aportaram, e as povaram, foram (como já disse de passagem) os Chingalás da ilha de Ceilão, que não é dellas mui apartada, os quaes

eram idolatras; mas depois mudaram de religião; e ha uns 150, ou 200 annos ao mais, que receberam o mahometismo por meio da navegação dos mouros e arabes, que commerciando por todas as terras firmes e ilhas da India Oriental, lhe levaram tambem a sua lei, a qual desde então tem permanecido na maior parte destes logares. E ao que parece foi tambem nesse tempo que os Tartaros, que extendiam a sua dominação por todo o oriente, e até a estas ilhas, foram contaminados desta maldita e falsa doutrina de Mafoma, que tem iscado as tres partes do mundo. A gente das ilhas de Maldiva ficou sempre depois observando esta lei até ao presente, como eu amplamente tenho mostrado, quando tratei de sua religião, e de suas cerimonias.

E tornando ao nosso fio, proseguirei com o que aconteceo em meu tempo nestas ilhas, de que eu posso ser boa testemunha, e digna de fé, ou pelo ter visto, ou pelo ter sabido de boa parte. Começarei pelo que succedeo a um navio de Tanor, que era vindo alli para commerciar um anno quasi depois da nossa chegada áquellas ilhas. Este navio era do porte de quasi quinhentas tonelladas, e pertencia a el-rei de Tanor, que é um reino situado entre Calecut e Cochim. Este rei era gentio, e de casta Naire. Haveria no navio uns quinhentos ou seiscentos homens bem armados, e bons soldados Malabares, e vinham alli com intento de fazer veniaga. A sua principal carga era arroz, com quantidade de outras mercadorias, e drogas, como pimenta, areca (fructo, que elles mascam com o betle), algodão, manteiga, oleos proprios para esfregar o corpo depois do banho, porção de roupas brancas de algodão, louça, utensilios de ferro e de cobre, de sorte que o navio vinha mui rico, e a sua tenção delles era commutarem isto por fazendas da terra. Mas o rei das ilhas de Maldiva não lhe quiz permittir mais detença no porto da ilha de Malé do que tres dias, e os mandou surgir em uma ilha chamada *Bandos*, aonde eu tinha estado doente, e que dista da ilha de Malé quasi duas legoas para a banda do norte.

A causa disto foi porque o rei se receiava de que elles lhe fizessem alguma traição e surpresa.

Era para ver como esta gente desembarcava de seu navio em batalha, todos bem armados e bizarros, sãos, e bem dispostos. Mas passados dous mezes todos morriam de febre, não obstante que o ar e as aguas desta ilha de Bandos sejam melhores que as de Malé. A maior parte da gente ficou na ilha de Malé, e toda a fazenda foi ahi mettida em armazens e bangaçáes, que expressamente se fabricam para esse effeito. Detiveram-se seis mezes ou mais a fazer a sua commutação, e a carregar o seu navio; mas durante este tempo a febre destas ilhas os apalpou tão rijamente, que não restavam vivas mais de cem pessoas, e ainda essas mui debilitadas, de sorte que se viram necessitados a refazer-se de marinhagem nestas ilhas para recolher com o seu navio a Tanor. Um piloto desta mesmas ilhas mui experimentado foi o que aqui os condusio, e elles lho agradeceram muito mal, com dizerem que elle os havia trasido aqui de caso pensado para fazer ao seu rei herdeiro de toda a riqueza delles. Aqui perderam o seu principal capitão, que muito lastimaram. E' costume que quando o capitão ou mestre de um navio morre alli, o navio, e a fazenda fica pertencendo a el-rei, mas com este dispensou, por ser del-rei de Tanor.

No que toca á fazenda, que particularmente pertencia ao capitão fallecido, tambem não foi tomada pelo rei, posto que lhe pertencesse, mas a rasão foi esta. Aquelle capitão havia trasido comsigo um seu filho, mancebo de vinte e cinco annos, chamado *Hussem Cata*, que era o mais valente soldado, mais destro, mais gentil-homem, e mais experto jogador de armas que havia em toda a costa de Malabar. Ora desejando el-rei retel-o comsigo, lho mandou propôr com grandes promettimentos, do que o dito mancebo foi contente, assim por salvar sua fazenda, que em tal caso el-rei lhe deixava toda, como por rasão de certa pendencia, que elle tivera com o segundo capitão do navio, que então

o governava. E de feito o rei lhe mandou restituir toda a fazenda que lá se achasse, e lhe pertencesse, a qual elle por nenhuma outra maneira poderia haver. Alem de que permanecendo elle nestas ilhas ficava por herdeiro de toda a fazenda de seu pai, que aliás teria de repartir com os outros seus irmãos, se voltasse para sua terra; e ainda seria obrigado a pagar grande parte do que o dito seu pai havia tomado emprestado. Ficou pois mui bemquisto e estimado del-rei, que logo lhe deu uma grande dignidade, que é a de mestre do jogo de armas, a que elles chamam *Esdru*, um dos mais honrados officios do reino, e que requer grande capacidade, e grande merito. E somente havia outro nestas ilhas, junto d'el-rei, o qual era grande senhor, como por taes são tidos entre os nobres e soldados, assim nas ditas ilhas, como na terra firme. Mas este cargo foi a causa da morte daquelle mancebo, pela emulação, que se levantou entre elle,e aquelle mestre mais antigo, que era natural da terra, filho de outro mestre, e mui respeitado de todos os senhores e soldados.

Ora não ha entre elles maior deshonra e nota de infamia que perder o respeito para com seu mestre; e porque têm as armas em grande honra, estimam os mestres dellas mais que todos os outros, e os poem a par dos princepes e senhores, porque tem por discipulos ao proprio rei, e ao principe herdeiro do reino. Antes da vinda deste mestre havia alli uma só escola, e depois houve duas; e então muitas pessoas de todas as qualidades deixaram o antigo mestre para tomarem este novo, que sabia jogar as armas ao modo dos Naires, e dos Malabares, que é o mais estimado na India. E el-rei para o fazer reconhecer nesta qualidade de mestre, li e deu perante toda a sua corte um bracelete, que elle mesmo lhe pôz no braço direito, e é o distinctivo desta dignidade. Este bracelete era uma cadeia de ouro com botões do mesmo, redondos, e ôccos, onde se mette a firma del-rei escripta em papel.

Estes dous mestres estando pois em competencia um

com o outro, succedeo que um dia de grande festa, tal como entre nós a paschoa, depois de jantar, segundo seu costume, todos os princepes, senhores, fidalgos, e soldados foram aos paços del-rei para jogar e esgrimir uns contra os outros em desafio, onde se vê quaes são mais destros, e levam vantagem no meneio das armas. Estes exercicios duram tres dias. Aquelles dous mestres estavam cada um de seu lado com todos os seus discipulos em volta de si, os quaes combatiam uns contra os outros. O mestre antigo tinha mais discipulos e boa opinião que o outro; e assim por insignificante motivo fez levantar uma briga entre um dos seus discipulos e outro do novo mestre. E como alli o aggravo feito ao discipulo é como se fora feito ao mestre, travou-se arruido geral de parte a parte, e até alguns soldados chegaram a ficar feridos. Do que tendo el-rei aviso, quiz saber cuja era a culpa; e tendo sabido que era do mestre antigo, lhe deu uma grande reprehensão, e declarou em alta voz que o primeiro que provocasse a briga, lhe faria decepar a mão, o que elle aliás mandava fazer repetidas vezes por bem leve cousa, quando se enfadava; e em quanto aos dous mestres ordenou-lhes que vivessem em paz, elles e seus discipulos. Entre tanto a amizade que el-rei professava ao novo mestre crescia todos os dias, de sorte que lhe deu todos os titulos de grandeza e senhorio, que elle podia conferir á maior pessoa de seu reino, entre outros o de *Darade Tucurú*, como quem diz Conde ou Duque. Até lhe fez mudar o seu primeiro nome malabar, publicando-o assim por pregão em toda a ilha, segundo é costume; e o fez capitão de uma companhia de soldados, pondo-o a par dos maiores senhores, do que elles tiveram tal inveja que se apostaram com o antigo mestre a dar a morte ao outro por qualquer modo que fosse.

Verdade é que este homem não soube aproveitar-se da fortuna, mas abusava della, procurando ordinariamente motivos de altercação com as principaes, e maiores pessoas do reino; porem o rei o favorecia em tudo e por tudo.

Recebia em casamento aquellas mulheres, que lhe appetecia, e ellas se reputavam todas por mui honradas de casar com elle, assim pelos merecimentos de sua pessoa, como pela sua dignidade e grande valimento para com el-rei. O que porem o firmava ainda mais no valimento era ter por camarada e discipulo um cunhado del-rei, irmão da rainha principal, de quem já muitas vezes tenho fallado. E todavia a estreita amisade, que entre elles havia, foi finalmente a causa da ruina deste homem. Por que passados dous annos pouco mais ou menos que durava o seu valimento, elles tomaram a resolução de fugirem ambos; e para melhor colorar suas tenções, o mestre de armas tomou por mulher a viuva do grande Pandiare, a qual morava no extremo das ilhas da banda do sul no Atollon chamado *Suadú*. Com esta occasião achou motivo de sair da ilha de Malé; mas apenas era partido, logo seus inimigos contando com a victoria foram avisar el-rei, dando-lhe a entender os planos, que elle havia concertado com aquelle princepe. Com isto el-rei por conselho dos principaes, que são os seis Musculis, enviou um capitão com quarenta soldados em um barco para lho trazerem, mas com ordem de lhe não fazerem outro mal. Todavia todos os principaes cortezãos, e entre elles o mestre antigo, os provocaram secretamente a que o matassem, e dissessem que elle se havia posto em resistencia contra elles, e que assim depois facilmente applacariam a el-rei; o que elles executaram, e tendo-o achado desarmado logo subitamente o mataram, e vieram dizer a el-rei que forçosamente o haviam assim feito, por quanto elle não havia querido obedecer a seu mandado. O rei ficou muito enfadado, mas não passou a mais.

Tendo fallado da fortuna deste estrangeiro, direi tambem o que vi succeder a alguns princepes desta terra. Quando nós chegámos ás ilhas de Maldiva, o rei dellas não tinha filhos, mas só um sobrinho de idade de vinte e dous annos, chamado *Ibraim Callane*, como elle, e que devia de ser seu successor. Estava o sobrinho a esse tempo fóra do

valimento, e ausente da corte, por ter ido á Arabia sem licença e consentimento del-rei, e ter antes desta jornada posto a sacco algumas ilhas. Tres annos depois de nós alli sermos chegados recolheo elle, e não ousou vir logo em direitura a Malé com temor del-rei, o qual logo foi sabedor que seu sobrinho era chegado a certas ilhas, que lhe pertenciam nas partes do norte, e ahi se casára; do que el-rei houve muito contentamento, porque o amava e havia como seu filho. Mas cada dia lhe vinham dar novas falsas de como este sobrinho se apercebia para ir contra elle; e isto procedia dos que queriam mal ao princepe, e de alguns aduladores, de que aquella corte andava mui cheia. Não obstante isso el-rei não deixou de o mandar buscar em uma galé armada; e elle, que era innocente, não teve a menor repugnancia de vir perante el-rei com só dez ou doze soldados de sua casa, e alguns servidores e escravos. Mas apenas foi chegado á corte, todos os seus soldados foram postos em prisão, com os pés mettidos entre duas toboas com buracos, que é um modo que alli usam de prisão; ainda que tambem se servem de cadeias, e ferros para este effeito. Em quanto ao princepe, não padeceo outro mal se não que esteve mais de dous mezes sem ver el-rei, mas vinha todos os dias ao paço assentar-se nos logares deputados aos demais cortesãos. Somente uma das rainhas, a primeira que se acertava, lhe enviava uma folha de betle, o que é grande honra, e a unica que elle podia esperar, a qual se não faz se não aos filhos da casa real; de sorte que isto era demonstração de ser elle herdeiro do reino, e o primeiro princepe. Porque é costume da terra que quando alguem anda fora da graça del-rei, vai sempre todos os dias ao paço, isto é, ao pateo do palacio até que el-rei lhe falle, e seja restituido á graça.

Este sobrinho entrou por fim novamente na graça por meio do grande Pandiare, que era da raça Xarife, ou raça de Mafoma. E o caso passou desta maneira. Tendo o Pandiare recebido ordem del-rei para prégar em sua presença

na forma do costume, antes de começar o seu sermão, fez uma mui humilde supplica e deprecação a el-rei para que fosse servido permittir que seu sobrinho viesse ouvir a prégação; o que o rei lhe outorgou pela amizade e respeito, que ao dito Pandiare tinha; e certamente outro qualquer não seria ousado de lhe fazer semelhante petitorio. Tendo pois vindo o sobrinho, este desde a maior distancia que vio a el-rei, lhe fez uma mui submissa reverencia, como qualquer homem mais ordinario do povo, e o rei somente lhe disse estas duas palavras, *ana pute iringua*, que querem dizer, assentai-vos, meu filho; e elle assim o fez, e toda a gente se levantou para lhe deixar o logar superior. Todo o tempo que o sermão durou, que foi mais de uma hora, o princepe não ergueo os olhos, nem a cabeça; e no mesmo dia foram postos em liberdade todos os seus familiares, e elle dalli em diante ficou sempre na graça del-rei, e naquella honra e dignidade, que compete ao herdeiro da corôa. El-rei o fez seu tenente general, e cabo maior de toda a gente de guerra, a que chamam *Dorimesnas*.

Depois que este princepe foi novamente admittido á graça del-rei, houve sempre grandes ciumes e inveja entre elle e um cunhado del-rei, irmão da rainha principal, que folgava muito com a ausencia e desvalimento do mesmo princepe, porque assim era elle o mais proximo, e maior valido del-rei, e possuia mui grandes estados, que lhe foram tirados depois que aquelle voltára á corte. El-rei tratava ao sobrinho sempre por seu filho, para que todos o honrassem como a seu verdadeiro e legitimo herdeiro. Este princepe tendo-se enamorado da mulher de um magnata, a qual era excessivamente bella, a tirou por consentimento della de casa do marido, e por muito tempo a teve em sua companhia, do que tendo-se o marido queixado a el-rei, não obteve reparação; antes pelo contrario o principe o mandou espancar de tal sorte, que elle se vio forçado a largar de todo a dita sua mulher. E' como elles fazem nesta terra.

O cunhado del-rei, competidor deste sobrinho, era um man-

cebo de vinte e cinco annos de idade, o mais formoso, mais destro, e mais galhardo que havia em todas estas ilhas; e se parecia com os de Europa, só com a differença de ser um pouco mais moreno na côr. Era versado em todas as sciencias, como mathematicas, astrologia, marinha, e outras, e em todos os exercicios de armas. Eu lhe ensinei a contar pelos algarismos, e a escrever á franceza; e por certo não tenho notado outra differença entre aquella gente e nós, ou seja no espirito, ou nas qualidades do corpo, salvo que elles são de côr um pouco mais baça; mas ha lá muitas pessoas brancas, assim homens como mulheres. Sua irmã, e elle, pertenciam á casa mais principal das ilhas, cuja nobreza levava vantagem á del-rei. Este principe ficou tão enojado de lhe haverem sido tirados os cargos com a chegada do sobrinho del-rei, que começou a consultar com a rainha sua irmã sobre os meios de tomar disso vingança, e ella estava ainda mais inflammada em colera do que elle. O primeiro meio, de que se serviram, foi de encantamentos e feitiços, cousa por elles mui frequentemente usada, quer para bem, quer para mal, pois assim se servem delles para chamar o mal, como para o curar. Empregaram nesta obra grande quantidade de feiticeiros, que faziam feitiços, a que chamam *Quenueri*, dirigidos contra el-rei e contra seu sobrinho, os quaes por esse respeito cairam mui enfermos, e foi mister procurar outros feiticeiros para os curar (a).

Donde el-rei ficou dalli ávante mui desafeiçoado á rainha e a seu irmão. Ella da sua parte tinha um odio mortal a el-rei, e muito tempo havia que lhe houvera dado a morte, se o poderá fazer; porque não podia conformar-se a estar assim retida como captiva á força, e nada lhe dava contentamento, e como era de sua pessoa assaz nobre e rica, tinha em pouco tantas honras, e mais quizera não ser rainha,

(a) Não admira que Pyrard crêsse tambem em feitiços; era materia corrente naquella epocha em toda a Europa. O nosso Diogo do Couto, contemporaneo de Pyrard, mostra em varios logares das suas *Decadas* a mesma crença.

e ter um marido de seu gosto. De sorte que seu irmão e ella vendo que aquelle primeiro meio lhe não havia surtido effeito, tomaram a resolução de tentar outro, que era escaparem-se de noute secretamente n'um barco com todas as suas joias e riquezas; porque todo o resto de seus bens eram situados em outra ilha sua della, chamada *Maspillaspury*, a quarenta legoas de Malé para o norte, onde morava sua mãi , que estava cega.

Este princepe tendo assim formado este desenho, communicou-o áquelle mestre d'armas estrangeiro, de que acima fallei, e a outro fidalgo mancebo, cujo pai fora mandado matar pelo pai deste rei por temor de que elle se levantasse, pois era um dos mais briosos e mais esforçados senhores do Estado. Chamava-se *Caffin Tacurú*. Seu filho, o mancebo, de quem aqui se falla, era igualmente intrepido, e tambem mui discontente de se ver na qualidade de simples soldado, e não nos altos postos, que os seus haviam occupado ; o que o moveo a dar orelhas a este princepe, que aliás era seu muito grande amigo, e que lhe havia promettido de o casar com a rainha, como tambem ao mestre estrangeiro de lhe dar outra irmã que tinha. Assentaram pois que o princepe e aquelle fidalgo mancebo ficariam na ilha para ajudarem a fuga da rainha, e que o mestre fosse adiante, como fez. Ora é costume nestas ilhas não deixar aos soldados levar armas quando saem de Malé para as outras ilhas, donde elles são; mas ficam todas no armazem del-rei, cujas são. Levam sim punhaes, e outras armas pequenas, mas não de fogo. Se porem vão a alguma parte por mandado del-rei, podem então levar toda a sorte de armas. Isto está assim determinado para atalhar os levantamentos ; e por isso não consentem ir mais que um certo numero de soldados de cada vez, e se espera que estes sejam recolhidos, para se deixarem ir outros. E alem disso não se concedem estas licenças senão durante os ventos de oeste, que é o seu inverno, e elles devem estar de volta antes dos ventos de leste, que é o seu estio.

Disposto dest'arte o plano, attraíram a si treze soldados dos melhores da terra, para se associarem a elles, mas um destes os delatou, e deu aviso a el-rei, o qual mandou ter tudo em secreto, porque queria certificar-se do que nisto passava, não o podendo quasi acreditar, e encommendou áquelle senhor, que me havia levado da ilha, onde o nosso navio tinha dado á costa, em quem elle mais se fiava, que chamando um certo numero de soldados, fosse averiguar a verdade. E logo que foi sabido que assim era, o barco foi apanhado com aquelle princepe, e seus soldados, os quaes todos foram castigados ao modo da terra, e elle não lhe aconteceo outro mal senão que el-rei lhe deu uma grande reprehensão, e esteve fóra da graça por mais de seis mezes. Cumpre notar que em quanto elles estam fóra da graça não curam de se vestir e trajar com aceio, e abandonam todos os negocios como se foram mortos para o mundo. Em quanto á rainha, ainda que el-rei estivesse muito acceso em colera, bastava que ella lhe dissesse quatro palavras, logo elle se applacava. Ao mestre d'armas succedeo o que atraz levo dito.

Ora no dia da festa dos mortos entre elles, quando o rei e suas tres mulheres íam a visitar as sepulturas de seus pais, a rainha arranjou modo em como seu irmão se achasse em logar, por onde elles deviam passar. Vinha elle vestido singelamente e sem armas, na forma do costume, e saudou a el-rei, que o saudou tambem, e o restituio á graça, e a todos os seus cargos e dignidades. Elle era um dos seis primeiros *Masculis*. Todos os soldados, que haviam participado na sua empreza, foram logo livres, e restituidos a seus postos. Todavia este princepe, que era de animo esforçado, como depois mostrou, vendo que não era restituido a todos os seus cargos (a) nem estimado como de antes da volta do sobrinho del-rei, continuou de tal sorte com seus antigos dissabores e descontentamentos, que não

(a) Não podèmos salvar o auctor da contradicção, em que aqui se acha com o que poucas linhas atraz acaba de dizer.

podendo já toleral-os, resolveo ir-se para Arabia, e levou comsigo o marido da outra sua irmã, que a esse tempo era grande Pandiare; e se ausentaram secretamente sem se despedirem del-rei, que por esse respeito ficou contra elles mui irado, e contra a rainha, que lhe havia dado ouro, e dinheiro quanto elles quiseram. Do que o rei mais se admirava era do Pandiare, por haver largado um tão bom cargo, mas elle folgava mais de obedecer á rainha, e a seu cunhado que a el-rei. Foram a Meca em Arabia, onde o Pandiare morreo, e o principe tendo-se demorado dezoito mezes nesta viagem, voltou em um navio de Cananor, que o trouxe mesmo a Cananor, onde foi mui bem recebido del-rei, que desejava muito detel-o junto a si, e que lhe promettia gente de guerra, se elle quisesse fazel-a ao rei das ilhas de Maldiva. Mas este tendo aviso do que era passado, logo lhe escreveo, e mandou escrever pela rainha com rogativas para que se recolhesse á sua terra, e com promessas de novas dignidades. A carta da irmã poude mais com elle que a do rei. Recolheo-se pois, e houve o que lhe fôra promettido; e tudo permaneceo em paz até á morte do rei, e de seu sobrinho, como mais adiante direi.

CAPITULO XX.

Dos successos e varios casos de navios aportados ás ilhas de Maldiva; da chegada de dous Hollandezes a estas ilhas; de um Judeu viajante; de um Capitão do Mogol, e do que lhe aconteceo; e de alguns navios, que se perderam.

Estando eu nas ilhas de Maldiva o rei de Mangalor gentio enviou uma vez ao rei das ditas ilhas uma galé carregada

de arroz de presente a fim de renovar e confirmar sua antiga amisade por meio de um embaixador, que a esse intento vinha. O rei das ilhas agasalhou bem o embaixador, e enviou ao rei de Mangalor outro presente das cousas mais raras, que em seu reino póde achar.

Nesse mesmo tempo como os Hollandezes guardavam com só dous ou tres navios a ponta de Galle na ilha de Ceilão (de que adiante em seu logar fallarei mais largamente) succedeo passarem por alli dous navios grandes, que vinham do Achem em Sumatra, e de outros logares da Sonda, carregados de fazendas da China e de outras partes, e que íam para Arabia. Os Hollandezes lhe fizeram amainar logo as velas; mas vendo que elles não eram amigos dos Portuguezes, acolheram-nos bem, e passaram um ou dous dias a banquetear-se uns aos outros. O maior destes navios ía, segundo disseram, ao Mogol, Surrate, e Cambaia; o outro ía a outras partes. O capitão do navio maior era mancebo de mui verdes annos, natural das terras do Mogol, e o rei do Achem havia mandado matar seu pai para lhe haver as riquezas, porque era o homem mais rico de toda a India, e chamava-se *Chamy*. A causa de sua morte foi possuir muitos bens em Sumatra. Seu filho, do mesmo nome, que ficou de pouca idade só com sua mãi em Surrate, era mui bello, branco, e guapo, e podia ter então nesta conjunctura dezasete, ou dezoito annos. O outro capitão era tureo, de idade de vinte e cinco annos, o homem mais reforçado, que ainda vi, e passava em toda a India por mui valente.

O capitão-mór Hollandez tendo sabido tudo isto, e que aquelle joven capitão ía a Cambaia ou Surrate, onde entre elles só se mette o rio, chamou perante si o mesmo capitão e todos os mercadores, que eram trinta ou quarenta, todos pessoas ricas e bem criadas, com os officiaes do navio, e lhes disse que declarassem verdadeiramente onde íam, e não houvesem medo. Responderam todos o mesmo que de antes, mas levados de medo, pois sua tenção era irem a Ara-

bia, o que elles não ousavam confessar, porque o Grão-Mogol e os Hollandezes eram amigos, e estes tinham feitores em Cambaia e Surrate, que são terras do Mogol. Em fim o capitão-mór mandou vir o livro da sua lei delles, e um pedaço de biscouto, sobre que lhes fez jurar segundo o seu costume, que diriam a verdade. Assim o fizeram, e apoz isso os Hollandezes lhe rogaram que levassem dous feitores seus com quantidade de fazendas a Cambaia, e presentes ao Grão-Mogol, e aos senhores de Cambaia e Surrate; o que elles prometteram; e o capitão-mór deu muitos presentes áquelle capitão e mercadores, e igualmente vitualhas.

Tendo pois este capitão recebido os dous Hollandezes e as mercadorias se partiram com grandes amizades, e os dous navios foram direitamente ás ilhas de Maldiva, a buscar caminho e passagem, ou pela cabeça dellas, ou por entre as ilhas. E é isto o que faz estas terras mui ricas; porque sendo as ilhas de Maldiva situadas quasi a meio caminho da Sonda, e da costa da Arabia, e Persia, não ha entre estes logares outras ilhas onde se possa refrescar. Passam por alli cada anno vinte e cinco ou trinta navios, dos quaes não ha dous, que venham de proposito deliberado por rasão do perigo que alli se corre; e se não fora a necessidade da passagem, ninguem alli iria, e a gente da terra ver-se-ia forçada de ir procurar fóra com que satisfazer a suas necessidades. Esta passagem porem mette susto a todos, assim por via das correntes e bancos, como por causa da febre, que é doença particular a estas ilhas, e em toda a parte conhecida por febre de Malé.

A maior parte dos navios são alli impellidos pelas correntes, o que os faz deter e commerciar na terra, por rasão das Monções, que se succedem em contrario umas das outras. Estas *Monções* são ventos, que mudam no verão e inverno de seis em seis mezes; e que a maior parte das vezes enganam quando se parte tarde, vindo então o vento contrario; e ainda enganam em serem ás vezes mais curtas ou mais longas umas que as outras; acontecendo que a monção propria da qua-

dra é ás vezes mais curta, e a sua contraria mais longa um mez ou seis semanas, e talvez dous mezes mais do que se deve esperar. Isto obriga ás vezes a dilatarem-se até sete ou oito mezes mais do que quizeram, como muitas vezes vi succeder. Alguns vi darem á vela no fim das Monções, entendendo que ainda tinham assaz de tempo; e quando já se achavam a cincoenta legoas da Arabia, eram forçados por um vento contrario a vir novamente demandar as mesmas ilhas de Maldiva, e tomar o rumo da Sonda; e muitos nesta volta se perdem. Isto procede de que tendo passado a ponta do norte das ilhas levados da corrente de leste, quando pensam estar fóra do perigo dos bancos, no dia seguinte muda-se a corrente, e o oeste os impelle para as outras ilhas do sul, onde dão á costa entre os bancos, como aconteceo áquelle grande navio onde vinha a rainha, de que acima fallei, e se perdeo no sul.

Mas tornando áquelles dous navios, que iam a Arabia, quando chegaram a estas ilhas de Maldiva, não era sua tenção deter-se ahi; mas todavia foram forçados a aguardar outra monção por quasi sete ou oito mezes, porque a monção, em que elles chegaram, não era ainda acabada. Não vieram surgir na ilha de Malé, porque a esta vem poucos, por razão da doença, que alli grassa, mas ordinariamente os navios buscam outra ilha a trinta ou quarenta legoas para o norte, chamada *Maspillaspury*, pertencente á rainha principal, e é a mais saudavel de todas. Estes dous navios pois surgiram nesta ilha, e ahi se detiveram. Ora é costume que logo depois de sua chegada os estrangeiros vão cumprimentar el-rei com presentes, e elle folgava muito destes successos, e recebia estes coitados com o mais agradavel semblante do mundo; mas tinha um riso enganador, em que não havia que fiar.

E verdadeiramente toda a sua diligencia se dirigia a attrahir os navios estrangeiros á ilha onde tinha a sua corte, o que elles não queriam de modo algum; e quando os via mui fortes, não instava com elles, de medo de perder os

proveitos de seu trafico; mas quando conhecia serem fracos, então ou por este, ou por aquelle modo, fingindo-se agastado, os fazia vir aonde desejava, afim de que tudo lhe ficasse em seu poder, se por ventura o capitão do navio viesse a morrer; n'uma palavra para que nada lhe escapasse das mãos, sem lhe ficar alguma parte. Quando pois era chegado algum navio, ou algum mercador a sua ilha, elle lhe mandava dar um bangaçal ou armazem para metter sua fazenda; e o que tinha o cargo de almirante assentava tudo por escripto, e guardava as velas e leme em seu poder. Dos que íam morrendo era el-rei o herdeiro, assim do que possuiam do navio como da fazenda, o que era causa para que a maior parte não quizessem lá ir, ou quando o capitão morria, davam logo á vela.

Estando pois os dous navios, de que vou fallando, á espera de outra monção, todos os cabos e pessoas principaes delles foram saudar el-rei com bons presentes. Eram todos gente rica, uns Mouros, e outros Banianes de Cambaia. El-rei os recebeo mui honradamente, e para os festejar mandou matar um grande touro, dando a cada um delles uma vacca ou um touro, que é signal de grande gratificação. Fez muita honra entre outros áquelle joven capitão, dizendo que mui bem havia conhecido seu pai, e que por isso lhe faria quanto podesse em seu serviço. O capitão lhe respondeo que era a primeira viagem que elle e o seu navio fazia, e que era ido ao rei do Achem, que havia mandado matar seu pai, para ver se poderia obter delle alguma reparação; que fora bem recebido do dito rei, que lhe dera quantidade de escravos, um navio, e fazendas, e que lhe havia feito prometter que volveria a vêl-o. Depois que o rei das ilhas de Maldiva o acarinhou assim, e recebeo com toda a sua gente em boa ordem segundo seu costume, lhe mandou dar aposentos, de sorte que todos ficaram mui contentes delle. Eu fui á tarde visital-os, e me banquetearam bem, dizendo-me que em seu navio vinham dous Hollandezes, que íam a Surrate, de que eu me alegrei muito na espe-

rança de saber novas de França, mas elles me disseram que aquelles Hollandezes não viriam a esta ilha de Malé, assim por temor da doença, como porque nada tinham aqui a tratar; e ainda porque tinham ouvido fallar da condição del-rei, sobre o que eu lhe mandei aviso em um pequeno escripto em francez.

Nesse meio tempo foi el-rei advertido de que elles alli estavam, e entre outras cousas tomou informação das mercadorias, que trasiam. As principaes eram pannos de lã, que haviam tomado aos Portuguezes, dentes de elephante, e outras cousas, e tambem dinheiro. El-rei lhes disse que elle tinha grande desejo de haver alguma boa peça de panno; ao que o capitão respondeo que cumpria que elle enviasse algum dos seus para a escolher, o que assim fez, mas o primeiro feitor Hollandez mandou o seu companheiro a el-rei para ajustar o preço, e para lhe mostrar pannos de varias qualidades, donde tive eu occasião de o ver. Elle me deu recados do seu companheiro, que me enviou uma bella peça de panno branco de algodão, porque nestas ilhas não se fabrica panno branco, mas todo é de côr. Trouxe tambem de presente a el-rei uma bella espingarda de pederneira com seu aparelho, e uma boa espada, que el-rei estimou muito, e lhe deu em troco algumas esteiras, e eu tambem lhe dei outras, porque é a mais rara cousa, que nestas ilhas se fabrica. Este feitor esteve oito dias na ilha de Malé, e el-rei tomou duas peças de seus pannos, uma vermelha e outra roxa, que pagou a dinheiro, depois do que o feitor se ausentou, e não tornei mais a vêl-o. Elle sabia fallar francez, e eu lhe servi de lingua. El-rei nunca me quiz dar licença para eu ir ao logar onde elles estavam, mas elles me enviavam muitas vezes cartas com alguns presentinhos.

E por quanto estou tratando destes Hollandezes, direi tudo quanto lhes succedeo, e foi que o capitão e mercadores, que lhes haviam promettido de os levar a Cambaia, lhe disseram francamente que íam a Arabia, e que se outra cousa

haviam dito a seu capitão-mór, fóra de medo de lhes ser impedido este designio; de sorte que estes feitores se viram forçados a descarregar toda a sua fazenda. Então o capitão do outro navio, que era turco, lhes disse que se elles queriam, elle os levaria a Cambaia ou Surrate com toda segurança, o que elles acceitaram, e de feito foram com elle; e depois ouvi dizer que antes de serem lá chegados, morrera um delles. Foi para elles um bom acerto acharem esta occasião; porque sem isso, se elles houvessem ficado nestas ilhas, como forçosamente lhes havia de acontecer, perdidos estavam elles e sua fazenda, e el-rei nunca mais consentiria que elles saissem dellas, a fim de lhe haver a fazenda.

Por este mesmo tempo veio a Malé um homem, que era Judeu de lei e de nação, e que sabia grande numero de linguas, e entre outras fallava mui bem a arabiga, e as linguas das Indias. Era natural de Berberia, e o homem mais malvado do mundo. Havia sido captivo dos Inglezes, que o levaram para Inglaterra, onde aprendera mui bem o inglez. Ora ao mesmo tempo que nós partimos de França, partiram tambem quatro navios de Inglaterra, cujo capitão-mór levou este homem para o servir em sua camara, e o acompanhou ás Indias. Elle estava já no Achem quando o nosso capitão-mór alli chegou, e foi elle que me disse que os Portuguezes lhe haviam dado peçonha (a). O capitão-mór inglez, vendo que não podia carregar de pimenta no Ac-

(a) O testemunho deste homem, cujos dotes moraes logo veremos descriptos pelo auctor, é na verdade de pouco peso para o recebermos por verdadeiro. E note-se ainda que o auctor neste mesmo Capitulo mais adiante diz que quem lhe deu esta nova foram os dous Hollandezes, que vinham do Achem. Sendo para admirar que o auctor tenha tão pouca certeza de quem lhe deu conhecimento deste para elle notavel successo. Todavia não devemos occultar que Diogo do Couto (Dec. XII. Cap. IX.) nos conta como tres ou quatro annos atraz do em que se diz succeder este caso foram mortos pelo Rei do Achem á traição em um banquete os Hollandezes de umas naos, que alli estavam tratando mui amigavelmente; traição urdida pelo embaixador Portuguez áquelle rei, e a qual o nosso historiador applaude.

hem, foi-se a Bantão na Java, onde este Judeu lhe furtou mil e duzentas ou mil e quinhentas moedas de quarenta soldos de Hespanha, e fugio. Com os Inglezes era de sua religião, e com os Mouros era tambem da delles, ainda que verdadeiramente fosse Judeu; e casava-se em toda a parte onde se achava, de sorte que tinha quatro ou cinco mulheres nas Indias. Embarcou-se no Achem em um navio de Surrate, que veio a passar na cabeça das ilhas de Maldiva, e elle foi tão malavisado que saio em terra com toda a sua fazenda, que ainda então valeria uns mil e quinhentos escudos, porque tinha já dispendido todo o resto. Logo que pôde apurar este dinheiro, foi-se a Surrate, onde se casou. Em fim sendo nesta ultima viagem chegado a Malé, veio offerecer a el-rei o seu prestimo, dizendo que era mui bom bombardeiro, ainda que disso não entendia cousa alguma. Ao principio foi bem acceito, mas quando se vio que elle era mentiroso, deixaram de fazer caso delle. Nessa conjunctura tendo caido enfermo, pedio-me que sollicitasse del-rei licença para elle se ir embora, o que eu tratei por intermedio daquelle senhor, em cuja casa eu fora alojado, que lhe alcançou a licença a grande custo. Dizia o tal Judeu que era casado em Guzerate, onde tinha um filho, o que em parte lhe valeo para obter a licença. Depois disto dilatou-se ainda tres ou quatro mezes a comer esse pouco que lhe restava, e depois embarcou-se com o mais rico mercador mouro de Cananor no Malabar, que era alli a maior pessoa abaixo do rei Ali Radia. Este mercador tinha uma mulher nas ilhas de Maldiva, e nellas fazia grande trafico, não havendo Atollon onde elle não tivesse feitores, ou fazendas de fóra, e tinha sempre navios ou barcos nestas ilhas. Chamava-se *Poccaca*; e com elle se foi este Judeu a Cananor.

Em quanto áquelle joven capitão, de que já fallei, direi a desaventura que lhe aconteceo a elle, e á gente do seu navio. Deteve-se nestas ilhas uns seis mezes, durante o qual tempo fizeram ahi o seu commercio, posto que fos-

se contra sua tenção, mas viam-se a isso forçados pela necessidade que tinham de certas cousas produsidas nestas ilhas, recebendo em troco de sua fazenda côcos, e cordas de fios de côco, a que chamam *Cairo*. Mas a mercadorias com que mais folgavam era o *cambe*, ou concha de tartaruga, que nestas ilhas se cria. As melhores são as maiores e mais grossas, e destas o *Gaut*, ou quarta de arratel vale bem um larim. Mas como é cousa muito procurada para fóra, a gente da terra a não quer dar senão a troco de ouro ou prata; com quanto as outras cousas as troquem por mercadorias. A mim vendiam-me os do navio a libra de pimenta até dous soldos, e quatro libras de seda branca por um escudo, e a gente da terra a comprava por maior preço, porque todos os estrangeiros, que alli chegavam, ficavam meus grandes amigos, e me faziam presentes para que eu os ajudasse a vender a sua fazenda, e tinham interprete na lingua portugueza, e eu lhes servia como de feitor. Muitas vezes chegaram a entregar-me mais de 200 escudos de fazenda fiada, e sempre me davam a quarta parte do lucro da que eu lhe fazia vender, de maneira que eu ganhava muito com elles. Aquelle joven capitão era de todos o que me tinha mais affeição, e se fiava mais de mim, o que me deu tanta mais pena da desaventura, que depois lhe aconteceo; porque grande numero dos principaes e mais ricos mercadores do seu navio morreram, e é costume, como já disse, que el-rei herda dos estrangeiros, que alli morrem. Ora el-rei havia tolhido a este capitão e mercadores que fossem á ilha onde estava o seu navio, e havia tomado delles muita fazenda fiada, porque nunca pagava senão quando estavam prestes a partir, afim de por este meio estorvar que se fossem quando bem quizessem, ou que emprehendessem alguma cousa contra seus estados. Dest'arte todo o meio de partir lhe é vedado, tanto mais que logo que um navio chega, o *Mirvaire*, ou quadrilheiro do almirante faz levar sem dilação o leme ao palacio del-rei, donde não pode ser tirado sem licença do dito almirante.

Certo dia pois mandou el-rei chamar este capitão para saber delle por meio de palavras brandas e fagueiras a carga do seu navio, com distincção das fazendas, e nomes das pessoas a quem ellas pertenciam. Ao que elle satisfez de boa fé, porque para Mouro era o melhor homem, que tenho visto, e lhe mostrou o registo de tudo. O que sendo tudo visto por el-rei, lhe disse então que elle era herdeiro de todos os que eram mortos, no que elle capitão não ficava prejudicado em cousa alguma, e seria pago de todas as despesas, e do seu frete. Sendo assim concertados, e que el-rei enviaria ao navio pessoas para trazerem aquella fazenda, que era muita, foi esta diligencia commettida áquelle senhor, em cuja casa eu estivera tanto tempo, porque era de quem el-rei se fiava mais. Levou comsigo embarcados quarenta ou cincoenta homens, assim soldados como marinheiros, e afóra estes foi mais gente do que elle pensava, porque todos os mercadores do navio acompanharam a este senhor, e junto a el-rei ficaram em refens somente o capitão, dous dos mais grossos mercadores, e o piloto, que era um homem mui gentil. Quando todos foram chegados á illa onde o navio estava surto, por ser já tarde a gente das illas se foi para terra, e os mercadores a seu navio, esperando pelo dia seguinte para tratar do a que vinham; mas estes de noute tomaram conselho de antes morrerem todos, que deixarem levar assim a fazenda do nãvio, e assentaram entre si que para rehaver os seus refens era mister segurar em seu poder este grande senhor, que el-rei tanto amava; e de feito elle o não deixára por todos os bens do mundo.

Chegada a manhã, e tendo aquelle senhor saido a passear á praia com dous companheiros somente, e mui descuidado do que podia acontecer, a gente do navio o veio prender, e o levou á força ao batel, onde tinham muitas armas de fogo; e retendo-o assim prisioneiro, mandaram dizer a el-rei que se elle lhe enviasse os seus refens, lhe deixariam livre aquelle dito senhor com os da sua comi-

tiva. Chegada a Malé esta nova, foi a cousa mais piedosa do mundo ouvir os clamores de toda a gente, porque não houve pessoa que não ficasse desolada, ou que ao menos se não mostrasse tal em apparencia por amor del-rei. Eu por minha parte o estava bem deveras, porque aquelle senhor era o melhor amigo, que eu tinha em toda aquella terra. Era por volta da meia noute quando estas novas chegaram, e logo todos se ergueram tanto á pressa, e com tão grande torvação, como se o proprio rei houvera sido o prisioneiro. A lastima era de outra parte que aquelle capitão, e todos os que com elle ficaram, foram logo amarrados e presos em ferros; o que me fazia grande dôr de coração, porque elle era tambem mui meu amigo, de sorte que eu não sabia qual dos dous devia prantear mais. Todos tinham dó deste capitão, mas ninguem ousava abrir a bocca em seu favor, porque el-rei estava entregue á maior colera que nunca teve, pelo receio de que lhe levassem aquelle senhor; de sorte que sem detença fez armar e pôr prestes tres galés para irem apoz elle; mas quando elle mandára vinte, nada fariam, porque o navio deu á vela para seguir sua viagem. O que vendo o sobrinho del-rei que capitaneava estas galés, mandou logo um batel para propôr algum concerto, e a restituição dos presos de parte a parte; o que foi feito, e assim cessou a discordia.

Entretanto aquelles pobres Hollandezes, que haviam sido espectadores de todo este reboliço, estavam em grande aperto sobre o que haviam de fazer; e como os do navio lhe perguntassem se elles queriam tornar a elle com sua fazenda, responderam que não, que com homens tão desleaes não queriam mais negocio, e que preferiam ir com o capitão Turco, como foram; mas um destes Hollandezes morreo no caminho. O navio grande foi tão mal succedido que estando perto da costa da Arabia soçobrou, e se perdeo com tudo o que ia dentro, como ouvimos um anno depois. A maior parte da gente destas ilhas teve grande ganancia nestas discordias, e eu em primeiro logar, por-

que devia ainda passante de trinta escudos de ajuste de contas áquelle capitão e mercadores, que me ficaram na mão; e o motivo porque os não entreguei aos soldados, a quem taes dividas pertencem, e não a el-rei, foi que as maiores pessoas destas ilhas deviam tambem grandes quantias, e ninguem ousava pedir-lhas. Muitas vezes chegaram a mim mais de duzentos soldados para haverem aquelle dinheiro, porque elles tinham um rol de todos os que deviam aos do navio, mas eu affirmava resolutamente que nada devia, e que havia pago tudo o que tomára. Afinal mandaram fallar a el-rei neste negocio, porque ninguem lhe falla por si, mas por interposta pessoa, se o elle não ordena, e não enceta elle mesmo a pratica; mas el-rei respondeo que o que eu devia seguro estava; mas não assim o que deviam taes e taes pessoas, que nomeou, e eram das principaes, como disse; que elles se fizessem pagar dellas do modo que podessem; que quanto a mim, eu lho pagaria depois. Com isto rematou toda a pendencia, porque elles não ousaram abrir a bocca a respeito dos outros senhores, que eram devedores; e depois nunca mais ouvi fallar em tal cousa.

Em quanto áquelle senhor, que fora preso no navio, é de saber que morreo um anno depois de ser libertado; e nunca vi chorar el-rei tanto como nesta occasião. Não se afastou do lado delle um só instante no espaço de quasi tres dias que lhe assistio; mandou-o sepultar com as mesmas cerimonias como se fora seu proprio irmão ou filho; e sempre amou tres filhos, que elle deixou, e os conservou junto a si com cargos de sua casa, que lhe conferio. Ora é costume desta terra que quando morrem estas pessoas, que são como os mordomos-móres da casa del-rei, este lhe pede contas, e lhe toma todos os seus bens, dando á mulher e aos filhos o que lhe apraz. Donde dous dias depois da morte deste senhor, a sua viuva e quatro filhos, tres varões e uma femea, se foram ao paço com todas as suas contas e papeis, e grande numero de servidores carregados de ouro e prata, e de toda a sorte de riquezas, segundo o

costume daquelles que tem meneado negocios del-rei; mas elle pegou nas contas e rasgou-as sem as querer ver, nem tomar nada do que lhe levavam, dizendo em alto som que elle lhes dava tudo, e que o servissem tão fielmente como o fizera seu pai. Um dos filhos logo que seu pai morreo, veio esconder em minha casa o valor de mais de quinhentos escudos, o que ninguem mais soube senão elle e eu. Este moço me dizia todos os seus segredos. A rainha principal o amava muito, e de tal sorte que el-rei o prohibio de vir ao paço; mas elle não deixou de o fazer, mas tão secretamente que ninguem teve noticia disso.

Tornando aos dous Hollandezes, que eram vindos naquelle navio grande, de que tanto tenho fallado, elles me deram novas de França e do que era succedido nos cinco annos que haviam decorrido depois da minha partida. Entre outras me deram a do feliz nascimento de *Monseigneur* o Delphim, ora rei (a), do que meus companheiros e eu recebemos grande contentamento. Tambem referiram a morte da rainha de Inglaterra (b), e a do Marechal de Biron (c). Disseram-me outrosim o que era feito da nossa capitania o Crescente, e como o nosso capitão-mór o senhor de la Bardeliere estando em Sumatra no Achem fora envenenado pelos Portuguezes, e como sentindo que se finava, se embarcou apressadamente, e deu á vela, de medo que o rei do Achem segundo o costume de todos estes paizes orientaes, lhe não tomasse para si o seu navio, se elle alli morrera. Mas elle morreo antes de dobrar o Cabo da Boa Esperança (d).

O navio ainda não estava meio carregado, e navegou até a altura do Cabo de *Finis terrae*, onde chegou com quasi toda a gente morta, e o resto tão enferma que se não podia mecher. Alem disso estava o navio tão aberto, e tão alque-

(a) Luiz XIII.
(b) Isabel.
(c) Degollado na Bastilha a 31 de Julho de 1602.
(d) Veja-se na pag. 236.

brado, que fazia agua por toda a parte e se ía ao fundo; mas por boa ventura encontraram allî dous navios Hollandezes, que salvaram a fazenda, e o resto da gente, que tudo levaram a Inglaterra, e houveram o terço do que fora salvo por sua diligencia. Os do Crescente haviam tomado a soldo dez Indios no Achem, para os ajudarem na torna-viagem, mas a maior parte delles morreo na ida e volta. Os que escaparam foram pagos, e reenviados pelos Hollandezes. Houve tambem um Indio que veio a Hollanda, e ahi se demorou tres annos, onde aprendeo a fallar flamengo, e um pouco francez, porque o amo, com quem esteve em Hollanda, era Francez; e quando regressou á India, contava a todos aquelles reis indianos as maravilhas da grandeza e magnificencia da Hollanda; mas dizia tambem a grande estimação e conta em que os Hollandezes tinham o reino de França.

CAPITULO XXI.

De um navio portuguez tomado, e perdido; de um embaixador do rei christão das ilhas de Maldiva; de um navio do Achem; do natural dos Malaios; da confissão dos Maldivas; de uma estranha ilha descoberta; e de outros acontecimentos.

Em tempo que eu estava nas ilhas de Maldiva, os Hollandezes havendo apanhado aos Portuguezes um mui lindo e muito bom navio, levaram-no ao Achem com sua carga, e ahi tendo-o descarregado e mettido a fazenda em seu armazem para a venderem, acharam por acaso um mestre de navio com sessenta marinheiros, os quaes haviam perdido

o seu navio na costa de Sumatra, e eram de Guzerate e Cambaia. Os Hollandezes lhe perguntaram se elles os queriam servir com fidelidade, e havendo elles respondido que sim, e dado assaz segura abonação na cidade do Achem, os Hollandezes lhe deram este navio portuguez bem negociado de vitualhas, e provido de todo o necessario, sob condição de levarem um de seus feitores com fazenda a Cambaia, e que depois disso o mestre faria do navio o que bem quizesse como cousa sua. O mestre e a sua gente cheios de contentamento por este encontro acceitaram gostosos a proposição, e os Hollandezes carregaram o navio de fazenda no valor de mais de sessenta mil escudos, como roupas, marfim, chumbo, ferro, aço, enxofre, prata, pedraria, e outras cousas preciosas. O navio deu á vela caminho de Cambaia, mas não quiz passar pelas ilhas de Maldiva sem pagar o mesmo tributo que nós; porque em certa noute bateo n'um banco nestas ilhas, e deu á costa, salvando-se a fazenda, como já acontecera ao nosso. Eu vi este feitor Hollandez, chamado Martim Dombe, natural de Zelandia, o qual era homem de boa presença, e muito experto. Deteve-se quasi dous mezes na ilha de Malé com o mestre e um marinheiro; depois el-rei lhes deu um barco para se irem embora. O mestre era mouro, assaz conhecido nestas ilhas; e rogou a el-rei que fizesse bom agazalho a este feitor, o que elle fez. Ao depois vi este Martim Dombe em Cochim, como em seu logar direi.

E impossivel representar a crueza e tyrannia, que este rei praticou com o contra-mestre deste navio, homem de quasi trinta e cinco annos, e com um seu filho de doze ou treze annos, e outros dous homens seus companheiros, por serem accusados de haverem tomado e escondido o thesouro do navio, a saber, o ouro, prata, e pedraria. Teve-os presos perto de um mez, mandando-lhes todos os dias dar pancadas e açoutes sendo atados e amarrados pela cabeça, sem lhes dar cousa alguma de comer, e comendo elles apenas o que se lhe podia introduzir

em segredo, e bem escassamente; mas tambem direi que nunca vi tal constancia e intrepidez como a sua, porque nunca foi possivel fazer-lhes confessar cousa alguma, de sorte que não houve remedio senão soltal-os quando se vio que elle não morriam. E nunca houve cousa que mais espanto me causasse do que não haver morrido esta gente mil vezes com o máo tratamento, que lhe deram. Não tinham mais que a pelle e o osso quando sairam da prisão, mas o que eu mais admirava era a resolução do rapaz em soffrer tudo isto com tanta paciencia. Quando pois o rei vio que não podia tirar delles outra cousa, mandou-os curar e tratar, e lhes deu algum dinheiro para se irem embora. Mas a verdade é que elles haviam escondido o dinheiro, que se suspeitava.

Um anno pouco mais ou menos antes que nós saissemos das ilhas de Maldiva, veio ao rei dellas um embaixador da parte do rei christão das mesmas ilhas, que estava em Goa, e de que atraz fallei. Este embaixador era Portuguez, e me disse que havia estado na Rochella em França. Era homem de cincoenta annos pouco mais ou menos, e chamava-se André de Gouvea. Procedia de mui boa linhagem, e vinha acompanhado de alguns outros Portuguezes, e indios christãos. O motivo de sua vinda era a contenda, que havia entre este rei christão e um seu tio chamado Dom Paulo, que morava em Cochim, e que queria lhe tocasse parte do tributo, que se pagava ao dito rei christão das ilhas, sobre o que corria demanda perante a Relação de Goa havia largo tempo, durante o qual este Dom Paulo havia recebido á força o tributo; porque a gente das ilhas de Maldiva na forma do tratado de paz não o devia levar a outra parte senão a Cochim, onde o dito Dom Paulo estava. Sobre este particular tendo a Relação de Goa ordenado que o rei christão Dom Phelippe houvesse uma certidão do rei, que governava nas ilhas, e de todos os principaes da terra, em como elles reconheciam por seu rei, e por tal tinham ao dito Dom Phelippe, este por esse respeito enviou esta embai-

xada com quantidade de presentes. Mas o rei mouro das ilhas não fez grande caso da embaixada, e o embaixador esteve alli mais de dous mezes sem ser admittido a audiencia; tão soberbo e vão era este rei nas cousas, em que não sentia proveito; e tão bem sabia fazer-se rogar quando delle havia alguma dependencia. Em somma passaram-se mais de quatro mezes antes que este embaixador fosse despachado, mas em fim obteve o que pretendia com quantidade de presentes de cousas raras, que o rei mouro lhe deu para seu amo e para elle.

Por este mesmo tempo perdeo-se alli um navio pertencente ao rei do Achem, o qual não vinha dirigido a estas ilhas, mas a Masulipatão ou Bengala; e comtudo as calmas e correntes o impelliram para alli á força. O rei ficou com toda a sua fazenda, que na forma do costume lhe pertence. O capitão salvou muito ouro, prata, e pedraria, e foi bem tratado do rei, que lhe deu um barco bem provido de viveres para se ir embora. Mas direi o que aconteceo a um destes Malaios (assim se chamam os da Sonda, e das partes de Malaca), porque tendo salvado uma boa porção de riquezas, o capitão e alguns dos officiaes do navio queriam-nas repartir com os outros a seu arbitrio; mas tres d'entre elles tomaram a resolução ou de haver a sua parte que direitamente lhe pertencesse, ou antes perder a vida; de sorte que um dia espreitaram como o capitão fôra a passear só para logar escuso, e o accommetteram, e o matariam, ou o despojariam da bolça, se não acudira a gente da terra, com o que foi salvo. Elle era bravo e intrepido, e sabendo o genio natural destes Malaios, que são irreconciliaveis, e que se não desdizem nunca do que uma vez tem resoluto, e que não fazem mais caso da vida de um homem que da de um frango, deliberou de os prevenir, e acompanhado de alguns dos seus, foi-se a encontrar estes tres homens com as armas na mão, quando elles saiam de seu templo ou mesquita, e os accommetteo tão resolutamente, que derrubou morto o que era mais esforçado d'entre elles, e auctor

da briga, e aos outros dous ferio, sendo salvos pela gente da ilha. Elles defenderam-se bem, e o que foi morto recebeo muitas feridas, porque são gente cruel e vingativa. Desaprouve isto muito a el-rei, e determinou ao Pandiare que os apasiguasse, o que elle fez, e tendo chamado ante si o capitão e os dous que haviam escapado, averiguando como tudo era passado, achou-se que o morto o fora bem e justamente, por haver querido matar a seu capitão; mas não poude fazer as pazes entre os outros dous e o mesmo capitão senão a muito custo, porque este não queria de forma alguma perdoar-lhes, e o não fizera sem a expressa determinação del-rei. Sendo finalmente feitas as pazes, o Pandiare mandou áquelles dous homens que fossem beijar os pés ao capitão, e pedir-lhe perdão, o que elles fizeram mui voluntariamente. Tambem lhe mandou fazer uma especie de confissão em arabigo em alta voz, como segundo sua lei são obrigados a fazer todos os que tem commettido alguma culpa; porque aliás os criminosos, ou condemnados por justiça não ousariam tratar nem communicar com os outros sem haverem primeiramente feito confissão de sua culpa perante o Pandiare, ou perante aquelles que por elle são deputados, como os Naibas, e não outros; e cumpre que por estes taes sejam absoltos. O Pandiare mandou ao capitão fazer outro tanto, porque havia matado aquelle homem; e ao depois foram bons amigos; e com tudo os outros dous não quizeram mais embarcar com o capitão quando elle se foi, dizendo que elle os lançaria ao mar, pois não ha que fiar nesta gente apesar de qualquer reconciliação; de sorte que elles preferiram esperar outro navio das ilhas para se irem ao Achem. Quando aquelle capitão se foi, o rei destas ilhas escreveo ao de Achem, e lhe enviou presentes, porque eram bons amigos, e muitas vezes se enviavam cartas e presentes um ao outro. Em quanto porem ao navio, que deu á costa, é costume geral entre elles pertencer tudo áquelle rei, em cuja terra se perde o navio; e dar-se-ia por aggravado aquelle, a quem

se fizesse restituição da fazenda do seu navio perdido.

Algum tempo depois el-rei enviou por duas vezes um piloto mui experimentado ao descobrimento de certa ilha chamada *Polluoys*, que para elles é ainda quasi incognita, e só dizem que antigamente uma sua barca ahi aportou casualmente, como em suas historias se contém, mas que foram forçados a sair della por causa dos grandes tormentos, que lhe fizeram os diabos, que elles dizem que são senhores da dita ilha, e que causam as grandes, horriveis, e continuadas tempestades, que ha naquelle mar, e impedem os navios de poder surgir alli. Tambem dizem que o diabo os atormentava lá visivelmente; e em quanto á ilha, que ella é fertil em toda a sorte de fructos, e são mesmo de opinião que aquelles grandes côcos medicinaes, que tão caros são, se dão naquella ilha; posto que alguns pensem que vem do fundo do mar. Não ouvi dizer se na tal ilha ha betle ou não. Está em altura de dez gráos da linha, e quasi cento e vinte legoas das ilhas de Maldiva, cujos reis tem alli mandado muitas vezes navios a seu descobrimento; mas quando a buscam de proposito ainda a não tem podido achar; e quando a ella tem aportado é por acaso. Se o piloto, que agora foi mandado a este descobrimento a houvera achado, sua tenção era de tentar povoal-a. Levava comsigo feiticeiros e magicos para fazerem concerto e pacto com o diabo, porque elles não sabem esconjural-o, mas rogam-lhe que faça esta ou aquella cousa, prometendo-lhe banquetes, e outras offertas.

Este piloto porem não poude encontrar a ilha que buscava, nem tão pouco poude retroceder pelo caminho das ilhas de Maldiva, e em tal caso o mais que se pode fazer é tomar o Achem, ou Ceilão, ou o cabo Comorim. Ambas as duas vezes que o tal piloto tentou esta jornada, morreo-lhe a maior parte da gente; mas elle dizia que tanto faria que a descobriria, ou morreria sobre isso. O motivo de acharem sempre temporaes nesta navegação, é fazerem-na no inverno, quando reinam os ventos e correntes de oeste;

porque se reinassem as de leste, e fosse caso que não achassem a ilha, attenta a incertesa de seu descobrimento, seriam impellidos para a costa de Ethiopia, e pereceriam. Este piloto tinha grande desejo de me levar comsigo nesta viagem, e eu não tinha menos de ir com elle: mas el-rei o não consentio, persuadido que se eu uma vez fosse á costa de terra firme, não voltaria mais ás ilhas.

Durante a minha estada nellas vi chegar um grande navio de Bengala carregado de fazenda daquella terra, e que vinha a estas ilhas somente para carregar dos belys ou busios, de que tanto tenho fallado. O capitão deste navio morreo, e el-rei herdou tudo. E pouco depois sendo morto outro capitão de Guzerate, o rei arrecadou tambem a fazenda do navio. Donde se pode ver quanta ganancia e rendimento recebia el-rei destes casos fortuitos.

Houve tambem um rei de Ceilão, que desejando fazer um presente ao rei de Cochim, mandou negociar uma galé, e carregal-a da mais exellente canella, e areca; e sendo partida as calmas e as correntes a impelliram ás ilhas de Maldiva, e ahi encontrou um canal onde a corrente não era tão rapida que a podesse levar á outra banda d'alem das ilhas. Com tudo como a gente do navio o não podesse fazer arribar, a gente das ilhas se foi a elle em barcos, e á força de cabos, ancoras, e remos tanto fizeram que o salvaram, e o fizeram surgir. Como porem os do navio contavam ir sempre terra a terra, e ferrar o desejado porto de um para outro dia, não tomaram comsigo muitos viveres; mas tendo-se demorado largo tempo no mar antes de arribar a estas ilhas, estavam tão fracos e tão quebrantados de sede e fome que já nada podiam, nem tinham outra cousa senão canella e areca. E se não houveram arribado a estas ilhas, não teriam terra mais proxima que as costas da Arabia ou de Melinde, que são a novecentas legoas de distancia; e assim teriam todos perecido.

A ilha onde surgiram chama-se *Itadú*, e jaz ao sul da ilha de Malé, da qual dista quasi cincoenta legoas no Atol-

lon *Adumatis*. A fazenda que o navio trazia era mui estimada nestas ilhas, e principalmente a areca o era mais que a canella; porque elles não podem passar sem a areca, como a nós nos acontece com o pão e vinho. A gente do navio teve de vender alguma da fazenda que trazia para ter de comer. Mas o costume destas ilhas é que ninguem ousa commerciar com os estrangeiros sem permissão del-rei (e comtudo não deixam de o fazer secretamente ; mas quando o caso é sabido, paga-se mulcta, e toda a fazenda fica confiscada); e só é licito faze-lo com fructas, ou cousas de comer e beber. Os estrangeiros devem commutar a sua fazenda sem lhe pôr preço, porque é o rei e os anciões, que a taxam ; e isto se entende da fazenda que vem extraordinariamente, porque não guardam este estilo com a que acode ordinariamente, e é trazida pelos Malabares, os quaes pela maior parte vem acompanhados de suas mulheres, filhos, e servidores ; e o trato de suas fazendas corre a par das da terra, e tem a mesma policia, e a mesma regra dos naturaes.

Ora o capitão Chingalá deste navio de Ceilão não trazia dinheiro algum, esperando achar em Cochim todas as cousas necessarias, e gente conhecida ; e assim como não tivesse dinheiro para comprar viveres, mandou offerecer a el-rei que lhe tomasse alguma fazenda para haver mantimentos, e se negociar para a partida. Mas este rei prevendo bem que toda aquella fazenda lhe ficaria nas mãos, não lhe deu despacho adequado, e somente o mandava bastecer dos mantimentos necessarios para cada dia. Tratou-se pois de descarregar esta fazenda, e de varar a galé para a espalmar ; mas estes insulares, que são máos por natureza, e só desejam a ruina dos pobres estrangeiros, depois que foram reunidos de todos os logares circumvisinhos, e bem pagos para varar a dita galé, bateram com ella maliciosamente n'um banco de areia, onde se partio, de sorte que o coitado do capitão e a sua gente ficaram sem navio, e obrigados a deter-se alli por algum tempo, donde veio enferma-

rem, e morrerem quasi todos, entrando o capitão; de maneira que el-rei foi herdeiro de toda esta canella, a que chamam *Poniembús Thory*, e a areca *Puá*. Se o rei de Cochim lhe houvera escripto, o das ilhas lhe teria tudo restituido. Sua tenção depois era enviar esta fazenda a Arabia, e até quando elle foi morto estava um grande navio todo carregado para lá ir; mas este foi tomado com tudo o mais, como abaixo direi.

Pouco tempo depois chegou outro navio de Masulipatão carregado de arroz, pannos brancos, oleos, e outras fazendas proprias para estas ilhas. O capitão, homem de sessenta annos, tinha os cabellos brancos como algodão, e compridos como de mulher. O seu navio estava surto a trinta legoas da ilha de Malé para o sul, e vinha para carregar de peixe, que havia de levar ao Achem. Este capitão se havia feito meu mui grande amigo, mas morreo em Malé, e logo el-rei mandou buscar o seu navio; o qual quando o traziam deu á costa de noute em um banco, e tudo se perdeo.

Houve tambem um grande navio de Cambaia, que enganou bem ao rei, e o caso passou assim. O capitão, tendo aportado a uma ilha para o norte a quarenta legoas de Malé, mandou ante el-rei quatro dos seus principaes para o saudarem com presentes. Sua tenção não era deter-se alli; mas somente haver alguma enxarcia, mantimentos, e outras cousas necessarias; comtudo fingia querer fazer alli sua commutação, do que o rei era mui contente, e já esperava ter boa parte da fazenda, de tal sorte que não queria que aquelles quatro se tornassem ao navio, e lhe disse que escrevessem a seu capitão para vir a Malé com o seu navio. Mas elles, sabendo que o desenho de seu capitão era ir-se embora; e temendo que o rei os deixasse alli em refens, tanto fizeram com elle que lhes deu licença de voltarem ao navio, sobre a promessa de o trazerem alli, e para esse fim lhe deu um bom numero de soldados. Mas elles quando se acharam dentro do navio, despediram sem

cerimonia os soldados ás bombarbadas, espingardadas, e fréchadas; de que el-rei ficou mui agastado, e se tornou contra alguns estrangeiros, moradores na dita ilha, e contra a gente natural della, como quem havia dissuadido aquelles mercadores de ir a Malé, e fazer ahi o seu commercio; pois todo o desejo delle era chamar os navios á sua ilha, porque estando longe não podia tanto á sua vontade have-los a seu poder.

Seria impossivel dar conta por miudo de todos os navios que foram áquellas ilhas, durante o tempo, que nellas estive. Só quiz fazer menção daquelles a que aconteceo alguma desaventura, ou caso notavel, e fazer ver como toda a tenção del-rei e de seus vassallos não era outra senão arranjar-lhe algum desastre, ou algum inconveniente, porquanto elle dava certa porção do recheio dos navios, que se perdiam, a toda a gente de seus estados, e em especial aos homens d'armas. Mas não entravam nesta conta os navios, cujos capitães morriam, porque destes só el-rei se aproveitava.

CAPITULO XXII.

De diversos castigos dados por adulterios, lascivia, e outros peccados; da propensão das mulheres indianas para o amor; do grande Pandiare; e da estranha resolução de um mulato.

Fallarei agora de diversas cousas, que em meu tempo aconteceram a pessoas particulares, moradoras nestas ilhas. Entre outras direi o que succedeo a um gentio natural de Cochim, homem de grande riqueza e apparato. Oito annos

continuos havia que elle ía e vinha a estas ilhas, onde sempre conservava pousada, e feitores, com outros servidores domesticos. Fallava mui bem a lingua da terra; e finalmente era alli naturalisado. Um dia foi surprendido em companhia de uma mulher destas ilhas, com a qual havia seis mezes que travára relações, e era ella uma pobre creada de servir. Sendo assim surprendido, foi levado com ella pelos officiaes de justiça ante o grande Pandiare, ao qual elle disse que lhe não fizessem mal, e que elle desejava professar a sua lei, e se casaria com esta mulher; o que fez; e parece que de muito tempo elle andava já desejoso de professar a lei de Mafoma, porque devia muito dinheiro em Cochim, onde quebrou. Pelo seu casamento fez aquella mulher grande senhora, porque alli os estrangeiros, assim homens como mulheres, podem usar tudo quanto querem. A elle sobre sua promessa lhe deram a liberdade, mas em quanto a ella foi feita justiça na forma do costume, sendo-lhe rapados todos os cabellos, e depois banhada em oleo rançoso e fedorento, a cabeça envolta n'um sacco velho feito de vela de navio, e finalmente acoutada em todas as esquinas, e ao redor de toda a ilha. E' este o modo de castigar todos aquelles e aquellas que são apanhados em adulterio, e em lascivia. Mas lá, como cá, o dinheiro faz tudo, e livra de tudo. Este homem, como abraçou a sua religião, foi levado pelas ruas e ao redor da ilha em triumpho acompanhado dos maiores senhores, e de toda a sorte de pessoas, e de todas as qualidades; e deram-lhe quantidade de dinheiro e vestidos, pondo-lhe outro nome; porque lá os nomes são postos á vontade, e por quem quer, ou seja pai, ou mãi, parentes, ou outra qualquer pessoa que primeiro se acerta; e igualmente o nome se põe em qualquer occasião, sem ser mister a do nascimento, ou circumcisão; de sorte que segundo entendo elles poem lá os nomes á gente, como nós cá os pomos aos cães, e aos cavallos; porque o primeiro que lhes é posto por quem quer que seja, esse lhe fica. O rei deu

tambem dignidades a este novo converso, e o constituio por dispenseiro e repartidor de todo o arroz, e outras provisões, e mercadorias, de que el-rei fazia commercio. E' este um mui honrado cargo, e tem outros officiaes, que lhe são sugeitos.

Fallando do Pandiare, que áquelle tempo servia, era elle um Xerife da Arabia, que é gente mui honrada entre elles, e da mais nobre, por proceder da raça de Mafoma. Era mui bom homem, e extremamente amado del-rei. Era tambem muito inclinado aos estrangeiros, e arguia el-rei entre outras cousas pelo máo tratamento, que nos havia feito, visto que nós eramos amigos da sua nação, e inimigos dos Portuguezes; e que os reis do Achem, da Java, e outros faziam mui bom agazalho a todas as nações destas nossas partes, como Francezes, Inglezes, e Hollandezes, segundo elle observára nas partes donde vinha. Sobre o que el-rei lhe respondeo que bem lhe pesava de assim o fazer, mas que isso não procedia delle, e sim dos senhores e anciões da ilha. Este Pandiare regressava do Achem a Arabia, e havia sido mui bem agazalhado no Achem e brindado com muitas riquezas, que comsigo levava, quando ao passar por estas ilhas, el-rei travou com elle conhecimento, e tanto lhe pedio que alli ficasse, que finalmente elle se rendeo. Era tão familiar com el-rei, que este o fazia comer comsigo, cousa que a mais ninguem era concedida.

Vi uma vez a este Pandiare fazer uma justiça exemplar n'um grande numero de mulheres, que não eram menos de vinte e cinco ou trinta, e pertenciam á primeira nobreza da terra, as quaes eram accusadas de um peccado, a que na sua lingua chamam *Puy tallan*, e é cousa tão monstruosa, nauseante, e torpe, que honestamente se não pode nomear. E verdadeiramente todas as mulheres da India são por sua natureza mui inclinadas a toda a sorte de sensualidade e lascivia; mas as de Maldiva em particular são tão inficionadas deste vicio, que não tem outras praticas, nem outra occupação; e fazem gala, e passa entre ellas por virtude te-

rem algum guapo e requebrado amante, a quem concedem todos os favores, e dão todas as provas de amor, que elles podem desejar. Entre outras nunca lhe deixam acabar o provimento do betle preparado de algum modo exquisito e extraordinario com cabecinhas de cravo, ou com uma certa sementinha preta, a mais calida, odorifera, saborosa, e doce que é possivel. Os homens da sua parte vão colher flores para ellas, e as dispoem mui bem em ramalhete, enviando-lhas por galanteria. Ha certas flores brancas mui cheirosas, sobre as quaes se pode escrever e gravar tudo o que se quer com a ponta de uma faca, e alli escrevem elles tres até quatro versos sobre o assumpto de seus amores. Dinheiro e outras cousas de valor poucas vezes as dão entre si, e se as dão, mais depressa a dadiva é das mulheres que dos homens, os quaes todavia da sua parte são mui galantes e cortesãos com as damas.

E procurando descobrir as rasões porque estas mulheres são de uma compleixão tão calida e amorosa, muitas se podem allegar, mas as principaes me parecem ser o estarem sempre ociosas e não fazerem outra cousa senão estar sempre deitadas, e fazer-se balançar por mimo. Alem disso mascam continuadamente betle, que é uma erva mui calida, não fallando em que em seu comer ordinario ellas usam de tantas especiarias, que ás vezes mal podia eu metter um pedaço na bocca; e tambem lhe lançam alhos, cebollas, e outras semelhantes cousas calidas. Sobre tudo isto o clima, que jaz directamente debaixo da linha, contribue muito para isso; e é o que por outra parte faz os homens mais froxos e faltos de forças; e não obstante isso tem pela maior parte duas e tres mulheres, já se sabe os que tem com que as sustentar. São tambem tão preguiçosos e ociosos como o são as mulheres, e não fazem outro exercicio senão estar deitados junto dellas sem tratar de outro mester.

Mas tornando á justiça que foi feita naquellas mulheres, houve primeiramente duas, que foram colhidas em flagrante, uma das quaes era casada com um official principal

da casa del-rei, que muito o amava. Ora sua lei e costume dispõe que quando um official del-rei, ou outra pessoa de sua obrigação, tem delinquido em alguma cousa, antes de se fazer nelle justiça, o grande Pandiare manda advertir el-rei para saber se elle ha por bem que se proceda a ella na forma ordinaria; cousa que o rei nunca nega. Tendo pois o grande Pandiare mandado avisar el-rei do caso destas duas mulheres, o rei lhe deu em resposta que justiça fosse feita não somente nestas duas, mas em muitas outras ainda, de que elle ouvia fallar havia muito tempo como incursas no mesmo vicio; e que elle queria que disso se fizesse uma exacta averiguação; para a qual diligencia enviou o marido de uma dessas mulheres com dous dos mais proximos parentes de sua pessoa para assistirem á essa averiguação e justiça; e lhes encommendou mui expressamente que dissessem ao Pandiare que não faltasse a cumprir tudo quanto elle lhe havia dito, e que se ficasse alguma sem castigo, elle rei tomaria o caso á sua conta; de sorte que toda a gente se congregou sem detença de todos os sitios da ilha, e acudiram até os maiores senhores, a maior parte dos quaes vio fazer justiça em suas proprias mulheres. Durante esta execução el-rei mandou fechar todas as portas de seu palacio, para que ninguem podesse ír a elle a pedir-lhe graça para sua mulher; e assim foi feita justiça igual. Estas pobres coitadas accusavam-se todas umas ás outras; e mesmo os homens, que as conheciam, ou que sabiam dellas por ouvir dizer, as delatavam, e nomeavam em voz alta de quem ellas eram mulheres. Assim houve umas trinta destas mulheres que foram punidas publicamente, sendo-lhe primeiramente cortados os cabellos o que entre elles é grande infamia, e depois foram açoutadas com as taes correas largas e cosidas, de sorte que duas ou tres vieram a morrer deste castigo. Depois disto deu-se-lhe a absolvição de tudo, com ameaça que se reincidissem seriam afogadas no mar. Mas depois vi algumas dellas que havendo sido apanhadas em reincidencia, não foram todavia

afogadas, mas somente açoutadas com aquellas correas, a que chamam *Gleau*. Em quanto a outros peccados nefandos e de ruim qualidade são elles ahi mui communs, e com quanto o livro de sua lei os condemne com pena de morte, com tudo a não observam; e não ha logar no mundo onde taes enormidades sejam mais communs e menos punidas; no que se pode conhecer a maldição e ira de Deos sobre estes miseraveis, que a falsidade e injustiça de sua lei faz cair no precipicio destes vicios horriveis.

Nesse mesmo tempo vi fazer justiça em um moço de idade de desasete annos, que era filho de um cafre da Ethiopia e de uma mulher destas ilhas, a que chamam Mulato. Era o mais resoluto e mais destemido homem que tenho visto, porque elle só tinha o atrevimento de accommetter seis ou sete homens. Fez-se tão máo, que elle e outro companheiro se iam por aquellas ilhas em um barco a roubar tudo o que podiam batendo cruelmente naquella pobre gente. Mas em fim foi apanhado, e teve sentença de mão cortada. Quando executavam nelle esta pena nunca vi que mudasse a serenidade do rosto, nem deo o menor grito, e parecia que nada sentia. Mas sem embargo deste castigo não mudou de genio, porque tão depressa esteve são, tornou a seu antigo viver, de sorte que sendo novamente apanhado mandou-se-lhe cortar o pé esquerdo, do que elle fez tão pouco caso como da mão. E era tão resoluto que elle mesmo mostrava ao que lhe cortava o pé como se devia haver nesta operação, sem com tudo isso dar algum signal de dor. Havia alli um vaso cheio de oleo de côco a ferver, onde elle mesmo metteo a perna como se fosse em agua fria. Não penso que já mais se haja visto uma resolução de rapaz mais determinado. Alem disso sua má relé o levava de tal sorte á ladroeira, que quando foi são da ferida do pé cortado, não deixava de se arrastar de noute para ir roubar. Era tambem dado horrivelmente a outros peccados nefandos, de sorte que el-rei em fim se vio forçado a degradal-o, e a mandal-o matar.

Mas tornando ao grande Pandiare, que mandou fazer tantas execuções, este depois de ter permanecido ainda algum tempo nestas ilhas, tanto fez que teve licença para se ir a Arabia com um navio carregado de muita riqueza. Mas esta partida não foi sem arrancar muitas lagrimas delrei, e de todo o povo, que lastimava extremamente a sua ausencia, porque era alli havido por santo. Elle prometteo de voltar, mas com tudo não tinha vontade disso. O seu successor no cargo foi um que havia desposado uma irmã da rainha principal, e era mui nobre e de boa linhagem; o qual, como já disse, morreo em Arabia.

Eis aqui o que eu pude observar, e me lembra de mais notavel succedido nestas ilhas de Maldiva durante o tempo que nellas estive. Direi porem ainda, antes de terminar este capitulo, que no decurso de cinco ou seis annos que estive na corte deste rei, vi mudar quasi todo o seu Estado, e morrer por diversos modos a maior parte dos officiaes de sua casa e corte. O que me fazia sempre julgar alguma cousa desastrosa, e que o fim deste Estado era proximo.

Não devo tambem deixar em silencio que vi alli succeder um ecclipse de sol em pleno meio dia, e foi no anno de 1605, o qual durou o espaço de tres horas. Todo o povo andava mui espantado, clamava, e ululava de um modo estranho, dizendo que era máo agouro, e que isto significava que perderiam a maior pessoa d'entre elles. E de feito no mesmo anno uma das mulheres do rei morreo de parto; e logo depois o proprio rei foi vencido e morto, e todo o Estado destruido, como direi no capitulo seguinte. Todos apontavam mui cuidadosamente a data do dia, hora, e momento do ecclipse, e isto se lançou em registo nos archivos publicos.

CAPITULO XXIII.

Da expedição del-rei de Bengala ás ilhas de Maldiva: da tomada da ilha de Maie, e da morte del-rei. Da viagem do auctor a Bengala, com a descripção das ilhas de Malicut, e Divandurú.

Tendo eu residido nestas ilhas por espaço de cinco annos, ou proximamente, mas com tudo bem contra minha vontade, esta longa residencia me fez conhecer o que era esta terra, e aprender sufficientemente a lingua, os costumes, e usos de seus habitadores, por ventura melhor, e posso-o dizer sem vaidade, do que algum outro europeo o haja feito em tempo algum. Donde tive materia para me extender tão particular e exactamente na descripção destas ilhas, sabendo bem que ninguem antes de mim o havia escripto assim, e talvez que haja de se passar largo tempo até se encontrar quem faça nellas tão detida residencia como eu tenho feito, por quanto mui raras vezes ahi vão os estrangeiros, e se vão, é muito contra sua vontade, por rasão do grande risco que ahi se corre; o que faz que cada um cuida sempre em se desviar dellas quanto pode, donde veio o haver até agora tão pouco conhecimento dellas. Alem disso quando a desdita ahi levasse alguma outra pessoa assim como me levou a mim, difficultosamente seria tratada tão favoravelmente, e com a mesma liberdade, que eu experimentei. Isto me sirva de desculpa para com os leitores, se tenho sido um pouco enfadonho, e nimiamente extenso nesta descripção das ilhas de Maldiva. Mas julguei que, já que Deos fora servido de por meio de minhas desaventuras me dar a saber tantas

particularidades, estava eu em obrigação de as communicar ao publico, e ao meu paiz, que não deixará de algum modo de me agradecer a minha boa vontade; e não devia eu por outra parte ser ingrato aos favores, que Deos me ha feito dando-me a conhecer tudo isso, e livrando-me em fim milagrosamente do modo que logo direi.

Mas antes disso não posso passar em silencio um sonho, que dous dias antes de meu livramento tive uma noute naquellas ilhas, porque merece ser sabido. Sonhei pois que havia saido desta terra, e que estava em toda a liberdade em terra de Christãos, o que infinitamente me enchia de contentamento; mas quando accordei, fiquei bem espantado de ver quão falso era o meu sonho. Todavia sem embargo de eu ficar mui triste, levantei-me, e pondo-me de joelhos orei a Deos com todas as veras do meu coração que fosse servido fazer-me a graça de me livrar desta servidão mahometana, e restituir-me a terra de Christãos, onde eu podesse renovar o livre exercicio de minha religião, que havia tanto tempo que eu fora forçado a suspender; e desde então fiz voto de ir em romaria a São Thiago de Galliza em acção de graças por tanta mercê de Deos. Duas noutes depois deste sonho, e era no mez de fevereiro de 1607, succedeo que el-rei teve novas de que uma armada de desaseis galés ou galeotas, vinha sobre estas ilhas, e estava já prestes a entrar nellas. Isto causou grande espanto a el-rei, e a todo o seu povo, tanto mais que tal nova os apanhou de subito nem de antes haviam recebido aviso algum. El-rei mandou logo lançar ao mar as galés que tinha, e eram sete, a fóra os outros navios, barcos, e bateis, de que havia grande copia. Toda a gente se pôz sem detença a trabalhar neste negocio com todas as suas forças, mas não o concluiram tão prestes que antes não apparecessem as velas do inimigo; o que ainda mais espantou a el-rei. Por isso mandou embarcar promptamente todas as melhores riquezas, que possuia, para se pôr em salvo elle e suas mulheres em outras ilhas mais remotas para a banda do sul, on-

de o inimigo não podesse chegar pela difficuldade dos logares.

A' primeira vista destas galés toda a gente se pôz a trabalhar, uns nas galés e navios del-rei, outros em seus barcos e bateis, para se embarcarem com seus bens, e salvar-se nas outras ilhas. Eu por mim quando vi esta confusão geral, lembrando-me de meu sonho, e da oração, que pouco antes fizera a Deos, comecei a cobrar alguma esperança, e principalmente quando ao longe comecei a divisar as velas inimigas, tomei a resolução com os meus tres companheiros, de buscar meio de nós pôr em salvamento, e de sairmos do captiveiro, como graças a Deos achámos. Mas deixo a vós o pensar em que susto nós estariamos de que a gente da terra nos quizesse obrigar a embarcar comsigo o que não poderiamos deixar de fazer sob pena de nos matarem. Mas a nossa boa ventura quiz que a confusão fosse tão grande e repentina, que elles não tiveram tempo de reflectir, e ainda menos de se lembrarem de nós. E assim ou haviamos de aproveitar a occasião de nos pôr em salvo, naquelle dia, ou nunca; e foi um verdadeiro milagre o que nos aconteceo. Comtudo durante aquelle grande tumulto que ía na ilha á vista e á chegada do inimigo, faziamos cara de estarmos tão angustiados e afflictos como os outros, e davamos mostras de estarmos igualmente enleiados, de sorte que a gente da terra vendo-nos desta maneira e nos mesmos sustos que elles, não tiveram desconfiança alguma de nós. Mas eu certamente creio que se as galés inimigas não houvessem apparecido antes de el-rei ser embarcado, como logo direi, e eu e os meus companheiros houvessemos ficado na ilha sem nos embarcarmos com a gente della, el-rei quando voltasse nos teria infallivelmente mandado matar; bem entendido, se os inimigos não tivessem querido accometter a ilha, ou se o rebate houvesse sido falso. Mas Deos tendo misericordia de nós permittio que os inimigos apparecessem antes de el-rei e os seus poderem estar prestes, o que somente foi a causa de nosso livramento.

Entretanto os inimigos cada vez se aproximavam mais, o que percebendo el-rei, saio de seu palacio, e fugio com as tres rainhas suas mulheres, cada uma das quaes era levada ao collo pelos fidalgos, como as mãis levam as crianças. Iam cobertas de véos, e tafetá de diversas cores ao modo da China, e da grandeza de um lençol. Sairam do palacio em companhia del-rei, que com ellas se embarcou. A esse tempo andava eu carregado de armas e outros objectos, que levava a embarcar nas galés; e estando todo molhado e pobremente vestido, el-rei se encontrou comigo, e me disse que era um homem honrado, e que cobrasse animo, accrescentando uma palavra, que é commum em toda a India, isto é, *Sabatz*, que quer dizer muito obrigado; e serve tambem para louvar um homem por alguma boa acção que tenha feito. Quando elle me disse aquella palavra, saltou-me uma lagrima de dó; porque elle chorava, e fazia as maiores lamentações do mundo, de se ver forçado a largar tudo, e de ver levar assim suas mulheres, que por sua parte iam desfeitas em pranto. Todo o resto do povo estava em grande consternação por todas as ruas, e não se ouviam mais que gemidos, ais, e lamentos de mulheres e meninos. Em fim tendo-se embarcado el-rei na galé real, que elles chamam *Ogate Gurabe* (*Gurabe* quer dizer galé, e *Ogate* real), com suas mulheres e sobrinho, foi obrigado a deixar a maior parte de suas riquezas e todas as suas armas, e bombardas, que tinha em grande copia na ilha, porque não havia tido tempo de se armar, e embarcal-as. No mesmo ponto em que todos foram embarcados, elle mandou dar á vela e remo, e tomaram o caminho do sul, para os Atollons de Suadú.

Sendo partidas todas as galés, excepto a mais pequena, que ainda ficára á espera de carregar as riquezas, disse eu então a meus companheiros que era tempo de nos salvarmos no mato, não fosse caso que nos fizessem embarcar por força. Todavia tornei ainda outra vez ao palacio del-rei com a gente da ilha, e deixei a todos carregar primeiro, e ir adiante caminho da galé; e então eu em lugar de ir apoz

elles tomei o caminho da ilharga e fui para o mato; onde tambem foram ter dous dos meus companheiros por outro caminho; e o terceiro se embarcou não sei por que occasião, posto que tivesse a mesma tenção que nós; mas a galé foi tomada logo depois, e então soube que elle fora obrigado a embarcar-se pela gente da ilha; de sorte que naquelle dia todos quatro corremos igual fortuna sem sabermos uns dos outros. Estivemos na ilha mais de quatro horas sem nella haver mais gente que alguns pobres desamparados, porque a mais era embarcada. Eu ía e vinha ao palacio del-rei, onde havia toda a sorte de riqueza, ouro, prata, e joias abandonadas, mas não pensei nunca em tocar cousa alguma destas, e nem ainda em esconder o dinheiro que eu proprio possuia, o qual dei a um de meus amigos, com as arvores, um batel, e uma casa, que eu havia comprado; e esse amigo era o filho daquelle senhor, que me tirou da ilha de Paindué, e de quem tanto tenho fallado. Em quanto aos meus companheiros, esses salvaram algum fato, que haviam escondido.

Ora o capitão-mór da armada inimiga sabendo que el-rei se escapava, mandou-o perseguir por oito das suas galés, e as outras oito vieram dar fundo na ilha onde eu estava, e logo me fui ao encontro dos primeiros que sairam em terra, pedindo-lhe que me salvassem. Á primeira vista, não me conhecendo por Francez, mas cuidando verdadeiramente que eu era Portuguez, quizeram matar-me, e deixando-me totalmente nú, tiraram-me tudo quanto eu comigo tinha. Mas tendo-se desenganado de que eu não era Portuguez, trataram-me mais humanamente, e me levaram ante o seu capitão, que me tomou sob sua protecção, e me certificou que não me seria feito mal; e então me mandou dar outros vestidos, e ficar em suas galés para minha segurança naquelle dia e noite somente porque depois me permittio ir onde me aprouvesse por toda a ilha, sem que alguem se intromettesse comigo.

Em quanto ás oito galés que haviam sido mandadas no

alcance del-rei tendo chegado a elle travaram combate, onde el-rei pondo-se em defensão foi morto de uma lançada, e depois a golpes de espada; suas mulheres foram captivas; e seu sobrinho pereceo afogado. Com tudo não foi feito mal algum ás mulheres, alem de perderem todas as suas joias, que foram roubadas pelos soldados e marinheiros, que são a gente mais perigosa nas occasiões de sacco. Estes marinheiros chamam-se *Mucoás* (Moucois).

O que foi causa del-rei ser apanhado e morto foi que não fazia vento algum, antes havia extraordinaria calmaria, e as galés inimigas eram melhores de remo que as del-rei, que só eram boas para vela, e não para remo. Porque se houvera vento, por pouco que fosse, não teriam podido alcançar el-rei. Mas sua desdita o fez cair neste inconveniente, e elle o bem merecia pelas grandes cruesas, que tinha executado. Neste conflicto não foi apanhado um só navio da ilha, de sorte que se el-rei e suas mulheres houveram embarcado em algum delles, teriam tido meio de se salvar. Mas sua hora era chegada, e tenho para mim que Deos lhe fez grande mercê em ser assim morto no primeiro recontro, para não ver o triste e piedoso espectaculo, que eu vi no tocante a suas mulheres e estados. Todavia não houve grande mortandade, porque a fóra el-rei e dous ou tres dos de sua obrigação, mortos com elle, e outros tantos feridos, entre os quaes foi um soldado mancebo filho de Portuguez mestiço, que outr'ora quando menino se havia perdido nestas ilhas com o navio em que vinha, não houve mais pessoa alguma que soffresse damno, á excepção do sobrinho del-rei, que cuidando salvar-se a nado se afogou, por razão da fraqueza e doença, que padecia, procedente do dissabor e tristeza, que tivera pela recente morte de sua mulher sobre parto. Esta mulher havia elle roubado a seu marido, como atraz disse.

Os inimigos tendo tomado e posto a sacco todas as galés del-rei, as condusiram para o porto, excepto duas, que deram a costa nos baixos e bancos. Trouxeram tambem as

tres rainhas despojadas de tudo quanto tinham, e foram levadas aos aposentos do sobrinho do rei defuncto, contiguo ao palacio real. Estes aposentos tambem se chamavam palacio, e eram cercados de muros, e da mesma forma que o do rei, salvo ser mais pequeno. Todos os outros aposentos dos princepes e princezas se chamam *Gandhuere*, isto é, Palacio; e as outras casas *Gué*.

Foram recolhidas estas rainhas neste palacio, porque dia e noute se não fazia outra cousa senão dar busca, saquear, e levar do palacio del-rei tudo quanto nelle havia de valor. Mas neste do sobrinho nada incitava ao sacco, porque tudo se havia embarcado a tempo; alem de que este sobrinho não tinha grandes bens, mas somente pequeno patrimonio, e o que el-rei lhe dava para seu estado; por que se fôra mais rico, temera el-rei que elle lhe fizesse guerra. Poseram guarda de soldados a estas pobres rainhas, e eram ameaçadas de serem levadas captivas se não ensinassem onde estavam os thesouros del-rei, cousa que ellas não podiam fazer, porque não sabiam nada disso; e eu sei certo que el-rei lhe não tinha dado conhecimento algum desse negocio, nem tão pouco a outra qualquer pessoa, salvo a certo secretario, que havia sido dos primeiros a pôr-se em salvamento. Tambem deram a cada uma dellas uma servidora, e tres fidalgos da casa del-rei para as servirem, mas nem elles, nem as servidoras ousavam a saír de casa. Os tres fidalgos não entravam nas camaras das rainhas, e nem ainda as viam; mas estavam fóra entre os soldados para sondarem o bom ou máo tratamento, que se fazia a suas amas.

Tudo isto se fazia por ordem do capitão-mór; mas eu ía muitas vezes visital-as, porque a gente da ilha não tinha licença de entrar em casa dellas, e eu entrava lá cada vez que queria, e as aconcelhava, e consolava quanto me era possivel, porque ouvia por fóra quanto se dizia acerca dellas. E ellas a chorar me perguntavam muitas vezes se eu tinha pena da morte del-rei, que era tão meu amigo; ao

que eu respondia que sim; mas que uma vez que era morto eu estava resoluto a ir-me embora, e a não permanecer mais nestas ilhas, já que perdera a meu senhor; e que se elle não fora morto, eu me não ausentára. O que era bem ao revez do meu desejo e pensamento. Todavia lhes certifiquei que me não ausentaria sem ir tomar o seu conselho e licença, o que ellas approvaram muito, e me prometteram de nunca me deixar. E perguntando-me o que dellas se dizia, eu lhe fiz saber que as tinham presas para ensinar onde estavam os thesouros del-rei (como já se lhes havia dito); mas que ellas não fizessem caso, e que todas as ameaças de as levar captivas só eram para lhes metter medo; porque eu tinha ouvido aos principaes que as não levariam; do que ellas me ficaram mui agradecidas; e o seu desejo era que eu me não affastasse de junto dellas.

Pediam-me tambem que andasse eu por entre o inimigo para poder dar-lhes aviso de tudo quanto se fazia e dizia; o que eu de mui boa vontade cumpria e lhes dava conta de tudo quanto chegava á minha noticia pela cidade. Estas rainhas me diziam tambem muitas cousas em particular uma da outra, a saber, a principal e estrangeira de Bengala, que era tão bella e tão branca como as mulheres de cá; e a mais moça, que era aquella que el-rei havia recebido pouco tempo antes, como já disse; e esta me dizia lastimando-se que ella levava má ventura comsigo por onde quer que ía, a que elles chamam *Sompas*; e que desde que el-rei a havia recebido, tudo quanto era desastre lhe acontecera. Eu tinha grande dó de as ver no estado, em que ellas estavam, em comparação do em que as víra tão rica e magnificamente ataviadas, porque ellas estavam então mui pobremente vestidas, pois só lhe haviam deixado os pannos, que traziam vestidos, e isso mesmo a bom custar. Todavia posto que se deu busca a tudo quanto ellas tinham, não lhe fizeram outra affronta ou violencia nem a seu corpo, nem a sua honra, ainda de palavra; nem tão pouco ás mais raparigas e mulheres da ilha. No que toca ao comer das rainhas, era-

lhe enviado de casa do Pandiare, que ficára na ilha com os de mais ministros da igreja, e outra muita gente, que todavia não deixaram de ser roubados. Mas o Pandiare servio de muito, porque suas pousadas eram o refugio de todo o povo, assim homens como mulheres, para segurança de suas pessoas somente; porque em quanto a seus bens elle mesmo era tão roubado como os outros; todavia sempre servia para applacar a furia do inimigo, que lhe tinha algum respeito.

Em quanto a mim a causa porque recebi muito favor e cortesia do capitão-mór e da sua gente, foi por occasião de nossos canhões, que foram o principal motivo da sua entrepreza e da sua vinda a esta ilha. Porque não sendo elles costumados a ver taes peças, estavam o mais enleiados que ser pode para as levantar e embarcar, sem saberem o que nisso fariam; de sorte que me chamaram a sí para lhes mostrar e ensinar todo o seu apparelho e modo de obrar; e me ficaram mui agradecidos do que lhes eu disse, porque lhes dava explicação assim disso como de todas as outras cousas de nossos navios; e ainda do que era particular destas ilhas, de que eu tinha bastante noticia. Por tudo isto elles me estimavam e amavam grandemente.

O piloto, que havia encaminhado a armada inimiga, era natural destas ilhas, mas morador na terra firme; e eu muitas vezes o havia visto na ilha de Malé, e elle sabia bem o caso que el-rei e os senhores da terra faziam de mim, e assim o dizia a todos; e por isso elles me presavam ainda mais. Com tudo este máo homem trahio a seu rei, e a sua terra por dinheiro, apesar de lhe ser el-rei mui affeiçoado, e não lhe ter nunca dado motivo de queixa. E são estes logares de tão difficil accesso, que aquella armada não poderia ter vindo alli, se este piloto a não guiasse, e foi elle a causa de todo o mal. No entretanto eu ía muitas vezes ás pouzadas do Pandiare a visitar muitos amigos meus, que ahi estavam, e não usavam a saír fóra de casa; entre outros os tres filhos daquelle senhor, em cuja companhia eu morára por

tanto tempo. Elles me davam de conselho que me fosse embora, dizendo que sendo morto el-rei seu senhor, nem elles nem eu teriamos outro abrigo; mas todos os outros meus amigos me diziam pelo contrario que eu devia ficar, e que se elles não tivessem mais que um côco, repartiriam comigo a metade; mas aprouve-me o conselho dos tres, um dos quaes estava ferido de uma espingardada. Foram mui maltratados, e bem assim os outros principaes da ilha; e foi mister remirem-se á força de dinheiro.

Tres ou quatro dias depois de ser chegada esta armada, veio á ilha de Malé uma barca com gente da companhia do rei defuncto a pedir licença ao capitão-mór para levar arroz e outras cousas necessarias aos funeraes e officios do dito rei, que estava enterrado na ilha de *Guradú*, onde havia aquelle mastro grande, de que acima fallei. Sua tenção e vontade era ser enterrado em Malé, como logo direi; mas elles não conservam os corpos mortos, e não tem por costume embalsemal-os, e leval-os de uma a outra ilha. Em fim o capitão-mór da armada inimiga lhes permittio levar tudo quanto lhes era mister para este auto, como fizeram; e elles tambem fizeram diligencia de me levar em sua companhia persuadidos de que tal era o meu desejo.

Ora se el-rei fora morto por inimigo, que não fosse de sua religião, dizem elles que teria sido bemaventurado e santo, a que chamam *Chaydé*, e não lhe houveram feito outra alguma cerimonia, mas o enterraram no mesmo estado, em que fora morto, sem lhe lavar o corpo, nem fazer outra acção das costumadas; não havendo porem sido morto em defensão de sua lei, não lhe fizeram as cerimonias costumadas nos enterros de reis, mas sómente as que competem a qualquer particular habitante destas ilhas, do que tiveram grande sentimento. Até mui difficultosamente acharam panno branco para o amortalhar, e um ataúde em que encerrassem seu corpo, e isto a um rei que durante sua vida tinha feito á sua custa tantos enterros aos pobres e necessitados do seu reino. Elle tinha sempre mais de trin-

ta ataúdes prestes para si, para as rainhas, para todos os de sua casa, e finalmente para dar de graça a toda a gente. Havia fabricado um magnifico templo, e um cemiterio mui bem murado na ilha de Malé na tenção de ser ahi sepultado. Era este templo o mais sumptuoso de todos; mas Deos não permittio que elle ahi tivesse o seu jasigo. São estes os effeitos da guerra; e nesta não foi menor o dispendio, e perda inutil de todas as cousas, do que a valia das que o inimigo levou; porque o que os soldados não podiam levar, destruiam.

Metia muito dó ver tanta assolação nesta ilha, mórmente nos paços del-rei; por quanto os particulares todos haviam posto em salvo as suas riquezas em bateis, e nada se perdeo, porque sendo esses bateis pequenos passavam por toda a parte, e caminhavam mais ligeiros que as galés. Mas tudo quanto era del-rei e das rainhas foi roubado, e nada se salvou, assim do que estava nas galés, como do que ficára em terra. E ainda a desdita foi tal para estes pobres insulares, que havia alli um grande navio carregado pertencente a el-rei, o qual estava prestes a partir havia mais de oito dias, mas os feiticeiros e astrologos o tinham detido até este mesmo dia, como o de melhor agouro para partir, segundo por suas contas e ephemeridas haviam achado, mas foi com pouco acerto. A viagem deste navio era para a Arabia e não pôde sair antes destas ilhas por causa da grande calmaria que fazia (a); pelo que foi apanhado com os de mais. A sua carga era entre outras cousas de canella, que el-rei houvera daquelle navio de Ceilão, que de antes se perdera nestas ilhas, como já disse; e o resto era fazenda das mesmas ilhas, e pela maior parte côcos. Roubaram o que havia no navio e lhe convinha da fazenda propria destas ilhas, pois quanto á canella e ao proprio navio fizeram tudo em pedaços, e assim não fez este navio outra viagem alguma, como eu depois soube em Goa, e direi em seu lugar.

(a) Ficamos sem saber ao certo se o navio deixou de sair por effeito das contas dos astrologos, ou da calmaria.

Em fim depois que os inimigos se detiveram nesta ilha por espaço de dez dias a saquear e a carregar suas galés tanto das riquezas que ahi acharam, como de cem ou cento e vinte peças de artilheria, grandes e pequenas, que lá havia. recolheram-se e deixaram as rainhas em liberdade com todo o mais povo ; e não levaram comsigo ninguem preso, excepto o irmão da raninha principal, e cunhado do rei morto. Ao principio julguei que o levavam preso para tirarem por elle resgate ; mas ao depois soube o contrario, e que elle verdadeiramente ía de sua livre vontade, com tenção de ir ter com o rei de Cananor Ali Rhadia para o fim que abaixo direi. Eu fui a despedir-me das rainhas, e dos meus amigos , o que não foi sem derramar lagrimas, elles de tristura e desprazer, e eu de alegria. Quando chegou a hora do embarque todos aquelles capitães entraram em competencias a qual delles nos receberia em sua galé, amim e a meus companheiros. Em fim eu embarquei-me em uma, e os meus tres companheiros cada um em sua, e não nos tornámos a ver senão largo tempo depois.

Do que mais aconteceo depois da nossa saida nestas ilhas de Maldiva, soube quando estava em Goa que a gente da terra andou em guerra entre si, porque tendo fallecido el-rei sem filhos , e sem sobrinhos, e não caindo nunca a coroa em femea, como em França, houve quatro senhores dos principaes do paiz que competiram uns com os outros sobre qual delles seria rei ; e esta guerra tendo durado bastante tempo, o rei de Cananor Ali Rhadiá enviou alli uma boa armada de galés capitaneadas por *Rana Banduy Tacurú*, irmão da rainha principal destas ilhas, o qual as galés de Bengala haviam levado preso, como disse; e por meio desta armada foi dado o governo áquelle a quem de direito o reino pertencia por mais proximo parente, mas com condição de o ter da mão delle rei de Cananor, e o reconheceria por seu protector. Lançou fóra a pouco e pouco aos que faziam a desordem, e deu assim paz ao reino. Eis o que eu soube em Goa.

Mas tornando ao que nos succedeo então, embarcámonos, como disse, nas ilhas de Maldiva na tenção de seguir a derrota do golpho de Bengala. A passagem entre aquellas ilhas é mui arriscada por causa dos bancos e dos baixos, que ahi ha em grande numero, e ninguem ousaria navegar por aquelles sitios sem ter pilotos naturaes da terra, como de feito tinham naquella armada. E porquanto a ilha donde era o rei morto, chamada *Ustimé*, era a ultima de todas, surgiram ahi, e matando, pondo a sacco, e assolando tudo, levaram comsigo tudo quanto ahi acharam. De dia viamos tão grande quantidade de barcos e bateis, que fugiam por toda a parte, que era cousa maravilhosa. Tendo refrescado, e passado meio dia nesta ilha, deram o regimento que deviam ter no caso que viessem a separar-se, como lhes aconteceo por effeito da grande calmaria, que fazia; e finlamente saimos destas ilhas pela graça de Deos. E gastámos quasi tres dias para chegar até uma pequena ilha chamada *Malicut*, que dista somente trinta e cinco legoas das de Maldiva, e jaz ao norte dellas.

Esta ilha é toda circumdada de mui perigosos bancos, que é mister ter muito tento em evitar. Surgimos ahi com tres galeotas, que íam em conserva, porque as outras eram afastadas para desvairados logares. Esta ilha de Malicut não tem mais de quatro legoas de circuito, e é admiravelmente fertil em coqueiros, bananeiras, e em muitas mais cousas que se dão nas de Maldiva. Ha aqui mui boa pesca, o ar é mui sadio, e mais temperado que nas ilhas de Maldiva; o povo tem os mesmos usos, costumes, e linguagem que o de Maldiva. Pertenceo antigamente ao reino de Maldiva, mas um rei a deu a seu irmão. De presente é governada por uma Dona, vassalla do rei de Cananor, para sua maior segurança. Esta rainha me fez mui bom gazalhado, porque me havia visto muitas vezes na corte del-rei de Maldiva, seu proximo parente. Quando ella me vio rompeo em pranto, como igualmente fez a maior parte da gente da ilha, com a pena que tinham da morte del-rei, cuja historia lhe narrei.

Tendo estado perto de dous dias nesta ilha, demos á vela, e fomos surgir nas ilhas de *Divandurú*, a trinta legoas de Malicut para o norte. São estas ilhas cinco em numero, tem seis ou sete legoas de circuito, umas mais, outras menos, e são distantes oitenta legoas da costa de Malabar na direitura de Cananor, a cujo rei obedecem. Possue este rei de Cananor tambem cerca de trinta das ilhas de Maldiva, as quaes lhe foram cedidas ha cincoenta annos pouco mais ou menos por um rei dellas, a quem o de Cananor havia prestado auxilio contra seus povos levantados.

Estas ilhas de Divandurú são habitadas de mouros Malabares, quasi todos mercadores ricos, que fazem grande trafico por toda a India, e especialmente nas ilhas de Maldiva, donde elles tiram grande porção de mercadorias, e tem lá feitores permanentes. Estes moradores tem os mesmos costumes e linguagem que os de Cananor, Calecut, Cochim, e outros Malabares. A terra alli é fertil, e o ar mui sadio. Os piratas malabares, quando andam a corço, vão alli de ordinario a refrescar, e pela maior parte das vezes ahi se casam vivendo em boa amisade com os naturaes da terra; se bem que ás vezes não deixam de os roubar, não obstante a amisade que entre si tem; porque elles preferem a sua utilidade a todas as amisades do mundo; e quando vêm que nada poderam apanhar aos inimigos, como não querem recolher-se com as mãos vasias, saltam sobre os amigos, e tomam delles o que podem. Estas ilhas são como uma escala, e deposito de mercadorias da terra firme, das ilhas de Maldiva, e de Malicut.

Depois de nos refescarmos por quatro ou cinco dias nestas ilhas, tornámos a dar á vela na derrota do sul, para irmos dobrar a ponta de Galle, que é um cabo na ponta da ilha de Ceilão. No caminho encontrámos tão grande numero de baleias, que pouco faltou que nos não virassem as nossas galeotas; mas de bordo dos navios com tambores, batígas, e caldeiras, fizeram tão grande bulha, que as affugentaram.

Encontrámos tambem algumas galés ou paráos de Malabares; e entre outras vezes foi de manhã ao romper do dia debaixo de nevoa mui cerrada; o que foi parte para que os não sentissimos senão quando elles estavam a par de nós. Nunca houve cousa que mais me espantasse do que o ver toda esta gente em tão boã ordem, armados, e a póstos para accometter; e tendo-nos apanhado de improviso, conhecendo que eramos amigos, foram continuando seu caminho. Eram tres galeotas, e as nossas outras tantas.

Antes de terminar este capitulo, direi para intelligencia do que precede que esta armada, que assim veio assaltar e pôr a sacco as ilhas de Maldiva, fôra enviada pelo rei de Bengala, que é um reino de alem destas ilhas na terra firme debaixo do tropico de Cancro. O que o movera principalmente a ordenar esta entrepreza, em haver as bombardas, que el-rei das ilhas de Maldiva tomára do nosso navio perdido, e quantidade de outras, que da mesma sorte ficára possuindo. Estas bombardas eram as mais bellas e bem fabricadas que podiam ver-se, do que corria grande fama nas Indias, e mettia inveja a muitos reis e princepes, que todos os dias ameaçavam de vir a estas ilhas a vêlas por seus olhos.

CAPITULO XXIV.

Do Reino de Bengala, e Observações sobre elle.

Depois de nos havermos dilatado um mez em nossa viagem, chegámos a *Chatigam*, que é um porto do Reino de Bengala, onde fomos acolhidos dos naturaes com muitas alegrias. Tendo saido em terra, levaram-me em sua companhia a sau-

dar el-rei, que não é o rei principal de Bengala, mas um regulo desta provincia, ou para melhor dizer um governador com titulo de rei, como é uso em todas estas terras; porque o rei grande de Bengala reside a trinta ou quarenta legoas pela terra dentro. Assim depois de haver sido apresentado a este regulo, elle me acolheo mui humanamente, e me deixou em plena liberdade; dizendo-me que se eu quizesse ficar com elle, me faria muita mercê; e de feito elle me mandou dar de vestir, e cada dia mantimentos em abastança. Mas depois de eu ter passado alli um mez, achei um navio de Calecut, cujo mestre me perguntou se eu me queria ir com elle, dizendo-me que vinham repetidas vezes navios hollandezes a Calecut e que até naquella conjuncção poderia haver alli alguns, em que eu me podesse embarcar para me recolher a França, já que o meu desejo era tornar-me á ella. Vim nisto de mui prompta vontade, porque não era outro o meu desenho, e isto me fez rejeitar toda a sorte de proveitos. Por esse motivo pedi a el-rei licença para me ausentar, que elle me outorgou facilmente.

Pelo pouco tempo que estive em Bengala não pude notar muitas das singularidades da terra; mas com tudo direi o que pude alcançar. O reino de Bengala extende-se muito pelo sertão da India. Dão-lhe mais de quatrocentas legoas de comprimento; e na India é o seu rei o mais poderoso principe abaixo do grão Mogol. E até quando eu saí, tendo-lhe, o Mogol declarado guerra, elle se apercebia para o receber com mais de dusentos mil homens e dez mil elephantes. Ha muitos reis que lhe são tributarios, como os reis de Arracan, de Chaul (a), e outros grandes senhores mouros, e gentios, que são, obrigados a lhe acudir, quando elle vai á guerra, com certo numero de homens, elephantes, e cavallos. Tambem lhe pagam tributo por razão dos portos de mar, que ha em suas terras, por todos os quaes

(a) Ha aqui evidentemente ou engano do auctor, ou erro de imprensa no original francez. Chaul na costa de Cambaia, era governado por um regulo aquelle tempo já vassallo do Mogol.

se faz grande trato de toda a sorte de fazendas, de que tiram muito proveito, donde não podem passar sem a amisade deste rei.

A terra é mui sadia; e temperada, e tão maravilhosamente fertil, que se passa ahi a vida quasi sem dispendio. Ha tão grande quantidade de arroz, que alem do que se consome no provimento e mantença de todo o paiz, se transporta para toda a India, assim para Goa e Malabar, como para Sumatra, ilhas de Maluco, e todas as da Sonda, das quaes terras todas é Bengala o celleiro dos mantimentos, porque dalli recebem quantos hão mister. Por isso se vê aportar alli cada dia infinito numero de navios de todas as partes da India a buscar aquelles provimentos; e creio que ainda iriam mais, principalmente dos de maior parte, se a navegação não fosse tão arriscada por rasão dos bancos e areias, de que todo aquelle golpho está coalhado; de sorte que quando se acerta que os navios de Bengala tardam a vir, ou se perdem, o arroz é extremamente cáro, e clama-se que esta imminente a fome; pelo contrario quando a navegação é boa, o arroz desce a tão vil preço, como se fora fructo do paiz, e ordinariamente não vale a mais que a quatro dinheios a libra. Alem disso esta terra de Bengala é cheia de gado, como bois, vaccas, e carneiros; o que faz que a carne ahi custa mui pouco; a fóra os lacticinios, e manteigas de que fabricam tal quantidade que provêm dellas toda a India; e a fóra tambem muitas alcatifas, que elles fazem mui lindas. Dão-se outrosim boas fuctas, não somente côcos e bananas, mas muitas cidras, limões, laranjas, romãs, cajús, ananazes, e outras muitas; gengibre, e pimenta longa, de que se faz muita qualidade de doces, quando verde, o que igualmente se faz das cidras, e laranjas. O paiz abunda em cannas de assucar, que elles mascam verdes, e outros fazem delias muito e excellente assucar, de que carregam navios; o que se não faz em outra alguma parte da India, salvo em Cambaia, e outras terras do Mogol visinhas a estas, que são do mesmo clima, lingua, e fertilida-

de. Tambem se tira de Bengala quantidade de oleos cheirosos, feitos de certas sementes, e certas flores, e são usados por todos os indianos para esfregar o corpo depois do banho.

O algodão se cria alli em tanta abundancia, que alem de supprir ao uso e vestuario da gente da terra, e alem do que se exporta em rama, fabricam tantas roupas delles, e tão bem feitas, que dalli se prove toda a India, e principalmente as partes da Sonda. Semelhantemente se cría alli muita seda, assim de bichos, como de plantas, e esta é do mais lindo amarello que se pode ver, e parece mais bella que a verdadeira seda; e de uma e outra fazem porção de pannos de diversas cores, que se levam a toda a parte. Os naturaes, ou sejam homens, ou mulheres, são admiravelmente destros na fabricação assim de pannos de algodão e seda, como de varias obras de agulha, desde as bordaduras, que fazem mui lindas, até ás costuras singellas, que tudo fazem com tal primor que não se pode ver cousa mais bella. Tecem entre outros pannos alguns de algodão ou de seda tão delicados que mal se pode discernir, quando alguem os põe sobre si, se está vestido, ou nú; e bem assim fazem muitas outras sortes de obras mui lindas, moveis e utensilios tão delicados que são muito para ver, e que transportados a Europa passam por obra da China.

Obra-se neste paiz grande quantidade de louça preta e vermelha, como a terra *sigillada* (a) a mais fina e delicada do mundo, da qual fazem grande trafico, e principalmente de gargoletas, e vasos para beber, e outros utensilios. Ha ahi grande numero de cannas grossas como a perna de um homem, e compridas de seis a sete toesas, ôccas por dentro, e nodosas como as de cá. São mais custosas de quebrar do que qualquer páo que ahi haja, e dellas se servem como de alavancas, e varaes para carregar

(a) *Terra sigillata* chamaram os Romanos a certa terra argilosa, a que attribuiam virtudes maravilhosas, e recebiam como cousa preciosa. Punham-lhe uma marca ou sello, e dahi lhe vem o nome.

toda a qualidade de fardos mais pesados em Goa, e em todas as partes da India. Os Portuguezes e Indianos não se servem de outros varaes para transportarem seus palanquins. Chamam-lhe em toda a parte *Bambú*, e mettendo-o no fogo dobra-se como se quer, e guarda depois sempre o feitio que assim tomou, sendo mais facil quebrar do que perdel-o. Fazem tambem destas cannas as medidas para medir todas as suas mercadorias usuaes, como arroz, grão, oleo, manteiga, e cousas semelhantes. E estas medidas são de todos os tamanhos. Criam-se as ditas cannas em muitas outras partes da India; mas Bengala é donde são oriundas, e onde as ha em maior copia. As destas especies não são flexiveis, e tem laivos brancos e pretos. Ha tambem cannas de outra especie, diversas na forma e grossura, das quaes a mais grossa não passa de quatro pollegadas (a), e são mui altas. Estas são porosas, duras, e mui flexiveis, de sorte que se unem as duas pontas sem quebrar, e com tudo são mui fortes. Servem para bordões de trazer na mão, e para bater em quem se applica castigo; a sua pancada arranca as carnes de qualquer parte do corpo aonde assenta. Nunca estalam por mais delgadas que sejam. Tem linda apparencia, e naturalmente são variegadas de branco, amarello, e preto. São materia de commercio, e muito procuradas para bordões em toda a India, onde se não usam outros. Esfregando com força dous pedaços desta canna um sobre o outro, ferem fogo como fuzil, e para esse fim são usadas. Ha ainda outra qualidade de canna, cuja grossura nunca excede a do dedo minimo, mas é da mesma forma e feitio que a antecedente, e dobra-se como vime. Chamam-lhe *Rotim*. Della se fabricam cabos de navios, e quantidade de cestos lindamente tecidos, e outras semelhantes cousas. Em summa fazem disto quanto lhe apraz como se fosse de cordas, e fende-na em quantas partes querem. O seu comprimento é de braça e meia. E' ramo

(a) Parece referir-se á circumferencia.

de commercio, e muito apreciada pelas obras que della se fazem ; em quanto á cor é toda branca, e sem laivos (a).

Este paiz é mui abundante de elephantes, e dalli se transportam para as outras partes da India. Ha tambem rhinocerontes; e diz-se até que ha licornes (b), os quaes se julga que só neste paiz se encontram ; e passa por certo que todos os outros animaes não chegam a beber em qualquer agua sem que o licorne tenha mettido nella a sua ponta, e esperam á borda d'agua que chegue aquelle animal para este effeito (c).

Finalmente não conheço terra em toda a India oriental mais abastada de todas as cousas necessarias á mantença da vida, e em riquezas e manufacturas industriosas do que esta ; e se não fora alli a navegação tão perigosa, seria o mais bello, agradavel, fertil, e lucrativo paiz do mundo. Tem este reino ordinariamente um embaxador em Goa; e quando eu estava a partir de Goa para recolher á patria, era chegado lá um embaixador extraordinario ao Vice-Rei, e dizia-se que vinha a pedir algum soccorro.

Um dos grandes traficos, que se faz em Bengala, é de escravos, porque ha certo paiz sugeito a este rei onde os

---

(a) Para o leitor europeo, e menos versado nas especialidades indianas, não será mal cabido resumir, e talvez aclarar o que o auctor diz das *Cannas da India*. A 1.ª especie, occa, e mais grossa é como elle diz a que propriamente se chama *Bambú*, ainda que ás vezes esta denominação se extende genericamente a todas as demais especies de *Canna da India*. A 2.ª especie, macissa, e de menor grossura, é a que ordinariamente serve para bordões ; e porque as de Bengala são as mais estimadas, são na Europa conhecidas pelo nome de *Cannas de Bengala*, a que nós abbreviadamente chamamos em Portugal, simplesmente *Bengala* e os Francezes *Canne*. Na India chama-se-lhe *Rota* (como já o auctor advertio a pag. 177). A 3.ª especie mais delgada, mas semelhante na forma e aspecto á 2.ª é a que chamamos na Europa *junco da India*, e na India se chama *Rotim*, diminutivo de *Rota*. Della se fazem todas as obras, que são vulgarmente conhecidas, e em especial os assentos de cadeiras em forma de rede &c. &c. ; e tão finas são as laminas, que della se tiram, que lhe chamamos em Potugal *Palhinhas*.

(b) Corrupção vulgar por *Unicornios*.

(c) O leitor sabe de certo o credito que mereceu estas lendas da historia natural do tempo do auctor.

pais vendem seus filhos, e os dão ao rei por tributo. Dalli vem a maior parte dos escravos da India; e até muitos mercadores os castram, mutilando-os completamente. Vi muitos assim que apenas tinham um buraquinho por onde saia a ourina. Servem para guardar as mulheres, e tomar conta nas chaves de toda a casa, sendo pessoas de muita confiança, que não ha nas mulheres, porque segundo o costume dos mahometanos elles largam suas mulheres mui frequentes vezes. Não ha paiz na India onde os escravos tenham tão pouca estimação como em Bengala, porque são todos velhos (a) e muito máos, assim homens como mulheres.

A gente é bem formada de seus membros, as mulheres formosas, mas mui impudicas, é muito mais que em alguma outra parte das Indias. Os homens são dados ao trato da mercancia, e não á guerra, e ás armas. São gente branda, affavel, e lhana, mas no meio disso tem fama de grandes enganadores, ladrões, e mentirosos. Vão mercadejar a desvairadas partes, e emprendem grandes viagens; e bem assim ha muitos estrangeiros que frequentam o seu paiz, como são Persas, Arabios, e os mercadores Portuguezes de Goa e Cochim. Ha nos dominios deste rei gente de muitas religiões, como Judeos, Mahometanos, e gentios ou pagãos, os quaes tem diversas cerimonias, porque abrangem aquelles dominios grande numero de territorios e provincias. O rei principal é gentio, o regulo de Chatigão, que eu vi, era mouro.

Os povos gentios deste paiz de Bengala tem por seu pagode ou idolo (b) um elephante branco, que é mui rara de encontrar, e o hão por cousa santa, e os reis o adoram, chegando até a fazer guerra uns aos outros para o tomarem a seus visinhos, quando o não tem em suas terras; e muitas vezes tem havido mui asperas batalhas por este respeito.

(a) Tradusimos fielmente.
(b) *Pagode*, exprime igualmente o *idolo* e o *templo*.

Quanto a seus vestidos os homens se adornam guapamente de certas camisas de algodão mui largas, que descem até ao chão, e por cima poem uma manta de seda, e na cabeça um turbante de ponno mui fino. As mulheres usam camisinhas de panno de algodão ou de seda, que chegam á cintura, e envolvem o resto do corpo n'um panno de algodão ou tafetá; e por cima, quando saem á rua, se cobrem com um grande panno de seda, de que lançam uma ponta sobre a cabeça.

E' gente mui desordenada no comer e beber, e mui viciosa. Tem muitos servidores, e cada homem tem tres ou quatro mulheres mui ricamente adornadas de cadeias de ouro e perolas. Fabricam vinhos do assucar, e outras composições, com que se embriagam.

Ha grande numero de Portuguezes que estam de assento nos portos desta costa de Bengala, e que ahi vivem em liberdade. São tambem mui libertinos em seu viver, e são como exilados. Applicam-se ao commercio somente, sem terem alli fortaleza, ordem de governo, ou policia, vivendo á semelhança dos naturaes; e não ousariam recolher ás suas terras da India por temor, de serem castigados por crimes que ahi hão commettido. Estes Portuguezes não tem comsigo ministros da Igreja. Ha entre outros um chamado João Garcia, que é mui obedecido entre elles, e que capitanea mais de dez mil homens em serviço del-rei de Bengala; todavia elle não faz guerra aos Portuguezes, antes os trata em amisade.

Nestas terras de Bengala está o grande rio *Ganga*, por outro nome dito *Ganges*, que é o mais famoso do mundo, e os naturaes hão que elle tem sua origem no paraiso terreal. Seus reis tem sido curiosos de procurar-lhe a origem, mas até agora a não poderam achar por mais viagens, e despezas que sobre isso hajam feito. A bocca deste rio jaz em 23 gráos e meio da equinocial da banda de nosso pólo, mas o saber se este rio é o famoso Ganges dos antigos, ou se o é o rio de Cantão na China, como alguns neste nosso

tempo querem, deixo-o á disputa e resolução dos sabios nesta materia. Com tudo a commum opinião dos Portuguezes, e de outros muitos, é que este é o verdadeiro Ganges; e se a sua situação se não ajusta com a demarcação dos antigos, ao menos ajusta-se-lhe o nome. E' deste rio que procede aquelle tão excellente páo, a que chamam *Calambá* (a), que elles crêm que vem do paraizo terreal; e é mui caro em toda a India, e estimado sobre todos os outros como o mais raro e mais bem cheiroso. Apanha-se mui pouco, e acha-se boiando á borda do mar, ou deste rio. Tambem frequentemente se acha nas praias das ilhas de Maldiva, e eu mesmo alli o encontrei muitas vezes. Este rio cria grande copia de crocodilos, e é maravilhosamente fecundo em peixe; em summa é em tudo o mais estimado que ha nas Indias Orientaes; e abaixo delle é o rio Indo, que corre por Surrate e Cambaia.

Quanto ao Ganges os Indianos o hão por sagrado, e crêm que quando se tem banhado nelle são absoltos de todos os seus peccados, de sorte que assim mouros como gentios tem as suas aguas por bentas, e que lavam de todas as maculas, como nós com a confissão; e depois de se haverem ahi banhado crêm ficar de todo sanctificados e bemaventurados. Vem gente de mui longe para se lavar nelle, e é comparavel com a romaria que fazem os mahometanos ao sepulchro de Mafoma na Meca (b). Eis tudo o que eu pude observar deste reino no pouco tempo que ahi estive.

(a) Por outro nome páo *aloé*.

(b) E' notavel a coincidencia deste paragrapho com outro de João de Barros (*Dec.* I. Liv. IX. Cap. I.), onde diz = ... grande reino de Bengala, por onde corre aquelle tão illustre, e celebrado rio Gange mui soberbo com a furia de suas aguas, e entra no mar occeano, cujas boccas Ptholomeu sitúa entre oito e nove gráos da parte do norte, e nós entre vinte e dous, e vinte e dous e meio; ao qual rio os naturaes chamam *Ganga*, ácerca delles, e de todo o gentio oriental tão celebrado em nome por a copia de suas aguas, como venerado por a religião de sanctidade, que todos poseram nellas. De maneira que como ácerca de nós por salvarmos nossas almas, ao tempo que estamos enfermos pedimos confissão e os outros sanctos sacramentos, que dão

CAPITULO XXV.

Viagem a Calecut por Motangué, Badará, e Marcáre: e do famoso capitão Cunhale.

Tendo-me embarcado com meus companheiros, como disse, em um navio de Calecut, dilatámo-nos no mar tres semanas, e em fim surgimos no posto de *Motangué*, sito entre Cananor e Calecut, que é um dos portos onde se recolhem os Malabares corsarios, e piratas. A terra é do rei de Motangué, que é um rei Naire.

Chegado alli foi grande o meu espanto de ver tanta gente em armas, porque todos as trazem, assim mouros como gentios, desde a idade de dez a doze annos; mas isto se entende dos Naires ou Malabares; porque o povo vil e mesquinho as não traz. Em quanto alli me detive fui mui cortezmente tratado dos Malabares, e agasalhado na casa de um grande senhor Malabar, que era mouro, porque os Malabares não tem nobresa alguma, assim inherente a seu nome como á sua ordem, segundo o que eu pude per-

---

remissão de peccados; assi elles mandam-se lavar ás correntes deste rio Gange, onde lhe fazem uma choupana, e alli morrem com os pés n'agua, crendo que no lavatorio destas aguas correntes de sanctidade deste Gange lavam seus peccados, e vão salvo, ou ao menos quando em vida não podem, por sua morte mandam lançar nelle ás cinzas dos seus corpos depois de queimados.=

Não era impossivel que Pyrard tivesse em Goa conhecimento das *Decadas* de Barros e tomasse dellas os apontamentos para este seu capitulo, sem embargo de nos dizer Diogo do Couto alguns annos antes da vinda de Pyrard a Goa na Epistola Dedicatoria da *4.ª Decada* (1.ª das que elle escreveo) que das de João de Barros não havia na India mais que um só exemplar.

ceber. Fiquei em Motangué por espaço de tres dias em casa deste senhor; e os meus companheiros ficaram na casa de outro, e todos fomos mui bem tratados. O proprio rei veio visitar o senhor, em cuja casa eu estava, e muito me admirei de o ver. Era elle um dos mais bellos e guapos homens, que tenho visto, salvo ser de côr um pouco baça e avermelhada, como são todos os Naires; mas era excellentemente bem proporcionado, e parecia-se muito com o de Calecut, á vista do qual com tudo elle não é mais que um pequeno reisinho; e assim quando fallava delle era com grande respeito, e grande acatamento. Quando elle entrou em casa do tal senhor, um de seus domesticos, que trazia um tamborete quadrado, de pé e meio de largura, e de só meio pé de altura, veio pô-lo no meio da salla. O rei assentou-se nelle, e todos os senhores ficaram de pé ao redor. Não tocavam de modo algum nos trastes, nem nas paredes da casa, e desejam que na delles se faça outro tanto quando lá se vai. Este rei me interrogou muito sobre o paiz da França, quando eu lhe disse que era de lá, e me perguntava a differença que ha entre Inglezes, Hollandezes, e nós (Francezes). Depois pedio informação ácerca do estado del-rei, e de sua grandeza; rogando-me finalmente que o fosse visitar, e pedindo até aquelles senhores que me levassem a seu palacio, o que elles fizeram; e dista o palacio mais de um quarto de legoa da borda do mar. Fui com os meus companheiros. Este palacio era situado n'um alto; tem ponte levadiça, segundo é uso em todos os seus castellos e palacios, que são fortificados de bons cirados, e bons muros; e continuamente conservam ahi boa guarda. Este rei tem somente um elephante, o qual é mui manso.

Alem deste porto de Motangué, ha outros dous de corsarios, mui proximos a elle, que não distam mais de duas pequenas legoas uns dos outros. Um chama-se *Chomambá*, que é da banda de Cananor; e outro *Badará* da parte de Calecut. Motangué fica no meio, e são todos á borda do mar

e mui bem fortificados com grandes tranqueiras, para atalhar os desembarques dos Portuguezes, com quem tem guerra de morte. Cada um destes portos tem seu rei particular, e todos de algum modo são vassallos do Samorim.

Este rei de Motangué bem desejára que nós ficassemos com elle, e nos promettia muitas mercês. Até permittio que aquelles senhores, que eram mouros, mandassem matar uma vacca para nos regalar; cousa que elles nunca costumam fazer. O capitão, em cuja casa eu estava, chamava-se *Musser Caca*, e aquelle que agazalhava os meus companheiros tinha nome de Mestar Cunhale; e ambos eram as primeiras pessoas de Motangué.

Ahi nos detivemos quatro ou cinco dias. O rei e capitão malabar esperavam que nós lá ficassemos de assento, e para isso nos rogaram muito. Eu da minha parte lhes disse que desejava ir ver o grande rei *Samory*, ao que elles nada responderam, não ousando contradizer-me, e até me deram de conselho que fosse a elle. Despedi-me pois do rei, e de meus companheiros, que alli quizeram ficar; porque um delles se foi com um capitão malabar a outra parte distante daquelle logar quatro legoas, nas terras de Calecut. Eu sahi com outro capitão, o mais esforçado e temido desta costa, e que tem mais galés suas. Chama-se *Gusty Hamede*. Tem á sua obediencia muitos dos a que chamam *Jangadas*, que são Naires deputados a acompanhar qualquer pessoa, e que estam ás portas das cidades para por dinheiro acompanharem a quem delles se quer servir. Todos os grandes senhores de Malabar tem a seu soldo quantidade destes homens, que o rei lhes dá; e quem quer os toma para si; os fracos para sua guarda e segurança; os mais fortes, e que andam em grandes ranchos, e sempre bem armados, somente os tomam para que sirvam de testemunhas em como elles não commettem aggressão contra os Naires, se por ventura se levanta alguma briga entre elles e os Naires, como muitas vezes acontece. Porque estes Naires são mui propensos a embriagar-se, e os Malabares

não bebem vinho nem são brigosos, ou motores de arruidos sem motivo; de sorte que frequentes vezes travam uns com os outros, mas el-rei os castiga asperamente. Estes Naires são grandes ladrões em terra, e por qualquer leve cousa matarão uma pessoa. Roubam nas cidades e nos mercados ardilosamente, sem que ninguem se atreva a ir-lhe á mão. E' verdade que nem todos são assim, mas somente alguns soldados mais soltos. A borda do mar é o logar mais exposto aos roubos, porque uns roubam em terra, e outros no mar. Em fim não ha ninguem que se atreva a passar de uma parte para outra sem a companhia destes taes soldados (a).

(a) Sobre *Jangadas* nos diz Diogo do Couto (*Dec.* IV. Liv. VII. Cap. XIV.) o seguinte:

=E porque este negocio de *Jangadas* não é entendido na Europa, daremos rasão da ordem que nisso guardam os Nayres de todos estes reinos..... Guardam estas gentes um costume com os estrangeiros mui digno de louvar e engrandecer. Este é, que tendo um forasteiro necessidade do favor de um destes Nayres pera passar de uma parte pera outra, pera segurar sua pessoa de ladrões, e salteadores, chega-se a um Nayre, e lhe pede seja sua *Jangada*, e lhe dá por isso algum dinheiro, valia de um cruzado. Este Nayre tanto que lhe toma o seu dinheiro, lhe dá a mão em sinal que o toma em sua guarda e assi o leva comsigo até onde o outro lhe releva, muito seguro, e sem receber affronta de pessoa alguma. E se a caso este forasteiro for avexado, ou affrontado de alguma pessoa, fica esta affronta, e injuria tanto á conta deste Nayre, e de toda sua geração, que logo se ajuntam todos, e se offerecem a morrer ate satisfazerem aquella affronta, usando certas cerimonias, como homens que se despedem da vida, rapando as barbas de uma ilharga, que é sinal de homens determinados a morrer, a que elles chamam *Ameucos*; e juntos todos, dão naquelle lugar onde lhe fizeram a affronta, e o destroem, e abrazam. Pelo que he isto tão arreceado em todos o Malavar, que se um Portuguez (que é a mais odiosa nação de todas com os Mouros) quizer passar de Cananor pera Cochim por todo aquelle Malavar, posto que esteja de guerra, e por meio dos Mouros, que lhe beberão o sangue, tomando sua *Jangada*, vai com ella tão seguro, como pelo Alemtejo, sem lhe ninguem perguntar donde vem, nem pera onde vai. E se este Nayre, que se fizer *Jangada* for menino, ainda esse é muito mais seguro; porque a affronta, que se faz a um destes, a satisfazem mais, que a que se faz a um homem grande; porque dizem que quanto menos força este tem pera se defender, tanto é mor a obrigação dos parentes em acudirem pela affronta que se lhe fizer..... E por esta rasão as nossas fortale-

Quanto aos Malabares, estes nunca roubam em terra; e quando andam de rixa entre si, el-rei dá a cada um seu Naire ou archeiro para sua segurança, pondo-lhe defeza de se acommetterem, e estes Naires ficam a soldo e comedoria dos Malabares, e em quanto assim estam não ousariam acommetter-se uns aos outros, aliás o aggressor seria havido por criminoso de leza-magestade, e seria responsavel perante el-rei em pessoa. Diz-se que estes Malabares guardam odio até sete annos. E são os Naires tão temidos, que se um Malabar houver ferido algum, e não haja outros Naires que dem testemunho em como elle não foi o aggressor seria a perdição de todos os Malabares, e a destruição da povoação donde elles são. Todos estas pouvações de Malabares ao longo da costa são tão cheias de Naires armados com toda a sorte de armas, que quando eu lá passava parecia-me sempre estar no meio de um exercito de vinte mil homens. He tão basta a gente que as vezes não se pode andar pelas ruas; mas á noute todo o mundo se recolhe, e só ficam os Mahometanos e os *Mucuàs* (a), que tem seu bairro apartado á beira-mar, fronteiro á povoação dos Malabares, e outros artifices gentios, que pela maior parte das vezes tem suas casas proximas ás povoações dos Malabares, por cuja conta trabalham.

E com quanto toda a costa seja de Malabares, com tudo quando se falla verdadeiramente de Malabares, entende-se propriamente os Mahometanos, dos quaes mui poucos são artifices, mas todos mercadores, ou ladrões e soldados do mar. Não tem entre si nobreza de linhagem, mas somente são assignalados pelo valor e riqueza, e toda a sorte de gente tem boa acceitação entre elles. Tem muito poucos escravos, e não constrangem ninguem a ir á guerra com elles. Fiam-se em todo o mundo, e poem toda a diligencia

---

zas do Malavar tem *Jangadas*, a que El-Rei dá tenças, que são obrigadas com todos os parentes e criados accudirem ás affrontas, que os visinhos lhes fazem =

(a) Veja-se adiante Cap. XXVII desta 1.ª Parte.

em indusir os homens a que de boamente os acompanhem. Tem sempre meza franca para todos; e cada um come no seu prato, isto é, os soldados. Toda a qualidade de gente lhe convem; porque os que não são bons para soldados, nem são pessoas de qualidade, fazem-nos marinheiros e remeiros com vencimento de soldo, ou lhes servem para venderem a fazenda que elles roubam. Chamam a suas galeotas *Parãos*. Quando os mercadores da costa de Malabar sabem que as galeotas dos piratas estam prestes a chegar, não se afastam da beiramar para que possam comprar-lhe a fazenda a baixo preço; e até não tem receio de a levar a vender aos proprios logares donde são os mercadores, a quem a mesma fazenda foi roubada, e que a maior parte das vezes a tornam a comprar novamente; e ainda que a conheçam, não podem dar-lhe remedio, em caso que os corsarios tenham cartaz dos Portuguezes. E os sacerdotes de sua lei, e os pobres estam tão affeitos a isto, que acodem da distancia de trinta legoas a pedir esmolla, porque sabem bem que estes Malabares fazem voto de dar um tanto aos pobres, no caso de fazerem boa preza; e nunca faltam ao cumprimento destas promessas. Tem tambem os seus santos, ou ziares, que são logares e templos destinados a isto, onde fazem seus votos e offerendas como nas ilhas de Maldiva. Estes sacerdotes porem só servem para a celebração dos matrimonios, e para os ministerios dos templos; porque não administram justiça; e todos são vestidos ao modo da Arabia, e tudo de branco.

Ha entre elles certa qualidade de gente, a que chamam *Abedalles*, que tem feito voto de pobresa, e que tambem andam em peregrinação pelo mundo. Ás vezes ha em um só logar trinta ou quarenta juntos, ainda que não sáiam fóra mais que aos dous e aos tres; e de ordinario a um e um. Dá-se-lhes esmolla, e alguns são mui importunos a pedil-a. Pernoitam todos no templo. São mui trataveis; entendem todas as linguas; a sua pratica é mui aprasivel, porque elles tem corrido todas as partes do oriente. Tra-

zem comsigo toda a pouquidade de fato que tem. Dá-se-lhe de esmolla dinheiro, pannos de algodão e seda, e de comer tanto quanto querem. Acham-se entre elles alguns, que vivem mui austeramente em sua lei. O seu posto é junto do templo, não pedem esmolla (a), e se lha não dão deixar-se-hão morrer de fome. Vivem mui solitarios, e todos seguem a lei de Mafoma.

Os gentios tambem tem destes *Abedalles*, que são como eremitas, e chamam-lhe *Joguis*. Andam tambem peregrinando, mas pelas terras dos Naires, e de outros gentios. Não comem cousa que haja tido vida. El-rei de Calecut tem junto a si um, a quem trata com grande estimação, e é havido por santo. Todos os Joguis, que por alli passam, se aposentam em casa delle, como em um mosteiro, ou hospital a isto só deputado. Dista dous tiros de mosquete dos paços del-rei; é edificio mui bello, e foi fabricado, e dotado pelo rei. Quantos alli chegam são sempre agasalhados promptamente, e muito á sua satisfação. Os outros reis Naires, por cujas terras transitam, os recolhem em seus palacios, onde se dilatam o tempo, que lhes apraz. Estes Joguis cobrem o corpo com não sei que cinza e pó esbranquiçado diluido em agua; trazem ordinariamente grandes castanhas do mar pendentes nas orelhas, as quaes tem buracos por onde pode passar o dedo pollegar. Ha outros de ordem superior que trazem peças de ouro, ou de prata dourada, da mesma forma e grossura que as ditas castanhas. O seu comer é como o dos Bramanes e Banianes de Cambaia, e outras partes, que nunca provam cousa que haja tido vida. Ha tambem nestas terras outra sorte de forasteiros e peregrinos, como cá entre nós, a saber charlatães que mostram bixos, e dançam, e saltam de todos os modos. Nunca vi tão bons saltadores, nem que façam tantas pelloticas, e ligeiresas de mãos.

Mas tornando á minha partida de Motangué; puz-me a

(a) Acaba o mesmo aucter de dizer que alguns são mui importunes a pedil-a.

caminho para ir a Calecut por terra, distancia de doze legoas, tomando por minha guarda e guia Naires, de povoação em povoação, que alli são mui chegadas, e de duas em duas legoas (a), dando a cada um quatro tarentos, que são pequenas moedas de prata, cada uma das quaes faz a decima-sexta parte de um larim. Passei pois a *Badará*, a duas legoas de Motangué para a banda de Calecut. Alli o senhor da terra me fez ainda melhor recebimento que o outro. Tinha elle dous palacios um dos quaes era para as mulheres, porque tem muitas segundo a lei de Mafoma. Ahi me demorei quasi quinze dias. Estes tres portos, Chomambá, Motangué, e Badará jazem assim como no fundo de uma enseada. *Canharoto* (b) outro porto de corsarios, que domina grande extensão de terras e de povos, é dalli dezoito legoas para o norte, perto de Barcelor, e não se podem socorrer uns aos outros por terra. Mas aquelles

(a) Segundo Diogo do Couto (Dec. XII. Liv. I. Cap. XVIII), o roteiro desta costa do Malabar de Cananor a Cochim é o seguinte:

De Cananor ao ilheo de Tremapatão ha duas legoas; tem alli um rio muito bom. Delle ao rio do Sal ha meia legoa; e legoa e meia abaixo o rio de Maim. Adiante uma legoa a povoação de Chomambá (Pyrard escreveo *Chombaye*), que tem de fronte umas pedras. Dalli a meia legoa a povoação de Motangué (Pyrard escreveo *Montingué*); e outro tanto ao rio de Pudepatão, que é aonde o Cunhale tem sua fortaleza e na barra tem este rio um ilheo. (A esta povoação do Cunhale chama Pyrard *Marquaire Costé* e nós escreveremos Marcare Costé). Entre Motangué e Pudepatão, em espaço de meia legoa ficam estas duas povoações, Coriare, e Baregare. (Não falla Diogo do Couto na povoação de *Badará*). Adiante do rio de Cunhale duas legoas está a villa de Tiracole desta costa, e dos mais soberbos Mouros della. (Deste Tiracole nos diz Diogo do Couto na Dec. VI. Liv. VIII. Cap. XIII. que o seu proprio nome é *Quicoré*, e é uma cidade grande, e formosa, e de muito trato e mercadores, assentada e estendida sobre a costa brava duas legoas do rio de Pudepatão para o sul). De Tiracole ou Quicoré duas legoas adiante vai a villa Coulete, ou Coulechè; e uma legoa avante o rio Capocate; e adiante outra legoa a povoação de Pudiangare. De Pudiangare a Calecut ha uma legoa e duas dalli ao rio de Chale; e outras tantas á Cidade de Paranor, e as mesmas á de Tanor, e outras duas á de Paranorá. E dahi a uma legoa está o famoso rio de Panane, o maior daquella costa, e delle á barra de Paliporto nove legoas, e quatro ao rio de Cranganor; e delle a Cochim cinco.

(b) Pyrard escreve *Cangellotte*.

tres portos socorrem-se desta maneira, a saber; tem umas guaritas á beira-mar, postas sobre pilares mui altos, onde postam sentinellas para descobrir o mar muito ao longe; e sabem pouco mais ou menos a estação, em que deve vir a armada dos Portuguezes; e á beira-mar fazem tranqueiras para impedir a desembarcação.

Quando eu estava em Badará passou uma armada de sessenta velas, todas galeotas, e duas galés, que vinha de Cochim caminho de Goa. Fazia tanta calma, que não deu cuidado algum a todos estes Malabares. Os dos outros portos acudiram então ao porto donde a armada estava mais proxima, para se ajudarem uns aos outros. Os Portuguezes chamam a suas galeotas *Navios* (a), e ás dos Malabares *Paráos*. A maior parte dos navios desta armada eram de *Chatins*, como lhe elles chamam, e são mercadores (b). Logo que os Malabares chegam a seus portos, varam todos os seus *paráos* ou galeotas em terra. Vi fazer a maior proesa do mundo a um destes paráos, quando recolhia de suas expedições. Toda a armada portugueza estava á entrada desta grande bahia, e este paráo não havendo vista della, achou-se de improviso mettido no meio de sessenta velas, e não podendo retroceder, tomou a ousada determinação de atravessar pelo meio desta armada, e acolher-se ao seu porto, que era *Chomambá*; neste caminho virou o paráo e a gente se salvou a nado, apesar de ser perseguida dos Portuguezes, que nada poderam haver ás mãos. Depois que a armada se partio, poseram o paráo a salvo.

E' mister que estes ladrões e piratas façam grossas pre-

(a) *Navio* chamamos a qualquer embarcação do mar alto. As nossas armadas no tempo a que se refere Pyrard, compunham-se de differentes especies de Navios, taes como *Galeões*, *Galés*, *Fustas*, &c.

(b) *Chatim* (diz João de Barros, Dec. I. Liv. IX. Cap. III.) são homens tão naturaes, mercadores, e delgados em todo o modo de commercio, que ácerca dos nossos, quando querem taixar, ou louvar algum homem por ser mui subtil, e dado ao tracto da mercadoria, dizem por elle, é um *Chatim*, e por mercadejar *chatinar*, vocabulos entre nós já mui recebidos.

sas, porque alem das pagas, e custas, que fazem em seus paraos e galeotas, tem ainda de pagar direitos de alfandega, e cartazes ao rei Naire da terra. Afóra isso são sugeitos a muitas sortes de gratificações e presentes, que fazem a el-rei de Calecut, e ao de quem são subditos. Tambem era costume fazerem-nos ao rei *Cunhale*, ora defuncto. Da mesma sorte os fazem a seus amigos; e por cima de tudo aos sacerdotes e pobres, como já se disse, e não menos satisfazem ás promessas, que fizeram a seus Ziares.

Os senhores da terra são iguaes na linhagem, e tem tantos paráos uns como outros. Porque entre elles não ha nobreza, e só fazem estimação ou dos anciãos, ou dos que tem riqueza, e esforço. E quando se querem embarcar para ír á guerra, ou ás presas, se são muitos navios, fazem um capitão-mór de toda a armada, ao qual obedecem durante esta viagem somente, porque sendo finda, o que foi capitão-mór torna a ser o que era de antes; e se fazem alguma presa, dão-lhe um presente como querem, sem elle haver direito a mais cousa alguma; o resto é repartido igualmente por todos.

Durante a minha estada em Badará fui muitas vezes a passear a pé muito pela terra dentro, que eu achei mui bella e boa, coberta de arvoredo, e mui aprasivel. O terreno é vermelho e arenoso, e plano para a parte do Sertão. Os Naires visinhos dos portos vem postar-se á beira-mar e junto do palacio del-rei, quando ha rebate contra os Portuguezes, ou outros, que vem em som de commettimento contra os Malabares. Quanto ao palacio del-rei, é inaccessivel da banda do mar, e situado no alto de uma montanha quasi a tres tiros de mosquete do mar, porque a povoação dos Malabares fica a meio caminho. O rei mandou cortar esta montanha a prumo. Tem outro palacio a legoa e meia mais no interior, onde guarda sua mulher, e toda a sua casa, e onde tem o seu pagode principal; e a esse sitio me levou. Este rei podia então orçar pelos sessenta annos; não era tão esbelto como os outros, mas era de

mui bella estatura. Eu ía muitas vezes a Motangué a ver meus companheiros. Um delles se havia ído para outra povoação a duas legoas de Badará para a parte de Calecut, e pertencente aos estados de Calecut, cidade que dista dalli dez legoas. Aquella povoação chama-se *Marcáre Costé*, e os Portuguezes a nomeam *Terra do Cunhale*.

O senhor, com quem eu estava em Badará amava-me como a seu irmão. Tinha uma mulher n'uma casa em Marcáre Costé (que é uma fortaleza), e ahi me levou comsigo muitas vezes ; lá vi o meu companheiro, e me detive algum tempo. Esta terra de Marcáre pertence ao rei de Calecut, e está em paz com os Portuguezes assim como o resto dos estados del-rei de Calecut. Os paráos dos piratas e corsarios não ousam aportar, nem aperceber-se ahi; mas todos os homens da terra vão a roubar como os outros; e os ricos tem paráos, que conservam nas terras dos reis de Badará, e outros portos de piratas; e fazem conduzir as suas prezas e roubos por terra a suas casas. Todos estes Malabares indianos não fazem differença (salvo se miudamente se lhe explica) entre Inglezes, Hollandezes, e Francezes. O motivo de nos amarem tanto era verem que nós andavamos em guerra com os Portuguezes. Perguntavam-me elles se eu era da lei dos Portuguezes; e respondendo-lhe que sim; porque rasão, pois (me tornavam) lhe fazeis vós guerra? e como eu lhe replicava que o mesmo faziam elles aos outros mahometanos, diziam-me que não era de estranhar isto nelles, que eram todos ladrões e piratas, cousa que entre si não é deshonra, e vai passando de pais a filhos. Quem quizer ser bem acceito entre elles deve sempre fallar em fazer guerra aos Portuguezes, e dizer mal delles ; e eu na verdade não poderei dizer muito bem.

Ora a causa, porque este senhor me amava tanto, e me fazia tão grandes carinhos sobre todos os outros, era porque elle tinha desejo de ir ás ilhas de Maldiva no anno seguinte com uma armada; e por quanto eu tinha sciencia da lingua e da terra, e mesmo porque elle sabia por muitos

mercadores e pilotos malabares, que me haviam visto lá, quanta acceitação eu tivera do defuncto rei, não tinha comigo outras praticas senão ácerca destas ilhas de Maldiva, inquirindo de mim mui particularmente quaes eram as melhores ilhas, quaes as pessoas mais ricas, e se eu sabia aonde o rei e as rainhas tinham os seus thesouros; e por esse respeito applicava todas as suas forças a reter-me junto a si, como igualmente faziam todos os outros senhores. Fazia-me as mais magnificas offertas do mundo, e a muito custo podéra eu escusar-me, se me não houvera servido do nome do grande rei *Samory*, que eu disse desejava ir visitar. Só isto os atalhou, e emmudeceo, e por este meio me desenvencilhei delles com muito seu sentimento. De sorte que tendo-me despedido delles neste presupposto, segui caminho direito a *Marcáre Costé*.

E' de saber que para ir de Badará ao territorio de Calecut, é mister passar um rio, e ha no caminho os estados de um rei, que se chama *Ariol*, o qual não tem porto algum, mas tem seu assento no interior da terra; sendo amigo dos Portuguezes, e inimigo dos Malabares em seu coração, mas não dá demonstração disso, por quanto ha entre elles trato, e não podem passar uns sem os outros. Por suas terras passa um rio, que vem desaguar em Marcáre, e que pode ser navegado em bateis pelo espaço de mais de vinte e cinco legoas. Entretanto é impossivel dizer o bom agazalho, e grande amizade, com que eramos tratados dos Mouros e Naires malabares. Tinham por grande ventura o receber-nos em suas casas, diziam que Deos lhes fazia nisto muita mercê; e a maior parte lançavam em escritura o dia e a hora, em que haviamos lá entrado, e diziam a seus filhos que se lembrassem algum dia de nos haver visto. Toda a gente corria aos caminhos para nos ver, quando ouviam fallar no nosso nome, e que eramos inimigos dos Portuguezes.

Tendo pois estado quinze dias ou mais em Badará, fui a Marcáre a encontrar-me com meu companheiro, e tomamos

entr'ambos resolução de irmos a visitar o Samorim, com licença del-rei e de Custy Hamede, que muito lhe pesava, como igualmente a todos; porque eu ía livremente a *Costé* a casa de sua mulher a comer e beber, e a pernoitar quando me aprazia. Na cidade de Costé ha sempre saccadores, escrivães, e outros officiaes del-rei de Calecut, e tem um escriptorio onde fazem a cobrança. Vão visitar todos os navios e mercadorias, que entram no porto; e á tarde recolhem-se a suas casas, situadas a meia legoa distante da praia. Os Portuguezes tem empenhado todas as suas forças para subjugar estas quatro povoações e portos sobreditos, mas sempre debalde e com perda e deshonra sua, mórmente em Badará, onde tem perdido muita gente, porque é o porto mais forte, por ser todo rodeado de agua. Alli foram desbaratados um mez antes de eu lá chegar (a).

Passei dez ou doze dias em Marcáre antes de ir a Calecut, e durante o tempo, que ahi estive, veio ahi muitas vezes *Custy Hamed*, e dizia que era por me ver, mas o motivo era porque elle tinha alli sua mulher. Não queria consentir em que eu o deixasse, nem que tomasse outro aposento senão o seu, ou fosse para pernoitar, ou para comer e beber. Por outra parte os saccadores del-rei, que são alli havidos em grande honra, nos davam ração, dizendo que seria grande vergonha para el-rei e para nós se outrem nos desse de comer, visto que nós estavamos na sua terra, e que nosso desenho era de ir visital-o. Alem desta ração muitas vezes nos banqueteavam e faziam grandes honras, e igualmente todos os outros senhores, assim Naires como Mouros, e desejavam acompanhar-nos á presença del-rei. Cada dia nos davam a cada um um *Panão*, que é uma moeda de ouro daquelle reino, que vale pouco mais ou menos quatro soldos e meio. Chegava para todas as despesas, e sobrava ainda metade. Todo este paiz de Marcáre, que

(a) Isto segundo a narração de Pyrard aconteceo no anno de 1608. A falta de documentos dessa epocha nos archivos da India nos não deixa conhecer as circumstancias do successo.

eu percorri muito ávante, é mui bom, e de quarenta annos (a) a esta parte tem sido o abrigo principal de todos os piratas; e alli residia o rei delles. É o logar onde ha mais Malabares, por ser o mais forte, e o rei de Calecut põe ahi um governador, que governa a todos os Malabares de seus estados, como igualmente a todos os outros das povoações e portos de piratas e corsarios, que o reconhecem por seu rei, ainda que são vassalos do Samorim, porque é mister serem governados por um de sua lei e de sua nação.

Para este posto nomeou o rei de Calecut um chamado *Cunhale*, com o titulo de tenente general, e teve o sobrenome de Cunhale Marcáre, porque *Marcáre* quer dizer logar-tenente, ou vice-rei. Este Cunhale foi escolhido para isto por razão de seu valor, e governou trinta ou quarenta annos, e chegou a ser mui poderoso á força de roubar todo o mundo, porque era o maior corsario que nunca houve nestas terras; e como o logar, onde elle tinha seu assento era espaçoso, todos vinham alli acolher-se. A fortaleza era pequena; e junto della passa um bello rio, que pode ser navegado por bateis mais de vinte legoas, e por elle desce toda a sorte de mercadorias; e na foz delle fabricou com consentimento del-rei uma boa fortaleza ao modo das nossas, de mui boas muralhas de pedra e cal, e dentro tinha agua doce. Alem disso levantou dous grandes fortes que defendiam a entrada do rio, e todos os navios vinham surgir ao pé da fortaleza em toda segurança, e alli estavam a salvo de todo o perigo e discommodo. A fortaleza defendia a cidade, que todavia tambem era fortificada, assim do lado do mar como de terra, e era quasi toda cercada de agua ou do mar ou do rio. E' uma grande cidade, mui povoada, com grandes casarias, ruas, e boticas bem ornadas, como na de Calecut, e em todas as outras da costa de Malabar, entre as quaes esta é uma das mais lindas, ricas, e fortes. Está situada n'uma altura, e

(a) O texto diz 4. *ans*, com visivel erro typographico.

a fortaleza ainda mais em cima; e em baixo na barra junto ao mar de cada lado do rio estam aquelles dous fortes, que defendem a barra e entrada do rio. Esta cidade em tudo está diminuida mais de ametade depois da morte do *Cunhale Marcâre*, como abaixo direi (a). Este Cunhale prestava toda obediencia a seu rei, sob cujo favor e bondade elle havia crescido tanto em poder; e o rei, que a esse tempo tinha guerra com os Portuguezes, folgava muito de ter pela sua parte a este homem, que era tão temido. O porto e a cidade rendiam a el-rei quasi tanto como a de Calecut. Vem por este rio abaixo grande quantidade de pimenta, e outras mercadorias, que fazem render a cidade e o porto. Vi em uma salla na casa de um grande senhor Malabar deste logar todos os combates, e todas as victorias do Cunhale, assim em terra, como no mar, no decurso da sua vida; mui bem pintadas e mui bem coloridas; onde todos os navios, galés, e outras embarcações, que elle havia tomado, ou mettido no fundo, estavam mui bem representadas. Era o Cunhale conhecido e temido de todo o mundo, desde o Cabo de Boa-Esperança até á China. Affirmaram-me que de um só golpe de espada havia cortado um remo de galé, e partido pelo meio um homem, que tinha a espada á cinta, levando homem e espada do mesmo golpe. Tinha um irmão tão esforçado como elle, chamado *Cuti Mucá*. Reinaram mais tempo do que outro algum o fez ainda nestas terras, e tomaram infinitos navios e galés da China, de Goa, e de outras partes, como eu pude saber por aquellas pinturas. Era um dos mais crueis homens do mundo, e sua grande força e poder lhe fazia despresar a todos, e até o proprio rei de Cananor, que ao principio era seu protector, e seu superior, e que o tinha favorecido em tudo e por tudo. Roubava a todos, e em toda a parte. São sem conto as cruesas e barbaridades, que elle e os seus commettiam para com toda a sorte de pessoas sem distinc-

(a) Compare-se esta descripção com a que vem em Diogo do Couto, *Dec.* XII. Liv. I. Cap. XVIII.

ção; e entre outras contra um rei Naire seu visinho, chamado *Ariol*, de que já fallei, ao qual elle foi roubar e assolar as terras, e depois o lançou fóra dellas. Cortou o nariz e os peitos á rainha sua mulher, e se fez acclamar rei; de sorte que soberbo com estas prosperidades, chegou a negar a vassallagem ao Samorim, contra o qual se levantou, não querendo restituir alguns navios, que havia tomado a vassallos seus, sem embargo de o Samorim lhe pôr preceito que o fizesse; mas elle despresava os seus mandados.

Os Portuguezes folgaram muito com este levantamento do Cunhale, como era rasão; e logo julgaram que a perda delle era infallivel, assim pelas excessivas e barbaras cruesas e roubos, que elle havia commettido, como por sua arrogancia e rebeldia; de sorte que procuraram logo fazer pazes com o rei de Calecut, o qual desejando castigar este perfido, veio nellas ligeiramente; e no anno seguinte, que foi o de 1599, o vice-rei de Goa aprestou uma grossa armada, sob a capitania-mór de um seu sobrinho, chamado D. Luiz da Gama (a), o qual no desenho de surprender a fortaleza com alguma secreta intelligencia, desembarcou na terra do rei Ariol, grande inimigo do Cunhale pelas causas, que já dissemos. Esta terra era da outra banda do rio, sobre o qual os Portuguezes fizeram trinta ou quarenta jangadas, ou ponte de barcas amarradas umas ás outras; e foi mandado um capitão chamado Luiz da Silva com trezentos soldados escolhidos para commetter a desembarcação da banda de cá do rio, quando lhe fosse dado signal. Era de noute, e ao mesmo tempo o Samorim devia enviar por terra algumas forças favorecidas por um troço de Portuguezes. O Cunhale, e seu irmão sendo avisados deste plano, acudiram a tudo sem dar demonstração de cousa alguma, de sorte que aquelles trezentos que pas-

(a) A' margem do exemplar, de que nos servimos para esta traducção, esta neste logar uma nota manuscripta em francez, e de letra franceza antiga, que diz =D. Luiz da Gama, capitão-mor desta armada, não era sobrinho, mas irmão do vice-rei Conde da Vidigueira=Observação exacta, e que tomamos por nossa.

saram nas jangadas foram rechaçados, e seu capitão Luiz da Silva foi morto de uma mosquetada; o que sendo visto pelos soldados, fizeram volta, mas pensando achar os bateis no logar aonde os haviam deixado, viram que lhos haviam levado; e nesse meio tempo os da fortaleza tendo saído apoz elles os desbarataram, e a maior parte se afogou, escapando apenas a nado uns vinte ou trinta, e o resto, por não poder nadar em rasão do peso das armas, pereceo. Quanto aos Naires e Portuguezes, que deviam accommetter por terra, o Cunhale os atalhou com uma tranqueira no caminho, por onde haviam de passar, guarnecida de bom numero de espingardeiros. O grosso da armada dos Portuguezes, querendo commetter a desembarcação, foi rechaçada e desbaratada; de sorte que por rasão de sua arrogancia padeceram ahi a perda de quinhentos homens, e se recolheram aos navios em desordem. O rei de Calecut lhes disse depois que não era aquelle o modo de commetter esta empresa; mas que convinha ir com mais tento. Assim o capitão-mór da armada se recolheo a Goa enxovalhado, e com perda da melhor gente della. Isto fez a todos os Portuguezes suspeitosos e desconfiados do Samorim, dizendo que elle os havia atraiçoado, e os havia levado á degolla, porque a gente, que elle devia enviar, como entre elles fora concertado, não appareceo para accometter á hora do signal dado. Mas a causa deste engano procedeo de artificio do Cunhale e dos seus, que tendo sido bem avisados, mandaram sem dilação tomar os passos por muita gente de guerra, de sorte que aquelles não poderam chegar á hora aprazada. Os Portuguezes porem havendo depois sido bem imformados de toda a verdade do feito, não descoroçoaram por haver sido uma vez desbaratados, antes se determinaram a tentar segunda occasião, em que podessem colher ás mãos o Cunhale, e a sua terra, fiados na segurança, que disso lhe dava o rei, a quem elle devia vassalagem (a).

(a) Veja-se a historia desta jornada em Diogo do Couto, *Dec.* XII.

Assim no seguinte anno, que foi o de 1600, André Furtado de Mendonça, velho, e esforçado capitão, o mais temido de todos os Portuguezes da India, que morreo quando vinha de Goa para Lisboa, na mesma viagem que eu fiz na volta, como adiante direi, fez pacto com o Samorim para colherem ás mãos ao Cunhale, e assentaram entre si, que o rei de Calecut iria por terra em pessoa, e que a armada Portugueza, capitaneada pelo dito André Furtado, viria por mar; o que assim foi feito, e o Cunhale cercado. Houve assaltos mui renhidos com grande perda de parte a parte. Diz-se que se juntaram alli mais de sessenta mil Naires. Ouvi depois discorrer sobre este caso assim aos Portuguezes, como aos Malabares, e Naires da fortaleza; mas dizem que a causa da tomada della foi a falta de mantimentos; porque o Cunhale, tendo desbaratado os Portuguezes, não pensava que voltassem tão depressa, e foi assim tomado de sobresalto. Havia elle enviado dous possantes navios governados por *Metar Cunhale*, que era um grande capitão de Motangué, a buscar mantimentos mas estes navios não poderam ferrar o porto; de sorte que depois de um longo cerco vendo-se reduzido á extremidade, sem embargo de

---

Liv. I. Cap. XVIII; e Liv. II. Cap. II. III. IV V. VI. VII. VIII. IX. e X. onde vem mui extensamente, com alguma differença da narrativa de Pyrard. Em quanto ao numero dos mortos affirma resolutamente Diogo do Couto que não passou de duzentos e trinta dos nossos, e dos mouros foram mais de quinhentos.

D. Luiz da Gama chegando a Goa, partio logo para Ormuz a servir a capitania daquella fortaleza. Sabidas na Corte as novas deste successo, escreveo El-rei em carta de 26 de Fevereiro de 1602 ao Vice-rei Ayres de Saldanha havendo por seu serviço, e bem de justiça que D. Luiz da Gama pelo procedimento, que tivera na empreza do Cunhale, fosse mandado preso a Portugal sobre sua menagem nas náos deste anno; e não estando elle em parte que podesse ir nellas, o enviasse nas primeiras; e outrosim havia el-rei por bem que se tirasse delle devassa do modo, em que procedeo na dita empresa; e se lhe tomasse residencia, e tirasse devassa delle do tempo, que tivesse servido de Capitão de Ormuz, enviando o Vice-rei os traslados das ditas devassas (Liv. das *Monções* no Archivo do Governo da India, n.° 7.° fol. 69, e fol 89; e n.° 8 fol. 156.) Faltam-nos aqui documentos por onde se possa saber o progresso destas averiguações.

haver dado toda a sorte de provas de valor, se rendeo em fim mui fracamente. Diz-se que se lhe quebraram as forças por rasão dos feitiços, que levava certo betle, que o rei lhe mandou. Outros dizem que foi com lastima de ver os seus em tal aperto, e que dizia que mais folgára de só elle padecer e morrer, do que ver tanta gente mettida em trabalhos por seu respeito; e ainda dizem que isto succedera por ser morto seu irmão Cuti Muçá, o qual não teria por caso algum consentido que elle se entregasse desta sorte. E o que mais apressou a sua entrega foi a desesperança de soccorro, porque elle havia escandalisado os reis e principes, de quem o podéra esperar. Pedio pois entrar em concertos dizendo que se renderia á mercê de seu rei, a quem pedia perdão. Mas o rei já áquelle tempo o não podia salvar, porque fora ajustado entre o dito rei e André Furtado que a fortaleza seria arrasada, o seu recheio dividido a meias; e todo o povo ficar á obediencia del-rei e Cunhale aos Portuguezes; ou Cunhale a el-rei e o povo aos Portuguezes. O rei escolheo o povo. Sendo assim feita composição, quando Cunhale quiz sair, todos os Naires estavam de um lado, e os Portuguezes do outro, e elle encaminhando-se a el-rei a fazer-lhe sua reverencia, e a lhe pedir perdão, o rei lhe fez entregar sua espada, e a tomou; e dando-lhe duas ou tres pequenas pancadas no hombro, como por mófa, lhe disse sómente estas palavras: Cunhale, assaz de trabalho e enfadamento me haveis dado: e voltando-se logo para André Furtado, lhe disse: Cunhale é vosso, ahi vo-lo entrego. E assim ficou em poder dos Portuguezes, e foi levado ás galês: a fortaleza, e fortes foram derribados inteiramente, e a cidade ficou como estava, mas foi posta a sacco; e com tudo o povo não padeceo outro damno. Isto feito os dous exercitos se recolheram. Depois que as novas desta victoria chegaram a Goa houve fogos de alegria, repiques de sinos, cantou-se o *Te-Deum*, e dous dias depois da chegada da armada o Cunhale foi degollado. Perguntaram-lhe primeiro se elle queria fazer-se christão, ao que elle res-

pondeo que sim, com tanto que lhe fosse salva a vida; mas que se houvesse de morrer, antes queria que fosse na sua lei de Mafoma. Eis a fortuna, e o miseravel fim deste rei Cunhale. Mas depois os Portuguezes tem pago bem cara esta cabeça, porque os Malabares por essa causa entraram a matar todos os Portuguezes que lhe cahiam nas mãos. O rei de Calecut teve depois grande pesar de lhe haver entregue um homem tão esforçado; mas fel-o por colera e revindicta, pois o Cunhale e seu irmão foram reputados os mais bravos capitães de toda a India Oriental (a).

Quanto á fortaleza do Cunhale, estive nella muitas vezes. Os muros ainda estam em pé até a altura de dous homens, de sorte que é mui facil de fortificar, e se o rei houvesse guerra com os Portuguezes, bem depressa seria restaurada. Quando nós partimos de Goa corriam novas de que o rei queria quebrar a paz, e que mandára fabricar sessenta galés ou paráos, e refazer a fortaleza; e quando os Hollandezes ahi foram, elle lhes prometteo de lha entregar, de sorte que o feitor ou agente dos Portuguezes, que alli reside, se foi queixar ao rei por elle permittir a entrada aos ditos Hollandezes, e a outros estangeiros inimigos del-rei de Hespanha, e que nestes termos elle estava determinado a recolher-se a Goa. O rei não lhe deu mais resposta, senão que se fosse embora, e que elle não segurava ninguem á força. Não ha rei algum na India que possa incommodar mais os Portuguezes por mar que elle; por quanto a costa que elle domina pode aprestar grande numero de Malabares, e é mui rica para lhes pagar seus soldos. Ha em seu reino homens mui ricos, que todos são gente intrepida e determinada. Ha tambem grande copia de Mucuás para chusma dos paráos. Estes Mucuás são uma casta de gente como escra-

(a) Veja-se Diogo do Couto, *Dec.* XII. Liv. III. Cap. X. e XI. e Liv. IV. Cap. I. II. III. IV. V. VI. VII. VIII. IX. X. e XI. Pyrard concorda substancialmente com Couto. So notaremos que a justiça feita no Cunhale não foi tão abreviada como diz Pyrard.

vos del-rei e dos Naires, como adiante direi, e chamam ao rei em sua lingua *Tambiranê*, que quer dizer Deos.

Eu sei de sciencia certa que o Samorim tem intelligencias com todos os piratas Malabares, os ques lhe dão dinheiro, e lhe pagam tributo debaixo de mão. E sei-o por haver muitas vezes acompanhado aquelle capitão Custy Hamede a ir tratar com os seus officiaes em secreto; ao que só vai de noute pelo temor de ser visto. Todos os outros senhores e capitães destes Malabares fazem outro tanto, como muitas vezes vi, e como os proprios officiaes del-rei me asseveraram. E verdadeiramente isto é facil de julgar, por quanto elle os provê de tudo, e lhes empresta dinheiro quando o elles não tem, e elles lho restituem pontualmente, e com lucro. Todos os annos sáem muitos milhares de homens das terras do Samorim para irem roubar pelo mar com os outros. Estes corsarios são os mais cavalleiros e bizarros homens do mundo, e cada dia assistem ao Samorim com presentes e lisonjarias para lhe fazerem quebrar a paz com os Portuguezes, e a ver se elle lhes dá a elles aquella fortaleza do Cunhale. Este Cunhale deixou um filho, que ainda se intitula *Marcâre*, isto é, vice-rei, o qual eu vi muitas vezes, e comi e bebi em sua casa. Habita a maior parte do tempo em Costé ou Chomambá, com uma de suas mulheres; e com quanto o rei depois da morte do pai, não haja dado aquelle titulo a mais ninguem, nem por tal tenha reconhecido este filho; todavia acatam-no mais que a qualquer outro, e lhe dão aquelle nome somente por rasão do pai. Muitos aspiram áquelle cargo, o que é parte para que el-rei o não proveja, e deixe assim a terra em paz. Os negocios vão direitamente á decisão del-rei, ou dos senhores Naires a isso deputados, e não ha na terra outra justiça fóra esta, e serve para tudo.

Depois de nos dilatarmos, meu companheiro, e eu, mais de doze dias nesta terra de Marcâre ou de Cunhale, e tendo-nos despedido de nossos amigos; os officiaes del-rei, a quem pedimos conselho sobre a nossa partida, nos disse-

ram que se nós desejavamos ir a procurar el-rei, elles nos dariam cartas e dinheiro; mas nós não haviamos mister dinheiro salvo para passar agua, e para pagar aos Naires, que nos acompanhavam; e ainda se não fôra o risco que havia de encontrar Naires embriagados com *orraca* (que é uma especie de agua ardente feita de vinho de coqueiro), nem desse mesmo careceriamos, por respeito da nossa carta de encommenda, que fallava no nome do Samorim. Mas não ha que fiar sempre nisto. O nosso caminho não passava de quatro pequenas legoas por dia, e ás vezes duas. Elles nos faziam ficar em seus aposentos, ainda que nós os tivessemos; e não se pode dizer quanta era a fartura e a honra, com que nos tratavam pelo caminho. Andavam entre si á porfia sobre quem nos agasalharia, mas não ousavam a pedir-nos que ficassemos com elles contra nossa vontade, como muito desejavam, por rasão de irmos dirigidos á presença del-rei; alem de que o passaporte, que levavamos, nos fazia receber bem em toda a parte. Pozemos quasi oito dias em ir de Costé a Calecut, ainda que bem poderamos andar este caminho em dous dias; mas as dilações que faziamos aqui e alli, o agasalho e recebimento, com que eramos acolhidos por toda a parte, foi causa de gastarmos todo aquelle tempo. E na verdade ser-me-hia impossivel representar o bom acolhimento, que por toda a parte nos fizeram, tanto elle foi honrado, e cheio de cortezia e affecto. Porque as maiores pessoas altercavam entre si sobre quem nos agasalharia. Mas cumpre notar que eram os Malabares Mouros, e não os Naires, porque estes são largos com o seu dinheiro, com fructas, e com tudo quanto tem, mas não desejam que pessoas de outra casta comam, e se aposentem em suas casas, tanto quanto ser possa; e quando o consentem é só por alguma grande necessidade, mórmente se são da raça dos Bramanes; porque ainda que os outros se esquivem a isso, não é todavia com tanto escrupulo como os Bramanes.

E se não fora o excessivo ardor do sol, que naquellas

partes ha, não se poderia dizer nem pintar o prazer e contentamento, que ha em caminhar por todo aquelle paiz, porque é o mais lindo e aprasivel que se pode ver, ou ainda désejar. O terreno é todo plano e arenoso, mas a areia é dura e firme, e ao longo do caminho se vão avistando proximas umas das outras casas e habitações, e de legoa a legoa povoações, e ainda de meia a meia legoa, e o mais distante de duas em duas pequenas legoas. O paiz é mui povoado, e coberto de fructos, que são communs, e á discrição dos viandantes, e estes fructos são os mais excellentes do mundo, e taes que os não ha cá semelhantes, nem tão bons. Encontra-se tambem sempre por todos estes caminhos muita quantidade de gente, assim Naires como Malabares, homens e mulheres; porque alli todos caminham mui seguramente, com tanto que levem em sua companhia um Naire ou *Jangada*. Mas quando se vai em ranchos de vinte e trinta pessoas, é assaz um só Naire, o que é igualmente mister a uma só pessoa; e neste caso vem a sair mais caro; mas quanta mais gente é, mais lucro tira o Naire. Ha muitos paúes e salinas a passar entre Costé e Calecut, e dous rios, que se passam em barcas, antes de chegar a Calecut. Na distancia de uma legoa pouco mais ou menos ha uma mui linda cidade, onde pernoitámos, chamada *Coulete*, na qual os Portuguezes tiveram tambem uma fortaleza e territorio, como tinham em Calecut, mas perderam-na igualmente. Vi-a de passagem, porque não estava de todo arrazada, e era bem mais forte que a de Calecut. Eis tudo o que notei pelo caminho.

CAPITULO XXVI.

Chegada do auctor a Calecut. Descripção deste reino, do rei, dos povos, de seus costumes, de sua religião, e usos.

Sendo finalmente chegados á cidade de Calecut, os primeiros officiaes del-rei que encontrámos, foram os cobradores de seus direitos, que tem um posto na praia, levantado sobre estacas, onde só estam de dia; porque a cidade e porto tem mais de uma legoa de comprimento, e ha tres daquelles postos para tomar conta de todas as mercadorias que entram, assentar o seu numero e quantidade, e dalli fazel-as levar á alfandega, que é um grande edeficio todo de pedra, de forma quadrada, com galerias por baixo e por cima, cobertas de abobeda de pedra, como a nossa praça real, mas não tão grandes nem tão bellas, com grande numero de repartimentos e armazens para pôr toda a sorte de mercadorias, cada uma separadamente. Está escripto sobre a porta o nome da mercadoria, que fica em cada armazem, e guardam uma chave os officiaes del-rei, e os donos da fazenda outra; e não podem lá entrar uns sem os outros. A mercadoria fica alli até pagar os direitos da alfandega, os quaes se pagam assim pela entrada, como pela saida. Esta alfandega está sita a duzentos ou trezentos passos do mar, entre a cidade e o porto. E' forte e bem guardada; todas as suas portas são bem chapeadas de ferro; e só entram lá os que nella tratam negocio, e tem sempre guardas á porta. Não se podem facilmente commetter faltas na carga e descarga das mercadorias, e na cobrança

dos direitos del-rei, por rasão da grande copia de escrivães e officiaes que ahi ha, todos os quaes são Naires ou Bramanes. Não ha em todo o reino porto algum, por menor que seja, onde não haja destes escrivães, os quaes tem por cargo assentar as mercadorias, quando ellas são do paiz, e no fim de seis mezes ou um anno vão pagar tudo junto. Todos estes officiaes são pessoas qualificadas, e mui respeitadas, tem o seu posto e alfandega nos portos, onde só estam de dia, e á noute se saem das povoações a pernoitar em suas casas, que ordinariamente não são longe, umas mais proximas, outras mais distantes, até meia legoa; e vivem separados do commum da gente.

Tendo-nos pois visto estes officiaes, depois de nós lhe havermos fallado, e dito donde eramos, com muito contentamento se encarregaram de nos apresentar a el-rei: e no entretanto por rasão do calor nos aparelharam um aposento na cidade, onde fomos mui bem tratados, e passámos a calma. Esta cidade não é como as outras da costa do Malabar, porque ha nella hospedarias, e casas onde se bebe, come, e dorme por dinheiro. Sobre a tarde os ditos officiaes nos entregaram aos soldados da guarda; os quaes nos levaram ante el-rei, que tem o seu palacio distante meia legoa da cidade de Calecut. Os soldados nos conduziam com toda honra e respeito. El-rei sabendo que eramos chegados desceo á salla inferior do palacio, por ser de noute; e vinha acompanhado de dez ou doze pagens Naires, que são todos fidalgos, com grandes candieiros de ouro e prata dourada, cheios de azeite (porque não usam velas, nem brandões) e cada candireiro tinha seis luzes, e espevitadores da grossura de um dedo tambem de ouro e prata dourada, e um grande vaso do mesmo cheio de azeite, para prover os candieiros cada vez que é mister. Estes candieiros pendem da extremidade de uma grande barra de prata dourada, de que se crava no chão a outra extremidade, e são curvos pela parte de cima, afim de que a luz não moleste a pessoa, que traz o candieiro, e não se

perca a claridade. Os assentos da salla eram de páo bem polido e mui bonito. Usam tambem para se assentar de grandes pedras largas, pretas, e polidas como marmore. El-rei nunca se assenta em publico, e fica sempre de pé.

Tinha elle ao collo um seu sobrinho pequeno, o mais formoso e gentil que ver-se podia, de tres annos de idade pouco mais ou menos, e que elle amava muito, como quem era o seu successor; porque naquella terra não succedem os filhos, mas só os sobrinhos filhos das irmãs. Mostrava-nos por brinquedo ao menino, e perguntava-lhe quem nós eramos, fazendo-o chegar a nós, e tocar-nos, para ver se elle tinha medo de nós, o que elle não teve. E el-rei depois de nos haver interrogado a mim e a meu companheiro por espaço de mais de tres horas, nos perguntou por seu interprete entre outras cousas em lingua portugueza, tendo sabido que nós não eramos Hollandezes, que differença havia entre os Hollandezes e nós; e depois quem era mais forte e mais pederoso, se o Conde Mauricio, se el-rei de França. Eu então lhe disse que não havia comparação, e que era el-rei de França. Mas elle me replicou que outro tanto diziam os Hollandezes do seu Conde Mauricio, e os Portuguezes do seu rei; e que elle não sabia a quem devia dar credito; ao que eu lhe respondi o que em verdade era.

Em fim tendo-me perguntado como é que eu viera ter a Calecut, e com que tenção; e tendo-lhe eu contado tudo o que me era acontecido, e que eu não era vindo senão com tenção de encontrar lá os Hollandezes, que me haviam dito ser alli bem recebidos, elle me disse então que em verdade alli eram vindos havia tres semanas ou um mez treze navios, que se detiveram por espaço de nove ou dez dias, e elle lhe permittira livre trato, e promettera toda amizade; e que os Hollandezes lhe haviam feito presente de duas grandes peças de artilheria de ferro fundido (que haviam sido tomadas aos navios portuguezes, do que elle não foi mui contente, quando o soube) e de muitas outras cousas,

que o Conde Mauricio lhe enviára. Que em recompensa elle havia feito aos Hollandezes diversos dons, como pedras preciosas, e cadeias de ouro; e que alem disso lhes havia dado faculdade para edificarem uma fortaleza; e que logo depois elles se foram com promessa de voltar no anno seguinte; accrescentando em quanto a nós que folgava de nossa vinda, e que nada nos faltaria em quanto alli estivessemos.

O interprete, que nos interrogava, era Baniane e Bramane, de casta e religião, e fallava bem o portuguez. Dizia-se corretor dos Flamengos ou Hollandezes, isto é, aquelle que faz vender e comprar as mercadorias, e que serve tambem de interprete, recebendo paga assim do vendedor como do comprador. O rei lhe ordenou que nos aposentasse, e tivesse de nós todo o cuidado. Chamava-se *Maniassa*. Deu-nos um aposento em casa de um grande Pandiare e Xerife mahometano, pessoa dos maiores e mais nobres de Calecut, cuja casa era das mais bellas daquélle logar, posto que mui distante da cidade e do palacio. Mas apenas alli fomos aposentados tivemos logo aviso, assim pelo interprete como por outros nossos amigos, de que os Portuguezes nos queriam armar algum laço, e que haviam conspirado contra nós, o que na verdade era, como depois soubemos claramente; pelo que este interprete, temendo que nos acontecesse algum desaguizado, nos tirou daquelle aposento, depois de alli havermos passado dous ou tres dias, e nos fez apparelhar outro na alfandega. Este homem era tambem um como feitor e agente do rei no que respeita aos navios, que este envia a varias partes. Os Mucuás ordinariamente lhe dão o titulo de *Marcáre*, isto é, tenente del-rei, mas é por favor, pois semelhante titulo dão a todos os officiaes del-rei; todavia aquelle tem superintendencia sobre os navios, que el-rei envia ao trato mercantil. Tambem nos deram um servidor, e cada dia nos faziam distribuir dous *panõcs*, que são moedas de ouro, que valem cada uma quatro soldos; e tambem nos davam pannos para nos vestirmos, com tudo o mais que

nos era mister. Era este homem tão cuidadoso de nós, que nunca nos deixava, de medo que fizessemos queixa delle a el-rei; alem do grande desejo que tinha de ser bemquisto dos Hollandezes, que lhe haviam feito grandes promessas; e sei tambem que os Portuguezes lhe tinham odio mortal por esse respeito.

Depois de alli estarmos quinze dias ou tres semanas, chegaram os nossos dous companheiros, que haviam ficado em Molangué. Foram tratados como nós, e commosco aposentados. Ora tendo-me eu demorado perto de oito mezes em Calecut, isto me deu occasião de conhecer e notar o que ha assim na terra, como nos costumes e naturesa dos habitantes. Entre a cidade e o palacio del-rei tudo são casas; e não ha logar em toda a India, onde haja tanto contentamento como em Calecut, já pela belleza e bondade da terra, já pela conversação de todas as nações, que alli vivem em sua liberdade, e no livre exercicio de sua religião. E' cousa espantosa ver a grande multidão de povo que alli ha, mormente ao redor, e no palacio del-rei, onde se vê uma infinidade de gente toda armada. Cada dia o vão saudar todos os senhores principaes. Passa por ser homem de grandes espiritos, mas todavia de um genio mui mudavel, porque tão depressa ama como aborrece a mesma pessoa, e depois repentinamente a torna a receber em amisade; e por isso ninguem se fia nelle. Acceita tudo sem lhe importar donde vem, e declara que é amigo de quem lhe dá melhores presentes. E' mui affavel e brando para com os estrangeiros, e seu povo, mas ao mesmo tempo é tambem mui facil de agastar-se, e por isso mui temido de todos os seus Naires, que se arreceiam muito delle quando está agastado.

Vi um dia entre outros uma das melhores dançarinas e saltadoras do mundo, porque em minha vida tenho visto bom numero desta gente, assim homens como mulheres, mas que eram nada em comparação daquella, vi, digo, uma dançarina, que fazia cousas tão estranhas, que quasi

me persuado que ella usava de alguma sorte de arte diabolica. Esta mulher tendo vindo para fazer os seus saltos perigosos, o rei e sua mulher estavam em uma galeria para ver, acompanhados de uma das princezas. Os Naires tapavam a vista á rainha, de sorte que el-rei bradou uma vez que se arredassem; mas creio que por rasão da grande asafema e barulho do povo, o não ouviram. Ficou elle disso tão agastado, que desceo abaixo com o abano, que tinha o seu pagem, e começou a bater em tudo quanto encontrou (a). Foi então a cousa mais piedosa do mundo ver todos os senhores, todos os soldados, e toda a gente, que alli estava, a fugirem por onde podiam, pondo as duas mãos sobre a cabeça em signal de acatamento; e todos largariam o brinco e festa, se elle não ordenasse que a proseguissem.

Durante o tempo que alli me detive, todos os senhores me convidavam a ir beber e comer a suas casas, e nos faziam presentes de peças de ouro, pannos de seda e algodão, e de fructas. Entre outros havia um que tinha maior mando que os demais, e que em ausencia del-rei governava a cidade de Calecut. Sua casa era distante quasi meia legoa do palacio real, situada sobre um tanque construido de pedra, que tinha bem meia legoa de circuito; e assim é uso construirem os tanques naquellas partes. Ora um dia de festa, (se bem que é mui difficil conhecer quando é para os Naires dia de festa, porque elles nunca trabalham) aquelle senhor nos havia convidado a jantar em sua casa a mim e a meu companheiro, cousa que todavia elles fazem raras vezes; mas elle não era muito escrupuloso. Elle não era da casta dos Bramanes, e excepto carne de boi ou vacca, comia de tudo o mais. Aconteceo pois que quando se banhava (porque é costume entre elles quando tem tido

(a) Usam-se na India certos abanos grandes, que giram em um cabo de páo da altura de um homem, e movidos por servidores refescam muitas pessoas ao mesmo tempo. Parece que é aos abanos desta especie que o auctor se refere.

contacto com o mais povo, e se reputam por pollutos, banharem-se nestes tanques) havia outros dous grandes senhores, que ao mesmo tempo se banhavam naquelle grande tanque, de que acabo de fallar. Um dos taes senhores era parente del-rei; e ainda seu sobrinho, porque el-rei tem grande numero delles; o outro era pessoa de muita auctoridade, tinha mando sobre grande numero de Naires, e era havido por mui esforçado. O sobrinho del-rei, que lhe tinha inveja, lhe mandou perguntar donde lhe vinha a ousadia de se banhar ao mesmo tempo que elle, e o ameaçou de o fazer lançar fora dalli. O outro, que era homem brioso, por toda resposta deu uma bofetada no portador do recado do princepe, dizendo-lhe que a levasse a seu amo. O princepe quando soube esta affronta, juntou logo todos os seus; o outro fez o mesmo da sua parte, de sorte que houve grande reboliço e alvoroço de parte a parte.

O senhor, que nos havia convidado a jantar, correo logo alli a toda a pressa, e eu nada tive que me causasse tanto espanto como ver tantos milhares de homens armados e reunidos em tão pouco tempo de parte a parte para acudirem a este caso. O rei sendo informado do acontecido, e tendo sabido como tudo era passado, ordenou logo que prendessem ao sobrinho (que era filho de seu irmão, e não da irmã, que é seu herdeiro) e que o matassem. Tocou-se a rebate no palacio del-rei, que logo se encheo de gente prestes a receber os seus mandados. No entretanto houve muita gente ferida neste reboligo; e o sobrinho del-rei temendo a sua ira fugio, e passou a toda a pressa um rio, que separa a terra de Calecut da de outro rei, a que chamam de *Chalé*. Este sobrinho del-rei era grande amigo dos Portuguezes, e seu protector. Passaram mais de cinco ou seis semanas antes que elle podesse ser novamente recebido em graça. Eu o vi quando elle voltou, e foi saudar el-rei com mais de cem dos seus, que haviam igualmente incorrido no desprazer del-rei. Este exemplo serve para mostrar qual é a colera subita deste rei, que não per-

doava mesmo a seus mais proximos parentes; mas neste caso era com alguma justiça.

Todo o paiz que corre desde Barcelor até ao Cabo Comorim se chama Malabar (a). E bem que nelle haja muitas provincias, e diversidade de territorios, são todavia todos de uma mesma lingua, lei, e religião, seguem a mesma policia, a mesma ordem, e distincção do povo e castas, e tem os mesmos costumes. Ha alli muitos reis como o de *Cananor*, de *Motangué*, de *Budárá*, de *Calecut*, de *Tanor*, de *Cochim*, de *Coulão*, e outros muitos regulos, que não posso contar. Mas o maior e mais poderoso rei é o de Calecut, que se chama *Samorim*, titulo que mostra a sua grandesa sobre os outros, porque vale tanto como entre nós o de Imperador. O rei de Cochim é o maior apoz elle, e pertende igualal-o, rasão porque andam ordinariamente em guerra. Os outros são regulos de pequenos territorios, que com quanto sejam todos soberanos em suas terras, acatam e respeitam a grandesa do Samorim, fallam delle como de seu senhor, e não ousarão desobedecer-lhe; o que eu posso asseverar pelo ter ouvido da bocca de muitos destés reis. Quanto ao rei de Coulão, como elle está distante, e mui chegado á ponta do Cabo Camorim, mantem-se mais independente que os outros. Quando eu parti das Indias tinha este rei aos Portuguezes cercados por terra.

O reino de Calecut é mui extenso, e assaz temperado. Está situado entre Cochim e Cananor, a nove gráos e meio da equinocial da banda do polo arctico. A cidade principal, que é á beira-mar, dá o nome ao reino. O paiz é plano e não montanhoso; fertil de todas as cousas necessarias á

(a) Os limites do Malabar são como os de outras muitas regiões indianas, incertos, e mais ou menos arbitrarios. Alguns geographos chamam Malabar a toda a costa desde Bombaim até ao Cabo Comorim. Outros começam a contar desde o rio Chandragiri. João de Barros (Dec. I. Liv. IV. Cap. VII) conta desde o rio chamado Carnate, visinho ao Cabo e monte Delhi, até 80 legoas para o sul. Diogo do Couto (Dec. XII. Liv. I. Cap. XVIII.) limita o Malabar entre Cananor e Cochim. (Vid. atraz pag. 289, Nota (a)). etc.

vida, como fructos, grãos, animaes, e plantas; se bem que por rasão do grande numero de habitantes é necessario ir buscar arroz fóra, por não chegar o da terra: quanto ao resto não tomam outras mercadorias de seus visinhos. Produz muita pimenta, que é a principal riqueza do paiz, com as pedras preciosas, que ahi são mui abundantes, e o algodão, de que fazem pannos mui finos e brancos, e tapecerias pintadas de muitos feitios.

CAPITULO XXVII.

Continuação da descripção de Calecut; distincção do povo, dos Bramanes, Naires, Mucuás, e outros; e das singularidades da terra.

O Reino de Calecut, como toda a mais terra de Malabar, é habitado de duas sortes de gente, a forasteira, e a natural. Os estrangeiros chamam-se propriamente *Malabares mahometanos* ou *mouros*, e tem vindo desde remotos tempos de fóra habitar este paiz, mas somente tem assento á beira-mar. Os naturaes são gentios, ou pagãos, da mesma religião que a maior parte da gente da India meridional. São divididos em tres sortes de condições, ou castas; a saber, Bramanes, Naires, e povo baixo e commum. E assim entre os Naires do Malabar, como entre os Canarins de Goa ha Bramanes; e no fundo todos seguem a mesma lei, isto é, todos são idolatras.

Os Bramanes são uma raça de gente a mais nobre, mais honrada, e respeitada de todas. Seguem um modo de vida particular, e uma mais religiosa e austera observancia de sua lei; pois alem de viverem exactamente segundo sua

religião, tem isto de particular, que nunca comem carne nem peixe (a), nem cousa que haja tido vida; não bebem senão agua; e guardam esta austeridade de pais a filhos, e em toda a sua casta, não se misturando nem ligando com outra alguma sorte de pessoas; mas inviolavelmente observam a regra de se não cazarem as filhas dos Bramanes senão com Bramanes, e assim os homens, os quaes tambem não podem passar a segundas nupcias (b). Vestem uma opa de panno de algodão com um turbante branco na cabeça, e calçam sapatos vermelhos. Aquella opa ou roupeta, a que elles chamam *Libassa* ou *Cabaia*, é de panno de algodão mui fino e branco, e desce até aos artelhos; e por baixo poem um grande panno branco, que pende até ao meio da perna, dando duas ou tres voltas ao redor do corpo, e passam a ponta por entre as pernas, de diante para traz, prendendo-a na cintura da parte de traz. Cingem-se com uma bella cinta de panno branco e fino como o do turbante. Costumam trazer ao hombro uma peça de panno branco ou de côr, feita de seda ou de algodão, do feitio das nossas capas. Todos trazem os cabellos compridos; e todos os Bramanes, Banianes, e Canarins tem brincos nas orelhas.

O unico distinctivo, que tem da outra gente, é um cordão ou linha de tres fios de algodão, que trazem sobre a carne a tiracollo. E' uma especie de cavallaria, que lhe é conferida em seus templos com grandes despezas e solemnidades; e não se poderá fazer maior injuria a um Bramane, que romper-lhe o seu cordão; e em tal caso deve tomar outro com igual solemnidade, porque aliás deixaria de ser Bramane. Da mesma sorte quando por sentença é condemnado, é primeiramente exanctorado, e lhe tiram este cordão, e semelhantemente é delle privado, se quebranta suas cerimonias, e dahi ávante cessa de pertencer á casta. Se-

(a) Ha Bramanes, que comem peixe.

(b) As mulheres é que não podem passar a segundas nupcias, os homens sim. E' com tudo possivel que alguma raça especial de Bramanes no Malabar seguisse a regra, que o auctor nos refere.

guem diversas profissões segundo querem, porque uns tomam armas entre os Naires, fazendo as mesmas cousas, e trajando como elles, excepto guardarem sempre o seu particular modo de vida, e a abstinencia de carne, e trazerem o distinctivo daquelle cordão, que já disse: outros são sacerdotes e sacrificadores de seus idolos, porque só os desta casta o podem ser: outros ainda são mercadores, e destes ha grande numero, e mui ricos, assim neste reino, como em outras partes da India. São gente industriosa, sabedores na astrologia, e em outras sciencias, mui expertos em tudo, e mui destros: e afora isso são gente meiga, pacifica, e que guarda inviolavelmente sua fé, e sua palavra.

Em somma são havidos por pessoas de respeito, e boa reputação, como cá os ecclesiasticos, os philosophos, e doutores. Ha-os em Goa, que exercem a medicina e a pharmacia ao modo dos Portuguezes e da Europa. Ha-os de todas as outras profissões; e a maior honra, que pode ter um homem nobre, é ser desta casta. São gente douta e instruida, e mui judiciosos em tudo. O proprio rei de Calecut é Bramane, e traz o cordão. Quando andam pela rua com a sua cabaia, ou veste de panno de algodão branco, e que encontram algum estrangeiro, para que os conheçam (porque o cordão assenta sobre a carne, e não se vê) dizem logo quem são, e a sua casta. E mesmo entre todos os Indios christãos são elles os que tem o primeiro logar apoz os Portuguezes e mestiços da India; e ainda os mestiços, cuja mãi é de casta baixa, não são tão estimados como os que procedem de mãi bramane; porque neste caso hão-se por iguaes aos mesmos Portuguezes. Quando um Bramane jura, põe a mão sobre o seu cordão, e então deve crêr-se. Por mui pobres que sejam, guardam sempre a sua precedencia, e a sua regra, e quando os outros passam por junto delles, devem baixar a cabeça saudando-os em signal de reverencia. Os reis confiam inteiramente nelles, e sempre tem junto a si alguns dos principaes, assim por causa da religião, como para conselho, e seguem em tudo o que

lhe elles dizem. Não são todos iguaes entre si, mas ha um acima de todos os outros.

Ouvi dizer que a causa porque os Portuguezes foram expulsos, e suas cidades e fortalezas arruinadas, foi por terem dito mal dos Bramanes, e de sua lei, de que elles se queixaram a el-rei, e lhe pediram vingança, clamando todos que se elle não expulsava aquella gente, elle e o seu Estado pereceriam miseravelmente. Sobre o que elle tocou á chamada, e fez congregar o seu conselho, onde foi resoluto que se expulsassem; e o rei disse em alta voz que por quantas pedras lhe trouxessem da fortaleza dos Portuguezes daria elle outras tantas peças de ouro, de sorte que em poucas horas aquella fortaleza foi demolida, e a maior parte dos que nella estavam foram roubados. Os Portuguezes tiveram alli duas fortalezas uma apoz outra, que ambas foram arruinadas, e elles expulsos, e agora não tem lá nenhuma. Ao que parece el-rei de Calecut fez bem de os expellir, porque elles lhe fariam outro tanto como tem feito a el-rei de Cochim e aos outros. Elles entram á sombra da amisade e brandura para com os reis, e depois tratam de os subjugar, e usurpar-lhe o que é seu. O de Calecut havia-lhes dado livre entrada; mas quando vio que elles tomavam mais do que lhe elle dava, pôz cobro nisso antes que fossem mais fortes. O de Cochim, não tendo sido tão precatado, recebe ora delles mil sobrançarias; de sorte que o vice-rei de Goa indo de soccorro a Malaca, como abaixo direi, passou por Cochim, e o rei lhe enviou grande copia de almadias ou bateis carregados de viveres, fructas, e outros refrescos; mas aquelle vice-rei, chamado Martim Affonso, não quiz ver nem acceitar cousa alguma, e mandou lançar tudo ao mar, enviando um recado ao rei com palavras soberbas que á volta de Malaca lhe faria uma visita, de que lhe pesasse; e a causa disto foi porque o rei não lhe quiz dar certa cousa, que elle lhe pedio; mas ficou bem livre de o ver na volta, porque morreo em Malaca. Outra vez, quando os Hollandezes esta-

ram sobre o porto de Cochim, não quizeram os Portuguezes permittir ao rei que entrasse na sua propria cidade; o que mostra o orgulho desta gente, e como elles maltratam insolentemente aquelles que lhe dão qualquer entrada; mas el-rei de Calecut, que é mais prudente, mofa dos outros reis, que assim se tem deixado enfrear. E tornando aos Bramanes, que foram a causa da expulsão dos Portuguezes, os que ha entre os Banianes e Canarins, são todos o mesmo que elles. Em quanto aos Canarins não ha differença no modo de vestir; mas os Banianes usam sapatos vermelhos, com um grande bico adiante, cuja ponta é revolta para cima, e tem uma borla do mesmo couro. Os Canarins de Goa e suas visinhanças trazem *alparcas*, que são como sandalhas de muitas sollas de couro, com varias correas, que passam por entre os dedos, e vão prender por cima do pé. Estas correas são de couro dourado com pequenas presilhas e botões tambem dourados.

E note-se que o vestido branco, que usam os Indios de Goa, não é nada commodo, porque toda a terra de Goa é vermelha como bollo armenio; de sorte que ora seja de verão ora de inverno, o pó e a lama tingem e sujam todos os vestidos; mas elles mudam-nos cada dia, e ainda mais de uma vez no dia. Os principaes dentre os Bramanes e outros gentios tem sempre muitos homens a seu serviço, dos quaes um leva o sombreiro ou guarda-sol, outro uma boceta de prata cheia de betle, e outro um vaso de prata cheio de agua para se lavarem. Quando tem ourinado, ou feito cousa semelhante, lavam as partes reconditas. Costumam tambem andar em palanquins, já se sabe os ricos. Nunca comem sem primeiramente se lavarem e banharem; depois tomam simplesmente um panno, com que cobrem as partes mais vergonhosas do corpo, ficando com o resto do corpo nú; e assim comem. E' mister que sejam pessoas de sua casta as que cosinham, ou elles proprios, por mais auctorisados que sejam; porque nos que tem tocado no comer, ou seja quando se cosinha, ou depois de cosinhado, ninguem mais pode

tocar; e mais facilmente se deixarão morrer do que comerão o que haja sido tocado por homem ou mulher, que não seja de sua casta e de sua lei. Mas todos os outros gentios podem comer o que foi cosinhado e preparado pelos Bramanes; com tudo nunca acontece que os superiores preparem o comer para os que lhe são inferiores.

Todas as mulheres tem o nariz furado, e trazem nelle pendentes argollas de ouro e prata, e pedraria. Tazem tambem anneis de ouro e prata nos dedos dos pés, e nas orelhas grandes chapas da mesma materia do tamanho da palma da mão, cravadas no meio e ao redor de muita pedraria. As mulheres dos Bramanes, dos Banianes, e dos Canarins usam o mesmo, mas não as dos Naires, nem dos Mucuás, e outros Malabares. Trazem tambem braceletes, a que chamam *Manilhas*, desde o pulso até ao cotovello, e são uns de ouro ou prata, outros de vidro, ou de tartaruga, o que é muito honroso; mas são pintados de todas as cores, e no seu feitio representam toda a sorte de figuras. Trazem igualmente todos os dedos cobertos de anneis.

Todos estes gentios nunca comem carne de vacca, assim como os mahometanos a de porco; e são tão afferrados a esta superstição, que até a maior parte delles, quando se fazem christãos, poem por condição não serem nunca constangidos a comel-a. Nem tão pouco comem carne de boi, touro, ou bufalo. Não querem outrosim largar o seu modo de vestuario, e isto lhes é permittido com outras muitas superstições; o que faz crer que elles não são bons christãos, e que pela maior parte o não são senão por necessidade. Os mouros de Cambaia, de Surrate, e de Guzerate, que são terras do Grão-Mogol, e os gentios Banianes não tem entre si castas superiores e inferiores, com quanto haja individuos de todas as qualidades e posses, segundo as quaes são respeitados e honrados; e excepto os Naires nenhuns destes gentios são homens de armas, mas todos artifices ou mercadores. A primeira cousa com que elles

topam ao sair de suas casas, ou seja ave ou animal quadrupede, a essa honram e veneram por todo aquelle dia; e consultam a seus sacerdotes e feiticeiros, a quem prestam fé em tudo quanto lhe elles dizem.

Os *Joguis* são eremitas errantes pelo paiz, e são entre elles como entre nós os religiosos. Tambem ha lá grande numero de charlatães e feiticeiros, que encantam as cobras ou serpentes, de sorte que estas não podem fazer mal, e ha cobra de vinte e dous, e vinte e tres pés de comprimento. Estes gentios não bebem senão por vasos de cobre, excepto os grandes, que os tem de ouro e prata dourada; e é para notar que não tocam com a bocca o vaso por onde bebem, mas entornam a agua na bocca pela parte de cima. Os proprios Portuguezes tem tomado este costume, e bem assim o de não comer com colhér, e outros muitos usos dos Indios, os quaes é que nunca mudam os seus.

Casam-se mui moços, e ordinariamente aos sete e oito annos, assim homens como mulheres. As viuvas, que se queimam depois da morte de seus maridos, tiram primeiramente todas as suas joias, que dão a quem bem lhes parece. Quanto aos homens viuvos, não tomam outro dó pela morte de suas mulheres, senão que não podem tomar a casar-se (a).

Quando jejuam, o que raras vezes acontece, abstem-se de comer e beber o mais que podem, um dia, e até dous. E no que toca ao destino das almas depois da morte, crem que ellas passam ao corpo de uma vacca, ou de um bufalo, ou de um touro; e que quando a vacca ou o touro morre, se passam a outros corpos. E segundo me parece, a rasão porque elles não querem comer a carne destes animaes é a opinião, que tem, de que as almas passam de um corpo a outro, opinião que elles tiraram da antiga tradição dos Bramanes e Gymnosophistas Indianos, instruidos na doutrina de Pythagoras, que foi o primeiro auctor desta

(a) Veja-se a *Nota* (b) de pag. 314.

metempsychose(a). Tem logares deputados para recolher os animaes errantes, e são cuidadosos de dar de comer e beber ás aves, e a toda a sorte de animaes. Por cousa nenhũma deste mundo permittirão matar um animal, antes dão dinheiro para o resgatar. Mas os Naires comem de tudo, excepto carne de vacca, touro, ou bufalo; e usam muito de carne de porco. Todos estes gentios passam grandes incommodidades quando viajam por mar, ou estam em prisão, ou entre outras castas de gente; e pela maior parte passam em tal caso com fructas seccas e passadas, e com uma especie de arroz meio cosido e depois secco, que se guarda por dous ou tres annos, e do qual fazem grande provimento em todos os navios da India, servindo-se delle como nós do biscouto. Comem-no aos punhados, como os do Brazil fazem á farinha de mandioca, e tem muito melhor gosto. Misturam-no ordinariamente com assucar, tamaras, e outras fructas da terra. E chamam a isto *Avel* (b).

Todas as mulheres destes Bramanes, Banianes, e Canarins de Goa e de Guzerate são mui bellas, e bem proporcionadas, e ha-as tão brancas como as Portuguezas. Os homens trazem ordinariamente as barbas largas, redondas, e mui cumpridas, rapando-as debaixo do queixo; outros as fazem de outra sorte ao modo dos Turcos. Todas as damas indianas, isto é as ricas, trazem um collar de ouro massiço, e cravado de pedras preciosas, de dous ou tres dedos de largura. Todos os homens, assim gentios como mouros, untam e cobrem o corpo de sandalo e outras drogas odoriferas; e os gentios á entrada de seus pagodes, em vez de agua benta, dão os que entram as cinzas dos cadaveres queimados diluidas, que elles hão por cousa mui santa.

Quanto aos Naires, todos se tratam á lei da nobreza;

(a) Não foram os Gymnosophistas ou Bramanes Indianos que aprenderam de Pythagoras; foi Pythagoras que aprendeo dos Bramanes, a quem os Gregos na sua lingua chamaram Gymnosophistas, isto é, *philosophos nús*.

(b) Couto (Dec. VII. Liv. X. Cap. XI.) escreve *Avéla*. E' tambem vulgarmente conhecido pelo nome de *Fóvo*.

não se dão a mester algum, nem á mercancia, ou a outro exercicio, senão ao das armas, que sempre trazem: e nellas se exercitam continuadamente desde que as podem menear, e nunca as largam fora de casa. Todos são gente principal, vivem de suas rendas, e da pensão, que el-rei lhes dá. São os homens mais guapos, gentis, e bem proporciodos que nunca vi. Tem a côr baça e morena, estatura alta, corpo agil, e além disso são os melhores soldados do mundo, ousados e animosos, mui destros em menear as armas, e com tal agilidade e flexibilidade de membros, que se dobram em todas as posturas imaginaveis, de sorte que evitam e aparam subitamente todos os golpes, que lhes atiram, e se lançam ao mesmo tempo contra o inimigo. Todavia nunca vão pelejar no mar, e só são bons para terra. Os maiores senhores d'entre elles, e os mais honrados são os que tem escola, e ensinam a jogar as armas; porque aquella gente respeita e honra grandemente a seus mestres d'armas; e elles não podem professar aquelle magisterio sem mui expressa permissão del-rei, como é uso em toda a India Oriental, assim entre os mouros como entre os gentios. Estes mestres d'armas trazem por distinctivo uma grande argola de ouro no braço direito, como tambem tem todos os grandes senhores, mas de outro feitio; e os soldados e gente de meã condição as trazem de ponta de bufalo ou de touro.

Os Naires andam sempre nús, cobertos somente desde a cintura até ao joelho de um grande panno mui fino de seda ou de algodão, mui alvo, que passam por entre as coxas. Andam a pé descalço, e cabeça descoberta; deixam porem crescer os cabellos sem nunca os cortar; o que os faz distinguir do povo baixo e commum; e atam-nos mui airosamente, formando sobre a cabeça um troço mui bem armado; e são curiosos de se pentear, e lavar a cabeça todos os dias. Os que são da casta bramane vestem-se do mesmo modo que os outros, trazendo o seu cordão, que os faz differençar e conhecer. Trazem sempre a rodella n'uma mão,

e a espada n'outra, ou uma frecha, ou ainda mosquetes, ou arcabuses, ou lanças. As suas mulheres andam vestidas da mesma sorte sem outra differença, salvo o uso das armas; de sorte que é impossivel discernir um moço de uma rapariga antes de ella ser grande, e que se lhe conheça o seio.

Se bem que quando as raparigas tem chegado a ser mulheres, ha ainda outra cousa, que as faz discernir dos rapazes, a saber, os adornos e riquezas de ouro e pedraria que trazem; porque o pescoço anda carregado de collares, afogadores, e cordões de ouro, perolas, e pedras preciosas; alem disso grandes brincos do mesmo nas orelhas, cada um dos quaes chega a pezar uma quarta, afóra braceletes, e grossas argolas até ao cotovelo; e os dedos, assim das mãos como dos pés, todos cobertos de anneis, com outros grandes nas pernas, tudo de ouro e prata dourada. Porque é para notar que nunca vi lá prata em branco no adorno dos Naires, ou de suas mulheres; de sorte que é uma cousa admiravel ver as mulheres de qualidade tão ornadas e aderessadas, cada uma segundo suas posses.

A assistencia ordinaria destes Naires não é nas cidades, mas no campo, posto que sempre se acham de dia em grande numero junto a el-rei, onde quer que elle está, e nas cidades dos Malabares Mouros, como já disse. Exercitam-se na caça dos tigres, que são feras mui furiosas, e de que o paiz está cheio. Vi alguns destes caçadores, que sozinhos haviam combatido e matado tigres, e entre outros um que trouxe arrastado o corpo de um tigre até diante delrei, e que tinha a face e as orelhas todas rasgadas. Frequentemente, e por qualquer leve causa, jogam as armas uns contra os outros com espadas núas e rodellas. Ha muitos d'entre elles que sem embargo de todos estes exercicios, e da sua ordinaria profissão das armas, se dão ao estudo das sciencias, e conheci varios, que eram mui sabedores nas mathematicas, principalmente na astrologia.

E ainda que elles sejam sempre creados com armas, e

mui esforçados e destemidos, a ponto de não fazerem caso da vida, com tudo são as pessoas mais mansas e mais humanas no trato, que dizer-se pode, e mui cortezes e civis a seu modo; o que eu tenho experimentado em quanto estive entre elles, communicando-os familiarmente, e tendo por meus amigos a maior parte delles. Acham-se com tudo no paiz soldados ladrões, que salteam e roubam os viandantes, e os matarão sem misericordia, se se não acautellam; mas estes são todos estrangeiros; e mesmo os Malabares Mouros, que vivem entre elles, tem costume de tomar um Naire para sua guarda, como já disse, para ir por terra até á povoação mais proxima dando-lhe um pouco de dinheiro, e mudando de conductor de povoação em povoação; e por este meio se póde andar seguramente por toda a região do Malabar sem receber damno algum; podendo-se até passar pelo meio de muitos milhares destes Naires, ainda quando se não levasse por companheiro senão o mais fraco velho, ou a menor criança, que entre elles haja.

Tem cerimonias e superstições semelhantes ás dos Bramanes (e são os Bramanes entre elles os mais estimados); só differem em não serem tão austeros no seu modo de vida, sendo-lhes permittido comer de tudo; mas no mais, isto é, no que toca aos banhos frequentes, não contrahir alliança, nem comer ou beber com os que não são de sua casta, é mesmo; porque não se casam, nem comem nunca com os que não são de sua lei, não se servem do que a elles lhe pertence, e em que elles hajam tocado, sem que primeiramente o lavem, se é cousa que possa lavar-se, ou se o não é, vão elles mesmos lavar-se; aliás reputar-se-íam por pollutos: de sorte que só com os Bramanes vivem indifferentemente sem cerimonia, e os Bramanes com elles; e todavia não podem aparentar-se uns com os outros por casamento; mas o Naire se casa com a Naire, e da mesma sorte as mulheres. E se acontecer que uma mulher Naire tenha trato com homem, que não seja Naire, dar-lhe-hão logo a morte; e da mesma sorte os homens

Naires, se com outras mulheres tiveram trato, serão tambem punidos de morte; o que elles observam inviolavelmente para conservar a sua casta sem serem pollutos pelos estrangeiros, ou outra gente de vil condição, da qual de nenhuma sorte se aproximarão. E de feito quando os Naires passam pela rua, se encontram a gente commum, vão gritando *Pó, pó*, que quer dizer *arreda*; porque aliás se acontecesse serem tocados daquella gente, dar-se-íam por offendidos, e bater-lhe-íam.

Todos os Naires folgão de ter grandes orelhas, que elles fazem crescer artificialmente, porque furam ás crianças, assim machos como femeas, a parte carnuda e inferior da orelha, e enchem o buraco de pequenos rolos de folha de palmeira, o que dilata esta parte, e de tempo a tempo vão mettendo outros rolos mais grossos para ir cada vez dilatando e alargando mais, até mais não poder ser. Hão por grande formosura ter as orelhas assim dilatadas, e depois as enchem de ouro e pedraria por adorno. Vi entre outras a rainha de Calecut, e muitas damas, e senhores em grande numero com as orelhas tão compridas, que lhe chegavam até ao peito, e ainda passavam.

Os Naires não podem ter mais que uma mulher ao mesmo tempo, mas o caso é differente da parte das mulheres, porque cada mulher pode tomar até tres maridos ao mesmo tempo, se quer, (mas uma Naire de raça Bramane não pode ter mais de um (a)), e todos contribuem para o sustento e mantença desta mulher e seus filhos, sem todavia haver debate ou ciume entre elles por esse respeito; e quando um destes homens está em casa com a mulher (o que não

---

(a) O auctor bem sabia que a casta Naire é diversa da casta Bramane; mas tambem sem duvida conhecia que a casta Bramane se subdivide n'um grande numero de parcialidades, ou tribus distinctas entre si. So no Guzerate ha hoje oitenta e quatro *castas*, ou propriamente tribus, ou divisões da casta Bramane; e n'outras regiões mais meridionaes da India o numero é muito mais subido. Donde facilmente se entende que o auctor neste logar falla daquella tribu Bramane, que vive no Malabar entre os Naires.

pode ser por mais de um dia e uma noite, quando ella tem outros maridos) deixa á porta as suas armas, ou qualquer outro signal, e os outros não ousarão entrar em quanto elle não sair. A commodidade, que logram com este costume, é que um homem, cujas posses não chegam para sustentar uma mulher, pode ter somente a terça parte della, e não faz mais despesa que a que lhe toca nesta proporção. Todavia por esta causa ha incerteza da prole, e não se pode discernir a quem verdadeiramente os filhos pertencem: donde vem que os filhos não succedem aos pais, mas sim os sobrinhos, filhos das irmãs, como prole que com certeza procede do mesmo sangue. Cousa admiravel é a continencia desta gente no continuo trato familiar entre homens e mulheres, porque com quanto os moços e as raparigas andem de envolta uns com outros, e nús, nem por isso lhes escapará uma só palavra ou gesto lascivo, nem acção deshonesta. E quasi nunca se riem, havendo o riso por grande incivilidade e indiscrição, salvo se para isso ha grande motivo; e ainda em tal caso attentam bem perante que pessoas hajam de rir. Nem tão pouco são dados a outros vicios; e não ha entre elles menção de incesto, ou de outros peccados de ruim qualidade.

Os Naires são havidos pelos verdadeiros e naturaes Malabares; porque, como já disse, elles são os nobres do paiz, e os principaes tem escola d'armas, e todos os outros Malabares ahi vão aprender. Quando porem se falla em *Malabares* sem mais declaração alguma, entendem-se os *Mouros* desta costa. Estes Malabares ostentam a sua grandeza nas cidades; dizem-se nobres e honrados; e nenhum delles quererá dar-se a trabalho ou exercicio mechanico. Taes mesteres incumbem-nos aos *Mucuás*, e mais povo baixo, pagando-lhe. Toda a sua occupação é a de soldado; e todos sabem jogar as armas, ou sejam mercadores, ou piratas, ou sigam qualquer outra profissão; porque depois de exercitados nas armas fazem-se mercadores ou corsarios, profissões que en-

tre elles tem igual estimação sem ahi haver differença alguma. Os artifices são todos gentios, assim os naturaes como os forasteiros. Um Malabar de qualquer qualidade que seja nunca sáe á rua sem levar armas, como os Naires. Tiram o seu nome e a sua qualidade do seu estado e profissão, e as honras particulares derivam-nas da sua raça; e não se casam senão com as pessoas pobres da sua mesma profissão. Quanto aos Naires, que assistem ás portas das cidades para acompanhar os viandantes, são os mais pobres d'entre elles; e mais querem fazer isto, do que applicar-se a algum mester mechanico e deshonroso, tanto mais que esta condição não induz deshonra, nem aquelle mester lhe seria permittido; e antes preferirião soffrer todas as mortificações, do que fazer cousa que derogasse da nobresa. O vestuario dos Naires é de um bello panno branco, e por cima se cingem com um grande cinto de tafetá vermelho, com franja do comprimento de meio pé, metade ouro, e metade seda da mesma côr.

A terceira sorte de habitantes de Calecut e Malabar são os do povo commum, que em todas estas regiões são mui despresados, vis, e abjectos, como escravos. Chamam-lhe *Mucuás* ou *Poliás*. Tem seus bairros apartados fóra das povoações, e junto ao mar, e em outros logares mais arredados. São de diversas condições; e alguns ha que habitam á beira-mar, e não ousam habitar mais dentro: a estes cabe propriamente o nome de *Mucuás*. São todos pescadores, fabricam sal, e em toda a costa do Malabar não se emprega outra gente para remar, e andar no mar; e alugam-se para este effeito. Suas mulheres e filhas fazem todo o serviço de terra, e trabalham em toda a sorte de obra, mesmo a carregar fardos como os mariollas entre nós. Não tem difficuldade de se entregarem por dinheiro a qualquer homem que seja, de qualquer raça, nação, e religião, sem temor algum de seus maridos, que não ousarão tomar-lhe disso conta, e o soffrem com paciencia. E não ha outras concubinas e meretrizes senão estas mulheres e filhas dos Mu-

cuás e Tibás (a), toda gente de baixa sorte; porque as outras mulheres só tem trato com os de sua casta. As Mucuás não deixam de ser formosas, e muitas vezes se encontram entre ellas mulheres mais formosas que as outras. As mães as prostituem por dinheiro o mais novas que podem; e uma das mais bellas e mais novas poderá custar sete ou oito *tarans*, que valem dous soldos. As mães não tem vergonha alguma de as vir offerecer; e é cousa mais ordinaria e commum neste paiz do que em qualquer outro lugar do mundo. Todos estes Mucuás, assim homens como mulheres, tem grande fadiga quando vão pela rua, e encontram Naires em algum passo estreito; porque são obrigados, posto que mui carregados vão, a aguardar largo tempo que elles passem.

Ha na terra outra gente de igual condição, mas de officio e profissão separada, a saber, uns a que chamam *Tibá*, e são os que aproveitam a producção dos coqueiros; outros que são artifices; outros que lavram a terra, e lhe chamam *Culumbins*; e todavia todos se confundem n'uma só casta, e se aparentam uns com os outros, ainda que haja gráos e distincção de honra entre elles; porque os lavradores são os mais honrados, depois seguem-se os artifices, depois os *Tibás*, e os ultimos, que são os mais vis e abjectos, são os *Mucuás*, que seguem o mester de pescadores. Todo este povo miudo é da mesma condição; andam todos nús, e só se cingem com um pequeno cordão, no qual prendem um pedaço de panno, ou uma folha, ou casca de arvore para cobrir as partes vergonhosas; e as mulheres poem um panno, que as cobre desde a cintura até aos joelhos, e trazem os cabellos compridos: os homens porem não ousarão trazer os cabellos compridos como os Naires, mas cortam-nos inteiramente, salvo uma grossa guedelha do comprimento de um palmo, que deixam no alto da cabeça, e a qual em caso nenhum cortam de todo, por ser o signal, que os distingue dos Naires.

(a) Seguimos a orthographia de João de Barros (Dec. IV. Liv. VII. Cap. XIV). O auctor escreve *Tivás*.

Tambem não podem ter as orelhas compridas como os Naires, mas somente do comprimento de tres dedos quando muito. São igualmente fendidas e furadas, assim as dos homens como os das mulheres, mas os brincos que nellas trazem só são de prata, ou de cobre, ou de outra materia, e não de ouro, como os Naires trazem. El-rei ordena certos cabos e superiores entre elles para os governarem, e esses com suas mulheres e filhos, tem permissão de trazer ouro e pedraria, mas todavia ha sempre differença na grossura e na quantidade, que nunca é igual á dos Bramanes e dos Naires. N'uma palavra distinguem-se dos Naires por serem de corpo menos bem formado, de côr mais negra, de estatura mais pequena, e não são tão bem proporcionados. Não ousão tão pouco chegar-se a elles, tocar-lhe, nem entrar em suas habitações, como já disse; e até tem seus templos á parte. E os Naires se servem delles somente para trabalhar, e lavrar as terras; e no interior da casa só se servem de outros Naires e gente nobre como elles, mas mais pobre.

Estes Mucuás pescadores apanham entre outros grande quantidade de uma sorte de peixe pequeno, que não tem mais comprimento que a mão, e é da largura de um pequeno *sargo*. a que os Portuguezes chamam *peixe cavalla*. E' o mais commum desta costa, e delle fazem grande trafico, porque o abrem ao meio, salgam-no, e seccam-no ao sol. Pescam ainda outros, que comem frescos. Só pescam com redes; e a maior parte de suas embarcações são formadas de uma só peça, e chamam-lhe *Tonne*, e os Portuguezes *Almadia*. Ha-as maiores feitas de muitas peças, a que chamam *Thaury*, e são todas direitas, e chatas no fundo, e marcham mui bem a remos. Era-nos ordenado da parte del-rei que tomassemos uma certa porção de peixe por dia, a qual o cabo dos Mucuás estava encarregado de nos fornecer, sem nos custar nada.

Não ha mais que uma religião, commum a todo este povo natural da região do Malabar, assim Bramanes, e Nai-

res, como Puliás ou Mucuás. São todos gentios, e adoram o sol quando nasce. Em seus templos ha uma estatua de vacca, ou outra figura, que adoram; e igualmente ha o mesmo animal vivo, que elles tem em grande respeito, e que não ousarão matar, nem comer-lhe a carne. O que não só é mui exactamente observado pelos Bramanes, mas tambem pelos Naires, que comem de tudo menos daquella carne; e da mesma sorte pelos Mucuás.

Quando pela ventura um gentio se faz christão, como muitas vezes acontece, se sua mulher não quer seguir a mesma lei do marido, cumpre que ella faça em tudo como se seu marido fora morto, salvo o queimar-se viva; mas corta os cabellos, separa-se de toda companhia, e vive todo o resto de seus dias em soledade. Nenhum destes reis gentios tolhe a liberdade de consciencia em suas terras, porque todos os dias se vê em Calecut e outros logares os gentios fazerem-se christãos, ou mouros; e estes pedem esmolla entre si para dar áquelle que se faz da sua lei. Se um mouro se faz christão, e sua mulher o não quer ser, esta não é obrigada ás cerimonias das outras; mas pode casar-se novamente passados tres mezes; que é o termo limitado para isso (a).

Conhecem sim que ha um Deos, mas dizem que sendo bom, não é mister orar-lhe, nem adoral-o, pois que elle não faz mal. Os Bramanes, como disse, observam mais cerimonias particulares que os Naires, e os Naires tem como os Bramanes costumes separados, que guardam mui religiosamente, o que não fazem os Mucuás, ou o povo commum. Os Naires não communicam com outros senão com os Bramanes, aliás se haveriam por pollutos. Comem assentados no chão, e sobre folhas de bananeiras, que lhe servem de prato, ainda que tenham, ou possam ter outros; e não se

(a) A nova das castas de gentios, que ha na Costa de Malabar, veja-se João de Barros, Dec. I. Liv. IV. Cap. VII. Dec. IV. Liv. VII. Cap. XIV. e Diogo do Couto, Dec. VII. Liv. X. Cap. XI, onde substancialmente concordam com Pyrard.

servem desta especie de prato mais que uma vez. Nunca comem sem ter lavado todo o corpo: e são tão supersticiosos, que como já disse, quando seus servidores lhe trazem de beber ou comer, se por a caso acontece que algum, que não seja de sua lei, toque somente o servidor de passagem, é mister que este arremesse tudo em terra, e assim fica perdido o jantar. Semelhantemente se algum daquella qualidade entrar em suas casas, e tocar em seus moveis, nas paredes, ou na porta, não poderão comer nesta casa sem primeiramente a lavarem, e fazer certas cerimonias costumadas: em somma, não ousarão tocar, sem se julgar pollutos, em pessoa alguma que não seja da sua religião; e por tal arte observam esta regra, que se estiverem muitos delles juntamente sentados n'um banco, ou outro assento, e vier algum de outra religião sentar-se junto delles, subitamente se levantarão; e se o tal se houvesse sentado antes delles repararem, ir-se-hão lavar todo o corpo; o que muitas vezes vi acontecer por meu respeito, havendo querido sentar-me junto delles sem nisso reflectir.

Por essa rasão vi que quando querem passar alguma cousa, como um bastão ou uma espada, a algum de outra religião, lha arremeçam, afim de o não tocarem quando elle a recebesse de mão a mão; e ainda vi no corpo da guarda do paço del-rei os soldados, que estavam deitados em esteiras, avisarem-me a tempo para eu me acautellar de passar por cima, ou pizar a dita esteira. Se querem dar de beber a algum dos taes, não permittem que toque no vaso, mas fazendo-lhe abrir a bocca, lhe entornam a agua dentro della, e bastantes vezes me tem tratado desta forma (a). Com tudo notei que os Naires não poem tantas difficuldades, senão porque ficando pollutos, lhes é mister tomar o trabalho de se irem lavar todo o corpo, de sorte que todos os Naires, que vivem entre os Malabares e

(a) Neste caso o que temos mais commumente observado é que o que recebe a agua a apara nas mãos unidas e concavas, e ahi vai bebendo á proporção que o outro lha vai lançando do seu vaso.

Mouros, e que tratavam comigo, não punham difficuldade em me tocar, ou que eu os tocasse a elles depois de estarem pollutos, e antes de se irem lavar; e tinham por costume de nos advertir, quando vinham de lavar-se, que lhe não tocassemos, para não serem obrigados a repetir o lavatorio; mas depois de uma vez estarem pollutos pelo mais simples contacto, não punham mais difficuldade nem ceremonia nisso.

Entre estes Naires alguns ha, assim homens como mulheres, que tem os pés e as pernas tão grossas como o corpo ordinario de um homem, mas isto não lhe faz pejo algum, e lhe vem de nascimento. Uns só tem esta grossura em uma perna, outros em ambas. Muita gente entre elles tem esta enfermidade, e a vi mesmo nos mais grandes senhores. Esta grossura em uns é maior em outros menor; e é dura e aspera como verrugas: não causa dor, e não tolhe aos que a tem de serem bem dispostos, e mui bons soldados. E' enfermidade hereditaria. Vi nas Indias outra gente, que não era Naire, terem tambem assim as pernas grossas, mas não tão commumente como entre os Naires.

Fazem muitas cerimonias, festas, e folganças em seus casamentos. Ao principio logo que tem ajustado o casamento, vão ao templo ou pagode, onde fazem algumas cerimonias perante os seus sacerdotes, que são Bramanes, cerimonias que eu não poderei referir, porque me não era licito entrar lá. Depois disto durante o espaço de quinze dias os parentes e amigos dos noivos, homens e mulheres, conduzem a noiva todos os dias a casa do noivo, onde passam o dia em folguedos: as mulheres, que estam todas mui bem adornadas, cantam ahi, e tocam diversos instrumentos, taes como pandeiros, flautas, e charamellas, e dansam ao som desta musica; e os homens são meros espectadores. Offerece-se a todos quantos chegam, ainda que estrangeiros sejam, um prato de betle, e aguas cheirosas mui agradaveis para se esfregar o corpo, e perfumal-o. Os noi-

vos são presentes, e mui ricamente vestidos e paramentados assistem sentados n'um logar mais elevado. Alguns vi que estavam tão carregados de joias e pedraria, que mal podiam com ellas; e creio que as pediam emprestadas, porque vi muitos que tinham sobre si mais de duzentos mil escudos; n'uma palavra joias d'um preço inestimavel. A sala onde fazem estas festas é bem alcatifada, e armada de ricas tapeçarias de ouro e de seda. Ahi se banquetea duas vezes por dia toda aquella assemblea, e isto á custa do noivo; e depois á noute as mulheres, que tem acompanhado a noiva, a tornam a levar a sua casa. Em fim passados os quinze dias fazem montar os noivos magnificamente ataviados sobre um elefante acobertado, e ricamente arreiado, cada um em sua cadeira, postos cara a cara, e pegando um nas mãos do outro; e nesta cerimonia os parentes e amigos, que os rodeam a pé em grande pompa, os conduzem como em procissão por toda a povoação ao som dos instrumentos; parando somente ante as casas dos outros parentes e amigos, e ahi vem as pessoas da casa recebel-os, e lhes apresentam betle, fructas, flores, e doces a seu modo; esfregando e borrifando o elefante, em que os noivos vem montados, de aromas, como sandalo, e outros páos e drogas odoriferas, pizadas, e defeitas em aguas cheirosas; e com ellas lavam a cabeça e a tromba do elefante, ao que não ousarão faltar, porque aliás o elefante se assanharia; e sem fazer mais detença passam ávante, e vão repetir a mesma cerimonia á porta de outra pessoa. Os parentes e amigos haverão por injuria e desprezo, se os não visitarem desta maneira. Assim vão apear-se ao pagode, onde ainda se demoram algum espaço de tempo; e depois se vão á casa da noiva, onde o casamento se dá por concluido; e cada pessoa, que ahi está, dá um coco, que o Naire, que conduz o elephante, toma para si: e cumpre notar que todas as pessoas, que moram em cada casa onde o elephante faz parada, deve de dar um coco, afóra todas as demais pessoas, que assistem ás bodas, a quem corre a

mesm a obrigação. E ordinariamente em toda esta costa casam-se mui crianças, e de idade de nove a dez annos.

Em quanto ás ultimas honras e funeraes o seu uso é este. Primeiramente todos os gentios, assim Bramanes, como Naires, e Mucuás, queimam os corpos; e para este fim são curiosos em quanto vivos de juntar páos cheirosos, e outras cousas, e drogas odoriferas de grande preço, para queimar seus corpos depois de mortos. As cinzas são repartidas entre os parentes, que as guardam em ricos depositos, e as desfazem em agua nos dias de festa para esfregar o rosto, como já disse. E quando um Bramane morre, a mulher é teúda, para mostrar a affeição que tem a seu marido, de se queimar viva lançando-se no fogo onde arde o corpo do defuncto; o que se faz com muitas solemnidades em presença dos parentes, e ao som de instrumentos. Durante a minha estada em Calecut vi queimar cinco ou seis desta maneira. Se porem ellas não querem queimar-se, podem-no fazer; mas ficam infames; cortam-lhe os cabellos, que nunca mais podem deixar crescer, são expulsas da companhia das mulheres honradas, e não podem tornar a casar-se. A maior parte com tudo antes querem passar por esta infamia, que queimar-se. As mulheres dos Naires não são obrigadas a isso, com quanto se diz que ás vezes ha algumas, que por affeição, e de mui livre vontade se tem lançado no fogo. Mas todavia não são a isso obrigadas, e até podem livremente tornar a casar-se sem ficarem deshonradas, salvo se forem da casta bramane. Entre o povo baixo e commum não se observa isto. Não vi que trajassem de dó por seus parentes; mas quando morre o rei todos os homens do reino rapam inteiramente a barba e os cabellos.

No que toca a suas doenças não tem outras mesinhas nem outros remedios, alem dos feiticeiros, que se ataviam como verdadeiros diabos, e só de noute vão visitar os enfermos, levando fogo na boca, nas orelhas, nos pés, e nas mãos; cobertos todos de pêllo postiço, e d'uma infinidade de campainhas, que fazem uma estranha e horrivel bulha.

Fazem tambem diversos gestos, momices, e superstições, offertas e promessas ao diabo, em presença dos enfermos, que com isso se hão por muito alliviados. Da mesma sorte quando querem saber o exito de alguma cousa socorrem-se destes feiticeiros e adevinhadores, que estam a soldo dos reis, principes, e senhores, assim gentios como mouros. No tempo, em que eu alli estive, el-rei tendo uma grande entrepreza com o rei de Cochim, como eu depois soube, quiz sobre isso consultar um destes feiticeiros, que elle trouxe perante todo o povo, e eu o vi. Era homem mui feio, coberto todo de pêllo postiço, e o cabello da cabeça era tão longo, que tocara em terra, com quanto elle fosse homem mui alto. Trazia tambem campainhas ao pescoço, nos braços, nas pernas, e á volta do corpo na cintura, o que fazia um maravilhoso ruido, e matinada. Corria cinco ou seis passos para diante, depois outros tantos para traz, e assim se revolvia sem descanço durante todo o tempo, que esteve ante el-rei, o qual não desceo da sua galeria ao andar terreo, onde este feiticeiro estava, e todo o povo ao redor delle. Dizia algumas palavras ao rei; e eu me persuadia que era um feiticeiro, mas todos me disseram que era um diabo. Dizia-se tambem que este feiticeiro tinha caminhado mais de sessenta legoas naquella noute, sem nunca parar. Quando se quiz ausentar, correo como um relampago, e entrou no seu pagode ou templo, onde o povo o seguio; e ahi se deteve longo tempo fazendo grande ruido, como quem tocava campainhas e caldeiras. Este feiticeiro dava gritos os mais pavorosos, que jamais ouvi; fazia muitas peloticas magicas, e tinha nas duas mãos duas espadas, que meneava, e volvia sem cessar, e eram de feitio diverso das outras, e mais cortantes; com ellas dava golpes na cabeça núa, e cahia com o ventre sobre a ponta das mesmas espadas sem se offender.

Toda esta gente se queixa de apparições dos demonios, o do mal que lhe elles fazem, como nas ilhas de Maldiva, e em toda a parte onde ha gentios e mouros. Eu creio que

isto lhes acontece tanto mais quanto não seguem a fé da religião christã, e que dest'arte elles estam ainda sob o poder dos demonios (a). Quanto a mim (graças a Deos) não me aconteceo semelhante cousa, excepto que na noute, que precedeo ao dia em que cheguei a Badará, não tendo outro logar para me recolher, entrei, e deitei-me n'uma mesquita, por ser de noute, e por ter companhia; porque estes logares são os mais commodos e mais frescos para dormir e repousar, assim de dia como de noute, por serem todos esteirados e alcatifados no pavimento; mas estando alli não pude repousar, tendo o espirito salteado de visões, e ouvindo muito estrondo. Parecia-me estar todo comprimido, de sorte que não podia fallar, nem respirar. O ruido, que eu ouvia toda a noute, era como se rolassem quantidade de ballas pelo pavimento e tecto da mesquita, e a cada hora julgava que tudo ía desabar, e cair sobre mim. Havia ahi nessa noute grande numero de forasteiros viandantes, e peregrinos, que ahi se haviam tambem recolhido; mas tendo longo caminho a andar, partiram á meia noute para caminhar pela fresca; e fazia mui bom luar. Foi então que o pavor me tomou deveras; e fiquei sem poder fazer outra cousa mais que encommendar-me a Deos, e neste estado permaneci toda a noute, porque não ousava mexer-me dalli, sendo este templo fora da povoação, e mui arredado das casas; e é um dos maiores templos que alli ha. Em fim tendo principiado a romper o dia, quando eu começava a cobrar algum animo, eis que dous ou tres Mucuás se poem a bradar, e a urrar como verdadeiros diabos com vozes extremamente medonhas e espantosas. Estavam no alto da mesquita, sem eu os poder ver, nem saber o que aquillo era. Mas é costume delles para appellidar o povo, como já disse fallando das ilhas de Maldiva. Logo que foi completamente dia claro, sahi dalli em continente sem lhes dizer uma só

(a) O auctor, que acreditava em feitiços e apparições dos demonios tanto como qualquer gentio ou mouro, achou-se um pouco enleado nesta explicação.

palavra. Eis tudo o que vi e ouvi naquella terra acerca de suas apparições e diabruras.

Estas mesquitas, onde pousam, e ordinariamente se acolhem os viandantes, são somente as dos Mouros, e não as dos Naires. Nestes grandes templos fazem cozer á custa del-rei todos os dias grande quantidade de arroz, que distribuem aos pobres, e a todos os que o querem, e o recebem em grande solemnidade. O arroz, que assim distribuem, é de côr roxa, e esta cerimonia se faz em honra de seus pagodes, e por isso não é caso de vergonha acceitar este arroz, como cá entre nós o pão bento. Quando elles estam em seus pagodes, que são mui escuros e negros, tem nelles muitas lampadas accesas, e ahi fazem um ruido e matinada espantosa, por rasão das campainhas, de que estam todos cobertos os seus feiticeiros, que ahi fazem muitos saltos e momices, gritando e uivando á entrada da porta. No pateo ha um grande poço para se lavarem; e dentro do pagode á porta ha cinzas dos mortos, das quaes tomam um pouco, e com ellas esfregam a testa e o peito, como nós fazemos com a agua benta. Os Mucuás tem seus pagodes á parte, que são medonhos pela negridão. Entram nelles muito mais raras vezes que os Naires, somente uma vez na lua nova (salvo em occasião de casamentos, que celebram no pagode, e nelle se banqueteam), porque estam occupados em seu trabalho. Mas os Naires, alem das festas solemnes, que são mui frequentes, não passam dia, que não entrem no pagode, cada um de per si, para fazer suas orações, que são mui curtas. Tem pagodes em muitos logares, que visitam em certos dias do anno, e vem a elles de trinta e quarenta legoas em romaria. Ha duas ou tres festas no anno (especialmente no primeiro dia do anno, que começa no mez de Abril) em que todos os Naires da corte e suas visinhanças vem visitar e saudar el-rei, o qual de sua galeria superior em uma janella recebe as saudações, e lança a cada um seu embrulho de betle, que lhes dá em forma de estrêas, e algumas moedas

de ouro, a uns mais, a outros menos; presente que elles estimam infinitamente, por vir da mão del-rei. Elle não dá somente estes presentes aos Naires, mas tambem a toda a sorte de pessoas; e nol-os deu á nós, e a Indios christãos, vestidos á portugueza.

O reino de Calecut é um Estado mui poderoso, e de grande extensão, e é o que em todo tempo tem dado maior molestia, e empecido mais aos Portuguezes, e ainda agora cada dia empece, por rasão da auctoridade e poder deste rei, que é extremamente amado, e ao mesmo tempo temido, e obedecido de todos os seus povos, e respeitado dos visinhos. O seu territorio é mui povoado; ha nelle grandes e bellas cidades, a principal das quaes é a de Calecut, que dá o nome a todo o reino; a seganda a de Panane, grande cidade e fortaleza, sita na fronteira do reino de Cochim, na qual ha sempre grande guarnição. El-rei pela maior parte do tempo faz a sua assistencia nestas duas cidades, e particularmente em Panane, por causa da guerra, que continuadamente tem com el-rei de Cochim; e tambem porque é a mais agradavel vivenda de seus Estados, com quanto não seja porto de mar, e somente haja ahi um rio, em que navegam bateis, e que se vai lançar no mar a vinte e cinco ou trinta legoas de distancia, fazendo a separação dos dous reinos. Afóra estas ha no mesmo reino grande numero de outras cidades e villas, por onde el-rei muitas vezes transita ao visitar os seus Estados, que são tão povoados que mais não pode ser, havendo ahi casas e cercas tão chegadas como a tiro de arcabuz. O que faz que a terra seja tão povoada, é jazer n'um clima mui bom, e mui temperado, onde as estações são as mesmas que nas ilhas de Maldiva. A sementeira e colheita faz-se duas vezes no anno, e em todo o decurso delle ha fructos em grande abastança, e os mais excellentes do mundo. E' outrosim o paiz mui aprasivel, e mui deleitoso, regado dos mais bellos rios e ribeiras; e ha por toda a parte mananciaes das mais excellentes aguas do mundo. Não ha provincia em todas as Indias mais bas-

tecida de toda a sorte de commodidades do que esta.

Todos os campos são cobertos de arvores fructiferas, que produzem côcos, jacas, mangas, bananas, ananazes, cajús, limões, laranjas, romãs, mirabolanos, peras da India, que se não assemelham ás nossas; arvores de algodão; quantidade de melões, e de patecas, que são uma especie de abobaras, de prodigiosa grossura, e que se comem cruas como os melões (a), gingibre, ervilhas, favas, e outros fructos de boa qualidade, que quem quer apanha, e come quando vai passando, sem ninguem lho estorvar, e os visinhos mantem-se destes fructos em commum. Mas a maior riqueza da terra, e a unica que se leva para fóra, é a pimenta, que alli abunda maravilhosamente. Della sáe o tributo a el-rei, e elle compra toda quanta ha, e a envia em seus navios ao estreito da Meca, ou do golpho arabico, e a Arabia, donde tira em retorno muitas fazendas, e principalmente ouro; em somma é a principal riqueza da terra. Ha ahi tambem grande quantidade de toda a sorte de pedras preciosas, excepto diamantes, taes como esmeraldas, rubís, saphiras, olhos de gato (b), e outras. Ha igualmente muita riqueza em pannos de algodão.

Os animaes, que se dão neste paiz, são elephantes, que se criam de pequenos para servir na guerra, e levar carga. Todos pertencem a el-rei, e nenhum particular os pode ter. Se algum carece delles para qualquer serviço, ainda que seja para andar a cavallo, vai ter com o official del-rei, que os tem a cargo, e dando-lhe certo dinheiro, elle lhos faculta livremente, ou por um dia ou por muitos, pagando-os na rasão do tempo, que assim servem. Ha muitos tigres, e mui furiosos, e os Naires não fazem de ordinario outra cousa senão andar á caça delles, e matal-os. Ha porcos bravos, ou javalís, cabritos monteses, vaccas, bufalos, cabras, cães como os nossos, e de bugios uma infinidade. Ha tam-

(a) *Patecas* são exactamente as nossas melancias. Vid. pag. 26.
(b) E' uma especie de agatha.

bem papagaios, pavões bravos, galinhas, e pombos mui grandes. As cobras são mui grandes e mui perigosas, e todavia não ha homem tão ousado, que as mate, porque el-rei, os Bramanes, e os Naires as veneram com grande superstição, crendo que são espiritos celestes, que foram creados para atormentar os homens, e castigal-os por seus peccados. Chegam a ter vinte e dous pés de comprimento, e mais. Toda a terra é tambem cheia de raposas, que de noute até vem á cidade, entram nos pateos das casas, e afugentam os cães, como cá fazem, de sorte que toda a noute se ouve este alarido nos quintaes, e nos caminhos.

Os bugios, que já disse serem em grande quantidade, causam muito damno, e são mui grandes, de sorte que todos os habitantes, assim da cidade como do campo, são obrigados a collocar rotulas em todas as janellas, para impedir que elles entrem; e o peior é que sem embargo de serem tão importunos, tão damninhos, e em tão grande numero, não é licito matal-os, porque el-rei o defende. Tem o pello pardo; e é divertido vêl-os saltar de arvore em arvore. Um dia eu é um de meus companheiros indo da cidade ao paço del-rei, (e em quasi todo o caminho ha casas e boticas, salvo em alguns lugares) topámos com tres destes bugios, os maiores, e mais medonhos que nunca vi; os quaes vieram sentar-se a dez ou doze passos distantes de nós, rangendo os dentes como quem queria saltear-nos. Nós então não tinhamos nem vara, nem bastão, e não havia pedras naquelle sitio, de sorte que não sabendo ainda a naturesa daquelles animaes, estavamos tomados de grande medo, e todavia não démos demonstração disso, e fingindo que apanhavamos pedras para lhes atirar, botaram a fugir, e subiram para as arvores.

No que toca á cidade de Calecut, que é a corte, e como um resumo de todo o reino, e onde eu me detive por mais tempo, direi que é uma mui bella e mui grande cidade, situada á beira-mar, estendendo-se de uma a outra ponta por mais de legoa e meia de praia, e em todo este comprimento

entre a cidade e o mar tudo são casas de Mucuás, pescadores, e outra gente pobre. Todos tem tambem alli seus pagodes, e templos. Toda a praia é coberta de almadias ou barcas de pescadores, e outras. A cidade tem mais de cinco legoas de circuito, mas o que propriamente se chama cidade de Calecut é um grande territorio cheio dos mais bellos e soberbos edificios, e suas grandes cercas, de sorte que cada casa ha mister de um grande espaço para todos os seus jardins, pomares, viveiros, e terras de semear; e por isso se não vê por toda a parte senão casas desfarte fabricadas, cheias de povo, assim Naires, Malabares mouros, como de toda outra qualidade de estrangeiros, que ahi são bem agasalhados; com differença das outras cidades de Malabares, onde somente moram Mouros. Alli vereis toda a sorte de templos e pagodes grandes, e bem fabricados, para todas as religiões, de que abaixo fallarei.

Ha grande numero de tanques publicos mui grandes, bem lageados, e guarnecidos de balaustres de pedra de canteria, bem limpos, e bem conservados. Cada religião tem os seus separadamente; e alguns ha que tem um quarto de legoa de circuito em quadro. São mui necessarios por rasão do excessivo calor do paiz. Os muros da cidade não são fortes, e apenas é cercada de trincheiras de terra, e muros baixos. As casas não são fabricadas em ordem, nem dispostas em ruas, como na Europa; mas confusas e dispersas para aqui e para alli. Em um sitio da cidade da banda do mar, e junto do grande edificio ou armasem del-rei, a que chamam *Alfandega*, ha um bairro de bem meia legoa de circuito, que é edificado, e ordenado em ruas como cá nas nossas terras. Não ha aqui senão tendas de toda a sorte de mesteres, artifices, e mercadores, necessarios ou commodos ao publico. Este mesmo bairro tem uma cerca especial, com quanto esteja incluido na grande cerca da cidade. Nas casas não tem esta gente mais moveis e utensilios alem dos estrictamente necessarios.

Os seus mercados, a que elles chamam *Bazar*, são tão

cheios durante o dia inteiro de toda a sorte de povo, que mal se pode por elles transitar. Vê-se alli gente de todas as nações, que ha desde o Cabo da Boa-Esperança até ao Japão. Chegada a noute cada qual fecha a sua tenda e botica com toda segurança, com trancas e grossos cadeados de ferro, e se vão com suas familias á casa de sua habitação, que é algum daquelles edificios, que disse, com quintaes e cercas. As lojas deste Bazar são mui grandes, e bem fabricadas de pedra e madeira; accommodadas e dispostas em tendas, armazens, e pateos, tudo mui seguramente fechado; e não servem senão para ahi terem as mercadorias e fazendas, e trabalhar no seu mester; mas não ficam alli de noute. No recinto do Bazar ha tres grandes praças, que são como outros tantos mercados abertos todos os dias da semana.

Fecha-se o Bazar com muros e portas, e ha porteiros, que não consentem que pessoa alguma pernoite na sua tenda, onde tem a sua mercadoria e riqueza; e todavia nunca se perde alli cousa alguma; tão boa é a justiça, e a policia! Dentro só ficam e pernoitam os officiaes, e porteiros, que tem a seu cargo a guarda e vigia. Não ha lá um só templo. Os navios, que aportam e surgem em Calecut, e que trazem todas estas mercadorias, não estam em muita segurança, por quanto não ha alli surgidouro capaz, mas simplesmente uma angra; de sorte que em ventando do mar, correm grande perigo. A terra é baixa, e ha um pequeno cabo, ou ponta que entra pelo mar.

No que toca á forma e estructura dos edificios do paiz, cumpre notar que o povo commum fabrica casas de terra, e cobre-as de folhas de coqueiros, mas não com tanta industria e perfeição como os de Maldiva. Amassam a *terra*, cortam-na em grandes quadrados mui grossos, que seccam ao sol, e com isto levantam as paredes. Mas os *ricos* e abastados fabricam suas casas de boa pedra, e cobrem-nos de telha. Todos os seus edificios são em quadro, formando quatro galerias com varandas nos quatro extremos, e

um pateo no meio. A sua obra de carpinteria e de marceneria é a mais linda, que ver-se pode. E' entalhada de diversas figuras graciosas, como cá entre nós os mais bonitos bofetes e mezas; e tudo pintado. Nas casas ha andares, mas não tantos como entre nós. Alguns construem dous e tres aposentos desta forma, uns dentro dos outros; tendo o do meio o pateo e as galerias mais pequenas, e assim os outros, que os cercam, tudo em quadro. Fazem estes aposentos e corredores deste feitio para não escarrarem nem lançar uma só gota d'agua, ou sugidade sobre o pavimento das casas, que são limpas como uma taboa de madeira bem polida, e bem aplainada.

Todos os aposentos dos Malabares são desta sorte, a saber, tem grandes atrios á entrada das casas, assim pobres como ricos, da parte de dentro da cerca: porque todas as casas são cercadas de muros, isto é, as dos ricos; e as dos outros de fundas cavas, e boas estacadas de páo mui fortes: e todas estas cercas são tão altas, que quando se quer ir de uma casa para outra, é mister subir uma escada de cinco ou seis degráos, e descer outros tantos; e de cada lado ha cancellas, que se fecham á chave. Não ha casa que não tenha seu jardim e quintal, grande ou pequeno. Estes atrios, e *Ariardes*, que ha á entrada das casas, são feitos para receber os forasteiros peregrinos, assim para comerem e beberem, como para repousarem e pernoutarem; e não ficam no interior da casa os ditos atrios, para que os viandantes possam partir a toda a hora da noute que bem quizerem, conforme os baleis, se é por mar, ou os de mais companheiros, se é por terra, estiverem prestes a partir.

Mas tornando ao nosso fio, e fallando da cidade de Calecut em geral, digo que é ella a mais mercantil, e mais cheia de toda a sorte de trato e commercio, que ha nas Indias, e nella se encontram mercadores de todas as partes do mundo, e de todas as nações e religiões, por rasão da liberdade e segurança, em que alli se vive.

Porque aquelle rei permitte o exercicio de toda a sorte

de religiões; e todavia é estreitamente defeso de fallar, disputar, ou altercar sobre este assumpto; e não ha memoria de se ter levantado alli disputa alguma sobre tal caso, vivendo cada um em grande liberdade de consciencia sob o alvedrio e auctoridade del-rei, que ha isto pela principal maxima de Estado, a fim de tornar o seu reino mais rico, e mais frequentado: e se pela ventura recrecesse alguma dissensão e pendencia nesta materia, aquelle que lhe houvesse dado começo seria punido corporalmente, e como criminoso de lesa-magestade, sem alguma remissão nem perdão. O que é parte para que cada um viva em grande paz e concordia, sem embargo da diversidade de nações e religiões, que ahi ha, assim dos que moram na cidade, como dos estrangeiros, e peregrinos; pois afóra os gentios e mouros da terra, ha ahi muitos christãos.

Antigamente os Portuguezes habitaram alli, e tiveram duas cidades, e duas fortalezas com permissão del-rei, que lhes havia outorgado que as fundassem á beira-mar, mas com tudo nunca houve amisade e boa correspondencia entre elles; de sorte que aquellas cidades e fortalezas foram tomadas e desfeitas pelos reis da terra, que expelliram os Portuguezes, os quaes não tem hoje alli cidade nem fortaleza alguma, como já acima apontei (a). Todavia ao presente estam em paz, e os Portuguezes mantem o melhor que podem com presentes a amisade deste rei, a quem sobre

(a) As fortalezas, que os Portuguezes tiveram nas terras do Samorim foram estas: a 1.ª na propria Cidade de Calecut, fundada em 1513 (Barros, Dec. II. Liv. VIII. Cap. VI.), mandada derribar pelo Governador D. Henrique de Menezes em 1525 (Barros, Dec. II. Liv. IX. Cap. X.): a 2.ª em Panane, começada a fundar a 21 de Dezembro de 1585 (Couto, Dec. X. Liv. VII. Cap. V.), e já perdida ao tempo, que o auctor visitou estes logares (Veja-se a pag. 316; e Couto, Dec. IX, Cap. II, no fim).

Pode-se accrescentar a estas a fortaleza de Chalé, fundada em 1531 em terra de um Regulo, subdito do Samorim, mas com licença deste (Barros, Dec. IV. Liv. IV. Cap. XVIII.), a qual foi a primeira, que na India perdemos, rendendo-se ao dito Samorim a 4 de Novembro de 1571 (Couto, Dec. IX. Cap. II.).

todos temem. Para o trato mercantil ha em Calecut um Feitor da parte do Vice-Rei de Goa, assistido de um escrivão, com suas mulheres e familias. Este Feitor é como agente e embaixador, e serve tambem para passar cartazes aos mercadores indianos; porque em todos os portos da India, onde os Portuguezes estam de paz, tem destes Feitores para tal fim, por quanto os mercadores receberiam grande molestia em ir buscar os cartazes ás cidades dos Portuguezes.

Ha tambem alli dous Padres Jesuitas, um Italiano, e outro Portuguez, mui acceitos ante el-rei, que lhes dá uma tença de cem escudos por anno, que valerão mais de quinhentos em Hespanha, afóra a que tem d'el-rei de Portugal para seu mantimento e sustentação. Fabricaram uma mui bella e ampla igreja, com sua cerca, e cemiterio á beira-mar, n'um logar que el-rei lhes deo. Tem licença d'el-rei para converter o povo ao christianismo, sem todavia usarem de constrangimento; e tem feito tal fructo que, quando eu parti, havia já bom numero de novos christãos. Prégavam publicamente na sua igreja, e não em outra parte. Estam mui bem aposentados, e tem mui lindos jardins; e diante da sua igreja ha uma grande cruz.

Os christãos moram todos no mesmo bairro contiguamente em casas, que elles tem fabricado. Não deixa todavia de haver ahi entre elles outros, que não são christãos; e ás vezes haverá na mesma casa pessoas de diversa religião. Não ha novo christão, segundo creio, que coma carne de vacca, touro, ou bufalo, como já disse.

Estes Padres Jesuitas de Calecut estavam na privança d'el-rei, que os amava muito, e elles tinham grande tento em não fazer cousa alguma, que lhe desagradasse; e íam muitas vezes ao paço a tratar negocios acompanhados dos Portuguezes, e christãos indianos, e mestiços. Nós os visitavamos algumas vezes, e elles nos faziam mui bom gasalhado. Mas el-rei, e toda a gente de Calecut nos admoestava ordinariamente que não bebessemos, nem comessemos com elles, de medo

que nos dessem peçonha; e outrosim que não saissemos de noute, para que elles nos não fizessem algum aggravo, quero dizer, os Portuguezes em geral; porque elles estavam extremamente desconfiados, e descontentes de nós alli estarmos, e de el-rei nos favorecer. O que bem nos mostraram depois, como abaixo direi.

E já que tenho fallado dos christãos, que ha em Calecut, continuarei referindo o que toca ás outras nações, e religiões, cujo exercicio ahi é admittido, como são entre outros os Judeos, que tem seu bairro, e sua synagoga apartada, onde só elles entram. Em quanto aos Mahometanos, posto que os haja de diversas nações e paizes, não são todavia differentes na religião, senão os Persas, e não deixam de ir ao templo dos Malabares Mahometanos. Ha tambem ahi outra casta de gentios diversa dos da terra, os quaes ainda que da mesma religião, não se misturam por casamento com os outros, e não vão aos mesmos templos, mas tem seu pagode á parte, e não entram nos dos outros. Estes taes são os *Banianes* de Cambaia e Diu, que tem tambem Bramanes da sua terra, que são entre elles os mais honrados. Todavia os Bramanes do Malabar podem licitamente entrar nos pagodes delles, como quem tem communhão com uns e outros; o que me leva a dizer que os Bramanes são uma casta de gente, que sempre tem sido havida em grande estimação por toda a India; pois em toda a parte os ha entre os Indios gentios. Aquelles Banianes observam as mesmas austeridades que os Bramanes, e tem todas as suas regras; mas são-lhe inferiores, e não contrahem entre si alliança de casamento. No de mais são em tudo conformes, em modo de vestir, em usos, e em costumes.

No que toca á justiça da terra, essa só depende d'el-rei, pois não ha outro juiz em todo seu reino afóra elle; e todavia a justiça não deixa de ser alli bem administrada, e feita a cada um gratuitamente. Porque se alguem commette um crime, ou não quer pagar a seus credores, faz-se queixa a el-rei, o qual averiguando a verdade do caso, faz a

justiça que elle merece; e em sua ausencia são os principaes do Estado quem a administra. Se é algum estrangeiro, ou algum Mucuá, que tem a queixar-se de outro, vai-se ao primeiro Naire que encontra, e lhe faz a sua queixa; e o Naire sem detença lhe faz justiça, e a executa logo, sem receber por isso paga, salvo se a parte lhe dá alguma cousa de sua livre vontade, e por pura liberalidade. Mas isto só acontece nos casos de pouca monta, porque nos crimes graves nada se faz sem sciencia e resolução del-rei, a quem immediatamente se deve dar conta. As penas são, longa prisão, mutilação de membros, ou morte, sendo caso disso, e então lança-se o criminoso aos elephantes, ou aos tigres, que o despedaçam apenas se lhes dá signal : e não ha entre elles outra sorte de supplicio. As prisões são todas no palacio d'el-rei ; e assim os Malabares, como toda a sorte de estrangeiros são sujeitos á justiça destes reis Naires. E ha alli mui poucos processos e pleitos.

A lingua de toda a região do Malabar é lingua particular, com caracteres e letras proprias. Escrevem com ponteiros de ferro em folhas de palmeira, que são amarellas, e mui grossas.

Eis tudo quanto achei digno de menção neste reino, cidade, e povos de Calecut. Passarei agora a contar qual seja a grandeza, poder, costumes, e modo de vida d'el-rei, da rainha sua mulher, e de toda a sua corte, e palacio. A grandeza deste rei assaz fica manifesta pelo que já disse de seu Estado, e de seu reino. E' nomeado por todos os Indios *Samory*, palavra de grande auctoridade em sua lingua, que vale tanto como Imperador. E na verdade é elle um dos maiores, e mais ricos princepes da India; e pode pôr em armas cento e cincoenta mil Naires, sem contar Malabares e Mouros, assim do seu reino, como de todos os piratas e corsarios do paiz, que são innumeraveis, e dos quaes elle pode dispôr á sua vontade.

Todos os reis Naires desta costa são seus vassallos, lhe obedecem, e cedem á sua grandesa, salvo o de Cochim,

com o qual, sem embargo de ser da mesma lei, costumes, e modo de viver, está quasi sempre em guerra; mas isto acontece só depois que ha Portuguezes em Cochim, os quaes tem sempre fomentado esta inimisade; porque de antes o rei de Cochim o reconhecia por superior como os outros, e agora pretende hombrear com elle, e não lhe quer ceder em cousa alguma, fiado na ajuda dos Portuguezes, porque a não ser essa, já teria sido destruido ha muito tempo.

Este rei, quando eu lá estive, era de idade de cincoenta annos pouco mais ou menos, e não havia menos de trinta e cinco que reinava. E' bem parecido, alto, delgado, alegre, proporcionado e bem composto em seus membros. Ama a seu povo, e é delle amado e obedecido; respeitado e temido de seus visinhos e inimigos. Tem uma só mulher, como os outros Naires Bramanes; e naquelle tempo não tinha filhos. A sua residencia é, como já disse, ora em Panane, ora em Calecut; mas muitas vezes anda de visita por seus Estados. Quando caminha vai mui bem acompanhado, e leva sempre comsigo perto de tres mil homens. Monta n'um elephante, de que tem grande copia. Por toda a parte, por onde passa, todos tomam armas para o acompanhar, de maneira que ás vezes o seguem mais de dez mil pessoas.

A sua principal morada é em Calecut, onde tem um mui bonito palacio, bem fabricado, e todo cercado de boas muralhas e cavas, com pontes levadiças ás portas, e em toda a cava ao redor entra agua. Grande numero de soldados, dia e noute, estam de guarda ás portas, que são quatro; e não deixam entrar pessoa alguma desconhecida, e a todos interrogam, e conduzem, ou fazem conduzir para dentro ao logar, onde desejam ir. Se a pessoa, que entra, quer fallar a el-rei, levam-na, e a fazem passar por muitos corpos de guarda até chegar á porta do aposento, onde está a guarda, a que nós chamaremos guarda real (*gardes du corps*), que introduz a tal pessoa ante a presença d'el-rei. Disse que o palacio tem quatro entradas, e quatro portas; mas antes de se chegar aos aposentos d'el-rei, é mister passar ainda tres por-

tas por cada uma das entradas, e em todas ha guarda de soldados, não contando os que estam á porta dos aposentos d'el-rei. Alem de todos estes corpos de guarda ha ainda outro maior, que está no meio do palacio n'uma grande praça coberta, e fabricada de proposito para isso, e todos os outros dependem deste, e lhe respondem. Aqui ha um grande sino para dar signal, e nunca se tange senão para convocar a gente de guerra ao palacio para junto d'el-rei, quando é mister. A todas as portas do palacio ha logares ordenados, e cercados de barreiras e tranqueiras, para que a gente se não chegue alli.

Fóra destes barreiras, e junto das portas ha homens, que não fazem outra cousa senão dar de beber agua fresca a quantos tem sede, e a pedem; e quando algum quer beber, de qualquer qualidade, lei, e religião que seja, lha dão do modo que já disse. Estes homens, deputados por el-rei para darem assim de beber, estam postos sobre bancos ou mesas da altura de quatro pés, á sombra de arvores, que fazem o sitio mui ameno e aprasivel. Tem grandes vasos como cantaros, os quaes tem um tubo ou bica de palmo e meio de comprido, e são todos de cobre dourado. Quem tem sede chega-se alli sem entrar dentro do recinto, e apara com a bocca a agua, que lhe lançam da parte de cima, não tocando de forma alguma no vaso, cuja bica fica distante da bocca mais de um palmo. E antes de beber lhe dão para comer um ou dous pedaços de côco em supprimento de pão. Esta ordem foi estabelecida por el-rei a respeito dos fortes e excessivos calores do paiz em beneficio da grande multidão de povo, que todos os dias concorre ao palacio. Os Portuguezes, que estam na India, tem imitado este modo de beber. Ha bastantes fontes no paiz, e até no palacio d'el-rei; mas a ninguem é permittido ir alli beber, e estam vedadas com guardas; somente certos sacerdotes se servem daquellas aguas para suas superstições.

Todos os caminhos, que vão ter no palacio, são na visinhança do mesmo maravilhosamente bellos e agradaveis,

porque todos são tão direitos como jogos de bolla, e de cada lado são ornados de socalcos e sebes cobertas de arvores de todas as qualidades, entre as quaes ha muitas daquellas a que elles chamam *Tristes*, e de que fazem açafrão. E por todo o paiz os caminhos são assim, ou com pouca differença.

Entre a cidade e o palacio medeia quasi um quarto de legoa, por onde vai um caminho, como já disse, com bellas casas de um e outro lado; e defronte da porta do palacio ha uma grande praça quadrada, onde todos os dias de manhã se faz o mercado de toda a qualidade de mercadorias e fazendas da terra, e não de fóra. Abre-se ás sete horas; e um dos officiaes del-rei, que disso tem cargo, faz tanger um sino para advertir os dispenseiros e uchões d'el-rei a que venham comprar o que é mister para sua casa; porque ninguem ousaria comprar cousa alguma antes de ser provida a casa real. Isto feito tange-se novamente o sino para chamar os mercadores; mas antes que elles entrem, os rendeiros cobram seus direitos de tudo, por menor cousa que seja. E antes que os officiaes d'el-rei tenham tomado o que hão mister, ninguem ousaria chegar-se, nem tocar mercadoria alguma, principalmente sendo comestivel. E ainda depois, ninguem, salvo se fôr Bramane ou Naire, ousará tocar nos mantimentos, que quer comprar, sem que primeiramente lhes seja taxado o preço, e então por elle são obrigados a compral-os. Quem anda no mercado, por onde estam sentados os que vendem, é necessario acautellar-se de não tocar nas pessoas, que não forem de sua casta e religião, nem outrosim nos mantimentos, que lhes pertencem. Este mercado não dura mais de tres horas, e concorre alli gente de todos os bairros da cidade e de fóra della a comprar, para depois tornar a vender no grande mercado ou Bazar, que dura sempre o dia inteiro, e é todos os dias. Depois das dez horas não se vê ninguem neste mercado contiguo ao palacio; mas cada um vai ao grande em toda a liberdade, no qual alem das tendas e boticas ha tres ou quatro grandes praças para

o povo vender os seus generos. Todas estas casas e boticas só servem para pôr á venda as mercadorias, mas não obstante isso não deixa de haver por todo o resto da cidade grandes e ricos mercadores, que não vão ao Bazar, e que tem suas lojas recheadas de mercadorias, que elles vendem atacado, e não por miudo.

Perto desta grande praça onde ha o mercado ha um grande edificio, onde se bate a moeda d'el-rei, que corre em toda esta costa do Malabar. São moedas de ouro, que de um lado tem a effigie d'el-rei, e do outro um Pagode ou idolo. O seu valor é de quasi quatro soldos, e se chamam *Fanões*. Fabricam tambem outra especie de pequena moeda de prata do mesmo feitio, que pode valer cada uma tres dinheiros, e se chama *Larim*, das quaes são necessarias dezaseis para fazer um Fanão.

Servem-se tambem de moeda estrangeira, sendo de ouro ou prata; e entre outras corre alli grande copia de larins de prata, que vão de fóra, e de que já fallei tratando das ilhas de Maldiva. E' esta uma especie de moeda, que corre por toda a India, e se fabrica em muitos logares, mas a melhor é a da fabrica de Ormuz.

Tornando porem ao palacio d'el-rei, é elle de mui grande recinto, e tem dentro muitos aposentos em corpos separados, bem fabricados, de muitos andares, galerias, jardins, hortas, tanques, piscinas, e canaes, revestidos e lageados de pedra, com degráos e escadarias da mesma para descer até ao fundo. Tem muitas fontes e nascentes de agua, mui fresca, e excellente para beber. Ha tambem neste palacio um armazem ou arsenal cheio de armas, canhões, polvora, e munições de guerra. Mas o grande e principal arsenal d'el-rei é em Panane, por ser esta a sua principal praça de guerra.

Ha outros aposentos em corpo separado, que são destinados para o secretario e escrivão d'el-rei, e para pôr todos os registos, que é cousa verdadeiramente admiravel ver um grande numero de homens, que não tem outro

officio, nem fazem outra cousa em todo o dia senão escrever e registar. Estes officios são mui honrados, e todos estes officiaes tem logar naquella casa, mas em camaras separadas, segundo a differença de seus cargos. Uns lançam em escritura as mercadorias, que vem para el-rei; outros os direitos e tributos, que se cobram cada dia; outros a despeza da casa real; outros finalmente o que se passa de mais notavel todos os dias, assim na corte como no resto do reino, isto é, todas as novas, porque de tudo se faz registo; e cada um em sua camara particular. Fazem tambem registo de todos os estrangeiros, que chegam, dos quaes assentam os nomes, e os da sua patria, o tempo da sua chegada, o motivo que alli os traz, como comnosco fizeram. E é cousa assombrosa ver o numero destes officiaes, a boa ordem que entre elles ha, e como elles escrevem velozmente sobre aquellas folhas de palmeira, como já disse, as quaes são do comprimento e largura das dos coqueiros, mas mais grossas e mais duras. Fazem dellas uma especie de livros furando-as na ponta mais grossa, e passando um fio pelo buraco; e assim juntam quantas querem. El-rei tem semelhantes escrivães por todas as cidades, portos, enseadas, e passos de seu reino, os quaes dão conta aos da sua casa, e tudo anda em ordem, obedecendo uns aos outros, e havendo ahi superiores entre elles. Por toda a costa do Malabar tem o mesmo modo de escrever, e guardam a mesma ordem.

Alem do pequeno Pagode, que ha dentro do palacio d'el-rei, ha fóra delle na distancia de quinhentos passos pouco mais ou menos o grande *Pagode*, ou templo real, que é o maior do reino, onde ha grande numero delles. A imagem do idolo, que alli se adora, a que tambem chamam *Pagode*, está collocada na parte mais interior do templo, e tem cabeça de homem, mas mui disforme e horrenda, e do mesmo feitio das com que nós costumamos representar os diabos. Observei pausadamente este templo e *Pagode* real, que é todo coberto, e as paredes forradas por dentro de

cobre, mui lustroso e polido, e da mesma sorte as portas. Á entrada tem um grande adro e cerca como cemiterio, bem fechado, e contiguo á porta do templo, depois ha uma pequena piscina ou lavatorio, onde elles se lavam, e na parte interior da porta ha cinzas dos mortos, como nos outros pagodes. Mais dentro encontra-se uma figura de cobre representando uma vacca, que só se vê atravez de grades; e mais dentro ainda está a outra figura, que já disse, a qual é de ouro, e mui ornada de pedras preciosas. Todo o templo é em si mui escuro, mas ha dentro tão grande copia de lampadas accesas, que fica mui claro. Todos os Naires gentios, que vão aos paços d'el-rei, não deixam, ao passar, de ir saudar e adorar este idolo, fazendo-lhe uma pequena oração. Só se pode ver por entre grades, não sendo permittido a pessoa alguma de entrar alli, se não for de sua religião, casta, e condição.

No que toca á pessoa d'el-rei, direi primeiramente que em quanto a seu traje e vestuario não differe em cousa alguma dos outros Naires, senão em trazer menos adornos, riqueza, e pedras preciosas que os outros senhores. Mas em dias de festa e solemnidade é impossivel ver mais ouro, e mais joias do que elle traz; mas isto acontece raras vezes, e só nas grandes cerimonias; porque ordinariamente traz apenas umà pequena cadeia de ouro, que lhe serve de cinto, e tem na parte dianteira um sinete de pedras preciosas. Quando caminha, vai sempre bem acompanhadò de Naires, assim por dentro como por fóra do palacio, porque elle não se serve de outra gente. Os grandes senhores vão adiante e atraz, mas ninguem vai a par delle. Os da sua guarda fazem álas de cada lado quando elle passa. O modo como o saudam, assim grandes como pequenos, é pondo a rodella ou escudo debaixo de um braço, e a espada debaixo de outro, juntando as duas mãos sobre a cabeça, e depois abrindo-as, e tornando a unil-as tres vezes, e dizendo outras tantas *Tabiran*, e uma vez *Samory*; o que significa que abaixo de Deos, que elles chamam *Tabiran*, está o Samory.

Quando el-rei se levanta pela manhã, logo que avista o sol, prostra-se, e fita os olhos nelle, como fazem todos os Naires, e lhe endereça sua oração, tendo as mãos juntas sobre a cabeça, abrindo-as, e unindo-as por tres vezes. Depois disto faz esfregar o corpo com oleo odorifero pelo espaço de quasi uma hora, e depois vai banhar-se em um dos tanques, que ha no interior do palacio; e para chegar lá passa por um longo caminho coberto de galerias, no fim do qual ha uma camara ou tenda de grades dentro d'agua, em que el-rei entra, e na borda do tanque ha outra para onde se vai a coberto de uma e outra parte. Em quanto el-rei está no banho, os senhores, e officiaes o esfregam, e animam, e todos os que alli estam tratam de fazer o que lhes cumpre; mas deve entender-se que os que estam junto d'el-rei não se mettem na agua, por maiores senhores que sejam. Depois de ter sido bem lavado e esfregado, entra el-rei na outra camara, que está á borda d'agua, onde se faz enxugar mui bem, e depois novamente esfregar um pouco o corpo com certo oleo mais precioso, e odorifero que o primeiro; e então o esfregam com tanta força que este oleo fica todo embebido no corpo, e não resta parte alguma ao exterior. Concluido isto o seu camareiro toma certas tintas e páos moidos com outras drogas odoriferas, diluidas em aguas aromaticas, e lhas applica sobre a testa e sobre o corpo da cintura para cima, com folhas e flores de diversas qualidades, que elles colam e pegam onde quer que tem posto aquelles cheiros, e particularmente na testa, e peito. Só a el-rei, e aos grandes senhores é permittido adornar-se com tanto apparato e singularidade, e dahi vem que com maior cautella que os outros evitam de ficar pollutos, porque lhes seria mister mais tempo e mais trabalho para se tornarem a lavar e adornar. Depois de tudo o que fica referido diluem em agua uma pouca de cinza dos corpos de seus predecessores, e com ella esfregam um pouco a testa e o peito, como faz todo o demais povo; mas de todo o outro apparelho, que temos dito, só el-rei e os grandes usam; e el-rei

mais que todos, porque é este o seu principal adorno.

Em quanto el-rei está no banho, todas as manhãs sem falta, doze ou quinze raparigas das mais formosas da terra, e das quaes a mais velha não passa de vinte annos, todas adornadas o melhor que podem de joias de ouro e pedraria, e vestidas de panno branco a seu modo, vão umas com grandes bacias, outras com vasos de ouro ou prata dourada cheios de agua, e tomando bósta de vacca ou de touro fresca, a lançam nestes vasos, e a desfazem nesta agua, em quanto outras lançam agua pelas paredes e pavimento, e depois com aquella bósta assim desfeita barram á mão as ditas paredes e pavimento dos paços d'el-rei. Todos os gentios geralmente seguem este uso em suas casas, e hão isto por mui boa, e mui santa cousa. Repetem-se estes lavatorios duas vezes por dia nos aposentos d'el-rei, onde são assim barrados todos os pavimentos e paredes das salas, e nos pateos e caminhos somente se faz nos logares por onde el-rei hade passar, ou seja quando elle vai ao pagode, ou ao outro aposento para comer; e elle avisa de antemão qual seja o sitio aonde deseja ir, para que se não falte ao que convem.

Ao sair do banho ordinariamente vai ao templo, e do templo vai comer a outro palacio, que fica no mesmo recinto, e faz parte do grande palacio, sendo unicamente destinado a este uso. Em quanto come está assentado sobre uma taboa mui polida, e masca folhas de balsamo como os outros Bramanes. Não come carne, nem peixe, nem cousa que haja tido vida, porque é da casta dos Bramanes, e traz como elles a *linha*. Só come arroz cosido com leite, manteiga, e assucar, e tambem muitas qualidades de legumes cosidos, ervas, melões, abobaras, e outros fructos, como patecas, e semelhantes. Os sobejos do seu comer são lançados ás gralhas, e outras aves; assim como eu vi fazer aos outros reis Naires, que são todos da mesma lei.

Este princepe é magnificamente servido por seus offi-

ciaes, que são numerosos. A sua hora de comer é ao meio dia; come uma só vez cada dia; e está tres horas á mesa. Deita-se muito tarde, e antes disso faz collação de algumas fructas, e doces a seu modo. Depois de jantar expede os negocios, e acabados de expedir, muda de aposentos, e passa a outros, que estam aparelhados para receber a toda a gente, e são diversos daquelles onde elle dorme, onde passa a manhã, e onde come. Nestes taes aposentos fica como exposto ao publico; e quem quer lhe pode fallar, e se não occorre negocio a tratar, passa o tempo com os fidalgos de sua corte. Folga muito de se divertir com bôbos e chocarreiros, de que tem sempre grande numero. Os reis e senhores Naires jogam muitas vezes um jogo de sorte, que é uma especie de xadrez, e o jogam com dados. Tambem gosta el-rei muito de ver os Naires brandir as armas uns com os outros com rodella e espada, de que saem ás vezes feridos; e outros esgrimem com lanças.

Quando um senhor, ou um Naire tem ido á caça, dá-se por mui contente de poder apresentar em publico a sua presa a el-rei, que tambem folga com isso. Ha sempre junto delle muitos filhos dos grandes senhores Naires, que lhe servem de pagens, e dos quaes um lhe leva a espada e rodella, outro o sombreiro, outro uma boceta de ouro cheia de betle, que elle masca continuadamente, segundo o costume de todos os Indios do Oriente; outro traz um abano, com que incessantemente o abanam; e ha ainda outro que leva uma bacia de ouro, na qual el-rei cospe, porque nunca, seja onde quer que for, cospe no chão; e ninguem ousaria cuspir no pavimento das salas, das camaras, e galerias, mas só nos pateos, e outros logares, onde isso é permittido.

Em quanto á rainha, habita ella n'um palacio apartado, mas dentro do mesmo recinto do grande. Não come nunca em companhia d'el-rei, e mui raras vezes é vista, e só ás janellas e galerias de seu palacio, ou do d'el-rei, ao qual ella vai muitas vezes por uma galeria, que com elle communica; e assim se encontram quando querem, sem serem de-

vassados. A rainha toma banho pelo mesmo modo, e com as mesmas cerimonias que el-rei, e no mesmo tanque, mas todavia sem que se vejam um ao outro, porque cada um delles está n'um extremo do tanque em logar coberto. O tanque, em que elles se banham, é bem vedado, e fechado á chave, e ninguem mais se banha alli. Do lado dos aposentos da rainha ha uma galeria por onde ella desce ao dito tanque, e outra semelhante do lado d'el-rei. As damas, que acompanham a rainha ao banho, e a esfregam, não entram na agua no mesmo logar, mas em gabinetes e camaras, que estam no recinto deste tanque, onde se untam, enxugam, e perfumam. Estas damas usam no banho da rainha de toda a sorte de artificios e cerimonias, que os fidalgos usam no d'el-rei. A rainha é da mesma casta Bramane como el-rei. Tem seu Pagode apartado, onde vai com suas damas; e tambem seus aposentos para comer á parte; e assim o mais como el-rei. Só são admittidas a seu serviço as damas de alta nobreza, e ordinariamente a acompanham para seu passatempo. O chão, pavimentos, e caminhos, por onde a rainha hade passar, e as paredes competentes, apparelham-se com aquella bósta de vacca, que já disse. E a este proposito não quero deixar de dizer de passagem a grande honra, que estes povos tributam ás vaccas, por mais sujas, immundas, e cobertas de lama e bósta, que ellas sejam. Porque as deixam entrar nos paços d'el-rei, e por toda a parte que acontece, sem de modo algum se lhes impedir o passo; antes o proprio rei, e todos os maiores fidalgos lhes abrem caminho com a maior honra, respeito, e reverencia, que é possivel. O mesmo fazem aos touros, e bois.

Mas tornando á rainha, direi que seu traje e vestuario em nada differe do das outras donas, e mulheres dos Naires; e semelhantemente o das princezas, e grandes damas, salvo que os seus adornos são um pouco mais carregados de perolas e pedras preciosas. A maior honra, e maior signal de grandeza entre elles é ter grandes orelhas, como já disse, e esta rainha as tinha tão grandes, que lhe chegavam até ao

peito. Anda nua da cintura para cima como todas as outras mulheres; e por todo o corpo se carrega de joias de ouro, perolas, e pedras preciosas, como igualmente fazem as outras mulheres, assim grandes como pequenas, segundo já muitas vezes notei fallando dellas. E tinham ellas tanta curiosidade de ver-me e fallar-me, como eu a ellas, porque durante todo o tempo que me demorei neste reino de Calecut, sempre assisti na corte, onde era muito amado e querido d'el-rei, e de todos os senhores, e outros gentios da corte.

Tinham muito empenho em que eu ficasse lá para sempre, tanto os senhores como o proprio rei, o qual queria a todo o custo fazer-me ir para Panane, ou para Costé do Cunhale, no caso que eu me enfadasse de estar em Calecut, dizendo-me que o esperasse eu alli, porque elle lá estaria em poucos dias, ou que, se eu quizesse, iria em sua companhia, e não me affastaria de seu lado. Mas eu nunca pude resolver-me a acceitar estas proposições pelo grande desejo, que tinha, de tornar a terra de christãos, e tambem porque aquelles dous Padres Jesuitas, que alli estavam, todos os dias me encontravam, e persuadiam a sair dalli, e ir-me a Cochim, ou a outra terra de gente sua. Um destes Padres era para nós mui aspero e cruel; era o Italiano, e não me lembro do seu nome; mas o outro, que era Portuguez, chamado Padre Hilario, era mui brando e tratavel, e incessantemente nos consolava, certificando-nos sempre que seriamos bem recebidos entre os seus. E por tanto depois de havermos assistido naquella terra mui largo tempo, tomámos a resolução de sair della do modo, e pela occasião, que direi no Capitulo seguinte.

CAPITULO XXVIII.

Dos reinos de Chalé, Tanor, e Cochim; da prisão do auctor, e outros successos.

Demorámo-nos perto de oito mezes em Calecut, eu e meus companheiros, esperando sempre algum navio hollandez para nos levar a França. Mas em fim vendo que nenhum alli chegava, os dous Padres Jesuitas, de quem tenho fallado, nos aconselharam a que fossemos a Cochim entregar-nos nas mãos dos Portuguezes, porque era o verdadeiro meio de ser-mos restituidos a nossa patria; e que para esse fim nos dariam cartas de empenho e encommenda, pelas quaes seriamos bem recebidos, e se nos não faria mal algum. Acreditámos no que nos diziam, e acceitámos suas offertas, fiando-nos em suas palavras, de sorte que recebemos as cartas com a instrucção do que deviamos fazer quando chegassemos a suas terras. Depois disto arranjámos os nossos negocios, posto que poucos, e nos fomos despedir d'el-rei, e dos fidalgos nossos amigos, aos quaes todos pesava de nossa partida, e principalmente a el-rei, que nos fez ainda maiores offerecimentos do que de antes nos havia feito. Disse-nos que nós eramos livres para ficar, ou para partir; e que estando resolutos a marchar, nos não queria impedir este designio; mas que sobre tudo andassemos bem precatados de nos não fiar muito dos Portuguezes. Mandou-nos dar dinheiro, e um passaporte, no qual ordenava que por toda a parte por onde nós passassemos em suas terras, os seus officiaes e recebedores nos bastecessem de tudo quanto houvessemos mister. Eramos só tres os que

nos determinámos a sair de Calecut, porque o outro nosso companheiro, que era Hollandez, e protestante, disse que alli ficaria, e que nunca iria entregar-se á mercê dos Portuguezes, que já outr'ora o haviam maltratado.

Quando tivemos tudo apparelhado, o que levou alguns dias, tomámos a ultima resolução de nos partir, e pôr a caminho, com grande pena comtudo de toda aquella gente, assim gentios como mahometanos, e outros, salvo dos Portuguezes, que não desejavam outra cousa. O dono da casa onde estavamos alojados por ordem d'el-rei, chamado *Maniassa*, grande inimigo dos Portuguezes, nos dizia sempre que nos iria mal; mas não poude demover-nos de nosso proposito, e ajustámos com os marinheiros de uma *Almadia*, ou barca, para nos condusirem a Cochim, que não dista de Calecut mais de vinte legoas. Era isto nos fins do mez de Fevereiro de 1608. Mas fomos trahidos pelos taes marinheiros, que eram mahometanos e Mucuás os quaes nos disseram que partiriam de noute quando fosse maré cheia, e que então nos viriam chamar, e que estivessemos prestes com o nosso fato, no que acreditámos; mas tendo elles vindo chamar-nos por volta da meia noute, disseram-nos que elles íam adiante á *Almadia*, ou barca, que ficava assaz longe, e bem meia legoa do logar onde nós estavamos. Haviam-nos elles mostrado no dia antecedente o sitio onde deviamos embarcar, que era fronteiro ao bairro dos Portuguezes, mas um pouco distante, e nós estavamos alojados na alfandega d'elrei. Fomos pois caminhando por terra ao longo do mar com o nosso fato para encontrar a barca.

Fazia bom luar, e quando chegámos perto do sitio onde julgavamos que estariam os marinheiros, topámos com um magote de vinte ou trinta, assim Portuguezes como mestiços, e outros Indios christãos, todos bem armados, que estavam de emboscada á sombra das almadias dos Mucuás, que todas estam varadas em terra; porque quando recolhem da pésca as varam mesmo carregadas, de sorte que toda a

praia fica coberta dellas. Estes Portuguezes arremeteram pois comnosco, gritando *matar*, *matar*, e nos deram alguns golpes para mais nos intimidar. Prenderam-nos, e ligaram-nos as mãos atraz mui apertadas, ameaçando-nos de que se soltassemos uma voz, seriamos mortos. Desta maneira nos tiveram alli ameaçados de morte por mais de uma hora sem nos mexermos daquelle logar, dando tempo a irem ao seu bairro fallar aos Padres e ao Feitor, e tomar com elles conselho do que fariam de nós. Pedimos-lhe de joelhos que nos não matassem sem confissão, declarando que eramos Catholicos; mas elles zombavam de tudo isso, chamando-nos *Lutheranos*. O que foi cabeça da empresa não foi o Feitor, mas um capitão de Cochim, que estava em Calecut havia tempos para recobrar um navio, que os corsarios Malabares haviam tomado, e o qual el-rei lhe mandou restituir por dinheiro a boa composição. Este capitão chamava-se *João Furtado*; era mestiço, homem cruel, e máo; e nunca podémos bem saber se os Padres e o Feitor entravam no conloio, ou não.

Tendo aquelles homens tomado o parecer dos Padres Jesuitas e do Feitor, em quanto nós estavamos guardados por alguns soldados, a quem sempre pediamos misericordia, tornaram a nós, e nos arremessaram presos e amarrados n'uma almadia, donde pensámos que nos quizessem lançar ao mar. Quando a almadia começou a navegar, entrou-lhe a agua até ao meio, e assim deitados n'agua, julgavámos que iriamos ao fundo; tão carregada ía de gente. Haviam-nos feito embarcar totalmente nús, e nos haviam tirado quanto era nosso. Depois de sermos embarcados afrouxaram-nos um pouco as prisões dos braços, e ao mesmo tempo aquelle capitão nos perguntava que conselhos e avisos nos déra *Maniassa*, que era quem nos havia tido a seu cargo, dizendo que o havia de matar; mas que em quanto a nós nos dava sua fé e palavra que nos não seria feito mal algum. Assim fomos correndo ao longo da costa até passarmos o territorio do rei de Calecut, e estarmos fronteiros ao do

rei de Chalé, que é amigo dos Portuguezes, e foi aquelle que acolheo o sobrinho d'el-rei de Calecut, quando esteve fóra da graça do tio, como atraz disse. Aqui saíram em terra, e nos fizeram sair com elles, em logar onde não havia povoação; e tendo consultado novamente entre si, nos amarraram ainda mais fortemente.

Daqui mandaram alguns dos seus a Calecut para saber o que por lá se dizia de nós. E' o que mais lhes desaprouve foi não estar já alli o outro nosso companheiro Hollandez, que elles julgavam que ainda lá devia estar; e de feito foi para elle uma boa ventura achar-se molesto quando nós embarcámos, porque aliás nos teria acompanhado até á embarcação. E o porque mais lhes pesava a elles de o não apanhar, era por ser elle bombardeiro de seu officio. Não sei como, mas el-rei, e todo o povo de Calecut souberam no mesmo dia o que nos era acontecido. Porque, como eu depois soube, o nosso companheiro, que lá ficára, tendo a nova do caso, foi logo clamar a el-rei que não queria permanecer alli; e de feito se foi novamente para Motangué a viver com os Malabares corsarios, que o acolheram mui bem, porque, como já disse, era elle mui bom bombardeiro. E logo que el-rei de Calecut teve aviso do que era passado, chamou á sua presença os Padres Jesuitas, o Feitor, o Escrivão, e todos os mais Portuguezes, que lá estavam, e muito agastado contra elles mandou que dessem conta de nós, porque então todos julgavam que nos haviam dado a morte. Os Padres e os outros se desculparam, e el-rei lhes tomou juramento sobre o livro dos Padres Jesuitas. Lançaram toda a culpa sobre aquelle que nos havia prendido; e então el-rei mandou queimar o navio, que elle alli tinha, e elle nunca mais ousou voltar a Calecut, como eu soube algum tempo depois estando em Goa.

Tendo pois desembarcado em terra de Chalé, e depois de elles haverem consultado entre si por espaço de quasi meia hora, quando nós pensavamos que estivesse resoluta a sen-

tença da nossa morte, tornou a nós aquelle capitão, e nos disse que estavamos em toda segurança na sua companhia, jurando-nos pelos Santos Evangelhos que nos não seria feito mal algum, e que estivessemos contentes. Mas não nos fiando muito em suas palavras, permaneciamos de joelhos supplicando misericordia; de sorte que foi para elles grande trabalho fazer-nos recobrar a tranquillidade de animo. Não foi possivel persuadil-os de que eramos catholicos, e continuaram a chamar-nos *Lutheranos*, sem embargo de quanto nós faziamos, pedindo-lhe até as suas contas, e livro para resar, e resando juntamente com elles; porque diziam que tudo isto era por disfarce. Levaram-nos pela terra dentro bem legoa e meia, e nos conservaram occultos com tal cuidado, que ninguem na aldéa, onde chegámos, deu fé de nós. Davam-nos de comer lautamente, mas com isso não recebiamos contentamento, julgando-nos sentenceados á morte, e como homens que só esperam a sua hora. A casa onde estavamos permanecia sempre bem fechada e tapada, para que ninguem nos descobrisse, e alli passaram todo o dia á espera que voltassem os que haviam enviado a Calecut, os quaes trouxeram vestidos á portugueza, que elles nos deram, e obrigaram a vestir, para que nos não conhecessem. Até então haviamos guardado o passaporte del-rei de Calecut, mas quando voltaram de Calecut aquelles mensageiros, o capitão nos veio perguntar se nós não tinhamos um passaporte do Samory; e respondendo-lhe nós que sim, e entregando-lho, elle o reteve em seu poder, e nunca mais o vimos. Tudo isto faziam de proposito para não serem descobertos, e nos faziam caminhar de noute, e não de dia.

Nessa noute foram caminho de Tanor, e andámos toda a noute ao luar; e ao romper do dia nos fomos alojar na cidade de *Chalé*, que fica a quatro ou cinco legoas de Tanor, e ahi passámos aquelle dia. Sobrevindo a noute, tiraram-nos tambem a carta, que os Padres Jesuitas nos haviam dado; e nessa mesma noute chegámos a Tanor, cujo rei foi o que entregou aquelles dous mercadores, ou feitores Hollandezes

aos Portuguezes de Cochim, como atraz disse (a). Os Portuguezes tem alli uma igreja, um Padre Jesuita, um Feitor, e alguns christãos, como em Calecut. Mas antes de entrar na povoação o capitão enviou ao Padre e ao Feitor recado da nossa vinda ; e acertou que um dos Padres Jesuitas de Calecut já alli era chegado. No emtanto estivemos esperando n'um pequeno bosque que voltasse o moço, que havia ido com o recado, o qual trouxe uma carta, que poz a todos aquelles homens mui tristes e confusos, e bem se deixava ver que se achavam agora empachados comnosco, e que antes não quizeram haver-nos trasido alli ; porque nem o Padre Jesuita de Calecut, chamado Padre Hilario, nem o de Tanor, nem o proprio Feitor quizeram intrometter-se neste caso, ou ao menos davam disso demonstração ; e mandaram recado que nos pozessem em algum lugar bem distante da povoação, se não queriam ser descobertos por alguem. O Padre de Calecut voltou logo para o seu posto, para que se não dissesse que era consentidor neste negocio.

Tendo estado alli quasi dous dias, determinaram de se desfazer de nós, e nos enviaram a Cochim, que dista daquelle logar doze legoas, fazendo-nos embarcar n'uma grande almadia condusida por Mucuás, e acompanhados de dous soldados, e outros seus servidores. Mas antes de nos despedir, tiraram-nos os vestidos á portugueza, que nos haviam dado, e deixaram somente a cada um um panno de algodão do tamanho de um lençol para nos vestirmos e cobrirmos, assim de dia como de noute, asseverando-nos que seriamos bem recebidos em Cochim, e que nos não fariam lá mal algum, para o que escreveriam uma carta ao capitão de Cochim, e aos Padres, e outrosim enviariam as cartas dos Padres de Calecut por nos fazer favor. Mas era o contrario, porque faziam correr voz de que nos haviam apanhado no mar, que tinham degolado todos os Malabares corsarios, e Mucuás, que nos condusiam ; e alem

(a) Ou melhor adiante no Cap. XIX da segunda Parte.

disso que havia em nós o intento de restaurar a fortaleza do Cunhale, a qual o rei de Calecut promettera aos Hollandezes, como de feito se dizia em Calecut; e até nos insinuaram que dissessemos que nos haviam apanhado no mar. Tudo isto diziam com dous sentidos, um por persuadir que nos haviam apanhado com justiça, e outro por esperar recompensa de tão bom feito.

Os Mucuás, que nos condusiam, não podem accender fogo em suas almadias, e por isso cosem de antemão grandes panelladas de arroz, que depois mettem em agua fria para se não corromper; assam tambem grande quantidade de peixe salgado pequeno, daquelle a que os Portuguezes chamam *cavalla*; e alem disso levam copia de fructas e côcos, e destas cousas se mantem no mar, como nós igualmente faziamos.

Navegámos quasi todo o dia, e toda a noute, e pelas dez horas da manhã chegámos a Cochim. Estivemos longo tempo á espera antes de sairmos em terra, porque os soldados, que nos guardavam, haviam ido ao capitão da cidade com a carta, que trasiam, e nesse intervallo era assombroso o numero de gente, que vinha ver-nos. Estivemos assim hora e meia antes de desembarcar, e cada um nos dizia que seriamos enforcados, e nos mostraram uma grande praça, que fica á mão direita de quem entra na cidade pelo rio, e se chama de São João, onde ha uma bella igreja; e na dita praça nos mostravam a forca onde haviam sido justiçados dous ou tres Hollandezes. Do outro lado do rio está o palacio do Bispo, que é mui bonito. Tudo isto nos dava muito máo agouro da nossa sorte. Finalmente desembarcámos, e era grande piedade ver-nos assim nús, não tendo para nos cobrir mais que um simples panno de algodão. Fomos logo entregues a um official de justiça Portuguez, a que chamam *Meirinho*, accompanhado de sete ou oito escravos cafres de Moçambique, christãos, cada um dos quaes tinha um chuço, ou alabarda. São estes os seus quadrilheiros, e lhe chamam *Peões*. Todos os meirinhos Portuguezes tem grande numero destes

peões; e os ditos meirinhos, e todos os outros officiaes de justiça andam sempre com uma vara (insignia de seu officio), grossa como o cano de um arcabuz, e de braça e meia de comprido. Chamam-lhe a *vara da justiça*, e não trazem outras armas além della senão uma espada; mas de noute andam bem armados de couraça, e morrião na cabeça. Começam a rondar pela cidade desde as outo ou nove horas, o mais tardar; e correm todas as ruas, de sorte que a essa hora todos se recolhem.

Este meirinho pois nos levou a casa do capitão de Cochim, isto é, do Governador; porque em todas as praças dos Portuguezes na India chamam aos Governadores Capitães. Este capitão era homem fidalgo, e nos interrogou sobre varias cousas; depois sua mulher e filhas quizeram vernos, o que pareceo milagre, porque lá as donas e donzellas não apparecem nunca aonde ha homens. Mandou-nos entrar na camara dellas, que attentaram muito sobre nós, e se admiraram de nos ver naquelle estado, zombando dos Portuguezes que se deixavam tantas vezes desbaratar dos Hollandezes, Inglezes, e Francezes, porque elles não fazem distincção destas tres nações. As filhas do capitão eram mui formosas, e tinham muito dó de nós, e creio que nos fariam algum bem, se o podessem ou ousassem, mas não tinham meio de o fazer. Eram mestiças, e tão bellas, e brancas como as damas de cá. Depois de nos haverem perguntado muitas cousas, o capitão mandou ao Meirinho que nos levasse ao *Ouvidor da cidade*, como se fossemos ladrões, ou criminosos.

Caminhando pelas ruas era cousa espantosa ver o grande tropel de gente que nos seguia. Uns haviam piedade de nós, e nos diziam que não houvessemos temor, e confiassemos em Deos; outros nos chamavam ladrões *Lutheranos*, e eram de voto que nos enforcassem. O Ouvidor, ou Juiz do crime, tendo-nos interrogado e ouvido, nos reenviou ao capitão, dizendo que não era da sua competencia julgar-nos, e que sendo nós prisioneiros de guerra, a elle capitão toca-

va tomar conhecimento do nosso caso. Então o capitão, vendo que o ouvidor não queria encarregar-se de nós, nem tendo elle proprio desejo algum de o fazer, mandou ao meirinho (o qual pela sua parte tambem se via empachado comnosco, por não esperar de nós ganancia alguma) que nos metesse na prisão, aguardando occasião de nos enviar a Goa ante o Vice-Rei para nos julgar; dizendo que elle por si nada tinha que averiguar neste negocio. E de feito não fomos por elle interrogados, mas logo nos levaram á prisão, onde não achámos quem se quer nos offerecesse um copo de agua, nem alguma cousa de comer durante o espaço de mais de quatro dias, que alli nos detivemos.

Esta prisão é a unica que ha em toda a cidade de Cochim, e chama-se o *Tronco*. E' fabricada em forma de uma grande e alta torre quadrada, e no andar de cima no meio do pavimento ha um buraco quadrado como alçapão ou escotilha de navio, que se fecha á chave, e por alli se fazem descer e subir os presos em uma especie de balança ou taboa suspensa a uma corda, e que gira n'uma roldana. A casa inferior tem seis ou sete toezas de profundidade, e parece um poço, porque em baixo não tem porta, mas somente uma grande janella quadrada, que atravez de uma parede de braça e meia de grossura pode receber alguma luz, e é vedada por grossas grades de ferro, que deixam espaços quadrados por onde pode passar um pão de dous arrateis. Por estes espaços faz o carcereiro passar o que quer entregar aos presos, por meio de uma pá de cabo comprido, como quem mette pão no forno. A grade é triplicada, porque ha uma da parte de dentro, outra da parte de fóra, e outra no meio. Esta prisão é por certo a mais medonha e cruel que julgo haver em todo o mundo; e todavia estavam lá sugeitos havia cinco para seis annos. Quando chegámos á camara superior, assentaram n'um papel os nossos nomes de todos tres. Esta prisão de cima é para os que pagam bem ao carcereiro, e ainda assim estam de ferros aos pés, por maiores pessoas que sejam.

Tambem ahi poem os doentes com licença dos juizes e magistrados.

A primeira pessoa que ahi encontrámos, foi aquelle Hollandez, chamado Martim Dombe, que perdeo o seu navio nas ilhas de Maldiva, como atraz disse (a). A sua vista nos fez cobrar algum animo; mas quando percebemos que nos queriam mandar para baixo, augmentou-se a nossa tristeza. O Hollandez nos disse que elle lá havia estado em baixo assaz largo tempo, e que só ha pouco o haviam trasido para cima, tendo nisso a principal parte os Padres Jesuitas, e tambem porque elle se achava mui enfermo. Direi abaixo o que mais aconteceo a este homem. Tambem ahi encontrámos um fidalgo, que havia estado em Marselha, e que fallava bem francez. Perguntou-me novas de Monsieur de Guise, com quem elle tratára muito em Marselha, e até havia estado a seu serviço; e tendo-nos perguntado se tinhamos de que viver, e sabendo que não, deu-nos uma moeda de ouro, que valia um crusado. Em fim fomos mettidos na prisão de baixo como os outros, e havia alli então passante de cento e vinte presos, entre Portuguezes, mestiços, e indios christãos, mouros, e gentios, gente de toda a casta e condição. Fomos com tudo tratados com assaz de cortesia.

Entre os presos ha um mais antigo, que serve de Juiz, e a quem se obedece; e quando alguem entra de novo dá-lhe a gorgeta, que elle reparte ao meio com o carcereiro. E' o tal juiz da prisão Portuguez, ou mestiço, e tem por obrigação conservar uma luz accesa diante de uma imagem de Nossa Senhora. Todos os Domingos e dias Santos se diz Missa fóra da prisão, perto da grade, em sitio onde se pode ouvir. A prisão é o logar mais sujo, immundo, e infecto que se pode imaginar, porque os presos satisfazem ahi todas as suas necessidades, uns em presença dos outros, em vasos que se despejam cada tarde; o que produz tal

(a) Pag. 244.

infecção, e um ar tão fetido e suffocante, que falta quasi totalmente a respiração. E alem disso á noute fecha-se a grade com o alçapão de cima de sorte que o calor do paiz junto ao daquelle logar, onde está encerrada tanta gente junta, gera um ar crasso e suffocante, ao qual é impossivel resistir por muito tempo sem cair enfermo. Todas as noutes fica pendente na casa uma lanterna accesa, mas a maior parte das vezes apaga-se por falta de ar. Ha porem vigia para atalhar qualquer tentativa dos presos, e até todas as noutes dão busca mui exacta á bagagem e vestido de cada um. Atravessa a prisão de lado a lado uma grande cadeia de ferro, á qual se prende o pé daquelles que são presos por crimes graves; todavia nós escapámos della. O calor obriga os presos a estarem inteiramente núa, assim de dia como de noute; e quando se deitam, tem de jazer de lado por razão do pouco espaço que ha para tanta gente; e ainda assim ficam apinhados uns sobre os outros, de sorte que continuadamente lhes corre o suor em bica. Os escravos e pobres eram obrigados a abanar com um grande abano, e refrescar a todos, de dia e de noute, para o que o ancião, ou juiz da prisão lhes dá alguma cousa; e sem isso seria impossivel resistir. Mettia o maior dó do mundo ver-nos no fim de quatro ou cinco dias depois de alli estarmos.

Mas o que dá muita consolação é a Misericordia, que todos os dias distribue a cada Portuguez, ou mestiço *meia tanga*, que vale cinco soldos da nossa moeda (franceza); e aos outros presos dá de comer uma vez por dia arroz cosido, e peixe mal temperado, mas assaz para fartar de uma vez, e agua para beber; o que se repete todas as manhãs a hora certa. Tambem ha agua para lavar e banhar o corpo, e cada um se lava totalmente na diante dos outros. E' cousa que tenho notado por toda a India, que os gentios e mouros, quando se banham e lavam, não descobrem as partes reconditas, antes as tapam sempre com um panno; e só os christãos são faltos de pejo e de vergonha,

fazendo até gala de se descobrir vil e deshonestamente. Ora estando nós no miseravel estado que tenho dito, ninguem de fóra nos queria fazer bem por causa daquelle traidor, que nos havia trasido presos, e da carta falsa, que elle havia escripto contra nós, o que foi parte para nos tratarem tão cruamente. Ficámos assim por espaço de nove ou dez dias, e creio que se por mais tempo alli permaneceramos, não escapariamos com vida, porque aquelle calor e infecção insupportavel nos fez encher todo o corpo de grossas bostellas e bolhas, que nos davam grande dor.

Emfim por conselho de certos presos Portuguezes, que alli estavam, escrevemos uma carta aos Padres Jesuitas do Collegio de Cochim, e logo o Superior nos veio visitar, o qual certificando-se de que eramos Francezes e catholicos, foi-se ao capitão a pedir-lhe que nos desse a liberdade, ao que o capitão respondeo que elle por si o não podia fazer, mas que nos enviaria a Goa ao Vice-Rei; todavia que no emtanto ficariamos soltos na cidade, se elles se obrigassem a apresentar-nos cada vez que para isso fossem requeridos; o que elles fizeram; e durante aquelle tempo, que foi de quasi seis semanas, fomos mui bem tratados, ainda que nem de todos bem acceitos. Pouco tempo e poucos meios tivemos para bem conhecer este reino e cidade de Cochim, que é uma das boas terras, e das mais saudaveis cidades, que os Portuguezes tem na India; todavia direi em breve o que pude observar durante a minha estada alli.

O reino de Cochim jaz em altura de oito gráos da equinocial da banda do polo arctico. E' um reino do Malabar. A terra é de igual temperatura á de Calecut, e tão fertil como esta, produsindo as mesmas arvores, ervas, e fructos, como sua visinha que é. Ha alli abastança das cousas necessarias á vida, excepto de pão, que é mais caro que em Goa, porque o trigo vem de Cambaia a Goa, e daqui é levado por toda a India. As ordens e distincção do povo em Naires e Mucuás, os usos e costumes, tudo é igual e semelhante aos de Calecut; de sorte que seria fastidioso

e superfluo repetir seus usos, costumes, e policia, porque tudo é uma e a mesma cousa com o que atraz tenho referido. A terra é semelhantemente cheia de pimenta, e de pedras preciosas, como a outra, mas toda a pimenta é levada pelos Portuguezes, a quem el-rei de Cochim a vende, para o que toma toda quanta se cria no reino, e a recolhe em seus celleiros, para a vender quando muito lhe apraz.

Este rei não é tão poderoso como o de Calecut; e se os Portuguezes o não tiveram sempre ajudado, como ainda agora ajudam e favorecem, com quanto seja secretamente e debaixo de mão, muito tempo haveria que o rei de Calecut o teria subjugado. E de feito passa por certo que antigamente este reino de Cochim era sugeito e tributario ao de Calecut; mas hoje deixou de o ser por influxo dos Portuguezes, como disse; de sorte que o rei é soberano absoluto em sua terra, e corre parelhas com o de Calecut, o que é causa de estarem sempre em guerra, e desavindos. Ora assim como os Portuguezes dão ajuda ao rei de Cochim, da mesma sorte o Samorim soccorre os Malabares, e outros inimigos dos Portuguezes, porque estes nunca tiveram melhor amigo na India do que o rei de Cochim; e nenhum tambem lhes tem dado tanta molestia como o Samorim, e ainda cada dia dá.

Ha duas cidades de Cochim; uma, que é a antiga, dista do mar quasi legoa e meia, e nella móra el-rei; a outra só dista do mar uma legoa, na bocca de um grande rio, sobre o qual igualmente é situada a dita cidade velha de Cochim. A nova cidade pertence aos Portuguezes, é fortificada com boas muralhas, e tem um castello. Os reis de Cochim deram aos Portuguezes este logar, e algumas terras adjacentes, de modo que tem alli pleno dominio. A bocca do rio forma uma grande bahia, onde apparecem de longe tres grandes rochedos em fileira, seguindo a linha da costa, norte um quarto de noroeste e um quarto de su-sudeste (a).

(a) Tradusimos fielmente.

Abaixo de Goa não tem os Portuguezes mais bella e maior cidade que Cochim. Compõe-se de mui formosas casas, igrejas, e mosteiros; e os Portuguezes e christãos são regidos alli pelas mesmas regras e governo que em Goa, de que adiante fallarei mais largamente. Ha alli um Bispo, muitas igrejas, e conventos, um collegio de Jesuitas, e um hospital real para os Portuguezes, como em todas as outras suas cidades. O rio que alli passa é bonito, grande, e de bom porto. Entrando nelle á mão esquerda, que é da banda do norte, ha uma pequena ilha, onde está o bello e soberbo palacio do Bispo; e chama-se a ilha de *Vaypim*. A cidade é mui povoada, assim de Portuguezes como de naturaes, ou sejam christãos, de que ha grande numero, ou sejam infieis, os quaes com tudo não logram alli o livre exercicio de seu paganismo na cidade, e tem de ir ás terras, que dependem do rei de Cochim. Ha alli grande concurso, e grande trato, e affluencia de todas as cousas necessarias á vida. Este grande concurso tem feito o reino de Cochim mercante, rico, e abundante, e o proprio rei tem chegado a ser o mais opulento e poderoso, porque exporta mais promptamente tudo quanto se cria na terrra, e recebe em troco as mercadorias, de que a mesma terra ha mister, alem dos tributos e presentes, que cada dia lhe pagam os mercadores, assim christãos, como mouros e gentios.

El-rei e todos os habitantes, Naires, Mucuás, e outros Malabares, gentios, e mouros, dão-se mui bem com os Portuguezes, e vivem todos em boa paz. Ha tambem alli grande numero de Judeos, que são mui ricos; e todas estas diversas nações vivem em grande liberdade de sua religião, tendo seus templos apartados, excepto na cidade dos Portuguezes, onde só estes moram. A cidade onde está el-rei é chamada dos Portuguezes *Cochim de riba*, ou *de cima*, por que está mais pelo rio acima que a dos Portuguezes. O territorio de Cochim é plano, e mui bom, e chéio de arvoredo como toda a mais costa do Malabar. Entre as duas cidades de Cochim tudo são casas em forma de ar-

rabaldes, e assim ao redor dellas. A terra é mui povoada e rica, e na cidade de Cochim ha um mercado, onde se faz grande trafico, e el-rei cobra ahi os seus direitos, a que são igualmente obrigadas todas as mercadorias, que vem de fóra. Cobram-se tambem certos tributos para el-rei de Cochim na cidade dos Portuguezes, sendo todos os mais para el-rei de Hespanha. Ha tambem em Cochim grande copia de elephantes e de cavallos.

Na cidade dos Portuguezes os Naires se arredam, e os deixam passar quando os encontram; e na cidade velha os Portuguezes fazem outro tanto aos Naires. Assim o dispôz el-rei para atalhar a todas as disputas; e é cousa que só alli se faz. Quando os Naires e Malabares vão pela rua, batem sem cessar com a rodella no quadril em forma que se ouça ao longe, e então o resto do povo se arreda, e abre logar a que elles passem. Este bater das rodellas é entre elles uma especie de gloria; e quem bate com maior força é tido em maior estimação. Os que fabricam estas rodellas e armas são artifices gentios, e as fabricam mui bellas, e pintam de todas as cores, de ouro, prata, e azul, com verniz e lacre, e poem nellas tambem grandes prégos dourados. E é cousa admiravel ver as lindas obras, que fazem estes indios idolatras. Fazem trabalhar seus filhos desde a idade de cinco ou seis annos, e tem muita habilidade, comprehendendo em pouco tempo tudo quanto vêm fazer. Mas continuam seus mesteres de pais a filhos, e não se casam senão com os que descendem de gente da mesma profissão.

Na cidade dos Portuguezes a justiça é administrada entre elles, e a todos os que ahi tem trato ou habitação, de qualquer lei ou nação que sejam, segundo as leis de policia de Portugal; e el-rei de Cochim não tem alli jurisdicção alguma, ainda quando seus proprios subditos criminosos lá se acolhem: da mesma sorte que em igual caso os Portuguezes não podem perseguir os seus no territorio do rei de Cochim mais avante dos limites da terra, que lhes foi dada, e demarcada.

Por espaço de seis mezes, que correm desde Maio, ou Abril (umas vezes mais cedo, outras mais tarde) até ao mez de Novembro, ou perto delle, não entram navios, nem barcos alguns no rio de Cochim. A rasão é porque o vento de oeste, que sopra do mar, e as grandes chuvas continuas impellem e lançam tão grande quantidade de areia na bocca do rio, que se formam alli bancos tão altos, que é impossivel que qualquer navio ou barco, por menor que seja, possa por alli entrar. Mas quando as chuvas cessam, muda o vento para leste, e então impelle as areias para o mar, e assim torna o rio navegavel a toda a sorte de grandes navios: o que não somente acontece em Cochim, mas em toda a India á entrada dos rios, a que os Portuguezes chamam *Barra*.

O principal trato de Cochim é em pimenta, e só os reis de Calecut e Cochim o fazem. E o de Cochim alem de colher a sua, cobra tambem tributo de quem a tem, e ainda manda comprar o resto por seus feitores, e a recolhe em seus armazens, guardando-a ás vezes dous e tres annos antes de a vender. Não ha logar em toda a região do Malabar, onde haja tão grande quantidade della, como alli, e em Calecut, porque os Portuguezes, que tem trato em toda a parte, a fazem vir alli. Abaixo deste o mais frequente trato é o de Bengala, e as mercadorias, que ordinariamente levam, são aquellas pequenas conchas das ilhas de Maldiva, de que carregam todos os annos grande numero de navios. Os de Maldiva chamam ás taes conchas *Boly*, e os outros indios *Caury* (a). Os Portuguezes tiram um espantoso lucro em toda a parte da India, onde tem entrada. Associam-se com os naturaes, que os acompanham em suas navegações, e até todos os seus marinheiros e pilotos são indios, ou gentios ou mouros. Chamam á gente do mar *Lascares*, e aos soldados *Lascarins*.

Mas todo este commercio desde Cambaia até ao cabo Comorim sempre se faz com perigo, por rasão dos corsarios Ma-

(a) Vid. a pag. 196.

labares. Quando a frota parte de Goa, ha grande numero de galés de particulares, que por sua segurança a acompanham. Estas galés particulares são chamadas *navios de Chatins*, e as de guerra *navios da Armada*; e algumas vezes se vêm cento e cincoenta velas juntas, assim na ida como na volta. E não é somente Goa que dá todos estes navios, mas entram aqui os de todas as outras cidades dos Portuguezes na India. Todos os navios da Armada são esquipados á custa d'el-rei de Portugal, porque lá não se falla em Hespanha, nem em Hespanhoes, mas somente em Portugal, Goa, e India. As armas do Estado da India são uma esphera, que elles poem na moeda de uma banda, e da outra as armas de Portugal.

CAPITULO XXIX.

Viagem de Cochim a Goa. Descripção do reino de Cananor; e de um desastre, que aconteceu ao auctor.

Detivemo-nos em Cochim entre o tempo de prisão e de liberdade quasi dous mezes, e nessa occasião chegou uma armada de cincoenta velas portuguezas, governada por um fidalgo Portuguez, a qual vinha das partes do Cabo Comorim, e da Ponta de Galle na ilha de Ceilão a refrescar alli na forma do costume; porque os Portuguezes, e o Vice-Rei de Goa todos os annos sem falta no principio do verão, que é no mez de Setembro, aprestam duas armadas de cem galés com tres ou quatro galeões, e enviam metade dellas para o norte até Diu e Cambaia, e ainda mais avante para guardar a costa, e senhorear os mares, a fim de que ninguem navegue sem sua licença, ou cartaz; e a outra metade enviam para o sul

até ao Cabo Comorim e Ceilão para o mesmo effeito, e principalmente para limpar o mar dos corsarios Malabares, que lhes fazem guerra, e a todos os mercadores; de sorte que ninguem nestas regiões da India ousará navegar sem cartaz dos Portuguezes, se se não sente com forças de resistir-lhes, como fazem os Arabios, e os de Sumatra, e outros, que com elles andam de guerra e inimisade.

Tendo pois esta armada refrescado por espaço de cinco dias, e estando prestes a partir para Goa, que é distante de Cochim cem legoas para a banda do norte, valemo-nos dos Padres Jesuitas para nos fazerem conduzir a Goa, o que elles obtiveram do capitão de Cochim, que me entregou ao capitão-mór da armada, para me apresentar em Goa ao Vice-Rei. O capitão de Cochim, chamado Dom Francisco de Menezes, e proximo parente do capitão-mór, nos fez recolher á prisão dous dias antes, e com ferros aos pés de mais de trinta ou quarenta libras de peso nos fez conduzir á galé por dous meirinhos, acompanhados de seus peões e quadrilheiros; e íamos tão carregados com o peso dos ferros, que mui trabalhosamente podiamos andar. Estes ferros não tinham de comprimento mais de um pé, mas eram mui grossos, e nos feriam muito os pés e as pernas. O capitão-mór logo que tomou entrega de nós, nos lançou n'uma galé de ferros aos pés, e assim partio de Cochim no principio de Maio de 1608.

A minha mofina quiz que eu caisse nas mãos do mais cruel homem do mundo, que era o capitão da galé, em que eu ía, chamado Pedro de Pedrosa (a); porque nem elle, nem a sua gente tinham mais compaixão de mim, que de um cão; e como eu tinha aquelles pezados ferros aos pés, não me podia mover do logar onde estava, e por isso todos me atropellavam, e me passavam por cima. Era a galé mui pequena, e a gente que nella ía tanta, que mal havia logar para cada um se deitar. Diziam-me mil inju-

(a) Talvez *Pedro Pedroso*. O auctor escreveo *Pedro de Poderoso* nome, cuja inexactidão é visivel.

rias, e clamavam que apenas fossemos chegados a Goa, seriamos todos tres enforcados. De ninguem recebia consolação, senão de um Religioso de S. Domingos, que alli ía com outro seu companheiro. Nestas galés ha quantidade de vasos para beber do feitio de garrafões de vidro, mas feitos de *Calaim*, que é um metal branco como estanho, porem mais duro. Ora, como disse, elles quando bebem nunca tocam com a bocca no vaso, e como eu attentava pouco nisso, succedeo um dia que ao beber chegasse o vaso á bocca; mas um soldado, que tal vio, me veio logo dar uma grande bofetada, que eu soffri sem ousar dizer palavra. A causa, porque o capitão era tão cruel para comigo, era porque elle havia sido apanhado e maltratado dos Hollandezes, e se persuadia que nós o eramos.

Durante a nossa viagem tivemos sempre vento contrario e chuva até Goa, porque era já principio do inverno, de sorte que gastámos vinte dias em ir de Cochim a Goa, caminho, que com bom vento teriamos andado em dous ou tres dias. Alem disso no mesmo dia, que saímos, á tarde aconteceo-me outra desaventura no modo seguinte. Avistámos um navio de mercadores do Malabar, que a nossa galé quiz abalroar, no que cada um deseja ser o primeiro, assim pelo proveito como pela honra, que disso recebe, de sorte que neste commettimento bateo a galé tão rijamente com a prôa, que a verga, que sáe fora da prôa, foi a primeira que tocou com a ponta de fora, e como a outra ponta fica amarrada ao mastro, abalroaram os dous navios de modo que partindo-se o cabo, que segurava a verga, (a qual era tão pesada, que era mister dez ou doze homens para a levantar), e estando eu no convez junto ao mastro com os ferros aos pés, me cahio a dita verga sobre as costas, e ahi esteve largo tempo, até que a grande custo dez homens a poderam tirar de cima de mim. Fiquei como morto sem poder fallar, mas lançaram-me muita agua para me fazer recobrar os sentidos. Não trazem estes navios cirurgião, mas só algum reles barbeiro, que não sabe mais que san-

grar, e medicar uma leve ferida. Fui promptamente sangrado, e poseram-me não sei que cataplama nas costas, que incharam de um modo assombroso. Assistia-me principalmente aquelle bom Religioso Dominicano, e não posso explicar o bem que me tratou, porque me fez dar uma camisa lavada, uns calções, e mais vestido, um colchão, um travesseiro, coberta de cama, e outras cousas necessarias; e no que toca a tratamento de bocca, trazia-me elle mesmo ás escondidas quanto podia alcançar, e até deixava de comer para m'o dar. Rogou ao capitão que me tirasse os ferros dos pés, mas elle apenas permittio que se tirassem de um só pé. Emfim aquelle bom Religioso trasia-me quanta cousa boa podia obter, e creio que sem a graça de Deos e sem elle, eu teria morrido cem vezes; e de feito todos os que me viram receber aquelle golpe diziam que era um milagre escapar com vida; e por certo foi o maior golpe, que um homem podia receber sem morrer; e se me houvessem logo acudido com o tratamento conveniente, teria sido mui leve cousa.

O capitão vendo-me assim ferido, mandou-me para a prôa, que é o logar mais incommodo do navio, porque é alli onde cada um vai fazer as suas sugidades, e onde as vagas do mar batem mais rijamente, de sorte que cada vez que era mister deitar ferro, ou levantal-o, todos me pisavam, e passavam por cima. Alem disso estava sempre exposto ao sol e á chuva, e sentia as maiores dores do mundo, de sorte que julgava ter o espinhaço quebrado, e mais de um mez não pude mexer o corpo, senão cada parte delle uma apoz outra. Tinha eu mui boa vontade de comer, mas não podendo fazer boa digestão, vim a ficar tão magro e consumido, que quando cheguei a Goa estava feito uma verdadeira mumia, ou como corpo resequido ao sol; e bem desejára o capitão a minha morte para me lançar logo ao mar. Se estava deitado para um lado, não me podia virar para o outro, e até bebia e comia deitado com grande incommodo, e excessiva dôr. Se levantava um pou-

ca a cabeça, tinha grande seccura, e no navio havia continuadamente falta de agua No meio de tudo isto só achei algum allivio naquelle bom Religioso, e no cosinheiro, que era Canarim de Goa christão, porque no sitio onde eu estava era o logar da cosinha; com tudo o calor e o fumo me atormentavam muito, e para completar o meu martyrio a gente do navio me ameaçava que seria enforcado em Goa. Quanto á nossa navegação, fomos sempre ao longo da costa do Malabar, passámos á vista de Calecut, e fomos surgir a Cananor, que dista quarenta legoas de Cochim, e ahi nos detivemos tres ou quatro dias.

Cananor é uma cidade assaz bella, situada á beira-mar, e tem bom porto. E' reino de Malabares, dos quaes não será fóra de proposito referir neste logar o que tenho observado (posto que já n'outros tenha tocado ácerca delles alguma cousa, mas não tão exactamente) assim nesta vez que estive em Cananor, como de antes, passando de Motangué a Badará, e indo dalli a Calecut, e em outras diversas occasiões. A costa de Malabar é habitada, como atraz disse, por duas classes de gente, a saber, os naturaes da terra, e os forasteiros. Os naturaes são gentios, isto é, Naires, que habitam pelo sertão dentro, onde não ha outra gente; os forasteiros são os de que ora fallo, e que propriamente se chamam Malabares, como habitadores da costa de Malabar. E' averiguado que vieram de fóra, e segundo dizem, da Arabia, mas desde tempo mui antigo. Fallam a mesma lingua, e não outra, e obedecem aos reis Naires, pagando tributo áquelles, em cuja terra moram. Estam espalhados por toda a costa, e as cidades são pela maior parte povoadas delles. Seguem a lei de Mafoma; e são gente boa, grandes e ricos mercadores, mui astutos na mercancia, e os melhores soldados da India, assim na terra como no mar, e tão exercitados nas armas como os Naires. Em suas mãos está toda a navegação e trato da terra. Em seus navios e galés, e em todos os negocios e trabalhos de terra, servem-se dos Mucuás, Tibás, e outras castas de gente vil e mecanica, a quem

pagam seus salarios. Dão-se muito bem com os Naires, e tratam com elles muita amizade, mas quando entram uns em casa dos outros, não se sentam, nem tão pouco tocam nas paredes ou moveis da casa, o que procede das cerimonias e superstição dos Naires, porque os Malabares não tem nisso difficuldade.

O rei de Cananor é Malabar, o rei de Malabar, e em sua terra os Malabares não obedecem aos Naires, com quanto ahi haja outro rei Naire no territorio de Cananor, mas não tem hoje auctoridade. Os Malabares de toda a costa, assim mercadores como corsarios, respeitam e honram a este rei. A gente da terra me disse que não ha muito tempo que os Malabares de Cananor eram de condição igual aos outros, obedecendo áquelle rei Naire, mas que se viram tão fortes, que levantaram outro rei d'entre si, não reconhecendo por seu rei ao rei Naire, nem lhe pagando tributo, o qual rei Naire reside agora no sertão, e faz muitas vezes guerra ao rei de Cananor. E' este mui rico e mui poderoso, porque tem muita gente, que delle depende; e acudirão a seus mandados os Malabares, que ha ao longo de toda a costa, se delles quizer servir-se. Chama-se *Aly Rajá*, e é Mahometano como os outros Malabares. E' poderoso no mar, tem muitos navios, mercadeja por toda a India, e para esse effeito tem feitores em muitos logares. As ilhas de Divandurú são suas, e as de Maldiva estam agora sob seu dominio. E' mui cortez, humano, e indulgente, e por cima de tudo ama aos estrangeiros. Os Portuguezes estam de paz com elle, e com sua permissão tem em Cananor uma pequena fortaleza, onde ha igrejas, e um collegio de Jesuitas. Todavia os outros reis da India não o appellidam rei, dizendo que o não é de direito, mas por força.

Destes mesmos Malabares ha alguns, que são corsarios e piratas, e que não cessam durante os seis mezes de verão, quando a navegação é boa, de correr os mares por toda a parte até mais de dusentas legoas ao largo para roubar os navios, que encontram, quer sejam de Portu-

guezes, quer de Indios, e ainda de seus proprios naturaes Malabares mercadores, como muitas vezes fazem; porque não respeitam ninguem no mar. Elegem um cabo somente quando se embarcam; e quando se recolhem, este cabo fica sem mando, nem poder. Tem elles ordinariamente até oitenta ou cem galés bem negociadas, e são os melhores soldados do mundo, ousados, e valerosos quanto ser pode. Estam sempre de guerra com os Portuguezes, a quem dão assaz de nojo; e os Portuguezes não poderam ainda subugal-os desde que chegaram á India até ao tempo presente; e tem sido mais vezes desbaratados por estes Malabares, do que os tem desbaratado a elles. A guerra que se fazem entre si é mui crua, e sem misericordia, porque estes Malabares são tão valerosos que nunca se dão a partido, e mais querem ser destruidos, que render-se. Vi-os em combate com os Portuguezes, e quando conheciam que tinham menos força, e não podiam escapar de ser apanhados, põem-se todos de um lado da sua galé, e submergir-se com a mesma galé e todo seu recheio, esperando ás vezes que os Portuguezes se lançassem no navio para os metter tambem no fundo. Por isso se são colhidos ás mãos dos Portuguezes, são condemnados a servir toda a vida nas galés d'el-rei, sem ser possivel resgatal-os. E elles quando apanham Portuguezes, ordinariamente os matam, ou ás vezes os guardam por algum tempo, a vêr se os vêm resgatar, e se os não resgatam, matam-nos. Entre os Portuguezes o que colhe ás mãos um destes prisioneiros recebe d'el-rei dez *pardaos*, e o prisioneiro fica seu escravo por toda a vida.

Quando os Malabares apanham navios de gente da India, de qualquer nação que seja, não lhe fazem outro mal salvo roubal-os, e os largam com a parte mais pezada da carga: e o que nelles é digno de admiração é que quando assim andam no mar, não perdoarão a seu pai, dizendo que seu officio, e a natureza de sua nação é ser ladrões do mar, e que se deve aproveitar a occasião quando se offerece. Com

tudo em terra são a melhor gente do mundo, mui humanos, e trataveis. Quatro são os portos onde elles se acolhem sob a protecção dos reis Naires, onde fabricam suas galés, donde saem a corso, e onde se recolhem com suas presas. Estes portos são bem fortificados do lado do mar somente, porque vivendo os corsarios em boa intelligencia com os reis Naires, sendo sugeitos a sua jurisdicção, e pagando-lhes tributo, com que aquelles regulos engrossam; são delles bem acceitos em seus dominios, que são inaccessiveis da banda de terra. Os portos, de que fallo, são Motangué, Badará, Chomambá, e Canharoto. No inverno, depois de recolherem do mar, são bons mercadores, e vão aqui e alli a vender a fazenda aos logares circumvizinhos, assim por terra como por mar, em navios mercantes seus. Vão muitas vezes a Goa e a Cochim vender as mercadorias, e fazer commutação com os Portuguezes, tomando delles seguro, apesar de se terem guerreado no verão antecedente.

Não são só os Malabares dos portos sobreditos que seguem este modo de vida, mas igualmente os outros de toda esta costa, se isso lhes contenta, como de ordinario acontece; mas porque não ousariam embarcar-se em outras terras, vão-se por terra a estes portos, e ahi se embarcam; e quando voltam, recolhem-se a suas casas, onde proseguem em suas occupações na forma costumada, até voltarem a embarcar-se, quando novamente lhes apraz. Cousa admiravel é que esta gente, quer ande no mar, quer esteja em suas povoações, sem embargo de não haver entre elles superior, vivem em tanta concordia, que se não levanta entre elles disputa, guerrea, nem dissenção. Nas suas cidades ha grandes senhores Malabares mui ricos, que mandam fabricar e armar galés, pagam á chusma e aos soldados, e as enviam ao mar, sem todavia elles sairem de suas pousadas, salvo quando hajam de ser cabos de uma grande frota, e lhe pertençam as presas. Estes taes senhores tem um costume mui recommendavel, e que se observa geralmente entre todos os Malabares, a saber, que todo o forasteiro, de qualquer religião que

seja, pobre ou rico, se agazalha em suas casas, onde é tratado com largueza, sem ser obrigado ao mais pequeno dispendio.

Quando os Hollandezes chegaram com sua armada a Cananor, atiraram muitas bombardadas, e o rei lhes enviou ricos presentes. Os Hollandezes davam demonstração de querer pôr cerco á cidade, mas o rei lhes supplicou que o não fizessem; e lhes prometteo que quando elle tomasse algum outro logar, esse lhes daria. Assim é este rei amigo de todos, e desejoso da paz. Na cidade de Cananor ha um bom mercado todos os dias, a que tambem chamam Bazar. A terra é abastada de todos os mantimentos, e ha nella grande quantidade de pimenta, de que se faz grosso trato. Os Portuguezes não são alli tão poderosos, como em outros logares. A gente de Cananor envia a Arabia muitos navios carregados de pimenta, os quaes de presente os corsarios respeitam; mas antigamente quando alli havia o rei natural, tinham com elles menos contemplação. A cidade de Cananor jaz em onze gráos e meio da banda do norte.

Todos estes Malabares, assim de Cananor como das terras visinhas, seguem só dous officios, a saber, ou mercadores, ou corsarios; e os que são mercadores vão comprar a fazenda roubada pelos outros por a haverem mais barata, embora haja sido roubada a seus proprios parentes e amigos. Não ha entre elles outra nobreza, senão a do valor, e riquezas. Os Malabares mercadores conhecem-se pelo seu trajar, e não por outra cousa, porque, assim mercadores como corsarios, trazem ordinariamente armas. Os mercadores não deixam crescer os cabellos, e usam um barrete de escarlata raso, e mais ordinariamente um lenço enrolado na cabeça em forma de turbante, a que chamam *Mondu*. Estes lenços são bordados a ouro, e a matiz de seda. Tem a barba meia crescida, sem bigodes; e vestem um roupão curto de seda ou algodão, que chega tres dedos a baixo da cintura, e um panno até aos joelhos. Tambem tem aquelles bonitos lenços, em que atam, e escondem a bolsa. E' costume destes mercadores, á semelhança dos das ilhas de Maldiva, e outras

partes, levar quando se embarcam todo o seu fato, e apparelho de cama, porque nunca querem deitar-se em cama alheia, e o evitam quanto podem. Os corsarios usam cabellos compridos, como as mulheres, e nunca os cortam, mas atam-nos em troço como os outros naturaes da India, e por cima poem um daquelles bonitos lenços, de que fallei. Andam nús, cobrindo-se só de um panno de seda até aos joelhos, e outro lenço lhes serve de cinto.

Todos os Malabares, assim corsarios como mercadores, trazem punhaes com cabo e bainha de prata, se para isso tem posses, tudo bem fabricado; accrescendo-lhe pendentes certo pequenos instrumentos, como palitos, esgravatadores de ouvidos, e outros semelhantes. Os corsarios rapam a barba, mas nunca ao redor da bocca, nem aparam os bigodes como os Turcos; de sorte que ha tal que tem os bigodes tão longos que os áta atraz da cabeça. Todos os Malabares são mui cabelludos na barriga, e mais partes do corpo; e nunca usam sapatos. Os trajes das mulheres são todos iguaes; não admittem outro toucado senão os proprios cabellos; trazem grande copia de brincos de ouro, e anneis e argolas nos dedos das mãos e dos pés. Vestem um roupão curto de panno de algodão, que lhe desce somente até á cintura; e da cintura para baixo outro panno de seda ou algodão, que desce até á parte inferior das pernas. Andam descalças; e são mui brancas, e pela maior parte de pequena estatura; os homens porem são de meã grandeza. São as ditas mulheres assaz bellas de feições, e dadas á lascivia, como as outras mulheres da India; mas todavia não tanto como em outras partes.

Quando algum estrangeiro chega a um porto destes Malabares corsarios, e tem vontade de ir á guerra com elles, recebem-no, e lhe dão mantimento todo o inverno a elle e a sua mulher, porque elles casam-se logo que fazem detença em algum logar. Tomam a tempo segurança dos soldados e Mucuás com bons soldos, que lhes dão adiantados, para assim os obrigar, e ter prestes. Quando se apparelham para

ir aos combates, tomam betle, e sobre elle juram fidelidade. Se se recolhem depois de ter feito alguma presa, tem cuidado de dar busca a toda a gente, e a todo o navio antes de desembarcar. O capitão, e os principaes cabos tomam para si o que bem lhes apraz, e o resto entregam segundo sua consciencia ao dono da galé ou paráo. E' incrivel a fadiga, que esta gente recebe no mar, e como elles supportam a fome e a sede. Levam muita artilheria, mas de dinheiro, e outras riquezas nunca levam comsigo o valor de cinco soldos, e deixam tudo em terra; porque apenas tem feito alguma presa, vão logo descarregal-a; e voltam sem detença ao mar, se ha indicio de poder fazer nova presa; e se não, ficam em terra o resto do anno.

Depois de alguma detença em Cananor seguimos nossa derrota para Goa, aonde chegámos no mez de Junho seguinte. Eu ía mui enfermo da minha ferida, e dos incommodos que padeci no navio pela duresa do capitão, que me tratava, como já disse, o mais indigna e barbaramente que dizer-se pode; e peior fizera sem a assistencia e caridade daquelle Religioso, que a cada hora me consolava, e resistia a seus rigores. Não devo aqui passar em silencio o nome deste bom Religioso, de quem então recebi tantos favores. Chamava-se elle *Fr. Manoel de Christo*. Logo que as galés surgiram em Goa, fui levado ao hospital, onde fui mui bem tratado, e sarei de minha enfermidade; porque é um hospital verdadeiramente real, excellente, e magnifico, onde os doentes, assim pobres como ricos, são servidos com tanto cuidado, aceio, e carinho, que mais não pode ser. Descreve-lo-hei mais particularmente adiante, como tambem as particularidades da cidade de Goa, do territorio circumvisinho, da policia que ahi se observa, e de tudo quanto nella ha de mais notavel; juntando o que a mim me succedeo durante o tempo, que alli estive.

Mas a grossura deste volume me constrange a dar aqui fim ao discurso da primeira parte de minha viagem, e de reservar o resto para a segunda, onde relatarei tambem

pelo meudo, com a ajuda de Deos, a minha viagem á Sonda, e ás ilhas de Maluco. a navegação dos Portuguezes, com os quaes me embarquei pouco depois, sua chegada ao Brasil, e finalmente a minha volta a França.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

INDICE

DA PRIMEIRA PARTE.

Pag.

PREAMBULO..... 1

CAPITULO I. Narração da viagem desde o embarque em S. Maló até ao cabo da Boa-Esperança. 5

CAPITULO II. Do cabo da Boa-Esperança, e do cabo das Agulhas. Tormenta furiosa na costa da terra de Natal..... 17

CAPITULO III. Chegada á Bahia de S. Agostinho na ilha de S. Lourenço; desembarque, e longa demora que ahi houve. Descripção da ilha, e dos costumes, e modo de vida dos habitantes 23

CAPITULO IV. Chegada ás ilhas do Comoro. Detença no porto; refresco muito commodo..... 35

CAPITULO V. Lamentavel naufragio do navio chamado o Corvo, em que ía o auctor, nos bancos das ilhas de Maldiva. Como a gente se salvou n'uma ilha a muito custo, e as miserias, a que se viram redusidos..... 41

CAPITULO VI. Do que aconteceo á gente, que se salvou do navio chamado Corvo, e das adversidades, que padeceram..... 51

CAPITULO VII. Chegada de um magnata da parte d'el-rei á ilha de Paindué, o qual por fim leva comsigo o auctor..... 61

CAPITULO VIII Chegada do auctor á ilha de Malé, onde cumprimenta a el-rei. São justiçados quatro Francezes, por haverem querido evadir-se. Chegada dos outros companheiros do auctor; e as razões, que impediram el-rei de os enviar a Sumatra..... 68

CAPITULO IX. Grande enfermidade do auctor, de que lhe ficaram achaques por muito tempo. Fuga de quatro Flamengos, e indignação de el-rei contra os que ficaram..... 74

CAPITULO X. Descripção das ilhas de Maldiva, sua situação; e povos que as habitam..... 85

CAPITULO XI. Da religião dos hatitantes das ilhas de Maldiva. E das cerimonias, que guardam. 111

Pag.

CAPITULO XII. Continuação de suas cerimonias nos noivados, e casamentos, nos funeraes, e enterros. 134

CAPITULO XIII. Da forma de seus vestidos, modo de vida, e exercicios ordinarios, e outros costumes particulares, que observam em seu procedimento. 144

CAPITULO XIV. Forma do governo do Estado, magistrados, justiça e leis..... 170

CAPITULO XV. Distincção do povo, da nobreza, dos grandes officios, e dignidades, e sua cathegoria. 178

CAPITULO XVI. Do palacio d'el-rei, e sua descripção. Do seu modo de vida, e das rainhas, suas malheres..... 183

CAPITULO XVII. Das rendas d'el-rei; da moeda; do trato e commercio das ilhas de Maldiva; e das fazendas, que se exportam, e importam..... 191

CAPITULO XVIII. Da curiosidade d'el-rei das ilhas de Maldiva; de sua genealogia; da mudança de estado destas ilhas; das mulheres d'el-rei; e de outras cousas, que aconteceram nesta terra. 198

CAPITULO XIX. Do tempo, em que as ilhas de Maldiva foram povoadas, e de muitas outras cousas memoraveis, que nellas, e em suas visinhanças aconteceram em quanto o auctor alli se deteve. De um navio de Tanor; da fortuna de um capitão Malabar junto d'el-rei das ilhas de Maldiva; de seu fim desastroso; e das aventuras do sobrinho, e cunhado d'el-rei..... 219

CAPITULO XX. Dos successos e varios casos de navios aportados ás ilhas de Maldiva; da chegada de dous Hollandezes a estas ilhas; de um Judeu viajante; de um capitão do Mogol, e do que lhe aconteceo; e de alguns navios, que se perderam..... 230

CAPITULO XXI. De um navio portuguez tomado, e perdido; de um embaixador do rei christão das ilhas de Maldiva; de um navio do Achem; do natural dos Malaios; da confissão dos Maldivas; de uma estranha ilha descoberta; e de outros acontecimentos..... 243

CAPITULO XXII. De diversos castigos dados por adulterios, lascivia, e outros peccados; da propensão das mulheres indianas para o amor; do grande Pandiare; e da estranha resolução de um mulato. 252

Pag.

CAPITULO XXIII. Da expedição d'el-rei de Bengala ás ilhas de Maldiva; da tomada da ilha de Malé, e da morte d'el-rei. Da viagem do auctor a Bengala, com a descripção das ilhas de Malicut, e Divandurú 259
CAPITULO XXIV. Do Reino de Bengala, e observações sobre elle 273
CAPITULO XXV. Viagem a Calecut por Motangué, Badará, e Marcáre: e do famoso capitão Cunhale 282
CAPITULO XXVI. Chegada do auctor a Calecut. Descripção deste reino, do rei, dos povos, de seus costumes, de sua religião, e usos 305
CAPITULO XXVII. Continuação da descripção de Calecut; distincção do povo, dos Bramanes, Naires, Mucuás, e outros; e das singularidades da terra. 313
CAPITULO XXVIII. Dos reinos de Chalé, Tanor, e Cochim; da prisão do auctor, e outros successos. 358
CAPITULO XXIX. Viagem de Cochim a Goa. Descripção do reino de Cananor; e de um desastre, que aconteceu ao auctor 374

ERRATA.

Pag.	*lin.*	
14	32	dos—*lea-se*—das.
54	17	abaixo, direi—*lea-se*—abaixo direi.
—	20	companheiros—*lea-se*—companheiros.
256	14	á essa—*lea-se*—a essa.
—	30	cabellos o—*lea-se*—cabellos, o.
260	24	galeotas, vinha—*lea-se*—galeotas vinha.
261	11	nós—*lea-se*—nos.
—	14	comsigo o—*lea-se*—comsigo, o.
263	33	somente porque—*lea-se*—somente, porque.
264	8	*Mucoás*—*lea-se*—Mucuás.
265	33	aconcelhava—*lea-se*—aconselhava.
270	7	raninha—*lea-se*—rainha.
—	11	Rhadia—*lea-se*—Rajá.
—	16	amim—*lea-se*—a mim.
—	27	Rhadia—*lea-se*—Rajá.
274	15	finlamente—*lea-se*—finalmente.
272	24	poderam—*lea-se*—poderão.
—	35	batígas—*lea-se*—batigas.
273	4	sentissimos—*lea-se*—sentissemos.
—	15	entrepreza, em—*lea-se*—entrepreza era.
274	16	á ella—*lea-se*—a ella.
—	30	são, obrigados—*lea-se*—são obrigados.
275	22	dinheios—*lea-se*—dinheiros.
276	7	delles—*lea-se*—delle.
—	8	prove—*lea-se*—provê.
277	28	exede—*lea-se*—excede.
278	16	embaxador—*lea-se*—embaixador.
—	37	Potugal—*lea-se*—Portugal.
—	—	*Palhinhas*—*lea-se*—*Palhinha*.
—	39	mereceu—*lea-se*—merecem.
279	13	é—*lea-se*—e.
—	28	rara—*lea-se*—raro.
280	4	ponno—*lea-se*—panno.

Pag.	*lin.*	
280	21	temor, de—*lea-se*—temor de.
281	4	situaçáo—*lea-se*—situação.
282	3	Cumhale—*lea-se*—Cunhale.
—	19	lavar—*lea-se*—levar.
—	22	salvo—*lea-se*—salvos.
285	33	todos—*lea-se*—todo.
289	23	*Montingué—lea-se—Moutingué.*
294	30	*Panão—lea-se—Fanão.*
296	25	*Mucá—lea-se—Muçá.*
297	24	ponte—*lea-se*—pontes.
298	30	imformados—*lea-se*—informados.
299	19	mantimentos mas—*lea-se*—mantimentos, mas.

CATALOGO DE LIVROS,

QUE SE VENDEM NA LOJA DA IMPRENSA NACIONAL EM NOVA-GOA.

DE LISBOA A GOA PELO MEDITERRANEO, EGYPTO, E MAR VERMELHO EM SETEMBRO E OUTUBRO DE 1855. Carta Circular, que a seus amigos de Europa dirige J. H. da Cunha Rivara.—1856—8.°—1 xerafim.

GRAMMATICA DA LINGUA CONCANI, COMPOSTA PELO PADRE THOMAZ ESTEVÃO, E ACCRESCENTADA POR OUTROS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS: segunda impressão, correcta e annotada por diligencia de J. H. da Cunha Rivara: a que precede como Introducção a MEMORIA SOBRE A DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA DAS PRINCIPAES LINGUAS DA INDIA por Sir Erskine Perry, vertida do inglez em portuguez: e o ENSAIO HISTORICO DA LINGUA CONCANI, composto pelo editor. Deste ENSAIO faz parte a BIBLIOTHECA CONCANI, ou noticia de todos os Livros impressos ou manuscriptos na Lingua Concani.—1857—4.°—4:4:00.

ENSAIO HISTORICO DA LINGUA CONCANI, por J. H. da Cunha Rivara. Deste ENSAIO faz parte a BIBLIOTHECA CONCANI, ou noticia de todos os Livros impressos ou manuscriptos na Lingua Concani: e he acompanhado de grande numero de Documentos historicos. Precede-lhe como Introducção 1.° a MEMORIA SOBRE A DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA DAS PRINCIPAES LINGUAS DA INDIA por Sir Erskine Perry; 2.° as OBSERVAÇÕES SOBRE A ESTRUCTURA GRAMMATICAL DAS LINGUAS VERNACULAS DA INDIA pelo Rev. Doutor Stevenson, vertidas do inglez em portuguez pelo auctor do mesmo ENSAIO.—1858—4.°—4:4:00.

GRAMMATICA DA LINGUA CONCANI NO DIALECTO DO NORTE, composta no seculo XVII por um Missionario Portuguez; e agora pela primeira vez dada á estampa por diligencia de J. H. da Cunha Rivara.—1858—4.°—2 xerafins.

REFLEXÕES SOBRE O PADROADO PORTUGUEZ NO ORIENTE, APPLICADAS Á PROCLAMAÇÃO PASTORAL DO REV. FR. ANGELICO, PRO-VIGARIO APOSTOLICO EM BOMBAIM, AOS SOLDADOS CATHOLICOS ROMANOS DA MESMA PRESIDENCIA: por um Portuguez.—1858—4.°—1 xerafim.

ADDITAMENTO ÁS REFLEXÕES SOBRE O PADROADO PORTUGUEZ NO ORIENTE, pelo mesmo Auctor.—1858—4.°—0:2:30.

N. B.

Os dous Opusculos antecedentes sairam vertidos em Inglez com o titulo seguinte

= Reflections on the Portuguese Patronage of the Orient,

applied to the Pastoral Address of the Revd. Frc Angelicus, Pro-Vicar Apostolic in Bombay, to the Roman Catholic Soldiers of that same Presidency, by a Portuguese. Translated from the original Portuguese.— Madras. Lusitanian Press.— A. Applasawmy Morodelly printer—1858.= e

= Appendix to the Reflections on the Portuguese Patronage of the Orient, by the same Author. Translated from the original Portuguese.— Madras. Printed at the Lusitanian Press.—1859=

Quem comprar dous exemplares da impressão portugueza receberá de graça um exemplar da versão ingleza.

ARCHIVO PORTUGUEZ-ORIENTAL, colligido por J. H. da Cunha Rivara.

FASCICULO 1.° que contém o LIVRO 1.° DAS CARTAS, QUE OS REIS DE PORTUGAL ESCREVERAM Á CIDADE DE GOA.—1857—4.°—1:2:30.

FASCICULO 2.° que contém o LIVRO DOS PRIVILEGIOS DA CIDADE DE GOA.— 1857—4.°—2:2:30.

CARTAS DE LUIZ ANTONIO VERNEY, E ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO AOS PADRES DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO DE GOA, colligidas e publicadas por J. H. da Cunha Rivara.— 1858—4.°—0:1:30.

VIAGEM DE FRANCISCO PYRARD, DE LAVAL, CONTENDO A NOTICIA DE SUA NAVEGAÇÃO ÁS INDIAS ORIENTAES, ILHAS DE MALDIVA, MALUCO, E AO BRAZIL, E OS DIFFERENTES CASOS, QUE LHE ACONTECERAM NA MESMA VIAGEM NOS DEZ ANNOS QUE ANDOU NESTES PAIZES (1601 a 1611); com a descripção exacta dos costumes, leis, usos, policia, e governo do trato e commercio, que nelles ha: dos animaes, arvores, fructas, e outras singularidades, que alli se encontram. Vertida do francez em portuguez sobre a edição de 1679: correcta, e accrescentada com algumas notas, por J. H. da Cunha Rivara. 2 Tomos em 8.° — 5 xerafins, prata, cada Tomo.—Sahio o 1.° Tomo.

O 2.° vai entrar no prelo.

GRAMMATICA DA LINGUA CONCANI, escripta em Portuguez por um Missionario Italiano, e publicada por J. H. da Cunha Rivara.—1859.—4.°—2:2:00.

MEMORIAS SOBRE AS POSSESSÕES PORTUGUEZAS NA ASIA, escriptas no anno de 1823 por Gonçalo de Magalhães Teixeira Pinto, Desembargador da Relação de Goa, e aagora publicadas com algumas breves *Notas* e *Additamentos* de J. H. d Cunha Rivara.—1859—16.°—2 xerafins.

BOLETINS E ANNAES do Conselho Ultramarino. N.° 1. atè 50. 1854 a 1858.—Por cada numero (prata) —2:0:45.

N. B. He impressão da Imprensa Nacional de Lisboa.

ACTOS DECRETADOS pelo Arcebispo D. Fr. Manoel de St.ª Catharina, acompanhados do modo pratico de ouvir a Missa, preparação para a confissão, e communhão sacramental —16.º—0:1:00.

BOSQUEJO HISTORICO das Communidades das Aldèas das Ilhas, Salcete, e Bardez, por Felippe Nery Xavier, 1 vol. fol.—4:4:00.

BOSQUEJO HISTORICO DE GOA pelo Rev. Cottineau de Kloguen, vertido do Inglez em Portuguez, e accrescentado com algumas Notas e Rectificações, por Miguel Vicente de Abreu. 4.º—3;3;00.

COLLECÇÃO da Legislação peculiar das Novas-Conquistas, por Felippe Nery Xavier, 3 vol, 4.º—11:0:00.

COMPENDIO das Lições Theoricas do 1.º 2.º e 4.º anno da Cadeira de Desenho da Escola Mathematica e Militar de Goa, extrahido de varios Autores, por Candido Josè Mourão Garcez Palha. 4.º. Por cada Compendio—2:0:00.

DITO, do 3.º e 5.º anno, pelo mesmo, 4.º—3:0:00.

COLLECÇÃO das Ordens do Exercito, desde 1837 até 1842, 4.º—2:0:00.

CARTA CONSTITUCIONAL de 1826, acompanhada de alguns Decretos regulamentares, e dous indices, por Felippe Nery Xavier. 4.º—2:0:00.

CODIGO PENAL Portuguez. 4.º—3:0:00.

CARTA DE LEI de 30 de Abril de 1850, que regula os direitos e emolumentos parrochiaes. 8.º—0:0:15.

CODIGO dos usos e costumes dos habitantes das Novas-Conquistas em portuguez e marata. 4.º—1:0:00.

COLLECÇÃO e explicação das principaes figuras da mythologia dos Bramanes da Azia, principalmente dos de Goa por....., fol.—0:0:30.

CODIGO dos usos e costumes dos habitantes não christãos de Damão. 4.º—0:1:30.

DITO, dito, de Dio. 4.º—0:1:30.

COLLECÇÃO DAS LEIS PECULIARES das Communidades Agricolas das Aldeas dos Concelhos das Ilhas, Salcete, e Bardez, por Felippe Nery Xavier. 1.ª parte, 4.º—12;0;00.

DEFENSA DOS DIREITOS das Gão-carias por Felipe Nery Xavier—4.º—2;2;00.

GABINETE LITTERARIO das Fontainhas. 4.º. quatro vols. Por cada um—4;4;00.

INSTRUCÇÕES do Marquez de Alorna, rectificadas, e enriquecidas com novas peças do mesmo Autor, e 380 notas historicas, por Felippe Nery Xavier. 4.º—2:2:00.

MANIFESTO do Governo provisional. fol—0:1:00.

MANUAL de Juizes de Paz. 4.º—1:0:00.

MAXIMAS E REFLEXÕES POLITICAS de Gonçalo de Magalhães Teixeira Pinto, nova edição adicionada por J. J. G., 4.º—3;3:00.

PRAXE DO BAPTISMO, ou instrucções praticas e brevissimas sobre a administração do Sacramento do Baptismo, pelo Padre Salvador Lobo, 8.º

OFFICIUM defunctorum. 8.º—1:2:00.

PRAXE DO FORO MILITAR, por Josè Alemão de Mendonça Cisneiros e Faria. 4.º—0:0:30.

PAUTA dos preços das mercadorias despachadas nas Alfandegas deste Estado. 4.°—0: 2:30.

REPERTORIO MILITAR do que ha estabelecido e em vigor concernente á organisação, uniforme, armamento, economia, disciplina, saude, justiça criminal, privilegios, recompensas, e mais disposições atè o anno de 1850, acompanhado da integra de muitas disposições, e varios formularios, por Pedro Paulo Pinto. 2 vol, 4.°—6:0:00.

REPERTORIO DAS ORDENS do dia dadas ao Exercito do Estado da India, desde Janeiro de 1839 atè Dezembro de 1845, por Francisco Gonçalves Ferreira. 1 vol, 4.°—1:0:00.

REPERTORIO, ou Indice Alfabetico do Codigo de usos e cost. dos habdas N. C. , em portuguez e marata, por F. N. Xavier. 4.°— 0;0;30.

REGULAMENTO para as Escolas do ensino primario e secundario, 4.°—0:4:00

DITO para as Confrarias deste Estado, com uma noção historica do seu estabelecimento, e fundos, por F. N. Xavier. 4.°—1:3:00.

DITO para a Repartição Fiscal da Contabilidade do Exercito. 4.° —0:1:30.

DITO externo para o Lyceo Nacional de Nova-Goa. 4.°—0;0;30.

SYNOPSE EM ORDEM alfabetica e chronologica dos objectos mais salientes, que comportam os Boletins, publicados nos annos de 1837 até 1850, por F. N. Xavier. fol. Cada folha—0;0;15.

DITAS de 1851, e 1852 pelo mesmo.—Cada uma 0;1;15.

SUMMARIO da viagem a Jerusalem. 8.°—0;4;00.

TREZENA DO GLORIOSO Santo Antonio. 8.°—1:0:00.

UMA VIAGEM DE DUAS MIL LEGOAS por C. L. Monteiro de Barbuda, extrahida da Revista Universal Lisbonense, enriquecida com varias peças, por F. N. Xavier. 4.°. 1 vol—6;0;00.

ESTAM NO PRELO.

BREVES NOÇÕES sobre o Processo civil, por A. E. X. Soares, 4.°

LIÇÕES PRATICAS do idioma francez, pelo Padre F. X. dos Santos Vaz. 4.°

RESUMO HISTORICO da vida do Glorioso S. Francisco Xavier, Apostolo e Defensor da India, por F. N. Xavier. 8.°

COLLECÇAÕ de Leis, Decretos, e Portarias regulamentares desde 1836 até o presente, por F. N. Xavier. 4.°

FOLHINHA Civil e Ecclesiastica para o anno de 1860, por P. C. Pinto. 12.°

SYNOPSE classificada e chronologica das peças dos Boletins do Governo de 1853, por Felippe Nery Xavier, Junior, fol.

DEMONSTRATIO JURIS PATRONATUS PORTUGALIÆ REGUM, olim a Cl. Viro D. Ludovico de Sousa, Archiepiscopo Bracharensi ex mandato Serenissimi Principis Portugaliæ Regnorum Regentis, Summo Pontifici Innocentio XI oblata. Opus, quod cum hucusque inedita permansisset, nunc in lucem prodit, curante J. H. da Cunha Rivara.

NOVA-GOA:—NA IMPRENSA NACIONAL.

1859.

3720

Vende-se na Loja da Imprensa Nacional em Nova-Goa.

Preço..... em prata 6 *xerafins.*

O 2.º vol. vai entrar no prelo.

30027